

RC

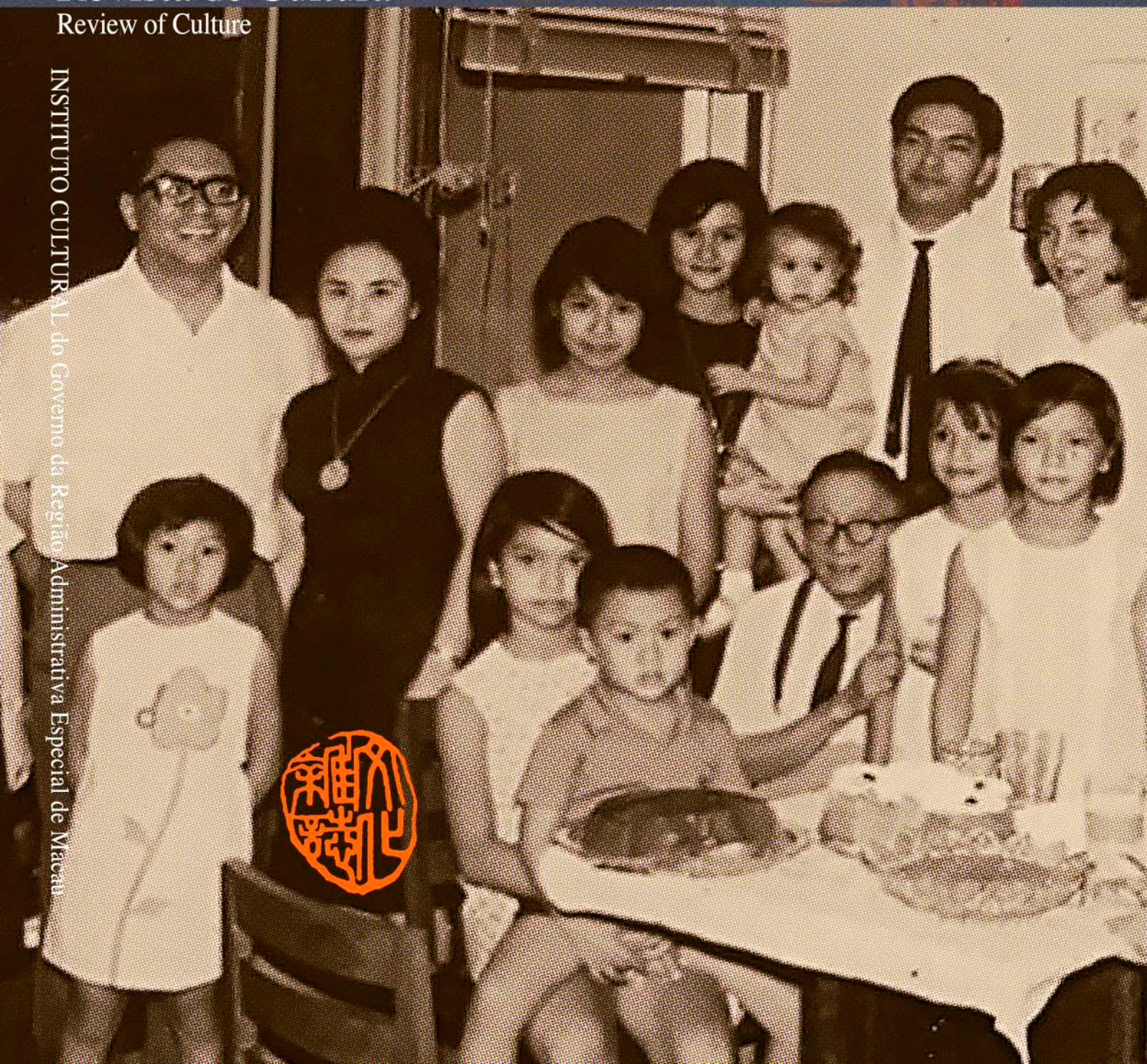
International Edition 62

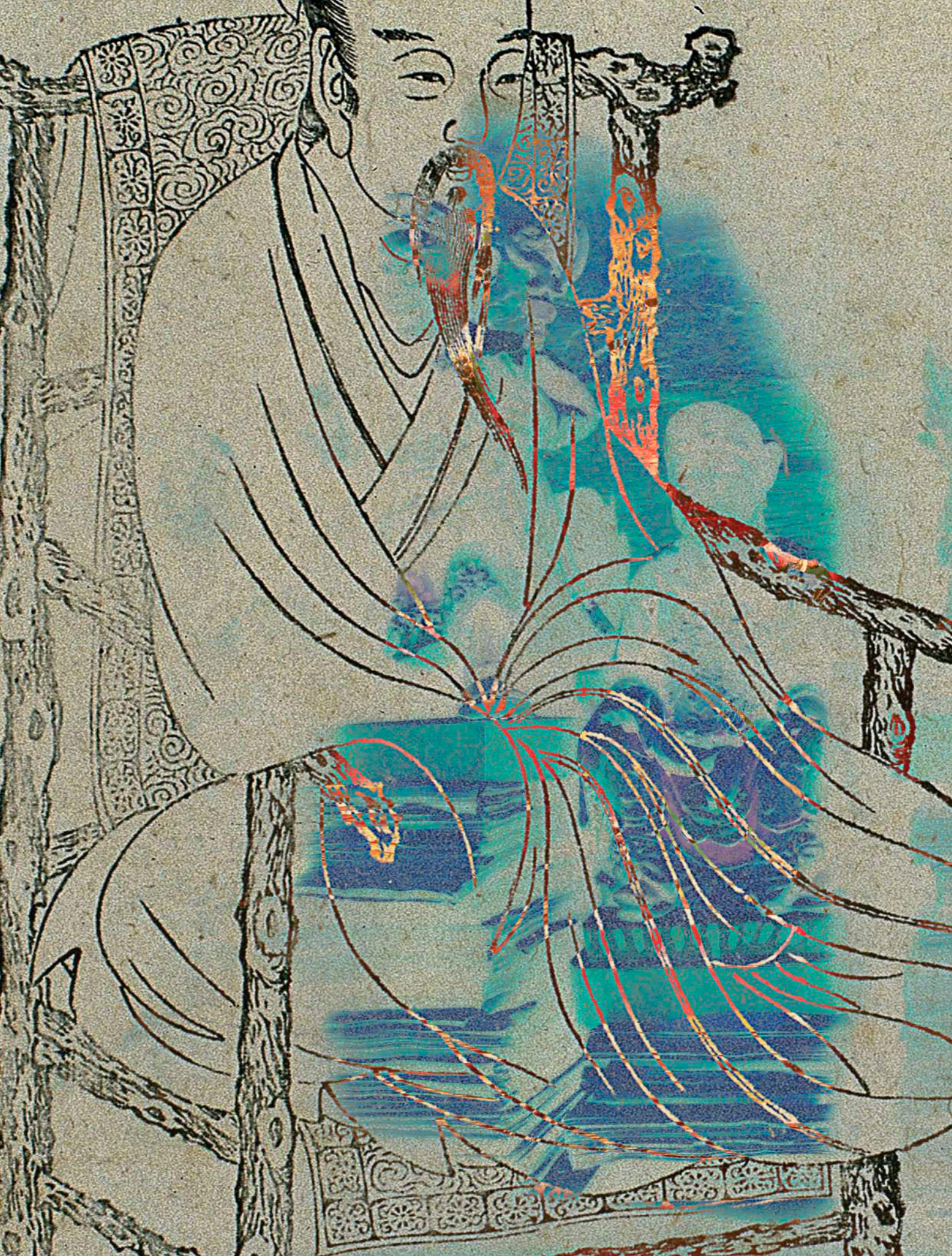
Edição Internacional 2020

Revista de Cultura

Review of Culture

INSTITUTO CULTURAL do Governo da Região Administrativa Especial de Macau





月爐、功夫、藥、無、胎、開、息、孩、

笑汝安名偃月爐。
金丹只此莫他圖。
愛河風靜那邊看。
方見摩尼一顆珠。

汝何形象號懸胎。
却把聲名遍九垓。
豈但生人生萬物。
做仙做佛要他來。



ATRIUM

REVIEW OF CULTURE International Edition 62 2020

EDICÃO

Publisher

INSTITUTO CULTURAL
do Governo da Região Administrativa
Especial de Macau
Praça do Tap Seac, Edifício do Instituto Cultural
Tel: (853) 2836 6866
Internet: www.icm.gov.mo

DIRECÇÃO EDITORIAL

Director of the Editorial Board

Mok Ian Ian
Leong Wai Man

EDITOR PRINCIPAL

Chief Editor

Lam Iok Fong, Agnes
Tang Yuk Ling

EDITOR EXECUTIVO E COORDENADOR

Executive Editor and Coordinator

Sofia Salgado
sofiasalgado@um.edu.mo

REVISÃO DE TEXTO

Proofreading

Hélder Beja

DIRECTOR DE ARTE

Art Editor

Mica Costa-grande

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Graphic Designer

Sásquia Carvalho

ASSISTÊNCIA EDIÇÃO DE IMAGEM

Image Editing Assistant

Eloi Scarva

SECRETARIADO EDITORIAL

Editorial Secretary

Lei Tan Tong, Kose
Chao Sio Fu, Dina

REDACÇÃO E SECRETARIADO

Editorial Office

Centre for Macau Studies
Cultural Building E34-G025
University of Macau
Avenida da Universidade, Taipa, Macau, China
Tel: (853) 8822 8131
(853) 8822 8130
Fax: (853) 2886 0009
Email: cms.rc@um.edu.mo

SEPARAÇÃO DE CORES E IMPRESSÃO

Colour Separation and Printing

Tipografia Welfare Ltda.

NÚMERO DE SÉRIE

ISSN Number

ISSN 1682-1106

PREÇO

Price

MOP 150

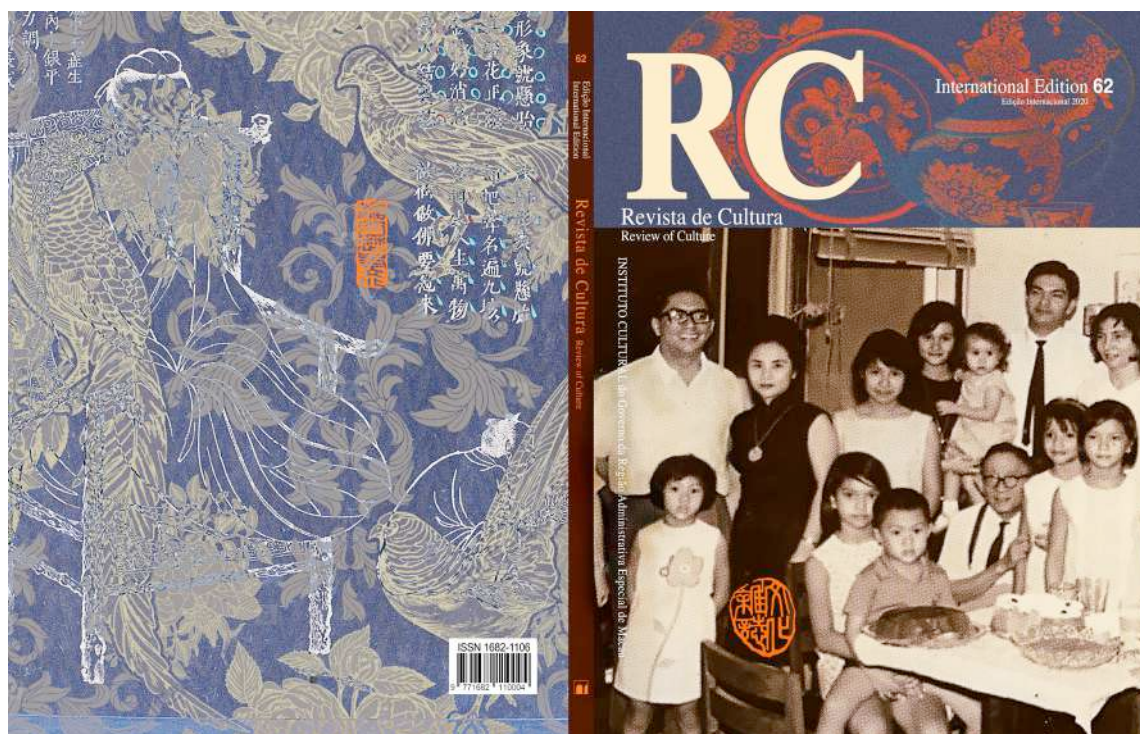
RC é uma revista de Cultura e, domínio do Espírito, é Livre. Avassalada ao encontro universal das culturas, servente da identidade cultural de Macau, agente de mais íntima relação entre o Oriente e o Ocidente, particularmente entre a China e Portugal. RC propõe-se publicar todos os textos interessantes aos objectivos confessados, pelo puro critério da qualidade. Assim, as opiniões e as doutrinas, expressas ou professas nos textos assinados, ou implícitas nas imagens de autoria, são da responsabilidade dos seus autores, e nem na parte, nem no todo, podem confundir-se com a orientação da RC. A Direcção da revista reserva-se o direito de não publicar, nem devolver, textos não solicitados.

RC é uma revista simultaneamente publicada nas versões Chinesa e Internacional (em Português e Inglês). Buscando o diálogo e o encontro francos de Culturas, RC tem na limpidez a vocação e na transparência o seu processo.

RC is a cultural magazine published in two versions — Chinese and International (Portuguese/English) — whose purpose is to reflect the unique identity of Macao. The magazine also seeks to promote freedom of expression and through the articles published we hope to stimulate ideas and discussion of topics related to Western/Eastern cultural interchange, especially between China and Portugal.

RC publishes articles covering an extensive range of topics expressing a diversity of views. However, RC is not responsible for ideas and opinions voiced in these articles and thus they cannot be taken as editorial opinion. In addition, we reserve the right to withhold any unsolicited text from publication and the right not to return any unsolicited text.





Henrique de Senna Fernandes e família. Macau, ca. 1967. Coleção privada da família. Cortesia de Marina de Senna Fernandes.
 Henrique de Senna Fernandes and family. Macau, c. 1967. Family private collection. Courtesy of Marina de Senna Fernandes.
 Design da capa / Cover design: Mica Costa-grande

A Nossa Capa

A comunidade macaense, tema recorrente na *Revista de Cultura*, é alvo de estudo na presente edição. Reuniões, rituais e celebrações são analisados por Tang Io Weng e Zhou Yanshan. A cozinha macaense, de fusão ou evolução, herança viva de um povo, espelho da miscigenação de culturas, é escrutinada por Manuel Fernandes Rodrigues. A gastronomia enquanto veículo social, patente em *Os Dolores*, obra de Henrique de Senna Fernandes, é interpretada por Jorge Bruxo e Lurdes N. Escalera.

No capítulo seguinte surgem alguns traços singulares da história dos portos de Macau, na passagem do século XIX para o século XX, numa exposição assinada por Fernando Mendonça Fava. Segue-se Paul A. Van Dyke com uma pesquisa centrada na actividade de Yang Pinqua, um comerciante de Macau e Cantão do século XVIII. A fechar o capítulo dedicado à Historiografia, Chen Bin examina a discussão sobre o significado do carácter chinês *Yi* entre os comerciantes ocidentais na Cantão Pré-Guerra do Ópio. Rui Rocha abre um novo tema, com um estudo dedicado às Artes Marciais focado nas origens Chinesas do Karate-dô Japonês. A finalizar este número, Fernanda Dias apresenta uma investigação centrada nas espécies vegetais enumeradas no *Shi Jing* (*Clássico das Odes*) no contexto civilizacional e poético, segundo versões e interpretações de diversos autores.

Our Cover

The Macanese community, a recurring theme in *Review of Culture*, is at the centre of this issue. Tang Io Weng and Zhou Yanshan take a look at Macanese reunions, its rituals and celebrations. Macanese cuisine, of fusion or evolution, is the heritage of a community, mirroring the miscegenation of cultures, here scrutinized by Manuel Fernandes Rodrigues. Meanwhile, Jorge Bruxo and Lurdes N. Escalera address gastronomy as a vehicle for social interaction in the novel *Os Dolores*, by Henrique de Senna Fernandes.

In the following essay, Fernando Mendonça Fava presents some unique facts of the history of Macao's ports, from the late 19th to early 20th centuries. Paul A. Van Dyke's research, on the other hand, is centered on the activity of Yang Pinqua, an 18th-century trader from Macao and Canton. Closing the chapter on Historiography, Chen Bin examines the discussion around the meaning of the Chinese character *Yi* among Western traders in the pre-Opium War Canton. Rui Rocha opens a new theme, with a study dedicated to Martial Arts and focused on the Chinese origins of Japanese Karate-dô. Closing this issue, Fernanda Dias presents an investigation on the plant species listed in *Shi Jing* (*Book of Odes*) in the civilizational and poetic context, according to versions and interpretations of several authors.

SUMÁRIO

Contents

ESTUDOS DE MACAU · MACAO STUDIES

- 06 RITUAL AND MEMORY: IDENTITY CONSTRUCTION OF MASSIVE MACANESE REUNIONS
儀式與回憶：土生葡人大聚會的身份認同建構
Tang Io Weng, Zhou Yanshan
- 17 MACANESE CUISINE: FUSION OR EVOLUTION?
土生葡人菜式：混合還是改良？
Manuel Fernandes Rodrigues
- 26 GASTRONOMIA MACAENSE COMO VEÍCULO SOCIAL EM *OS DORES DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES*
土生美食作為社會評論的媒介——論土生葡人作家飛歷奇長篇小說《朵斯姑娘》
Jorge Bruxo, Lurdes N. Escalera

HISTORIOGRAFIA · HISTORIOGRAPHY

- 44 SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DOS PORTOS DE MAR DE MACAU:
SÉCULOS XIX E XX - DOS ANOS 80 AOS ANOS 20
19世紀80年代到20世紀20年代對澳門海港歷史的貢獻
Fernando Mendonça Fava
- 62 YANG PINQUA 楊丙觀: MERCHANT OF CANTON AND MACAO 1747–1795
楊丙觀：廣州與澳門商人1747–1795
Paul A. Van Dyke
- 90 UNDERSTANDING THE CHARACTER *YI* IN PRE-OPIUM WAR CANTON: A STUDY OF THE
MERCHANT NEWSPAPER *THE CANTON REGISTER*
了解鴉片戰爭前廣東地區“夷”字含義：以商業報刊《廣州紀錄報》為例
Chen Bin

ARTES MARCIAIS · MARTIAL ARTS

- 101 AS ORIGENS CHINESAS DO KARATE-DÔ JAPONÊS
日本空手道在中國的起源
Rui Rocha

ETNOBOTÂNICA · ETHNOBOTANY

- 120 DO CANCIONEIRO AO HERBÁRIO: NOTAS SOBRE A FLORA DO *CLÁSSICO DAS ODES*
從歌集到植物標本館：經典植物的頌歌
Fernanda Dias

148 RESUMOS

151 ABSTRACTS

FIG. 739. TREBONS ONIONS



Ritual and Memory: Identity Construction of Massive Macanese Reunions¹

TANG IO WENG*, ZHOU YANSHAN**

ABSTRACT: As a special ethnic group in Macao and an outcome of Oriental-Western cultural communications and inter-ethnic contacts, Macanese people are of great research value in sociology, ethnology and cultural studies. This article analyses the situations of three categories of the Macanese reunions, i.e. religious rituals, traditional celebrations and thematic celebrations. Four points are maintained in this article: a. religious activities as “rituals” are god–man and man–man interactions; b. with application of social media, traditional celebrations as “ceremonies” are “the invention of tradition”, old and new; c. homage to “model” and historic glories carry significant meaning to thematic reunions as “celebration”; d. cultural identity of Macanese people is an important premise for defining their ethnicity.

KEYWORDS: Macanese community gatherings; Collective memory; A ritual view of communication; Ethnic identity.

*Assistant professor at Macau University of Science and Technology (MUST), received a Ph.D. degree from the School of Journalism and Communication of Peking University in 2013. He has been teaching journalism and communication. Previously he worked as a journalist, news officer and correspondent. His research interests include Journalism, History in Contemporary China and Macao, Radio and Television Production, Media and Regulation and Oral History.

Professor assistente da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST). Doutoramento pela Escola de Jornalismo e Comunicação da Universidade de Pequim em 2013. Leciona jornalismo e comunicação, tendo previamente trabalhado como jornalista e correspondente. Os seus interesses de investigação incluem Jornalismo, História na China Contemporânea e Macau, Produção de Rádio e Televisão, Comunicação Social e Regulamentação, e História Oral.

**Master of Communication, Macau University of Science and Technology, 2019. She is an enrollment assistant at EMBA Education Center, School of Management, Jinan University (Guangzhou). Besides the preparation of large-scale forums she also works as a head teacher of EMBA classes. Her research interests are culture studies, local culture of Macao, especially the study of massive Macanese reunions and ceremonies.

Mestre em Comunicação, Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, 2019. É assistente de inscrições no Centro de Educação EMBA da Escola de Gestão, Universidade de Jinan (Guangzhou). Além da preparação de fóruns de larga escala, lecciona em cursos de EMBA. Os seus interesses de pesquisa centram-se em estudos culturais, cultura local de Macau, com incidência nas grandes reuniões e cerimónias macaenses.

Introduction

Construction of ethnic identity is achieved through construction of meanings, just as Stuart Hall pointed out, “Meaning does not inhere in things, in the world. It is *constructed*, produced. It is the result of a signifying practice — a practice that produces *meaning*, that makes things mean.” (Stuart Hall, 2003, p.24) Therefore, interpretation of meanings becomes a unique research method to study the ritual view of communication. Following are the questions to be dealt with in this article: a. What have been sublimated and magnified by “rituals” in the forms of religious observance, thematic reunions and traditional celebrations? b. What have been outcast and what have been revered? c. How do they re-create, resume and innovate traditional culture? d. To what kind of identification do they relate?

1. “Ritual”: Meaning Constructions of Interactive Observance in Religious Belief

The basic framework in ritual classifications is Secularity/Divinity. Divine wills have been practiced through life of ancients in a traditional or underdeveloped cultural period. British sociologist Anthony Giddens drew a conclusion based on Durkheim’s research on ceremonies and rituals. Durkheim identifies with Marx in that divine power or religion about gods turns into decadence. The traditional idea of God falling means God is dead. However he also claims that religion will survive through transformation in another sense. (Anthony Giddens, 2009, p.685) This article takes Sunday Mass and “the Procession of the Passion of Our Lord, the God Jesus” every March for case study as the majority of Western Festivals are religious and originated in the unity of man with God.

1.1 Interactive Rituals in Religious Activities

Religious faith of Macanese people dates back to centuries ago. In earlier times when resources were scarce and transportation and communication were not as developed, churches served as important social settings, and Sunday Mass served as an important social agenda.

“Why do we attach importance to churches activities? That’s because every Sunday Mass, the one in the morning, the grandest at the Cathedral (Sé), is the most important gathering for Macanese people. Everyone was dressed up as if attending feasts as we place great value on inter-family and interpersonal communication. Actually, it’s somewhat like the scenario of the small-town churches in foreign films, you know. Things like ‘How’s everybody? How are you doing?’ ” (Daniel Fok, 2019)



The Procession of the Passion of Our Lord, the God Jesus. Photo by Zhou Yanshan.

ESTUDOS DE MACAU

While Sunday Mass is a routine social communication in Macanese life, “The Procession of the Passion of Our Lord, the God Jesus” is deemed as mourning ritual among the ethnic groups of Macanese. The two-day Procession starts from an evening Mass hosted by the priest at the St. Augustine’s Church on the first day. At 7pm, accompanied by the Public Security Police Force Music Band, the figure of Jesus is carried by the clergy members to march from the St. Augustine’s Church to the Cathedral. From starting point to destination, followers are seen kneeling down or nodding along the route, some even light candles or place offerings along the streets, in this way they greet the figure of Jesus and the procession. Likewise, Mass is hosted by the priest at the Cathedral the next day afternoon. “The Procession of the Passion of Our Lord, the God Jesus” starts after the prayer before the procession during which the dialogue between the priest and the assembly goes as follows:

Priest: Because of your suffering in the Garden of Gethsemane,

Response: Lord forgives us.

Priest: Because of your suffering of the whipping, because of your suffering of the crown of thorns...



The Procession passes in front of the Dom Pedro V Theatre. Photo by Zhou Yanshan.

The dialogue is a key agenda for followers to get immersed in mourn and grieves. When the figure of Jesus is carried out of the church in the chants of followers, silence falls on the procession afterwards and the Police Force Music Band begins to play. There are never wanting, some grey-haired followers, beads in left hand, walking stick in right hand, who are walking with the procession under the accompany of Philippine maids. The route begins from the Cathedral, passing St. Dominic’s Church, the Consul General of Portugal in Macao, Site of Diocesan Press, Government Headquarters of the Macao Special Administrative Region, St. Lawrence Church, and returns to St. Augustine’s Church. There are praying rituals at every designated station where the followers sing psalms and kneel down in the street.

In religious rituals, Mass is a face-to-face interpersonal communication and an interactive ritual between man and God. Participation of the 3-hour of “Way of the Cross”, tearful followers touching the figure of Jesus, is a communication between man and God, a spiritual exchange among religious communities.

1.1.1 Identification in Interactive Rituals

History is an intellectual resource, a process of constant accumulation and interpretation. Sorting of these glorious souvenirs builds a connection between the cultural identity of the ritual viewers and the “dynamic history”. Durkheim claims that one’s faith would be reinforced when he sees the returning of distant past and feels thrilled by such grandeur. (Durkheim, 2006, pp.495–496)

“I was baptized when I was born, and I remain a Roman Catholic. So is my sister. And so will be my kids if I will have some one day. For people like me, though baptized as Catholic, it doesn’t mean I harbor no respect to Buddhism. Honestly, I worship Buddha, and Tai-sui as well. And I

have interest in Islamic too, so I read about Islamic in the previous years.”

(Paula Cristina Pereira Carion, 2019)

“I’ll go to church if they need me to help out, but I can’t make it every week. Same case with my two sons. I never make them to, neither in faith nor in baptism. Yes, I will take my grandson to baptism too, just do what a Macanese is supposed to do. Baptism for kids, it’s a tradition, and a family heritage too. If you ask me why, I don’t really know, just a practice ...something like the One-month-old Banquet for Chinese babies. Baptism for us is the One-month-old Banquet.”
(Ana Maria Manhão Sou, 2019)

Religion has been shrinking from public and social political fields and is unable to maintain the control over the world, thus religious faith tends to be something personal. “Believe in god without belonging to the church” becomes a more and more wide-spread phenomenon. At present, in religious activities, whether the eighth-generation Carion family or the family of Ana (Macanese families that have a relative shorter history in Macao), will perform baptism for their offspring even though they themselves may not attend Mass every week. They respect the freedom of religious choices of their family. Religious choices and subconscious decision-making are regarded as re-identification.

2. “Ceremonies”: Meaning Construction of Reunion for Traditional Celebrations

While rituals mainly fall under the category of religion, ceremonies are more about sociology and anthropology. As Turner put it, “I consider the term ‘ritual’ to be more fittingly applied to forms of religious behavior associated with social transitions, while the term ‘ceremony’ has a closer bearing on religious behavior associated with social states, where politico-

legal institutions also have greater importance. Ritual is transformative, ceremony confirmative.” (Turner, 1967, p.95) Western scholars believe that the reunion of social communities doesn’t mean consensus for value, but compliance, that is, people agree to treat things in a certain manner. (Peng Wenbin, Guo Jianbin, 2011)

Traditional celebrations concerning Macanese life are Spring Festival, Christmas, Mid-autumn Festival and Dragon-boat Festival, among which Spring Festival and Christmas are taken for case study here. As a western religious festival, Christmas shares the common cultural significance with Chinese Spring Festival — reunion. Therefore, Christmas will be analyzed under the category of traditional holidays according to its social conventions and festival significance.

2.1 Old and New—The Invention of Traditional Rituals

Traditional heritage is a mixture of various replicas and conventions. Eric Hobsbawm and Terence Ranger put out “the invention of tradition” as they find that many European traditions “appear or claim to be old are often quite recent in origin and sometimes invented”. (E. Hobsbawm and T. Ranger, 2004, p.5) In outlining the new-era culture map, the invention of traditions doesn’t emerge out of thin air, but reverts to traditional rituals for growth, selection, reconstruction and transmission.

Today, with the development of communication technology and the universal application of mobile terminals, the identity connection becomes alienated despite increasingly reinforced physical links among people. Hence, nationality, ethnicity and religious belief turn out to be special symbols for identification, as is also clearly stated in “Between Space and Time: Reflections on the Geographical Imagination” by American sociologist David Harvey.

Christmas and Spring Festival are two of the most important traditional festivals for Macanese people. In the description of research participants,

ESTUDOS DE MACAU

both are symbols of reunion, during which family reunion dinners and Opening Spring Festival banquets are indispensable. In traditional Chinese culture, there are inner links between “family” and “Spring Festival”. Global mobility and Macanese migration lead to the increase of international immigration. The bond that links the “acquaintance society” turns loose and results in “dual migrants” culturally and geographically, people who leave their land of origin but miss the old culture as they fail to blend in local mainstream culture. Aliens of “rootlessness” can be found anywhere in the world, and the same sense of “rootlessness” also confuses Macanese in Macao, who are seen as “Portuguese” in Macao but “Chinese” in Portugal, hence the continuous migrant cycle of exile, yearn, nostalgia and return. Traditional celebrations as Christmas and Spring Festival are rituals of reunion, however, there are significant differences among different family forms and different generations.

“I’m deeply impressed with Christmas reunion. Just like Chinese people celebrating Spring Festival, we gathered at our ancestral home. It has been quite a few years since last time as the relative who had been taking care of the ancestral home has passed away. He used to prepare loads of special foods for Christmas, such as tacho, home cooked turmeric pork, things only for traditional Macanese. He would make sure everything was ready for the dinner party, catering to a large family of more than a hundred people, just behind the Ruins of St. Paul’s. Small kids always received Christmas gifts and the elder ones got lotteries.”
(Paula Cristina Pereira Carion, 2019)

“As for me, I usually went to my uncle’s home because it was more spacious there. Mostly we were chatting and eating. There were courses like Bolo-rei, typical Portuguese cake. Apart from some special courses, there wasn’t much dif-

ference from our daily meals... Now with social apps like wechat, we will send greets like ‘Merry Christmas’ to family group.”

(Alexander Alves Rodrigues, 2019)



Tacho, traditional Macanese dish served on Christmas Eve.
Photo courtesy of Rufino Ramos.

Greetings from social apps become “the invention of tradition” — the same greetings, concerns and wishes have been transplanted from traditional forms to online social media in the forms of likes, emoji, video, pictures and voices. Tradition is never something external even though under the enormous impact of subcultures, fast food or alien cultures. It remains as an internal cultural psychology, yet to be awakened and reverted. The organizers strive to incorporate the accepted elements of conventions from the familiar cultural symbols, set a common code of conduct, and construct a new cultural identification with view to achieve the fundamental cultural purposes.

2.2 Cultural Identity of Macanese People

According to Taiwanese scholar Jiang Yi-huah, cultural identity refers to a sense of community belonging felt by a group of people as they share common historical traditions, social conventions and conformity, and numerous collective memories. Consistency displayed in bond of blood, ethnicity, language, region, and religion forms an overwhelming inner power to bond individual with cultural community emotionally. In the process of globalization, blood and geography connect overseas Macanese with those in Macao, as “the same origin” is regarded as an important indicator of cultural identity.

Apart from “originalness”, British scholar Steve Fenton places more emphasis on social construction and social mobilization of ethnicity (blood and culture) as well as the classifications system based on them. The concept of community might be a complete fabrication, despite the fact that obviously there’s something wrong with shared blood and culture. Traditions are solid foundations for social life and community, with the cultural identity of Macanese people being demonstrated via a pattern of backtracking and root-seeking for lasting ethnic culture.

“To what does the Macanese identity mark link today? First, it might be, I suppose, a sense of belonging, a sense of belonging to Macao. Maybe he is not living in Macao, neither is he born here, but this sense of belonging makes him feel connected to Macao. I guess you’ve read about ‘Imagined Community’ by Benedict Anderson. In my eyes, Macanese are pretty much of imagined community, because identity is a construction that means, you will build your identity on something. What matters is that you believe it’s something real even if it may not be real. A sense of belonging to Macao matters most.”
(José Luís de Sales Marques, 2019)

“However, people also talk about lifestyle, something Macanese — foods taking the second place. It doesn’t make any sense if a Macanese doesn’t love Macanese cuisine. Definitely you will love it if you are. You know what I mean? Better if you can cook some, and a minchi will just do for a Macanese.”
(José Luís de Sales Marques, 2019)

Macanese cultural identity can be geographically and culinarily defined by their sense of belonging to Macao and preference of Macanese food. Technically, geography is not the identification indicator of “originalness”, while cuisine provides a direct referential

index for Macanese identity from a cultural aspect. Who should take the responsibility of identity reconstruction, social mobilization and categorization when facing with cultural ruptures and transitions? The answer is that government, social communities, social elites and mainstream media are supposed to play an important role in the invention of rituals.

3. “Celebrations” — Meaning Construction of Thematic Reunions

In Macao, people are closely involved with communities. While the agenda of celebration rituals sees an increasing level of diversification, a “retrospective” discourse strategy is applied among the thematic reunions. The significant relationship between cultural identity and historical memory is deemed as a common sense concerning the issue identification. This article maintains that thematic reunions are conjunctions between nobility and pleasure, but disagrees to equate “ceremony” with “revelry”.

The thematic reunions in this article include Day of Camões on June 10, June 24, triennial Reunion of the Macanese Communities and the Reunion of the Juvenile Macanese Communities. All of them are well-planned, well-organized and theme-related Macanese gatherings.

June 10 is Portugal Day and anniversary of the death of the prestigious Portuguese poet Camões. In 1977, Portuguese authorities officially named this date as “Day of Portugal, Camões, and the Portuguese Communities”. There is a flag-raising ceremony at the Consulate-General of Portugal in Macao. After that, on every Portugal Day Macanese people gather at Garden of Luís de Camões to commemorate the works of this poet. Students and non-governmental societies gather at the stone cave in the garden where Camões supposedly composed his famous epic *Os Lusíadas*. They offer flowers, sing Portuguese songs in chorus and recite his poems.

ESTUDOS DE MACAU



Portuguese and Macanese visit the statue of Luis de Camões. Photo courtesy of International Institute of Macao.

The Feast of Saint John on June 24, originally a Christian holiday, is now a commemoration of the victory of Battle of Macao in 1622 during the Dutch–Portuguese War. The celebration was held at Hac Sa Beach before the Handover, and was suspended for a few years and resumed in 2007 in the form of carnival along the street outside Macao Holy House of Mercy (Santa Casa da Misericórdia).



Accessories stall on the Feast of Saint John.
Photo courtesy of International Institute of Macao.

“To be frank, the Feast of Saint John is quite a mixture of the East and the West... Now we turn it into a carnival, not just for sake of reunion, but to commemorate its history in this way. In fact, many of those who were born after 1999 don’t know much about date of June 24, 1622...The occasion used to take place at Hac Sa, and now we do it along the street near The Macao Holy House of Mercy.”

(António R.J.Monteiro, 2019)

With the increasing number of overseas Macanese emigrants, the first “Reunion of the Macanese Communities” was held in 1993. The routinely triennial event aims to bring the overseas Macanese back to Macao, with an exception of one occasion a year ahead of schedule due to the Handover. The Reunion was organized by the Association to Promote the Education of the Macanese (Associação Promotora da Instrução dos Macaenses) before the Council of the Macanese Communities (Conselho das Comunidades Macaenses) was founded, with government support before and after the Handover. The role of liaisons was

majorly assumed by the 13 overseas Macao Houses (Casas de Macau) until the Council of the Macanese Communities took the responsibility of integrating and connecting global Macao Houses and planning the Reunion. There are 800 to 1,000 participants, aged above 45. The Reunion agenda includes seminars, academic exchanges, tours of World Heritage sites and Mass services.

The triennial Reunion of the Juvenile Macanese Communities (Encontro da Comunidade Juvenil Macaense) began in 2009 since there are age gaps among those who return to Macao for community reunion. The first two occasions were sponsored by the Council of the Macanese Communities, and the Macanese Youth Association (Associação dos Jovens Macaenses) took the torch since 2015 because the

former began to function as liaison. There are over 100 participants, aged between 18 and 45. The major difference between the two events lies in the cause of organization, the numbers of participants, ages and event agenda.

3.1 Ritual Conjunction of Nobility and Pleasure

Thematic celebrations are elitist in “ceremonies” but popular in styles. The combination of popularity and elitism in rituals makes an important strategy in thematic celebrations. The union of “celebration” and “ceremony” means the union of “pleasure” and “nobility”. “Celebration” is the major component yielded from emotional power while “ceremony” maintains the formality and structure. Although rituals are frequently related to solemnity and serenity, reverence



Group photo of the participants of “The Reunion of the Macanese Communities”, 2016. Photo courtesy of International Institute of Macao.

ESTUDOS DE MACAU

and worship, order and regulations, Durkheim doesn't deny the value of pleasure in rituals, and thinks that games affect the comfort that worshipers derive from rituals, because entertainment is a formality of spiritual reproduction, and that is the primary goal of fervent worship. (Durkheim, 2006, p.58)

According to American anthropologist Grimes, games are the origin and outcome of rituals. The performances we get ourselves involved with are a game itself, a moment of cultural creation. (Ronald Grimes, 2008, p.30) In thematic celebrations, like the Reunion of the Macanese Communities and the Reunion of the Juvenile Macanese Communities, the traditional ceremonial framework has been abandoned and new practices are adopted, like drama performances, sightseeing and interpretations of priests. Also, through the imitative learning of the dragon dance and lion dance, as well as Macanese cuisine, these activities contribute to achieve the collective ecstasy in fervent worship and appeals to more of the younger generations.

"Many of us are old-time Macanese, who moved abroad and now come back. They have quite a lot of stories to tell. How they missed Macao and the things here in Macao. What it was like in the past and what it is like now. They take photos too. It's a nice thing to bring them back. It's a memory. I believe Macao government has done a great job offering them opportunities to return, once in three or four years. They also bring their grandchildren along to see what Macao was like in the past. There's even music of that time too, live show of bands like 'Tuna Macanese', and they bring their own bands too and sing songs."
(Ana Maria Manhão Sou, 2019)

"Ours is the gathering of the young people, aged from 18 to 45. It's supposed to be more dynamic, so we figure out some activities each

time. Take last gathering, we taught them to cook Macanese food, minchi. And sightseeing too, the World Heritages are must-go. The most popular one this year was dancing classes, Portuguese folk dance in the morning, dragon dance and lion dance in the afternoon. We provided them with a marvelous opportunity of cultural experience, Portuguese tradition as well as Chinese tradition."

(Paula Cristina Pereira Carion, 2019)



Young Macanese learning Lion Dance.
Photo courtesy of International Institute of Macao.

Splendid and elegant as some of the sites are, participants are mobilized by singing and dance, emotional exchanges are displayed in greeting exchanges, and in this way, symbol consumption of the view of old-time Macao. In applause and cheers of audience, the rituals of social gathering communicate emotional bonds through "celebration" and develop a sense of belonging. What matters is not imposing or commodifying the meaning, but turning the event into an outdoor church, integrating "pleasure of nobility" and "nobility of pleasure" into community behaviors and situations. The two-way communication between realistic meaning and pleasure, and the demonstration of aesthetic and entertaining significance, contribute to reclaiming the sense of belonging to Macao and collective memory.

3.2 Life-community and Collective Identity

According to Max Sheler, the social forms of life-community are family, clan, tribe, aboriginal, and “people” in a non-political sense of the term. Psychological contagion may result in little or no mutual understanding between individuals, but there is an “inherent comprehension” among members of life-communication, including a decent portion of fellow feelings. Strictly speaking, a life-community is not composed of individuals, but “members”, who share certain particular self-ruled common experience. (Manfred S. Frings, 2006, p.90)

During the 2016 Reunion of the Macanese Communities, Doci Papiçam di Macau re-performed their “Unga Tea di Dream” (A Tea for a Dream) after its previous show during the Macao Art Festival, which can be regarded as agenda repetition. The protagonist of the drama, Camila, a struggling young visiting scholar under the influence of a cup of “ten-thousand-year tea”, was turned into a time traveler back to the old-time Macao, where she was inquired by people she encountered, “Who are you? Whose daughter are you?” The drama is a re-creation of the scenario, the people and the life of old-time Macao. Repetition is persuasion in communication, reminding the audience of highly credible sources and the content itself, strengthening emotional bonds. The drama expresses the wish to “stay here” through the protagonist, that’s an emotional call for memory of the past, and a call for the individual diaspora members. The drama ended with “Macao Champurado” in chorus, conveying the core meaning of the work — “Those who belong here will surely stay, and those who are afar will surely return.”²

Compared to traditional celebration and religious rituals, the performances at thematic reunions focus on certain remarkable themes, thus providing symbolic resources for expressive activities. The ritual viewers gain collective identity by marking the collective memories for Macanese group and expressing positive energy as well as cultural diversities of Macao.



Macanese at a masquerade. Photo by Zhou Yanshan.



Miguel de Senna Fernandes at a masquerade. Photo by Zhou Yanshan.

Conclusion

Based on the analysis of three categories of massive Macanese reunions, i.e. religious rituals, traditional celebrations and thematic celebrations, and supported by the reflections of participant observation and in-depth interview with numerous subjects, the article comes to the following conclusion: stable indicators as blood, facial features, language and religion will be applied in defining identity and ethnicity and cultural identity. The significance of massive reunion lies in the calling of entity and collective memory through inspiring ritual emotions, and the ritual contexts involve interactive contextual strategies and symbolic objects.

This article maintains that religious activities as “rituals” are god–man and man–man interactions, that homage to “model” and historic glories carries significant meaning to thematic gatherings as “celebration”, and that with application of social media, traditional celebrations as “ceremonies” are “the invention of tradition”. **RC**

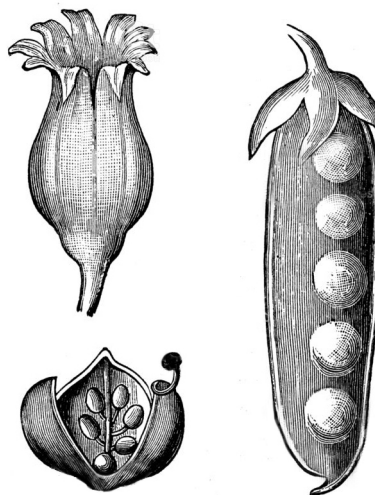
ESTUDOS DE MACAU

NOTES

- 1 This article is part of the academic result under the project of the Faculty Research Grants of MUST (Strength Team Research Grants, STRGs)-Ref. No: FRG-18-016-FA.
- 2 The lyrics were from the song “Perdido” (Lost) in the context of the story of a girl who dived into a dream that made her travel to a much older time of Macao. The hidden question is: what/where Macanese belong to? The lyrics are in patoá: “Quim sâm daqui, logo ficâ/ Quim di longi, retorná”.

BIBLIOGRAPHY

- Durkheim, Émile (2006). *The Elementary Forms of Religious Life*. Translated by Qu Dong. Shanghai: Shanghai People's Publishing House.
- Giddens, Anthony (2009). *Sociology: A Brief but Critical Introduction*. Translated by Zhao Xudong. Peking: Peking University Press.
- Hall, Stuart (2003). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. Translated by Xu Liang. Peking: The Commercial Press.
- Hobsbawm, E., Ranger, T. (2004). *The Invention of Tradition*. Translated by Gu Hang. Nanjing: Yilin Press.
- Manfred. S. Frings (2006). *The Mind of Max Scheler*. Shanghai: Joint Publishing (1st edition in 1973).
- Peng, Wenbin, Guo, Jianbin (2011). *The Classification of Rituals in the Perspective of Anthropology*. Journal of Ethnology, 1st issue of 2011, pp52–58.
- Text transcription of the interview of Alexander Alves Rodrigues, 2019.
- Text transcription of the interview of Ana Maria Manhão Sou, 2019.
- Text transcription of the interview of António R. J. Monteiro, 2019.
- Text transcription of the interview of Dr. Daniel Fok, 2019.
- Text transcription of the interview of José Luís de Sales Marques, 2019.
- Text transcription of the interview of Paula Cristina Pereira Carion, 2019.



Macanese Cuisine: Fusion or Evolution?

MANUEL FERNANDES RODRIGUES*

ABSTRACT: Macanese cuisine is based on history, social events, cultural perceptions and ethnic influences of people from different regions in the orient and beyond. It is important to distinguish fusion food from recipes of dishes born of a place and time which provide a window into peoples' history. An evolving cuisine is shaped by agricultural and fishery products particular to cities and regions. Macanese iconic dishes are known by their designation in *Patois* attesting to their genuine nature and evolution in their place of origin. We should take pride in, safeguard and promote this heritage. Macanese culinary traditions that have been kept alive and shared through generations strengthen, and are part of a unique identity.

KEYWORDS: Fusion food; Evolution dishes; History; Identity; *Patois*; Heritage.

In today's world of instant communication and globalization, Macanese food continues to be a means of expressing identity and belonging for the Macanese still living in Macao as well as for those who emigrated to every corner of the world making a success of their endeavours.

These dishes of celebration provide a window to understand Macanese identity and why the Macanese feel connected to one another regardless of where they were born and why they continue to feel a cultural affinity with Macao.

Is Macanese cuisine simply a set of recipes originating at different times in different parts of call? Is it a result of fusion cuisine, so fashionable today, borrowing from old recipes brought to Macao by the Portuguese or has it evolved over time shaped by events during centuries of history?

Fusion cuisine is usually referred to as an intentional combination of features from two or more different culinary traditions. This includes a mingling of current recipes from different countries or a mix of older and modern dishes.

Some authors claim that French *nouvelle cuisine* of the 1970s is the basis for fusion food because of its delicate presentation, freshness of ingredients and the use of steam cooking adopted from oriental cuisine.

However, *nouvelle cuisine* is basically a break from *haute cuisine* with its involved methodology and heavy sauces. The history of *nouvelle cuisine* can be traced back to the first half of the eighteenth century¹ and has evolved ever since, by simplifying methods,

*M.A. in Economics, York University, Toronto, Canada. Post graduate studies, Universities of Virginia and Michigan USA and European Studies, European College, Belgium. Retired official of the European Commission. Board Economist at the Ontario Energy Board and Assistant Professor at York University, Canada. Published *História da Gastronomia Macaense-Contributo para o reforço de uma identidade singular*, 2018 and "A Gastronomia como elemento de Identidade: a culinária macaense" *Revista Portuguesa de Estudos Asiáticos*. University of Lisbon.

Mestre em Economia, Universidade de York, Toronto Canadá. Pós-Graduação nas Universidades de Virgínia e Michigan, EUA. Estudos Europeus, Colégio Europeu, Bélgica. Antigo Funcionário na Comissão Europeia. Economista da direcção do Ontario Energy Board. Professor assistente, Universidade de York, Canadá. Publicações incluem "História da Gastronomia Macaense-Contributo para o reforço de uma identidade singular", 2018 e "A Gastronomia como elemento de Identidade: a culinária macaense" Revista Portuguesa de Estudos Asiáticos. Universidade de Lisboa.

ESTUDOS DE MACAU

cooking with the freshest ingredients, light sauces and greatly reduced cooking time in an attempt to preserve the natural flavours of produce as much as possible thus creating more delicate dishes which require an increased emphasis on presentation. *Nouvelle cuisine* became famous throughout the world with the late Paul Bocuse from Lyon France.



Pan pan di mamã — author's collection.

Another approach is to classify fusion cuisine as food prepared with ingredients and flavours inherent to another culture. This could imply that all cuisine is basically fusion because throughout history most spices and products used in regional cuisines come from somewhere else. For example, cloves are from the Molucca islands, tomato is native to Mexico, sweet potatoes in Chinese cuisine were introduced to China by the Portuguese before 1515, cinnamon and pepper became popular in Europe through Arab and Venetian traders since the Middle Ages,² hot chillies (*capsium frutescens*) are native to Central America and were introduced in India and China by the Portuguese to name a few.

Applying certain techniques does not necessarily define fusion cuisine. For example, *stir fry* is accepted as a typically Chinese method, the same goes for how to make noodles. However, nobody would consider spaghetti as a fusion food just because it is made like Chinese noodles or Japanese ramen.

The definition of fusion cuisine should be stricter to avoid misunderstandings of terminology and to convey a more precise message.

A preferred definition of fusion food is a recipe that combines different particular elements from current dishes and different countries or regions.

Indian sushi is made with basmati rice and curry. *Peruvian maki* is made with Peruvian-style marinated fish rolled up with rice, avocado and sea weed. *Thai roast duck* is made by mixing Chinese roast duck with red curry. A Filipino dish called *panci palabok* takes inspiration from different sources and is made using local fish, rice noodles and tofu from China and chicharron imported from Spain. The result is a bright orange dish because of the annatto seed seasoning.

On the other hand, evolution cuisine is based on history, social events, cultural perceptions, and ethnic influences found in different countries. This cuisine is shaped by agricultural and fishery products particular to cities or regions.

Macanese cuisine can be traced back to the conquest of Malacca on 24 August 1511 by Afonso de Albuquerque and the implementation of the policy of mixed marriages that resulted in a population of *Filhos da Terra* who the Chinese call “*Tòu sán* 土生”.

Jorge Alvares arrived in T'un-Mên (Tamão) in 1514. Fernão Peres de Andrade sailed into the Pearl river and arrived at the port of Canton in 1517 where he traded with the Chinese and heard about Islands rich in gold laying further East.

Diogo de Couto³, who was the Portuguese chronicler in Goa, wrote:

In 1542 António da Costa, Francisco Zeimoto and António Peixoto were in Siam and decided to go to China because it was a profitable prospect. They loaded up their

MACAO STUDIES

Chinese junk with furs and other merchandise and set sail to Chincheo in Fukien Province. On route they ran into a fearful storm (typhoon) which lasted for several days. When it was over, they found themselves close to some islands. Islanders came to their rescue, they saw that these men were whiter than the Chinese, with smaller eyes and small heads. The islanders were kind and very hospitable. From them they learned that the islands were called Niponji. They repaired and refitted the junk, exchanged the merchandise for silver and returned to Malacca.

This account of the Portuguese arrival in Japan is substantiated by the Japanese Teppo-ki or “History of the introduction of fire arms into Japan” written between 1596 and 1614 indicating 23 September 1543 as the arrival date of the Portuguese in Japan.

The Portuguese settlement in Liampó (Ningbo 寧波) in 1542 became the base for trade with Japan where Chinese silk was exchanged for silver and used as currency in China. The Portuguese expression “*negócio da China*” comes from this highly profitable trade.

The destruction of Liampó and Chincheo (Chinchew 漳州) from 1542 to 1544 dispersed the Portuguese and *Filhos da Terra* to the islands on the delta of the Pearl river familiar to the Portuguese mariners since 1517. Chinese sources⁴ indicate that the Portuguese settled in Macao in 1553.

The enormous profit from Japanese trade aroused the interest of the Viceroy in Goa who tried to impose a crown shipping monopoly (*carreiras*) to trade with Japan. Fortunately for the inhabitants of Macao it failed and a concession approach was used and the position of the captain-major of the ship was auctioned. By 1580 the concession voyage⁵ from Goa to Macao and Nagasaki known as the *Great ship from Amacon* or *kurofune* in Japanese fetched 20,000 cruzados at auction that merchants could invest in the cargo. This trade with Japan lasted for a century.

From 1511 onward, the Portuguese had settled in St. Thomas of Mylapore, Colombo, Batticaloa and Trincomalee in Ceylon, Chittagong in Bangladesh, Pegu in Myanmar, Malacca in Malaysia, Makassar (Sulawesi), Ternate (Moluccas) and Larantuka (Flores) in Indonesia, Lifau in East-Timor, Ayutthaya (former capital), Phuket and Pattani in Thailand, Phnom Penh in Cambodia, Da-Nang in Vietnam, Macao in China and Nagasaki in Japan. Most of the Portuguese population⁶ was of Euro-Asian descent, *Filhos da Terra*.⁷

The ships from Macao regularly sailed to these places where a substantial number of *Filhos da Terra* lived.⁸ In 1625 an English trader reported the presence of 10 to 22 Portuguese ships in Makassar from Macao trading Chinese silks, sandal wood from Timor, diamonds from Borneo and cloves from the Moluccas⁹ with a profit of over 60,000 cruzados, an enormous amount of money at that time.¹⁰

Commercial activity provides clues to thinking about Macanese cuisine as a fusion of recipes from different ports of call.

Is this hypothesis based on historical evidence?

Macanese cuisine was developed by Macanese mothers who originated from Malacca and Nagasaki and later from the Chinese province of Canton.¹¹

Recipes like *achar de fula papaeira macho*, *alua*, *apa-bico*, *apa-mochi*, *bagi*, *baliçã*, *porco balichã tamarindo*, *bafassá*, *bebinga*, *pan-pan di mamã* or *mammum*, *bolo minino*, *brede raba-raba*, *caldo macaense*, *celicário*, *chácha*, *tacho* or *chau-chau pele*, *chicu di porco*, *chilicote*, *congee*, *diabo*, *dóci di cambalenga*, *dodol*, *hâng-gân-péng*, *lacassá*, *ladu*, *chili-miçó*, *miçó-cristão*, *minchi*, *óndi-óndi*, *peixe molhos*, *peixe têmpra*, *saran-surabe* and *xarope di figos* are Macanese cuisine at its best.

By looking at the etymology of these words and cross referencing them with historical events and geography we can go back in time to the origin of these recipes to ascertain the singularity of Macanese cuisine and to have a better understanding of why Macanese people feel a collective belonging.

ESTUDOS DE MACAU

Macanese recipes use expressions from Bazaar Malay, Portuguese and other languages and are intrinsically linked to Macanese Papiá or Patoá. Patoá evolved from Asio-Portuguese, rooted in Bazar Malay or Market Malay and fifteenth-century vernacular Portuguese with words borrowed from Japanese, Arabic, Chinese and Tamil. Most names of Macanese dishes can be traced back to these languages.

Some authors consider Papiá as a creole language of African origin. Others indicate Papiá as an extension of Indo-Portuguese.

Monsignor Sebastião Rodolfo Dalgado,¹² a well-known etymologist, refutes this and states:

*Macanese Creole, does not belong to the group of Indo-Portuguese (dialect), there are many common traces in grammar as well as in vocabulary for three reasons: the common source, all of them represent XVI and XVII century Portuguese spoken by the people, especially in southern Portugal; The same rules and construction apply to similar dialects; mutual influence, notably vocabulary and because of close and frequent earlier ties between India and the Far-east.*¹³

Some would claim that the origin of Patoá is a dialect resulting from mixing old popular Portuguese and Chinese. This is misleading because dialects do not happen as a result of mixing language. They evolve as an imperfect and quick assimilation of a foreign language, Portuguese in this case, by a people, the population of Macao to fulfill the need to communicate.

Patoá is easy to learn because it is flexible, easily adapting and adopting foreign words and expressions which eased the integration of Macanese mothers of different cultural and social backgrounds into Macanese mainstream society.

It is thanks to Patoá that *Filhos da Terra* remained alive in many of the centuries-old Portuguese traditions, long after the Portuguese departed the regions. Examples abound but I would like to recall

the Kristangs from Malacca who continue to speak Papiá Kristang, Topasses or Larantuqueiros from Lantuka on the Island of Flores who continue to celebrate *Semana Santa* organised by *Confreria Rainha Rosaria* in Papiá, the *Zwarten Portugeesen* or black Portuguese in Jakarta who continue to sing Keroncong Kafrindo and Nana Bobo a lullaby in Papiá, to babies.

For the Macanese, *minchi* is a favourite dish. It does not fall within the definition of fusion dishes because it does not combine different elements from current cuisines nor different culinary cultures.

Minchi evolved from *nikujaga*, a Japanese dish brought to Macao by exiled mothers from Nagasaki when Christians were expelled by an Edit of 1614 issued by Shogun Tokugawa.

A close look at the components of *minchi* leads us to conclude that the ingredients have not changed over time,¹⁴ they are basically ground or finely sliced meat and potatoes.

The *Filhos da Terra* refugees¹⁵ from Japan, upon arrival in Macao settled around the Church of Our Lady of Hope, better known as St. Lazarus in Campo,¹⁶ and later in the poor neighbourhoods of Horta da Mitra or Chók-Chei 雀仔園, in Barra, Patane, Mainato, Mong-Há 望廈, Fát-Chi-Kei 筷子基¹⁷ where they mingled with the Chinese population.¹⁸ Their language of communication was a mixture of Patoá and Cantonese. *Nikujaga* became *mun-chee yôk* 燜豬肉 among the Cantonese, a description of the cooking method and main ingredient: pork.

Patoá contracted *mun-chee yôk* to *mun-chee* and several decades later into *minchi*.¹⁹

A second hypothesis presented by some authors is that the iconic dishes in Macanese cuisine are simply an adaptation of old Portuguese recipes. When taking into consideration old Portuguese cooking books²⁰ or Chinese sources such as *Ou-Mun Kei-Leok* 澳門記畧 published in 1751 where the historical framework of some Macanese recipe is set, this hypothesis does not stand up.

MACAO STUDIES

For example, the Macanese dessert *sarā-surabe* is often said to be an adaptation of the Portuguese *pão-de-ló* where baking has been replaced by steaming.

Four features stand out in considering this possibility. First, the etymology of the word; second, the cooking method employed; third, the historical events of the time and fourth, the resemblance between *sarā-surabe* and *pão-de-ló*.

Market Malay was a commercial language²¹ used in the Orient in the fifteenth century. *Sarā-surabe* is derived from *sarang serabai* meaning a bird's nest in Market Malay, describing its rounded shape that resembles a sea bird's nest very common in Malacca. The price of bird nests in Malacca was quite high reaching at times twice its weight in silver.²² This exorbitant price led the *Filhos da Terra* to find a replacement by using egg yolks that, when beaten for a long period, become a whitish creamy batter that when steamed resembles a bird's nest.

Afonso de Albuquerque implemented a policy of mixed marriage between Portuguese men and local women who converted to Christianity after the conquest of Malacca in 1511.

By 1556, Malacca had a large²³ mixed-race population, *Filhos da Terra*.²⁴ Macao had affinities with and was closer to Malacca²⁵ than anywhere else because of the large number of Portuguese in Macao who married women from Malacca.²⁶



Kurofune XVI century blockprint — Private collection. Courtesy of José Eduardo Azevedo.

Sarā-surabe is one of many recipes brought to Macao by these women. To this day the recipe for *sarā-surabe* has remained unchanged.

There is however a dessert in Portuguese cuisine that closely resembles *sarā-surabe* and is known as *fatias da China*.

Fatias da China (the name was changed to *fatias de Tomar* in the late twentieth century) is a dessert made with beaten egg yolks served steeped in a sugar syrup. Some authors believe *fatias da China* inspired Macanese *sarā-surabe*.

Tomar is a city located to the north of Lisbon with a monastery which was the seat of the Order of Christ whose first governor was Prince Henry the Navigator.

The recipe for *fatias da China* is not mentioned in the recipe book written by Princess Maria of Portugal in the fifteenth century for obvious reasons. It is prior to any direct or indirect contact between Portugal and China. Nor is it mentioned in Domingos Rodrigues *Arte de cozinha* published in 1693 which is considered to be the first Portuguese cook book.

Fatias da China is first mentioned by João da Mata in *Arte de cozinha* published in 1888.

The ingredients are identical in both recipes including the method of beating egg yolks until they become whitish in colour and creamy.

History and steaming as the method of cooking point to the possibility that *fatias da China* are based on *sarā-surabe*. Macao is referred to, in Portuguese documents of the time, as *Cidade de Nome de Deus na China* (City of God's name in China) and whoever, monk or sailor, took the recipe of sliced *sarā-surabe* to the monastery in Tomar, called the dessert simply slices from China as a reminder of the city where the dessert was first made.

Many of the mariners and crews for the caravels were hired from this region of Portugal for their knowledge of sailing against the wind. Tomar was also the financial seat of Prince Henry the Navigator's endeavours.

ESTUDOS DE MACAU

Sarā-surabe is not fusion food because it does not borrow any particular element from Portuguese *pão-de-ló* and was possibly the basis for the *fatias da China*.

Consideration has also been given to British or other influences on Macanese cuisine.

Pan-pan di mamā or *bolo mammon*, is presented as named after the god of wealth²⁷, and is often given as an example of British influence on Macanese cuisine.

But what are the facts?

The British East India Company (BEIC) arrived in Macao in 1773. It rented premises in Praia Grande to establish the Select Committee of super cargoes which controlled the issuing of licenses to merchants trading in China. With the BEIC the first British families came to live in Macao. British influence would only be felt from 1773 at the earliest.

Pan-pan di mamā is much older because it is mentioned in *Ou-Mun Kei-Leok*²⁸ or *A Brief Monograph of Macau*, written in the first half of the eighteenth century and published in 1751, decades before the arrival of the British in Macao.

The translation version of the book by L.G. Gomes²⁹ in 1950 mentions:

fán p'ut p'ut 番餠餠, a foreign cream and butter cake baked on a sheet of paper with a golden crust.

In the version translated by Yin Guangren and Zhang Rulin in 2009, we find:

the barbarian cake is presented on a sheet of paper with a golden topping and a toasted crust from melted butter.

Both translations refer to the same cake highlighting its presentation. In addition, *p'ut* corresponds to the transliteration of the old Portuguese pronunciation of *pan* meaning bread which became *pan-pan* (plural of bread) in Patoá.



Peixe tèmpra — author's collection.

To the Chinese ear *pan-pan* sounds like *p'ut p'ut* to which they added the character *fán* 番, to indicate that it was a foreign cake.

This brief analysis shows that the possibility of British influence on Macanese cookery should take into account historical sources.

Moreover, *pan-pan di mamā* that was renamed later as *bolo mammon*, does not fall within the definition of fusion cuisine because the recipe has no elements from other cuisines and has changed very little. Any change of ingredients is mainly because of lack of availability. Thus, cane sugar replaced palm jaggery and raisins are used in the modern topping instead of a mixture of grated coconut, butter and sugar in the older recipe.

The Portuguese settled in the Orient at the beginning of the sixteenth century. Not all settlements were part of the Portuguese formal empire. Nevertheless, these communities had basically two common features, they were populated by *Filhos da Terra* and spoke *Asio-Portuguese* or *Papiál/Patoá*.

Since some Macanese dishes resemble Portuguese food, it is easy to assume that they were adaptations of old Portuguese recipes. However historical, geographical and social events point us in a different direction.

The best example to help settle the question of whether Macanese cuisine is fusion or evolution is *peixe tèmpra*.

Peixe tèmpra is made with small anchovies, which are very abundant in Macao and called *beliz maroto* in Patoá or *pák-fán-yü* 白飯魚 in Cantonese.

MACAO STUDIES

The origin of this dish can be traced back to sixteenth-century Macao, the base of the Padroado Português do Oriente with religious and secular responsibilities over China, Japan, Timor and surrounding territories. The Jesuits were the most important and influential Catholic religious order.

“Quator tempora” is a precept consisting of three days of fasting and abstinence observed every three months. During abstinence, food is consumed sparingly. A typical meal was small deep-fried anchovies in a watery batter without any salt or other seasoning. This dish became known in Patoá as *peixe tẽmpora* and later *peixe tẽmpra*.

The dish became popular³⁰ amongst the least fortunate Macanese. Wealthier Macanese and the Chinese population considered *beliz maroto* or *pák-fân-yü* a tasteless fish which can be caught in muddy pools at low tide. *Peixe tẽmpra* was adopted by the catholic population who practiced weekly abstinence and became the dish consumed on Friday. This precept was followed by the Catholics until the mid-twentieth century when it was modified³¹ by the Catholic Church.

Peixe tẽmpra was taken by the Jesuits, Portuguese merchants, traders and adventurers to Japan from 1549 onward and to Portugal in the eighteenth century in the form of *peixinhos da horta*, battered and fried green beans.

Deep-fried food in a light batter was unknown to the Japanese. *Tẽmpora* had no equivalent word in Japanese and was transliterated to the closest sound in the Japanese language. Since *tẽmpora* was also a religious precept, the Japanese Christians in Nagasaki transliterated *tẽmpora* into *tempura* with the character 天 (*tem*) meaning heaven to account for its religious connotation.

Tempura is today considered as a truly Japanese food. Since *tempura* and *peixe tẽmpra* have the same origin, *peixe tẽmpra*, a typical Macanese dish, is for obvious reasons an evolutionary dish.

To complete my list of examples of Macanese dishes and their origin I would like to mention *porco balichão tamarindo*.

This is a quintessential Macanese dish. This pork stew is seasoned with tamarind and balichã. This recipe is unique to Macao and yet opinions abound about its different places of origin including Goa and Portugal.

Goa is given as a possible origin because of *balichã*, a shrimp paste developed by Macanese mothers from Malacca which is also used in Goa. Some authors claim *balichã* is derived from Goan *balsão*.³²

Etymologically, this is unlikely to be the case because the word *balichã* is a transliteration of the Malay *balachan* with a nasal sound and as such, is not from Indo-Portuguese because Indo-Portuguese is a mix of Portuguese with Konkani, the language of Goa.

In the Patoá spoken in the nineteenth century the word *balichã* was also written as *baleichão*. *Balsão* is most likely to be a corruption of *baleichão*.

After the conquest of Malacca in 1511, Tamils, Kwelings, the Chinese and other communities, who were allies of the Portuguese helped Rui Brito Palatim, the first Captain of Malacca, to organise new trade routes along the coast of the Gulf of Bengal, the Malay Archipelago and further East. The large Gujarati Muslim population in Malacca, enemies of the Portuguese, abandoned Malacca and headed north to their homeland of Gujarat on the Indian Malabar Coast.³³



Sarā-surabe — author's collection.

ESTUDOS DE MACAU

When the migration of a population occurs, by design or by force, migrating peoples take with them the cooking traditions to which they are accustomed. For example, the Portuguese abroad remain partial to bacalhau (dry salted cod). However, *balichã* was not traditionally used on the Malabar Coast where Goa, Daman, Diu and Cannanore (Kannur), the major strongholds of the Portuguese in the sixteenth century were located. This allows us to surmise that *balichã* was not used by the Gujarati communities and consequently there was no gastronomic identification of the population with *balichã*.

The iconic dishes of Macanese cuisine are grounded in a historical context and weave the fabric of social experience and ethnic integration. Food and its preparation are an important facet of history pointing to peoples' aspirations, successes and failures. Social, political and economic circumstances determine the Macanese perception of history. Through Macanese cuisine we can better understand who, what and why people feel Macanese regardless of their place of birth.

These are the traditions that help shape our identity. We should safeguard and above all promote them to reinforce our self-esteem and our sense of belonging. **RC**

NOTES

- 1 In 1742 Menon introduced the term *Nouvelle cuisine* as the title of the third volume of his *Nouveau traité de la cuisine* published in 1739.
- 2 One of the objectives of the Portuguese Voyages of Discovery was to seek the source of spices and control trade. Swahn, J.O. (1992). *The Lore of Spices. Their history and uses around the world*. Grange book.
- 3 Couto, Diogo de (Décadas V) was the official historian of Portuguese India where he worked and lived between 1559 and 1616.
- 4 *Haojing'ao* or *Chronicle of Bay of Mirror* by Bao Yu, states that the Portuguese arrived in Macao in 1553.
- 5 Subrahmanyam, Sanjay (1993). *The Portuguese Empire in Asia 1500–1700. A political and Economic History*. London: Longman.
- 6 In Macao the number of Portuguese born in Portugal was less than 10% of the Portuguese population.
- 7 Hespanha, António M. (2019). *Filhos da Terra-Identities mestiças nos confins da expansão Portuguesa*. Lisboa: Tinta da China.
- 8 In the late sixteenth century, the total population of *Filhos da Terra* was estimated to be around 100,000 people. Hespanha, António M. (2019). *Ibidem*.
- 9 Boxer, Charles R. (1990). *Fidalgos no Extremo Oriente*. Macau: Fundação Oriente, Museu e Centro de Estudos Marítimos.
- 10 Rodrigues, Manuel Fernandes (2018). *História da Gastronomia Macaense—Contributo para o reforço de uma identidade singular*. Lisboa: MGI.
- 11 Coates, A. (1978). *A Macao narrative*. Hong Kong: Heinemann Educational Books (Asia) Ltd.
- 12 Dalgado, Monsignor Sebastião Rodolfo (1855–1922) was a linguist and etymologist who has made in-depth studies of the influence of Portuguese in South East Asia languages.
- 13 Ta-Ssi-Yang-Kuo Review (1899–90:360) series II Vol. III and IV.
- 14 Rodrigues, Manuel Fernandes (2015). "A gastronomia como elemento de identidade: a culinária macaense". *Daxiyannguo* (Portuguese Journal of Asian Studies nº 20/2015). Instituto do Oriente, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.
- 15 Teixeira, Pe. Manuel (1993). *Japoneses em Macau (ed. bilingue português/japonês)*. Macau: Instituto Cultural, Comissão Territorial para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- 16 Fields lying outside the city walls.
- 17 The Kamia family left in the 1950s.
- 18 Until 1825 Mandarin Law did not allow the Chinese to remain within the City after sunset.
- 19 *Minchi* is pronounced *mean tchee*.
- 20 Rodrigues, Domingos, *A Arte de Cozinha*, from 1693 and J. Mata, *Arte de cozinha*, from 1888.
- 21 Thomaz, Luis F. (2009). "As competências linguísticas de Fernão Mendes Pinto e o seu uso do malaio". *Revista Biblos*, 7: pp. 295–322. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- 22 Pereira, J. F. M. (1995). *Arquivos e Anais do Extremo Oriente Português* (Vol. I a IV). Daxiyannguo. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, Fundação Macau.

- 23 Coates, Austin (1978). *A Macao Narrative*. Hong Kong: Heinemann Educational Books (Asia) Ltd.
- 24 Hespanha, António Manuel (2019). *Filhos da Terra*. Lisboa: Tinta da China.
- 25 Coates, Austin (1978), *ibidem*.
- 26 Pinto, Fernam Mendez (1614). *Peregrinaçam*. Lisboa: Pedro Grassbeeck.
- 27 Amaro, Ana Maria (1988). *Filhos Da Terra*. Macau: Instituto Cultural.
- 28 Tcheong-Ü-Lâm, Ian Kuong-Lâm (1950). *Ou-Mun Kei-Leok* = *Monografia de Macau* (Gomes, L. G. Trad., from 1801 edition). Macau: Imprensa Nacional.
- 29 Gomes, Luís G. (1950). *Monografia de Macau*. Macau: Imprensa Nacional.
- 30 In Macao and Hong Kong anchovies were considered fare for the poor. *Pák-fân-yü* became an expression in Cantonese for the very inexpensive white canvas shoes worn daily by the poor.
- 31 From the mid twentieth century only members of the clergy continued to follow this precept.
- 32 Sousa, M. F. N. da C. (1998). *Cozinha indo-portuguesa: receitas da bisavó*. Lisboa: Assírio e Alvim, Consider *balichã*, known in Goa as *balsão*, as an Indo-Portuguese word derived from Malay.
- 33 Subrahmanyam (1993). *Ibidem*.

BIBLIOGRAPHY

-
- Amaro, Ana Maria (1988). *Filhos Da Terra*. Macau: Instituto Cultural.
- Boxer, Charles R. (1990). *Fidalgos no Extremo Oriente*. Macau: Fundação Oriente, Museu e Centro de Estudos Marítimos.
- Coates, Austin (1978). *A Macao Narrative*. Hong Kong: Heinemann Educational Books (Asia) Ltd.
- Gomes, Luís G. (1950). *Monografia de Macau*. Macau: Imprensa Nacional.
- Hespanha, António Manuel (2019). *Filhos da Terra*. Lisboa: Tinta da China.
- Mata, J. (1993). *Arte da cozinha* (5ª ed.). Lisboa: Vega.
- Pereira, J. F. M. (1995). *Arquivos e Anais do Extremo Oriente Português* (Vol. I a IV). Dassi yangguo. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, Fundação Macau.
- Pinto, Fernam Mendez (1614). *Peregrinaçam*. Lisboa: Pedro Grassbeeck.
- Rodrigues, Domingos. *A Arte de Cozinha de 1693*. Sintra: Colares Editora.
- Rodrigues, Manuel Fernandes (2015). *Daxi yangguo* (Portuguese Journal of Asian Studies nº 20/2015). Instituto do Oriente, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.
- Rodrigues, Manuel Fernandes (2018). *História da Gastronomia Macaense — Contributo para o reforço de uma identidade singular*. Lisboa: MGI.
- Sousa, M. F. N. da C. (1998). *Cozinha indo-portuguesa: receitas da bisavó*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Subrahmanyam, S. (1993). *The Portuguese empire in Asia: 1500–1700: a political and economic history*. London: Longman.
- Swahn, J.O. (1992). *The Lore of Spices. Their history and uses around the world*. Grange book.
- Ta-Ssi-Yang-Kuo Review (1899–90:360) series II Vol. III and IV.
- Tcheong-Ü-Lâm, Ian Kuong-Lâm (1950). *Ou-Mun Kei-Leok* = *Monografia de Macau* (L. G. Gomes, Trad, da ed. de 1801). Macau: Imprensa Nacional.
- Teixeira, Pe. Manuel (1993). *Japoneses em Macau* (ed. bilingue português/japonês). Macau: Instituto Cultural, Comissão Territorial para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Thomaz, L. F. (2009). "As competências linguísticas de Fernão Mendes Pinto e o seu uso do malaio", *Revista Biblos*, 7: Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Yin, G., e Zhang, R. (2009). *Breve Monografia de Macau*. Macau: Instituto Cultural.

Gastronomia Macaense como Veículo Social em *Os Dores* de Henrique de Senna Fernandes

JORGE BRUXO*, LURDES N. ESCALEIRA**

RESUMO: Desde cedo a gastronomia se foi tornando uma marca identitária das sociedades, assumindo-se como um importante contributo para a sua história.

Entre as várias tentativas de descrever os modos de vida dos grupos humanos a literatura marca presença, com os escritores a chamarem a si o papel de guardiões das memórias sociais, permitindo-nos aprofundar os conhecimentos sobre o passado e as pretéritas condições de vida de diferentes aglomerados humanos.

Mas este registo dos escritores carece sempre de ser estudado, valorizado, aprofundado e categorizado para dele se extraírem todas as potencialidades que em si mesmo encerra. Partindo deste pressuposto, o presente artigo tem o objectivo de fazer uma análise da obra literária *Os Dores*, para identificar alguns dos hábitos culinários de Macau, na primeira metade do século XX, e a partir da comunhão desses manjares descortinar o valor social simbólico que os mesmos representam.

Em *Os Dores* o autor tece um conjunto de situações em que a gastronomia assume particular relevância social. Macau era, nesses tempos da primeira metade do século passado, um pequeno burgo onde a mesa e as ementas constituíam caminho para afirmação social ou ascensão na hierarquia da sociedade local, quebrando barreiras e marcando o ritmo da convivência quotidiana.

Torna-se evidente que urge e é imperativo estudar a obra dos escritores de Macau porque esta contribui para a preservação e divulgação da cultura macaense, que, no contexto actual, corre o risco de se esbater ou mesmo perder o significado autêntico de muitas das suas especificidades singulares, que apesar de registadas podem não ser completamente entendíveis pelas gerações mais novas.

PALAVRAS-CHAVE: Gastronomia; Social; Escrita; Cultura; Macaense.

*Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, concluiu o mestrado em Língua e Cultura Portuguesas na Universidade de Macau. Publicou, como autor ou co-autor, vários artigos e livros, como *Padre Joaquim Guerra, uma Biografia Intelectual* (2004) e *Portugueses no Oriente: uma narrativa dos séculos XV a XIX* (2017).

Graduated in Law from the University of Lisbon, M.A. in Portuguese Language and Culture from the University of Macau. He has authored and co-authored several articles and books, namely Padre Joaquim Guerra, uma Biografia Intelectual (2004) e Portugueses no Oriente: uma narrativa dos séculos XV a XIX (2017).

**Licenciada em Filosofia pela Universidade do Porto e em Administração Pública pela Universidade de Macau. É Mestre em Gestão e Administração Pública. Foi bolsista de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal, e obteve o grau de doutor pela Universidade do Porto. É autora de várias comunicações e artigos e dos livros *Ensino da Tradução em Macau: dos currícula propostos à realidade de mercado*, 2013, e *Portugueses no Oriente: Uma Narrativa dos Séculos XV a XIX*, 2017.

She has a Bachelor's Degree in Philosophy from University of Porto and a Bachelor's Degree in Public Administration from University of Macao. M.A. in Management and Public Administration. She was a doctoral fellow of Foundation for Science and Technology of Portugal, and holds a PhD from University of Porto. She is the author of several papers, articles and the books Tradução em Macau: dos currícula propostos à realidade de Mercado, 2013, and Portugueses no Oriente: Uma Narrativa dos Séculos XV a XIX, 2017.



Casa dos pais de Henrique de Senna Fernandes na Rua da Penha. 1963/64. 1º plano da direita para a esquerda: As 3 filhas de Jorge Robarts e Maria Fernanda de Senna Fernandes Robarts (Maria do Céu de Senna Fernandes Robarts, Maria Helena de Senna Fernandes Robarts e Margarida de Senna Fernandes Robarts) e Maria João de Senna Fernandes Rangel. Do lado esquerdo da mesa: João Manuel de Senna Fernandes com a sua filha, Maria Teresa (Nina) de Senna Fernandes Lichtenstein, ex-esposa, Maria Teresa dos Santos Gomes e o seu filho, João Manuel de Senna Fernandes; Edmundo de Senna Fernandes (pai de Henrique de Senna Fernandes); Gabriela de Senna Fernandes Atraca. (Centro da mesa) Henrique e Miguel de Senna Fernandes. Do lado direito da mesa: José Pereira Leonardo; Maria Cecília de Senna Fernandes Pereira Leonardo; Maria Luíza (Zete) d'Oliveira Rodrigues de Senna Fernandes (mãe de Henrique de Senna Fernandes); Maria Luísa (Marina) de Senna Fernandes; Maria Fernanda de Senna Fernandes Robarts; Eduardo Atraca. Coleção privada da família.

Literatura e Gastronomia estão intimamente ligadas, tendo vários notáveis escritores de todo o mundo recorrido a registos gastronómicos para emoldurarem ou melhor caracterizarem ambientes e espaços sociais, meios e processos de socialização e de circulação social. Em muitas e diversificadas obras literárias se revela a função social da alimentação como elemento de comunhão e de agregação de grupos sociais vinculados por laços familiares, de amizade, de interesses de vária ordem ou até constituídos por meros factores ocasionais, quiçá até imprevistos. E tanto isto se pode materializar na sala de jantar, como na cozinha, na adega, no restaurante faustoso ou modesto, na tasca ou nas comidas de rua adquiridas a mercadores ambulantes ou em barracas de feira. Podem ser grandes

banquetes ou frugais refeições, mas há sempre uma mensagem ou aproveitamento de carácter social.

Para exemplificarmos de forma breve as asserções atrás formuladas, e circunscrevendo-nos apenas a escritores de língua portuguesa, apresentamos como mais paradigmático o exemplo de Eça de Queirós que em várias das suas obras, especialmente em *Os Maias*, descreve episódios em que o leitor é levado a assistir a banquetes de requintadas ementas, com alguns pratos da cozinha francesa, reveladoras da excelência desses repastos em que é evidente, sua função social. À volta da mesa, acontece a partilha e debate de ideias e, muitas vezes, a troca de informações ou a recolha de dados que doutra forma seria difícil ou mesmo impossível obter. Mas também encontramos, na mesma obra, um repasto

ESTUDOS DE MACAU

na tasca do Gago durante o qual Gonçalo Mendes se deleita com pratos e vinhos bem portugueses.

O mesmo escritor, em *O Crime do Padre Amaro*, aproveita o jantar oferecido pelo abade de Cortegaça para fazer crítica social, em particular a algum clero pelos seus comportamentos de intemperança e gula.

Este e muitos outros exemplos mostram-nos que a gastronomia desde cedo se tornou um sinal identitário dos povos. A sua presença em obras literárias ajuda a retratar a história única de cada grupo humano, gravando memórias de vivências gastronómicas e convertendo-se num dos elementos mais importantes de quaisquer patrimónios imateriais. O seu registo permite aprofundar os conhecimentos sobre as pretéritas especificidades da vida em sociedade de diferentes aglomerados humanos.

Partindo desta constatação, o presente artigo é resultado do estudo da obra *Os Dores*, de Henrique de Senna Fernandes, e teve como foco de análise o papel da gastronomia na sociedade macaense do primeiro lustro do século passado.

O autor, em continuação dos quadros sociais já deixados em anteriores obras,¹ como *Amor e Dedinhos de Pé*, fala-nos da *riqueza e diversidade da culinária*, fruto, da *fixação dos primeiros portugueses em Macau no começo da segunda metade do século XVI*,² ou até antes, em Malaca, quando a partir de 1511 os portugueses aí se instalaram com uma Administração modulada por Afonso de Albuquerque, o conquistador da cidade.

Numa primeira fase, dá-se a *associação dos gostos dos homens com os conhecimentos culinários das respectivas mulheres e as disponibilidades locais de alimentos e condimentos* (Lamas, 1995:8) e, posteriormente, com a



Casa dos pais de Henrique de Senna Fernandes, Edif. Leonor. 1966/67. 1ª Fila, da direita para a esquerda: Maria do Céu de Senna Fernandes Robarts, Miguel de Senna Fernandes, Edmundo de Senna Fernandes, Margarida de Senna Fernandes Robarts, Maria Helena de Senna Fernandes Robarts, Maria Luíza (Zete) d'Oliveira Rodrigues de Senna Fernandes, João Manuel de Senna Fernandes, Maria Teresa Gomes, Maria Teresa (Nina) Gomes de Senna Fernandes Lichtenstein e João Manuel Gomes de Senna Fernandes. 2ª Fila, da direita para a esquerda: Eduardo dos Santos Atraca, Gabriela de Senna Fernandes Atraca, Maria Luísa (Marina) de Senna Fernandes, Henrique de Senna Fernandes, Maria Teresa (Ho Heung Sut) de Senna Fernandes (esposa de Henrique de Senna Fernandes), Cristina de Senna Fernandes Malheiro, Maria João de Senna Fernandes Rangel e irmã Angela Maria de Senna Fernandes Pereira Leonardo, Jorge Robarts e Maria Fernanda de Senna Fernandes Robarts. Coleção privada da família.

chegada da mulher portuguesa, a culinária macaense vai sendo influenciada pelos veros hábitos gastronómicos dos portugueses *reinóis*.

O intercâmbio de pessoas e coisas, nomeadamente com África, Índia, Insulíndia, Japão e China, contribuiu para a introdução em Macau de uma grande variedade de condimentos, que a Europa se tinha habituado a procurar fora do seu espaço, especialmente no Oriente. De notar também que, mais tarde, fruto da proximidade com Hong Kong, a cozinha macaense sofreu alguma influência da Grã-Bretanha e até da França, porque, no século anterior, era de bom tom usar a culinária francesa como *top cuisine* exibida nos solenes repastos das oligarquias reinantes na Cidade do Santo Nome de Deus,³ um pouco à imagem daquilo que também acontecia em Lisboa.

Sumariamente, podemos afirmar que *a cozinha caseira macaense (...) resulta (...) da diversidade das influências que foi recebendo ao longo dos séculos e através do espaço geográfico por onde os portugueses andaram, (...) passando a elencar influências: portuguesa, chinesa, indiana, com destaque para a goesa, malaia, japonesa, filipina, inglesa, africana e sul-americana, para além de outras mais numa lista quase impossível de esgotar* (Lamas, 1995:9).

Neste momento histórico, em que a comunidade macaense⁴ enfrenta vários desafios para continuar a afirmar a sua identidade e tendo sido Macau elevada a *Cidade Criativa da UNESCO na área da Gastronomia*, em 1 de Novembro de 2017, consideramos relevante e oportuno desenvolver uma análise sobre a presença da gastronomia macaense⁵ na obra deste *filho da terra*, de forma a mencionar os diferentes pratos macaenses e a sua importância a nível social, bem como, através das descrições lavradas em *Os Dores*, aprofundar o conhecimento da vida de Macau no século XX.

Foi isto que, numa leitura atenta a esta obra, tentámos desvendar, trazendo para a luz do dia mais uma, entre as várias e diferentes perspectivas já desenvolvidas por outros investigadores. De registar



Festa de aniversário de Henrique de Senna Fernandes, 15 de Outubro de 1982, Clube de Macau. Colecção privada da família.

que a obra deste escritor trata temas aparentemente simples que se desdobram numa complexidade e multiplicidade de experiências de vida e, por isso, enredos e situações expressamente referenciados ou até aludidos apenas de forma implícita merecem ser descodificados e explicitados, abrindo possibilidades para diferentes tipos de abordagem.

Henrique de Senna Fernandes (1923-2010), advogado por profissão, além de professor e escritor por paixão, legou-nos várias obras, não só as que já se encontram publicadas, porque, como tem sido referido pela família, ainda há muitas páginas manuscritas a precisarem de ser tratadas para posterior publicação. Desde a *Trança Feiticeira*, *Amor e Dedinhos de Pé*, *Nam Van – Contos de Macau*, *Mong Ha – Contos de Macau*, *A-Chan a tancareira*, *Os Dores* até à *A Noite Desceu em Dezembro*,⁶ este autor traça um retrato cheio de ínfimos detalhes da Macau que ele, directa ou indirectamente, conheceu e amou, apesar das dificuldades vividas quando a guerra assolou tudo em redor, ao longo do período de 1937 a 1945, seguido das guerras da Coreia e do Vietname, que embora mais distantes não deixaram de arrostar consequências para as populações do minúsculo enclave luso em terras sínicas.

Os Dores é uma obra literária editada postumamente já neste século XXI, com a referência de incompleta e não retocada pelo autor, que retrata a sociedade macaense desde os alvares do século XX

ESTUDOS DE MACAU

até aos finais dos meados desse século. Todo o enredo se desenrola num período que se inicia 15 anos antes do próprio autor nascer e termina quando este era ainda uma criança, provando ser este testemunho indirecto, produto da transmissão oral e das leituras feitas pelo autor. Contrastando este facto com a obra, vemos a capacidade do autor de descrever de forma vívida e detalhada uma realidade que não conheceu directamente, mas em que parece ter estado sempre presente como personagem privilegiada que conhece cada pedacinho do espaço físico e social de Macau e as características físicas, psicológicas, modos de sentir e de pensar de cada um dos cerca de cinquenta personagens, independentemente do seu papel no desenrolar do enredo. Para além disso, paira em toda a obra um conhecimento dos vários assuntos que são tema de debate na cidade cristã, nomeadamente a gastronomia.

A narrativa começa no Verão de São Martinho, portanto em meados de Novembro de 1908, nesses tempos estivais em pleno Outono. A primeira cena descreve a viagem no veleiro recreativo em que seguiam Remígio Policarpo, *o homem que organizara o passeio* (16), tendo por companheiros Floriano, o filho de Remígio, o senhor Valentim, Perene, Silvestre e Maximiliano.⁷ A partir daí fala da pescaria, do almoço, do regresso e do encontro com a *raparigueta de cinco anos, branca e alourada* (17)⁸ à guarda de uma velha que



Henrique de Senna Fernandes com os companheiros do grupo de Coloane. Coleção privada da família.

vivia numa cabana na costa norte da ilha de Coloane. Nessa viagem de regresso, após a pescaria e o *opíparo* almoço, interrompida devido a um *aperto intestinal* de Floriano Policarpo (16), o jovem viu essa raparigueta, esfomeada, com *uma fome muito antiga*, sentindo que era obrigação indeclinável tudo fazer para lhe matar essa fome, convencendo o pai a levá-la para sua casa.

Através das vivências desta personagem, que baptizam com o nome de Leontina, e dos seus encontros, em especial com Floriano, Remígio e Lucas Perene, vai desenvolvendo-se uma complexa e emaranhada teia de relações sociais, revelando hábitos, costumes e tradições, enfim, aspectos da Macau do século passado cujos meandros o autor registou para a posteridade.

Numa primeira análise podemos concluir que a narrativa começa e acaba enviando a mesma mensagem ao leitor, pois na verdade, as últimas cenas do livro descrevem-nos uma Leontina solitária, retraída, escondida, parecendo ainda viver na cabana de Coloane com a velha e os netos, não tendo encontrado o sonhado amor de Floriano nem o lugar social ambicionado, com amigos que a apoiem e acarinhem. A estória parece repetir-se, e, no final,⁹ é Leontina que, embora no seu íntimo ame o filho, aparentemente não se preocupa com ele e deixa-o aos cuidados da *Missy*, para ela melhor deambular pela vida e continuar sonhando com um destino diferente.

Desde o início até ao final, o romance está recheado de referências gastronómicas que o autor usa para nos revelar o estatuto social das pessoas e como a comida é um elemento agregador da comunidade.

A luta pela sobrevivência é vencida em *Os Dores* porque embora o autor nos mostre uma sociedade macaense que vive bem ou mesmo abastadamente, sem ter que se preocupar com a falta ou a carestia de alimentos, também não deixa de trazer à narrativa as dificuldades que algumas pessoas têm para terem ou providenciarem para os seus uma alimentação básica, *com comida pouco variada, porque o dinheiro não dava para mais* (285). De facto, a comida influencia a



Henrique de Senna Fernandes com os companheiros do grupo de Coloane. Coleção privada da família.

tomada de decisão e o rumo da vida dos personagens, como Leontina que só não abandona a vida ao lado de Perene, porque, apesar da sua atitude fazer transparecer um grande desamor ao filho, ela sabe que ficando ali, apenas como uma empregada que cumpre um contrato, o filho não irá passar fome.

Passeios, pescarias e piqueniques surgem logo no início da narrativa. O autor diz-nos que para a pescaria, organizada por Remígio Policarpo, chamaram Lucas Perene porque sabia onde se pescavam bons peixes (16, 187), o senhor Valentim porque era *indispensável em todos os piqueniques pela magia das suas mãos de cozinheiro* (16) e garantia que o repasto não os iria desiludir, e assim é evidente que a sociabilidade não é afinada apenas pelo diapasão da amizade, ou de laços familiares ou profissionais, mas também da concreta utilidade prática para o grupo em que vai participar.

Esta situação repete-se mais tarde quando os jovens, amigos de Leontina e Eunice, organizam um piquenique para o qual convidam Lucas Perene, mais velho e, por isso, com poucas probabilidades de ser aceite pelo grupo (149), porque todos lhe reconhecem grande conhecimento de pesca e capacidade para encontrar muito e bom peixe.

Os passeios à Taipa eram raros, *pois as excursões à “terra-china” eram mais cómodas e mais rápidas através das Portas do Cerco* (243). No decurso do romance o

autor descreve um passeio à Taipa no qual participaram trinta rapazes e raparigas, e ainda Lucas Perene. Alguns jovens preferiram a pesca e permaneceram no barco com Perene. Outros optaram por um passeio e entre eles estavam Evandolina e Joaquim, o irmão de José Lucas, que pretendia vir a casar-se com ela. Mais tarde pescadores e passeantes reuniram-se num piquenique. *O almoço consistia em galinhas e pombos assados, saladas, mais uma formidável feijoada, com todos os matadores. Uma almoçarada à maneira da tradição de Macau, culminada pela doçaria caseira escolhida e regada de vinhos de mesa, digestivos e espíritos* (244).

Comparando estes piqueniques podemos deduzir a classe social dos intervenientes porque se, no primeiro caso, houve a escolha de um cozinheiro de mão cheia que preparou um opíparo almoço, já no segundo, no Ramal dos Mouros, o almoço foi frugal, com pouca variedade, carnes frias, enlatados de sardinha, enchidos, bifes panados, pão e muita fruta, tendo bebido água, porque vinho era impensável e a cerveja e os refrigerantes iriam ficar quentes. E o repasto no passeio dos jovens à Taipa parece situar-se num ponto intermédio com a boa comida cozinhada antes da viagem.

As exigências em termos de gastronomia dependem do nível social e aquilo que para Remígio e os amigos teria sido inaceitável é considerado para



Henrique de Senna Fernandes com os companheiros do grupo de Coloane. Coleção privada da família.

ESTUDOS DE MACAU

Leontina e os amigos como *requintadas iguarias* que são comidas com sofreguidão.

Os peixes, resultado da pesca, eram para ser comidos à noite em casa, verificando-se esta situação em todas as pescarias descritas na obra.

O nairo da discórdia é uma cena curiosa no lar de uma família singular. Referimo-nos a José Lucas Perene e a sua mulher Evandolina do Carmo que viviam na casa dos pais desta, sita na Rua do Hospital dos Gatos, a actual Rua George Chinnery.

Certo dia, contra vontade da prepotente esposa que tudo cerceava e exercia sobre o marido um controle asfixiante, José Lucas foi à pesca e *capturou um nairo enorme, de quatro cates* (258). Chegado a casa, Evandolina *nem sequer mirou o peixe e obtemperou-o histericamente com acusações insensatas, fruto do seu estado na iminência de parto* (259) e do seu feitio possessivo e dominador. José Lucas *dirigiu-se à cozinha e ordenou à criada cozinheira que lhe confeccionasse o peixe em banho-maria, ao paladar macaense* (259).

A mulher não compareceu na sala de jantar e os sogros, embora sentados à mesa, *não tocaram no nairo* (259), sendo essa atitude um sinal de não aprovação da desobediência do genro aos comandos da filha, um sublinhar da não aprovação deste casamento, considerando o genro um oportunista que se aproveitou da insensata escolha da sua mimada filha única.



Celebração do Ano Novo Chinês. Coleção privada da família.

A **pesca** em barcos alugados ou em fugazes idas à praia aparece como uma das poucas actividades lúdicas que era possível levar a cabo nessa Macau quase parada no tempo, no dealbar do séc. XX. A via fluvial era o único caminho para ver ao largo ou visitar as ilhas da Taipa, Coloane, Lapa, S. João ou outras paragens da terra China, ou mesmo visitar a colónia britânica de Hong Kong. A classe média organizava estes passeios com pompa e circunstância, enquanto os jovens de classe baixa a encaravam como uma forma de distração e de fuga da monotonia dos dias e do intenso trabalho. Um dia de pescaria só terminaria bem se, ao anoitecer, os veraneantes levassem para casa peixe fresco que assegurasse um bom jantar e aí exibissem os troféus da sua actividade lúdica, afinal também com alguma dose utilitária. Naquela altura havia a pesca de nairos e asas-amarelas (16), peixes que abundavam nas águas da foz do rio das Pérolas.

É, contudo, o encontro com a rapariguita, nessa ocasião ainda sem nome, que leva o autor a revelar que lhe mataram a fome com *pão e uma chávena de leite* (21), afirmação que nos permite concluir que, nessa época, o pão e o leite faziam parte da alimentação macaense, no entanto, também nos desperta uma interrogação, porque não parece muito verosímil que tivessem levado leite para um piquenique de homens e muito menos chávenas.



Consoada. Coleção privada da família.

Já em casa dos Policarpus, na Calçada do Tronco Velho¹⁰ (21), a rapariguita é medicada com uma *mezinha caseira* (25), pois era isso que geralmente se fazia antes de se ser visitado pelo clínico. E visto que os seus males eram também e em primeiro lugar decorrentes da extrema fome, apenas lhe deram um copo de leite, evitando que morresse à míngua, mas também não lhe enchendo o estômago em demasia, para prevenir que viesse a morrer devido à abrupta ingestão de uma quantidade de comida a que o seu estômago não estava habituado.

A habitação do escrívão era uma casa de guloseimas com *bons chocolates* (a perda de Alzira e de Marcolino, os filhos lambões e preguiçosos), *apetitosos pudins e saborosos pitéus* (30-31). E também Leontina se regala com um pacote de rebuçados recebido de Dona Crescência, sua mestra, que após uma leitura sem falhas a premiou com esse mimo, adoçando-lhe a boca e alegrando-lhe o espírito (39). Anos mais tarde, Dona Crescência levava-lhe guloseimas sempre que a visitava no Convento (65). Sabemos que estas guloseimas eram adquiridas nas lojas dos mouros,¹¹ na Rua Central (47) e a sua oferta podia significar um prémio, um acto de gratidão ou uma simples lembrança.

A relação entre a gastronomia e a posição social é visível desde o início quando afirma que os Policarpus, embora não tendo a abastança dos *mamões de Sto António*,¹² viviam confortavelmente e tinham uma *cozinha saborosa* (27), que o mesmo é dizer que na casa do escrívão se primava pela qualidade gastronómica em vez da fartura exibicionista do novo-riquismo dos abastados residentes do bairro de Santo António.

Mas em casa dos Policarpus está patente a diferenciação social pela gastronomia, sendo a comida e o local das refeições diferente para patrões e criadagem e nem uns nem outros aceitam à sua mesa a crioula-branca que comia na cozinha, sozinha numa mesa separada das criadas, colocada numa situação de isolamento porque nem pertencia a um grupo nem a outro (55).



Chai di Bonzo. Coleção privada da família.



Couve Roxa com Balichão e Choi Sam. Coleção privada da família.

Parece que o autor pretende implicar uma ligação entre a comida servida fria e as relações frias de Leontina com os residentes da casa, mesmo Floriano, que gostava dela, e o padrinho que não mostrava nenhum afecto por ela para não reventar os laços familiares com a magra esposa e a gorda filha mais velha.

As mulheres da casa, melhor D. Glafira e as suas irritantes filhas, tudo faziam por não dar descanso à pobre Leontina. *As três Policarpus exigiam muito dela. Estavam sempre a chamá-la* (44) *para trazer um copo de água, a bandeja do pequeno almoço ou do chá, e merenda da tarde* (45), o que revelava cultivar-se no interior da casa um certo padrão de vida, evidenciando ânsias de um pretensão superior estatuto social. Por outro lado, este comportamento evidencia, ao mesmo tempo, uma forma de espezinhar a indefesa crioula.

ESTUDOS DE MACAU



Casquinha. Coleção privada da família.



Capela. Coleção privada da família.



Caril de Camarão e Nabo. Coleção privada da família.

No riquexó, a caminho do Convento das Canossianas, Leontina atravessa o Bazar e fica maravilhada com o mundo novo que até então lhe tinha sido interdito, destacando a movimentada Rua da Palha *onde se atravancavam vendilhões de comidas, acepipes e fritos* (57). Com esta referência, o autor pinta-nos a imagem de uma buliçosa rua da Macau desse tempo a abarrotar de vendas ambulantes em que os transeuntes facilmente adquiriam comidas ligeiras a preços módicos.

Já no Convento, Leontina mostra ter aprendido *noções de cozinha, principalmente de doçaria por ver e acompanhar D. Gláfira* (61). Este e outros conhecimentos relativos a tarefas domésticas e a literacia, acrescidos das diferenças somáticas, acarretavam-lhe simpatias e antipatias, da parte das colegas e até das freiras monitoras como era o caso das madres Micaela e Elisa (62)

Nos passeios semanais com as madres cruzavam-se com *crianças bem alimentadas* (64), o que faz transparecer uma certa abundância que nem os anos da guerra alteraram substancialmente. De notar que o autor coloca Leontina a sair do Convento no fim da Primeira Grande Guerra (73), reportando que *os géneros não tinham sido afectados, os preços de consumo mantiveram-se mais ou menos no mesmo nível de barateza* (73), concluindo-se que em 1918 Macau vivia uma situação normal em termos de fornecimento de víveres e estabilização dos respectivos custos, o que é historicamente verídico.

É após a saída do Convento que Leontina toma contacto com a realidade de Macau e a propósito dos seus passeios com a amiga Eunice o autor fala-nos do *elegante pavilhão chinês, transformado em casa de chá*, situado no Jardim de S. Francisco (82), dos cais de pedra da Baía da Praia Grande, onde a chegada do peixe fresco e de outros víveres é, por si, um espectáculo que pode ser observado e apreciado como divertimento. As tancareiras despejavam cestas de vime cheias de pescado do dia e também frutas da época (bananas, anonas e dióspiros) em grande quantidade (83), também significando isto

que o mercado alimentar estava razoavelmente fornecido e os preços eram tão acessíveis que as costureirinhas só não se deliciaram a comer fruta porque tiveram receio de sujar os seus vestidos.

Na Macau das primeiras décadas do século passado toda a água que aí se bebia ou servia para usos domésticos era extraída de poços privados existentes nos quintais, por vezes anexos às próprias casas, nos jardins dos conventos, como no das Canossianas, mas por vezes eram poços públicos nos pátios, jardins, largos e ruas, como era aquele, *perto da escadaria para a igreja, donde se tirava uma água cristalina* (40) e que Leontina espreitou quando, pela primeira vez, foi à missa a São Lourenço, na companhia de D. Crescência.

A casa de José Lucas Perene, em que Leontina Dorés se aboletou, também tinha no tardo *um poço de água muito limpa* (205) que para ela era a melhor parte da casa.

Fan-tim, comidas de rua e almoços no local de trabalho servem ao autor para falar dos que viviam com dificuldades e que com fitas, *vantan* e outros manjares, no trabalho e na rua, energizavam o corpo e enganavam os cansaços, tudo para responder às necessidades de cada um na sua luta de cada dia por um dia de amanhã melhor ou, pelo menos, que não fosse pior que o de hoje. Parecia ser isso que, pelo menos semanalmente, a larga maioria dos cristãos de Macau iam implorar aos templos, rezando *Dai-nos Senhor o pão nosso de cada dia*. E mesmo enclausurada em casa, sem precisar de sair à rua, Leontina *ouvia os* habituais pregões matinais e nocturnos dos vendilhões ambulantes de canja e sopa de fitas, do padeiro de pão quente, pregões, audíveis em quaisquer pontos do burgo, com a sua especial e característica sonoridade, que serviam de despertador¹³ se matinais, ou de entrada no período de descanso, se vespertinos. Eram também *pregões de vendilhões de comida* (205) que ouvia, na pacata rua onde ficava a casa de Lucas Perene, quando acorda na primeira noite que ali dormiu, nomeadamente, *o vendilhão do pão* (205) a quem *comprou pão doce e salgado para uma refeição* (206) que fez acompanhar de chá.

Todos esses acepipes e outros petiscos, uns fritos e outros cozidos ao vapor, com o seu aspecto e cheiros característicos, eram acarretados por vendilhões, sendo transaccionados e comidos em plena rua e por vezes levados para casa, para o trabalho ou para o passeio.

Destaca-se o pato assado, uma especialidade da comida chinesa, referindo que Leontina, na Rua dos Mercadores, parou diante da loja do vendedor de pato assado, na altura em que ele cortava a ave, já de pele tostada, em pedaços firmes e suculentos e apeteceu-lhe comprar pernas de ave para partilhar com Júlia ao jantar (119).

Comer gelados na rua, principalmente na concorrida Avenida de Almeida Ribeiro,¹⁴ de forma despreocupada (80) conduz a más interpretações por observadores pouco inocentes. Inocentes eram elas, as costureirinhas, que experimentavam guloseimas que antes lhes estavam vedadas e agora, de forma despreocupada, *lambem gelados em cone* (80) ao mesmo tempo que passeiam e se recreiam com uma vida que antes não podiam almejar, quando ainda se encontravam internadas no Convento das Canossianas.

A Macau daquele tempo ainda mantinha a separação entre a cidade cristã e a cidade chinesa, sendo esta conhecida por Bazar. Este servia de esconderijo ou isolamento aos macaenses que ali podiam acoitar-se e fazer o que não podia ser feito na cidade cristã sem suscitar murmúrios críticos ou comentários muitas vezes indevidos. Foi o caso da festa de aniversário de Cremilda, que habitualmente não era celebrado, por cair na Quaresma, um tempo de penitência e oração para os católicos, que consideravam ser ocasião para tristeza e ausência de festas e de outras manifestações de alegria e regozijo. Por isso a roda de amigos de Cremilda adoptou a sugestão de fazerem o jantar de aniversário num *fan-tim*¹⁵ *da Rua das Estalagens, onde se comia muito bem e por um preço muito acessível* (144). Assim, no Sábado de Ramos, cerca das seis e meia da tarde, lá se encontraram a aniversariante e os seus amigos. Após acertada a ementa, os festivaleiros começaram a bebericar: cerveja para os rapazes e limonada para as

ESTUDOS DE MACAU

raparigas. Desafiando os considerados bons costumes macaenses, *Leontina pediu cerveja que misturou com limonada, o que levou a um alçar de sobrancelhas das companheiras* (144), significando isto um sinal claro de reprovação, pois *uma rapariga solteira não bebia cerveja em público, podia quando muito provar* (144).

Fartos dos muitos jejuns daqueles tempos quaresmais, aproveitaram os bons pitéus e comeram vorazmente, bebendo em conformidade. E conversaram sobre tudo o que lhes aprouve, vindo à baila o assunto então mais badalado em Macau: o próximo enlace matrimonial de Elfrida Madruga com Floriano Policarpo, tema que, naturalmente e por razões diferentes, afrontou Leontina e irritou Nicolau, namorado de Eunice. Porém, para afastar dissensões numa reunião festiva, os comentários ao casório cessaram subitamente, acabando por marcar renovado encontro num passeio com pescaria e piquenique, cuja realização se acordou para a véspera do Domingo de Páscoa, então conhecido como Sábado de Aleluia, com a Quaresma já finda.

As lojas de canja, típicas da cidade chinesa, são também frequentadas pelos jovens macaenses, principalmente em ocasiões em que não querem ser notados pela cidade cristã, mostrando que o local escolhido para uma refeição, ainda que breve e simples, não é indiferente aos propósitos das personagens intervenientes.

No caso de Floriano, este não querendo ser visto com Leontina, convida-a para ir a uma afamada e recôndita loja comer canja doce. Mas Leontina, embora *vestida de chita* e apesar do enorme desejo de estar com ele, considera que a famosa loja é *uma espelunca* e apenas se quer mostrar com o seu príncipe encantado num café da Almeida Ribeiro, a via chique daqueles tempos, onde o seu encontro poderia ser socialmente registado e, nesse caso, a notícia logo ecoaria e talvez fosse o fim de um namoro e o reatar das suas esperanças (86).

Na noite de Carnaval, quando se dá o encontro decisivo no desenrolar do romance entre Floriano e Leontina, este convida-a para ir a uma loja de canja,

situada na Rua do Campo, onde poderiam comer uma canja de peixe quentinha (133) e é, também, com uma canja de peixe que Leontina espera Floriano numa noite interminável em que ele não aparece.

No primeiro dia em casa de Perene, depois de uma árdua e intensa labuta e de se ter alimentado apenas a pão, Leontina dirige-se a um *pequeno estabelecimento de comidas chinesas*, situado na Calçada das Virtudes, onde o *cheiro apetitoso das carnes assadas* lhe *sacolejou* o estômago. Aí, onde uma *kuai-mui*,¹⁶ de cabelos alourados, a falar cantonense e sozinha, era uma *cliente inédita*, sem se importar com a falta de higiene, pediu *arroz, pato assado e um prato de hortaliça e uma sopa de van tan* (207).

Há também referências às lojas de cerveja e é num destes estabelecimentos de comidas e bebidas, localizado em frente ao atelier de Júlia, que Perene costuma espiar Leontina e onde esta o vai procurar para lhe comunicar que está grávida.

Estas pequenas lojas de comida surgem em várias partes da narrativa sempre como lugares onde se vai para matar a fome quando os recursos são escassos ou quando se quer fugir dos olhares da



Chow-Chau Lacassá. Coleção privada da família.

MACAO STUDIES

cidade cristã. É a uma destas lojas que Angelica leva o irmão, Lucas Perene, quando o encontra sujo e maltratado, e *diante de uma tigela de sopa de fitas* (270) o convence a contar-lhe a sua vida, desde o momento em que ela fugiu de casa para se juntar com um vizinho chinês, sujeitando-se às críticas das suas comunidades que não aceitavam os casamentos de portugueses com chineses.

No local de trabalho observamos Leontina a comer por conta das patroas: em casa de Júlia Matoso, a primeira patroa, os almoços são no atelier, na companhia da patroa e das outras empregadas, comendo comida portuguesa e, porventura, da culinária macaense feita pela criada A-Kam. E, já em casa de Júlia, situada por cima do atelier, o jantar era habitualmente às sete e meia e a patroa partilhava esta refeição com Leontina, que, na altura, também aí dormia, sendo esses momentos propícios a confidências e geradores de confiança entre patroa e empregada.

Em casa de *Missy* e da irmã desta, as irmãs Pak, a comida do almoço na oficina era sempre igual e monótona (285), as refeições eram à base da comida chinesa e todos comiam *com pauzinhos*, para não marcar diferenças (214), sendo estas refeições uma forma de se alimentar sem depender de Lucas Perene e uma manifestação de independência e autoridade perante o homem de quem dependia mas que não amava. Significa isto que não só o tipo de comida como também o modo de comer, com talheres ou com pauzinhos, tinha conotações sociais e culturais que é importante assinalar e marcava cada uma das diferentes comunidades de Macau, umas com mais marcas ocidentais e outras com marcas orientais, mas todas convivendo pacificamente e com alguns sinais servindo de denominadores comuns.

O jantar de Páscoa em casa de Júlia Matoso (162) foi ocasião para se reunirem as quatro trabalhadoras do atelier de costura e a patroa anfitriã num franco e alegre convívio. Não nos é informada a ementa, mas certamente seria constituída pelos pratos costumeiros nessa época festiva, com boa comida macaense, chocolates, bolos e amêndoas.



Porco Balichão Tamarindo. Coleção privada da família.



Tacho. Coleção privada da família.

A intenção de Júlia era dar às empregadas, cinco antigas *bambinas*, o *vislumbre de uma festa de família* (162), sendo, ainda, um reconhecimento pela colaboração prestada e, simultaneamente, um investimento no futuro ambiente de trabalho, reforçando laços e congregando boas vontades com recurso a memórias de um passado com traços comuns.

Quando Júlia Matoso descobre que Leontina está grávida sente-se profundamente magoada e não a chama para almoçar com ela, como habitualmente acontecia. Leontina permanece isolada no quarto de dormir e a criada leva-lhe aí uma canja e uma mezinha (198).

Mais tarde, quando Leontina vive em casa de José Lucas Perene, as irmãs Pak cozinham-lhe

ESTUDOS DE MACAU

caldos adequados e obrigavam-na a ingerir mezinhas e fortificantes da farmacopeia chinesa (215) e, depois do parto, são os alimentos e os fortificantes dados pelas irmãs Pak que a ajudam a recuperar (221).

Fat Siu Lau,¹⁷ um dos restaurantes mais simbólicos desse tempo de Macau, é o local eleito por José Lucas Perene para seduzir Leontina e, por isso, convence-a a ir lá jantar com ele. Um sítio onde se comia bem, mas não era um lugar barato, não se discernindo por isso mesmo que um *sem-vintém* como Perene ande por aqueles lugares, a não ser que se considere que esse era o preço a pagar para os seus recônditos objectivos ou, noutras ocasiões, um chamamento telúrico pela presença de gostos e sabores dos seus ancestrais de Portugal, ou até um acto imponderado de desgoverno.

Caminharam então rumo ao Fat Siu Lao, e ao chegarem afirma-lhe: *Aqui comem-se suculentos pombos assados. Uma especialidade* (174).

O autor, reportando-se a Leontina, anota que *o apetite crescia nela, com o estômago vazio, só comera um pão pela manhã, acutilou-a, crescendo-lhe água na boca* (174). Entraram pela porta lateral, subiram ao primeiro andar e *abancaram numa mesa junto à janela aberta* (174). Mais adiante, o autor fala em varanda, o que não é bem a mesma coisa. De qualquer modo era uma abertura por onde escoavam os ruídos do exterior e das vizinhanças, resultado dos acordes musicais e das canções que enchiam a Rua da Felicidade, mas que não conseguiam invadir Leontina, amargurada com o que lhe estava acontecendo com o único homem que verdadeiramente tinha amado e que em breve iria casar-se com outra. Perene está ao ataque. Procura conquistar a confiança de Leontina com palavras adequadas ao momento. A sua experiência vai ser posta à prova e facilmente frutifica. Mas é acompanhada de umas boas entradas de bolinhos de bacalhau e tostas de camarão, saborosos e envolvidos em paleio encomiástico. Para beberem encomenda vinho e chá vermelho. E com o propósito de começar a aconchegar o estômago comeram um caldo verde, que Leontina comparou com aquele que comia em casa de Júlia, e este ainda era melhor, porque bem ao jeito

português lhe punham umas rodelas de chouriça que melhoravam o paladar.

E depois veio o prato principal, os apetitosos pombos assados no forno, bem crestadinhos e bem temperados. *Um sabor divinal* (175). Uma ementa bem portuguesa, que também seria bem regada, porque Leontina não resistiu a provar, pela vez primeira, o tinto que já tinha degustado. Ela ruborizou de forma que se elevou a sua disposição e os seus olhos brilhavam. E *com palavras meladas de doçura, pombos, vinho e brandy* (203), de enleio em enleio, entram em ambiente de intimidade na conversa e em primeiras carícias.

De facto o vinho e o ambiente quente e dolente aproximaram os dois convivas. O vivaço e experiente Perene faz-lhe mimos e faz crescer confiança e intimidade. Depois de uma sobremesa de pudim de ovos e de um bom café, o repasto terminado e paga a conta, Perene aproveita logo a saída e ainda nas escadas, aí vão os dois de mão dada a passear pela noite de Macau, depois de ela ter sonhado com voos mais altos nessa sociedade macaense.

É também no Fat Siu Lao que, mais tarde, Perene partilha, com os seus *amigos da boémia*, uma *almoçarada de bacalhau regado de vinho tinto*, porque não resistiu ao convite para um *opíparo ágape*, apesar deste ser um *rombo importante* e um desbaratar do *dinheiro que cravara à irmã* (201).

Serões e reuniões sociais servem de mote para nos embrenharmos nas famílias macaenses. Em casa de Remígio, que *tinha uma roda de amigos*, recebia-se *aos serões* e as conversas eram acompanhadas de *risos regalados de vinho e de bons petiscos* (28). Segundo testemunhos ainda vivos, o costume da terra é esses serões ocorrerem, normalmente em véspera de dias de descanso, domingos, dias santos ou feriados e mais excepcionalmente ao acaso de uma celebração em data especial, como um aniversário, um visitante ilustre ou amigo, ou outra razão considerada importante. Mas um bom serão não podia dispensar música, bom vinho e bons petiscos. A conversa tinha de ter um fundo

musical e ser bem alimentada. Os anfitriões faziam jorrar do violino e do piano as notas que embeveciam os amigos à roda da mesa que, só por si, alegrava os olhos. Olhos que também comiam! O fluir dos bons ditos, o contar de segredos, o criticar francamente, o contar de aventuras e dissabores só acontecia depois de emborcado o néctar dos deuses, que libertava os espíritos, clarificava as mentes, estremecia as amizades e criava um ambiente de céu na terra. A nossa obra literária não nos esclarece sobre a ementa, mas certamente não faltarão pratos tipicamente macaenses, como lacassá, porco-balichão-tamarindo, chilibotes e outras iguarias que o pessoal da casa cuidadosamente preparava para gáudio dos convivas e afirmação social da família Policarpo, que como todas as famílias em ânsia de ascensão social faziam para mostrar que não ficavam atrás daqueles que se consideravam nos pináculos da sociedade macaense da altura. Competitividade com outras famílias e busca de promoção social, e também procura de temas coscuvilheiros para alimentar outros serões ou mesmo a má língua que se promovia nos empregos ou nas reuniões pós-laborais que em terras pequenas são constantes e engordam os quotidianos normais.

Os chás em casa de D. Glafira têm início quando uma reunião de senhoras da igreja, promovida pela *aristocrata* D. Emília Madruga, não pôde realizar-se nos salões paroquiais e nessas circunstâncias acaba por ter de se efetivar em casa de D. Glafira, a esposa do escrivão Remígio Policarpo. Logo se sentiu afortunada por poder ser anfitriã de senhoras de classe social superior a que ela aspirava aceder. A ocasião deveria ser bem aproveitada, e por isso D. Glafira de imediato sonhou com um chá riquíssimo, completamente desproporcionado para aquele tipo de reunião, certamente um estilo de chá gordo de caridade, com os pobres na boca e as guloseimas no estômago. Pensava ela, mulher desmiolada, que quanto mais a sua mesa ostentasse fartura e riqueza, melhor se insinuaria e assim poderia conquistar um lugar ao sol na fina nata

da sociedade local. Mas o marido chamou-a a tempo à razão, convencendo-a a ser mais moderada, porque o novo-riquismo, ao invés do pretendido, poderia ser, e era certamente, contraproducente. É assim que apresenta uma ementa *mais sóbria, menos dispendiosa, mas saborosa*, porque *pelo estômago também se conquistam as almas* (94). À hora do chá a mesa estava *vergada de pratos de salgados e doces, do mais tradicional do chá macaense, sobre uma toalha bordada, de brancura imaculada, saída do baú de estimação, atraiu a lambarice das presentes num rumor açodado* (95). Dos salgados faziam parte os croquetes, bolinhos de bacalhau, pãezinhos recheados, chilibotes, *cheese-toast*, sandes de galinha e fiambre, destapadas de folhas de alface, chau-chau e lacassá, e na doçaria havia *mamas de freiras*, cabelos-de-noiva, rebuçados de ovos, gelatina de frutas, bolo de mármore, bolo de ananás, pão-de-ló, fatias de pão-de-casa, bebinca de leite e *surang-surave*, que D. Emília qualificou de divinal e valorizou afirmando que em sua casa *nunca se fez coisa igual* (95).

De destacar a referência de D. Glafira se ter desculpado por não apresentar bebinca de rábano, o que se deveu a não ter encontrado nabo a preceito, relevando este facto por se tratar de um prato típico e muito apreciado nas mesas macaenses.

O investimento na preparação do chá surtiu plenamente os objectivos da anfitriã que recebeu os encómios da D. Emília, cujo elogio era lei, começando a ser aceite no círculo da elite de senhoras da mais elevada camada social. A partir daí, D. Glafira tornou-se mais selectiva nas suas amizades e mais empertigada na sua postura, com o pescoço mais esticado. Consequentemente, a família de Remígio Policarpo passou a ser convidada para festas de aniversário, baptismo, comunhão e casamento da alta sociedade. O seu sucesso é tal que D. Emília deu imediato início à estratégia para delinear o casamento da filha, Elfrida Madruga, com Floriano Policarpo.

D. Glafira continuou a organizar chás em sua casa, mais simples, mas muito apreciados pelas senhoras, tendo sempre à sua espera surpresas

ESTUDOS DE MACAU

culinárias: canja de mungo, *cha-cha*, casca de toranja em açúcar cristalizado, inhame cozido acompanhado com côco ralado e açúcar, ovos-com-jagra ou bebinca de rábano (96).

Lauto jantar na mansão dos Madrugas, um jantar estereotipado ao estilo da burguesia, com requinte e muito gosto. Gosto arquetipado para a mais elevada burguesia das mais modernas cidades e que a de Macau mimeteava como melhor podia. Tinha cerimonial. Tudo devia decorrer segundo um rito pré-estabelecido. Nada era deixado ao acaso. Todos os imprevistos eram bem preparados: isso dava garantia que os propósitos seriam alcançados. Com cenário e exibicionismo tresandando a grandeza, registando-se a futilidade das conversas, a ostentação de grandezas falsas e verdadeiras, a falsa modéstia de aparentar o que se não é mas se aspira a ser, numa volúpia de vaidades, desejos de reconhecimento ou de subida na escala social e esconder de frustrações mal digeridas.

São os de cima que têm a batuta. Marcam o ritmo. Os Madrugas decidem quando se vai a jogo e como se joga. A finalidade última dessa pantagruélica reunião social à volta de uma boa mesa é uma decisão majestática dos Madrugas a que que os outros eventuais convivas vão aderir, sem mas nem porquês, porque isso os honra e nobilita e até tomaram que fosse mais cedo.

Decidido o jantar, a data, o palco de cena, porventura a ementa e os convivas, de acordo com as circunstâncias do significativo momento e atendendo também, certamente, ao número de cadeiras da sala com pretensões a salão, Dona Emília, a matriarca dos Madrugas, endereça o convite em forma de bilhete que o seu *sai-kó*¹⁸ vai entregar e que qual talismã cura a enxaqueca da destinatária, D. Glafira (106).

No jantar foram primeiro servidos pratinhos de aperitivos e bebidas na sala de estar e, de seguida, passaram para a sala de jantar onde os aguardava uma mesa preparada para 12 pessoas, coberta com uma toalha rendilhada de brancura imaculada e toda a louça

e cristais tinham incrustado a letra M (Madruga), e também nos guardanapos se exibia o M bordado. Todo esse aparato os fez confirmar estarem numa casa rica e requintada. O mordomo e as duas criadas, todos vestidos a preceito, davam um ar de solenidade e de cerimónia que deixaram D. Glafira embasbacada e Floriano pouco à vontade. A cozinha dos Madrugos era saborosa e de justa fama, e foram servidas várias iguarias: peixe assado, empadão de massa estaladiça com recheio de galinha, lombo de porco e cogumelos, caranguejo-bispo, vaca-embrulhada, porco-balichão-tamarinho, *minchi*,¹⁹ arroz branco e caldo de raiz de lótus e de lulas secas.

De destacar o *minchi* sobre o qual é referido ser um *imprescindível prato macaense e uma especialidade* de que Sebastião Madruga não prescindia nas refeições em sua casa, desde menino e moço. O *minchi* significava que ele *considerava o convidado no círculo íntimo dos seus amigos* (110). Depois da *comida farta* foram servidos os doces e os pudins: arroz-doce, pudim de ameixas e frutas da estação (111).

Foi servido vinho tinto e branco, *vinho português do fino, encomendado directamente de Portugal*. No final, brindaram com vinho do Porto (111). O vinho do Porto não poderia faltar, porque a sua prestigiosa presença acarretava muitas valências significantes, tais como amor pátrio, requinte social e muito bom gosto.

Seguiu-se um *intervalo sacramental* (111) em que os homens fumaram charutos e cigarros e as senhoras fizeram uma visita às instalações da mansão dos Madrugos.

Seguiu-se o café, o excelente café de Timor, com homens e mulheres juntos de novo em informal convívio, como acontecia em todos os grandes jantares: era o tempo de socializar de forma franca e descontraída.

Concluindo, após os incursos em *Os Dóres*, uma obra artística construída e ficcionada por Henrique de Senna Fernandes, a partir da realidade social de um local concreto num tempo real, podemos de forma muito breve

e esquemática sublinhar os seguintes traços: (a) A comida alimenta, em simultâneo, o corpo e o desenvolvimento dos processos sociais, por acarretar momentos de interacção, permuta e avaliação recíproca de quantos convivem e partilham tal evento; (b) A Macau do primeiro lustro do século XX estava seccionada em duas sociedades distintas, a cidade cristã, de matriz ocidental, e a cidade chinesa, de matriz confuciana; (c) As ementas usadas dependiam dos produtos locais, estando sujeitas à sazonalidade, e às tradições e influências gastronómicas das pessoas, seja tradição indiana, malaia, chinesa ou portuguesa; (d) A cidade cristã vivia e comia entre o saudosismo das ementas portuguesas, como o caldo verde e o bacalhau, e as inovações resultantes da fusão de gostos e sabores que originaram uma criativa culinária macaense, recheada de pratos muito saborosos, como *minchi*, lacassá ou bebinca de nabo; (e) Todas as refeições têm uma ou várias funções sociais: comemoram, anunciam, promovem contactos, fortalecem ou esbatem amizades, abrem portas à circulação entre as várias camadas sociais de uma sociedade caracterizada por uma relativa estratificação social; (f) Rua, local de trabalho, casa humilde ou aristocrática, pastelaria

fina ou loja de canjas ou de sopas de fitas, tudo isto são locais em que decorrem as refeições de grupos, que até podem acontecer ao ar livre por ocasião de passeios ou pescarias; g) Cada prato, para além do seu valor culinário, pode ter um significado social, seja de importância, seja de amizade ou de inclusão num grupo social. E o mesmo se passa com as bebidas, particularmente nos brindes.

Em síntese, o conteúdo desta obra permite-nos, ainda, dizer que, nesses tempos, a comida servia para as famílias macaenses se afirmarem através da boa mesa, era então um meio de convívio, um processo de enviar mensagens sociais, a revelação de um certo estatuto social ou meio gerador de ambiente para certas conversas que de outra forma não existiriam ou teriam produzido resultados diferentes.

Amores e desamores, realidade e sonho, o individual e o social, uma cidade de riqueza e abundância e, paredes meias, também de miséria e fome, ascensão e decadência social, um crescendo de contrastes que nos mostram uma cidade em ebulição que alberga diferentes vidas e diversas formas de pensar e de viver. Cidade de fortes contrastes, com várias comunidades, coexistindo em harmonia social. **RC**



ESTUDOS DE MACAU

NOTAS

- 1 De notar que este autor, de forma mais ou menos detalhada, em todas as suas obras faz referências aos vários registos gastronómicos de Macau, com especial destaque para a gastronomia macaense. Estas descrições vão muito para além dos hábitos sociais visto que o autor descreve magistralmente, como na obra *A Noite Desceu em Dezembro*, as agruras da guerra recorrendo à descrição das restrições alimentares e dos hábitos gastronómicos.
- 2 Vide inter alia: Rodrigues, 2018: 35.
- 3 É disto exemplo a família Belmares (*A Noite desceu em Dezembro*) que na ceia de Natal não dispensava na sua mesa algumas iguarias adquiridas em Hong Kong.
- 4 Por comunidade macaense entende-se, neste momento, o conjunto de pessoas naturais de Macau com ascendência mista de português e oriental (por exemplo chinês, malaio ou indiano), participantes da cultura portuguesa e reconhecidos pela comunidade macaense como um dos seus membros.
- 5 Sobre este assunto consulte-se Ferreira, Maria João Salvador dos Santos, (2019), Lisboa, *Macau turismo e identidade*, MGI (Portugal), Lda.
- 6 É ainda autor de *Cinema Em Macau Desde O Início Do Século XX Até à Década De 30*, publicado pelo Instituto Internacional de Macau, em 2010.
- 7 Talvez este Maxi-miliano até esteja a mais, na medida em que no capítulo I, quarto parágrafo, o autor refere que a embarcação levava apenas cinco passageiros e logo a seguir individualiza seis.
- 8 Ao longo do artigo fazemos várias citações de *Os Dores* colocando apenas o número da página entre parêntesis.
- 9 Pese embora o facto de os editores desta obra terem afirmado tratar-se de uma obra inacabada e de não conseguirmos saber se Leontina consegue realizar os seus sonhos e qual o destino dos diferentes personagens, em nosso entender, não nos parece existir necessidade de prolongar o relato visto que deixa em aberto vários finais e deixa liberdade ao leitor de indagar e descobrir, perante o desenrolar da história de Macau, o final mais provável e verosímil.
- 10 Registe-se que no resto do romance o autor, sem avisar da mudança, coloca a casa dos Policarpus na Calçada de Santo Agostinho (36).
- 11 Mouros eram os comerciantes que, sendo muçulmanos há muito radicados em Macau, tinham lojas de fanceria, brinquedos, vestuário e doçarias e onde se vendiam os melhores tecidos e o vestuário mais em voga nas grandes cidades mundiais, como Londres e Paris.. Esses comerciantes constituíam uma pequena comunidade, havendo vários já, então, naturais de Macau.
- 12 Mamão – *todo o filho do bairro de Santo António. (...) a veracidade (“mamar”) de alguns dos seus rapazes, teria levado a que todo o mundo nascido do bairro fosse assim apelidado* (296)
- 13 As pessoas que há 30 anos viveram em Macau, como é o caso dos autores, com facilidade se lembram ainda dos pregões que ecoavam ao final da noite e de madrugada.
- 14 No pós-guerra a Avenida Almeida Ribeiro assume um ritmo explosivo com imensas lojas e casas de chá (76).
- 15 Estabelecimento de comida.
- 16 Jovem estrangeira.
- 17 Este restaurante ainda hoje tem as portas abertas no mesmo local e, também noutros pontos do território, no entanto sem a fama de que gozava na época descrita na obra em análise.
- 18 *sai-kó* significa moço de recados.
- 19 *Minchi* é o prato emblemático da gastronomia macaense, preparado à base de carne picada de porco e de vaca e, habitualmente, acompanhado de batata frita, cortada em cubos pequenos, e ovo estrelado.

BIBLIOGRAFIA

- Escaleira, M. de Lurdes N. e João, Fernando (2016). *Macau em Os Dores, de Henrique de Senna Fernandes*. Revista de Cultura, Edição Internacional no. 53. Macau: Instituto Cultural do Governo da RAE de Macau pp.101-123.
- Ferreira, Maria João Salvador dos Santos, (2019), Lisboa, *Macau turismo e identidade*, MGI (Portugal), Lda.
- Lamas, João A. F. (1995). *A Culinária dos Macaenses*. Porto: Lello & Irmão Editores.
- Rodrigues, Manuel F. (2018). *História da Gastronomia Macaense: contributo para o reforço de uma identidade singular*. Lisboa: Edições MGI.
- Senna Fernandes, Henrique de (2012). *Os Dores*. Macau: Instituto Cultural do Governo da RAE de Macau.

Agradecimento: A Marina de Senna Fernandes e família pela cedência das fotografias que ilustram este artigo.

Os Dores



澳門特別行政區政府文化局

INSTITUTO CULTURAL do Governo da R.A.E. de Macau

Subsídios para a História dos Portos de Mar de Macau: Séculos XIX e XX — Dos anos 80 aos anos 20

FERNANDO MENDONÇA FAVA*

RESUMO: O Porto Interior de Macau, situado no estuário do Rio das Pérolas, a jusante dos seus muitos afluentes, de outras linhas de água, de campos de orizicultura e de dejectos de aglomerados humanos, foi sentindo, ao longo do período da presença portuguesa, um persistente assoreamento que ameaçava transformar as suas águas num banco de areia e lodo. Durante grande parte desse tempo, as autoridades com domínio sobre o assunto assistiram, impassíveis, à decorrência do fenómeno, tomando, por vezes, apenas tíbias medidas para o remediar, as quais, de todo, resultavam vãs face à verdadeira dimensão do referido fenómeno.

Enquanto isso, Macau assistia à degradação contínua das condições de acesso e de utilização do seu porto de mar, não sem que o governo da metrópole fosse de tal avisado. Por fim, o dramatismo da situação obrigou a que as instâncias do poder se consciencializassem de que algo tinha mesmo que ser feito no sentido de travar os efeitos tremendamente nefastos do assoreamento. Confrontadas com propostas várias de resolução do problema, as governações, encurraladas entre os custos das mesmas e os recursos de que dispunham, iam protelando, como sempre o haviam feito, decisões de fundo, limitando-se à aplicação de pequenas e avulsas soluções.

O início da segunda década do século XX trouxe, todavia, algumas mudanças e novas realidades. Novas realidades que correram o risco de inutilidade, mas que Macau soube inteligentemente aproveitar e dar-lhes um destino digno, proveitoso e civilizacional.

PALAVRAS-CHAVE: Macau; Portos; Navegação; Opulência; Decadência; Assoreamento; Obras; Aterros; Política.

Introdução

Falar dos portos de mar de Macau é falar de uma das mais importantes e complexas facetas da sua história, desde logo porque foi a posse e utilização do

primeiro porto natural o móbil maior para a fixação de gentes portuguesas no sul da China. Mas igualmente pelas estreitas conexões do tema com outros aspectos da vida da colónia, designadamente comércio, forças militares, guerra, política, diplomacia, economia, urbanismo..., bem assim como pelo papel desempenhado por individualidades ou grupos em todos esses contextos.

Fazer uma história integral dos portos de mar da Cidade do Santo Nome de Deus ou algo que de tal se aproximasse seria tarefa hercúlea que de nenhum modo teria cabimento nas pretensões de um simples artigo de

*Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Mestre em História Contemporânea de Portugal pela mesma Faculdade. É Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS-20) da Universidade de Coimbra, tendo como área preferencial de investigação a *Primeira República Portuguesa*. Tem, neste campo, diversas publicações – livros e artigos. É autor da *Imprensa da Universidade de Coimbra*.

Graduated in History at the Faculty of Letters of the University of Coimbra, from where he also holds a Masters degree in Contemporary Portuguese History. He is a researcher at CEIS-20 (Centre for Interdisciplinary Study of the 20th century) at the University of Coimbra. His area of expertise is the First Portuguese Republic. He has published a number of books and articles on that subject, and is an author in the Coimbra University Press.

revista, como é o caso presente. Consequentemente, a intenção colocada nas linhas que se seguem é a de fazer uma sùmula de alguns sucessos e insucessos ligados ao Porto de Macau durante o período de tempo indicado. A ênfase é dada sobretudo a aspectos como a sua localização; o seu crescimento; a sua opulência e a sua decadência; os efeitos de um contínuo e crescente assoreamento e o esforço para o travar; as obras de reabilitação e beneficiação; a construção de um novo porto; as discussões e controvérsias; as personalidades mais directamente envolvidas; as inércias dos centros de decisão; a contenda política e, enfim, os resultados de toda essa trama. Para tanto, privilegiou-se a consulta de fontes primárias, sem com isso descuidar o concurso de estudos e artigos de natureza científica e outros de reputada credibilidade e qualidade.

O Porto Interior

Quando em 1557 os portugueses se instalaram em Macau, o ancoradouro ali existente - porto de *A-Ma* ou da deusa *A-Ma* - achava-se junto a uma pequena nesga de terra parcamente habitada por populações de pescadores. Era, em todo o caso, um local já bem conhecido dos comerciantes e navegantes lusos, dado que, “já por volta de 1555 era regularmente demandado pelos navios portugueses que se dirigiam a Cantão.”¹

Situado no estuário do Rio das Pérolas, perto daquela grande urbe e dentro da rota de comércio que ia de Malaca até ao Japão, o pequeno porto natural não detivera até então, apesar da sua estratégica localização, expressivo movimento comercial. Porém, com o decorrer do tempo e sobretudo por impulso do extraordinário desenvolvimento da actividade mercantil lusa na zona, Macau viria a registar grande movimentação portuária, transformando-se num importante entreposto comercial e lugar de encontro entre culturas orientais e ocidentais.²

Foi a chamada “idade de ouro”, em que, funcionando como única via de comércio com o

hinterland do sul da China, Macau usufruiu de uma rara posição de privilégio, a qual terá atingido o seu apogeu entre os anos noventa do século XVI e a primeira década do século XVII. Depois, no final da década de 30 e inícios da década de 40 deste século, começou a sobrevir algum declínio, cujas principais causas terão radicado na conjugação de efeitos de alguns acontecimentos por esse tempo decorridos, designadamente a proibição, em 1639, por parte de Filipe IV de Espanha (III de Portugal) do comércio entre Macau e as Filipinas (Galeão de Manila); a interrupção do comércio com o Japão (Barco Negro), igualmente em 1639; e a queda de Malaca em mãos holandesas, em 1641.

Não obstante, até aos anos 40 do século XIX, o Porto de Macau, para além de cumprir a sua função primordial de abrigo e apoio logístico de navios portugueses, foi tirando proveito dos impostos, taxas e direitos alfandegários devidos por embarcações inglesas, holandesas e outras que, navegando por aquelas paragens, tinham de recorrer à locação e serviços do estabelecimento portuário português de Macau. E assim foi enquanto manteve, no sul da China, a sua prerrogativa de única estrutura portuária aberta ao comércio exterior, conjuntamente com a sua posição ímpar de entreposto comercial no oriente, isso “à custa de outros portos que se caíram em desuso”.³

Os anos de 1841/1842 (fim da primeira guerra do ópio) marcaram, porém, toda a diferença: foi o tempo da Inglaterra se assenhorear de Hong Kong, construindo aí um porto de mar de águas profundas; e foi, também, o tempo em que a China abriu os seus principais portos ao comércio internacional. Os dois acontecimentos, se não constituíram um “dobro a finados” para o porto de que falamos, sinalizaram, todavia, o seu definhamento. Desde então a Cidade do Santo Nome de Deus perdeu, definitivamente, o seu destacado lugar de primeiro intermediário comercial entre a China e o resto do mundo, vendo as suas mais importantes casas de comércio deslocarem-se para os novos empórios de Xangai e de Hong Kong, zonas então em grande ascensão comercial e económica.

HISTORIOGRAFIA



Porto Interior em 1900. In Boletim Oficial de Macau. MO/AH/ICON/MTL/MO/004.

A estas causas de decadência da colônia portuguesa e do seu porto juntava-se ainda uma outra, a qual era a circunstância de os seus cais de acostagem e respectivas rotas de acesso se encontrarem, já então, numa situação de crescente assoreamento, sendo este um factor que impedia ou dificultava a navegação e atracagem de navios de maior calado, obrigando, bastas vezes, a esperas, mais ou menos longas, por marés favoráveis. O documento mais antigo que se conhece, acerca destas limitações de navegação no Porto de Macau e de uma sequente necessidade de dragagens e obras, data de 1813 e é mencionado no chamado *Relatório Castel-Branco* de 1913, volvidos, pois, 100 anos.⁴

O assoreamento do porto e dos seus canais de acesso era, comprovada e sentidamente, um problema espinhoso. Colocados perante o mesmo, os poderes instituídos na colônia e na metrópole sujeitavam o assunto a estudos e avaliações, mas as dúvidas e divergências que daí advinham, quer quanto às soluções apresentadas, quer quanto ao custo das mesmas, iam provocando, continuamente, o adiamento das necessárias intervenções.

Neste mar de incertezas, a única providência tomada para contrariar um maior esvaziamento da actividade portuária em Macau foi declarar oficialmente a cidade de Macau como porto franco, por decreto do Governo da Rainha D. Maria II, de 20 de Novembro de 1845. Todavia, a consequência maior desta decisão foi a inevitabilidade de instituição de novos impostos para compensar a falta dos proveitos alfandegários, situação que não deixou de causar celeuma junto das populações e consequentes embaraços à governação.

E o tempo foi correndo, sem que, quanto ao assunto houvesse quaisquer tomadas de resolução. Até que, em 1881, o Capitão do Porto de Macau, Demétrio Cinatti,⁵ elaborou uma exposição,⁶ com base em amplos estudos por si feitos,⁷ dando conta do estado calamitoso a que se havia chegado e advertindo de que, se nada fosse feito, o ancoradouro corria o grave risco de se transformar, progressivamente, num banco de areia. No parecer por si emitido adiantava que tal transformação perfar-se-ia num período de tempo estimado de 17 anos. E não se ficando somente pela denúncia da situação, Cinatti propunha como solução a abertura, por meios

HISTORIOGRAPHY

de dragagens, de um canal desde o Porto Interior até à Rada, com a profundidade de 4,87 metros e a largura de 48,75 metros. Este trabalho implicaria, segundo os seus cálculos, a remoção de duas mil e duzentas toneladas de lodo, massas de fundos que, propunha, fossem aproveitadas para fazer um aterro entre a Ilha Verde e a Península. Recomendava ainda convenientes sinalizações por meio de boias, bem assim como o aprofundamento das águas nas zonas de atracação. No âmbito das suas estimativas o empreendimento importaria em 260 contos de réis (260:080\$000) e as respectivas obras durariam vinte e quatro meses.⁸

A dramaticidade contida neste documento de Cinatti, verdadeira chamada de atenção para as gravosas circunstâncias do porto, teve o mérito de fazer com que em Lisboa se começasse a pensar que algo tinha mesmo de ser feito para travar e inverter o perigoso estado de coisas a que se tinha chegado. Não deixa de ser significativo que, a partir de então, os problemas portuários de Macau tenham passado a ser mais noticiados e comentados pela imprensa da metrópole e da colónia. O facto, concitando para o caso a pressão da opinião pública, era também, *de per si*, um modo de instar junto dos poderes públicos por uma maior atenção e mais empenho na busca de soluções para os males já existentes e para os que se adivinhavam próximos. A título de exemplo, cita-se pequena parte de extenso artigo inserto em *O Macaense*:

[...] Macau acha-se nas condições de um enfermo que está em risco de morrer asfixiado. Já hoje o vapor de Hong-Kong encontra dificuldades para sair do cais, amanhã não poderá entrar no porto interior, outro dia os juncos chinas de cabotagem não poderão também entrar, e mais tarde, nem os barcos dos pescadores poderão vir a esta cidade por falta de água. Assim acabará o porto de Macau, e com ele cessará de existir Macau, como cidade marítima e comercial. Esta catástrofe não se fará esperar por longo tempo, se continuar a mesma incuria do governo. O assoreamento do porto cresce

a olhos vistos. Todos acham necessário um pronto remedio, todos lamentam e clamam. O governo, porém, conserva-se mudo e quedo. Nada se tem ainda feito para remover este mal ou para o atenuar ao menos (grafia actualizada).⁹

O mesmo jornal, passados pouco mais de dois meses, transcreve declarações produzidas por J. M. Teixeira de Guimarães, oficial da Armada Portuguesa que havia residido em Macau e aí desempenhado as funções de secretário do governo. Sob o título *Melhoramentos do Porto de Macau*, afirmava aquela personalidade que, em seu entender, o assoreamento provinha das ostreiras e dos arrozais contíguos às águas a montante do porto e que qualquer solução — dragagens ou outra — teria de passar, necessariamente, por convénios com as autoridades chinesas. Contra as propostas de Cinatti, alegava que a abertura de um “canal perpendicular às correntes do vento e água não podia durar senão na mente dos que se obstinassem em profundá-lo. O trabalho de meses seria inutilizado por horas de corrente”.¹⁰ No mesmo número de jornal, é também publicado um *Relatório* do Director das Obras Públicas de Macau, Constantino José de Brito. Sobre as origens do assoreamento, o documento é coincidente com as opiniões expendidas por Teixeira de Guimarães; já quanto a soluções, advoga o recurso a dragagens de fundos, mas, prevendo que este trabalho, para ter eficácia, teria de ser “contínuo e incessante”, propõe como remédio mais radical o fecho do canal norte de acesso ao porto.¹¹ Ambos os articulistas recusam os aterros de ligação da península à Ilha Verde, porque propiciadores de mais assoreamento.

É neste contexto, polémico, de busca de soluções que surge a figura do engenheiro militar Adolfo Loureiro,¹² pessoa que em 1883 recebeu do governo português a incumbência de viajar para Macau para *in loco* estudar a momentosa questão do porto. Chegado ao seu destino a 15 de Setembro desse ano de 1883, aí se rodeou dos apoios disponibilizados pelo Governo da Colónia e pelas autoridades do

HISTORIOGRAFIA

porto (designadamente a colaboração de Cinatti e os estudos por este feitos), a partir do que desenvolveu um laborioso trabalho de reconhecimento de costas marítimas, cursos fluviais, canais, bem assim como observações meteorológicas e estudos aturados de ventos, marés e correntes dominantes. Com os dados recolhidos elaborou um extenso relatório denominado *O Porto de Macau / Anteprojecto para o seu melhoramento*, documento que deu a conhecer ao governo de Macau em Abril de 1884. Em Agosto do mesmo ano, já em Lisboa, apresentou o seu relatório final num total de mais de mil páginas.

Na sua essência e quanto aos aspectos principais do problema, este relatório era, em grande parte, discordante com as teses anteriores. Para Loureiro

eram quatro as causas principais do assoreamento do Porto de Macau:

1.^a - Os sedimentos transportados pelos rios das regiões chinesas de Guangxi e de Guangdong, com relevância para os que eram arrastados e depositados pelo Rio de Oeste (Xijiang) e suas sub-divisões – Modaomen e Broadway - junto da respectiva foz, Malau-Chau.

2.^a - O sentido das correntes dominantes das águas do porto.

3.^a - O padrão desfavorável das correntes laterais.

4.^a - A irregularidade da morfologia das zonas litorais.

A partir destas premissas, a conclusão a que chegou foi a de que eram as águas de Malau-Chau as que mais concorriam “para o assoreamento da Rada, do Porto e do canal da Taipa”. Assim sendo, a solução que propunha era, para além de intenso trabalho de dragagem, a de aumentar o volume permanente de águas nesta zona até uma dimensão que permitisse que as correntes vindas do mar durante o período de preia-mar não arrastassem os fundos de lama e de lodo para a zona do Porto Interior e para a Rada e canal da Taipa.¹³

Para se alcançar esse desígnio propõe a construção de um dique ou quebra-mar desde a Ilha da Taipa até à Pedra da Areca, na distância de 1,6 quilómetros. Tal estrutura viria a obstar, no seu entender, a que as águas no Malau-Chau se escoassem para a Rada e fossem forçadas a seguir para o canal da Taipa a uma velocidade que não permitiria a formação de depósitos. A estas águas reunir-se-iam as do porto, somando-se os seus efeitos. Desta forma ficaria assegurada a altura de águas necessária para se navegar sem dificuldades da Rada para o Porto Interior. No lado oeste deste dique, perto da Taipa, seria construído um fundeadouro de águas profundas, o qual funcionaria como anteporto de Macau.

Complementando esta parte importante das obras, haveria ainda que regularizar as margens do porto, corrigindo, tanto quanto possível, irregularidades orográficas represadoras de águas,

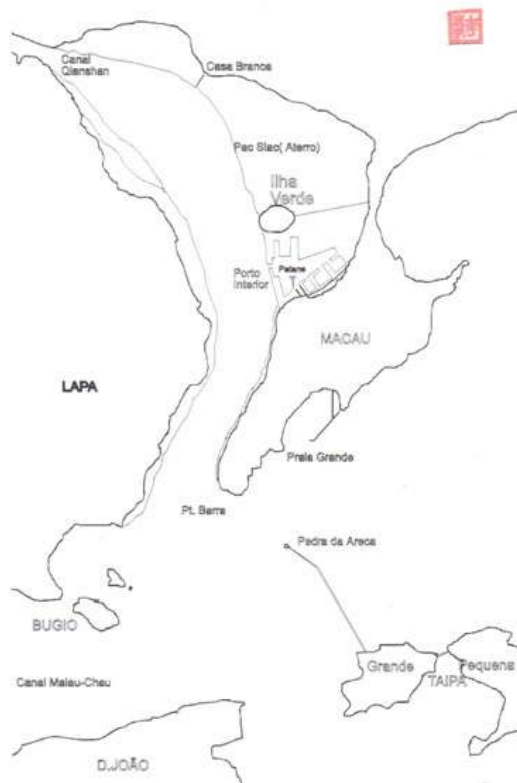


Diagrama de Adolfo Loureiro, 1882. In *Revista de Cultura de Macau* N.ºs 38/39, II Série, Edição em Português – MACAU: UMA EXPERIÊNCIA DE URBANISMO ESTRATÉGICO E HIGIENISTA DOS FINAIS DO SÉC. XIX AOS COMEÇOS DO SÉC. XX, por José da Conceição Afonso.

HISTORIOGRAPHY

mostrando-se, para este fim, necessário estabelecer acordos com a nação chinesa no sentido de impedir ou limitar na Ilha da Lapa, frente a Macau, os diques construídos pelos orizicultores, bem assim como a proliferação de ostras. Todas estas medidas somente lograriam eficácia se, concomitantemente, se levassem a cabo pesados trabalhos de dragagem, visando aprofundamentos de fundos e desobstrução e limpeza de canais, nomeadamente no Porto Interior, no ancoradouro da Taipa, e no canal de ligação à Rada, entre a Pedra da Areca e o extremo sul da península (Ponta da Fortaleza da Barra). Desobstruídos os canais, eles manter-se-iam limpos “pela força e concentração das correntes”.¹⁴

Neste seu documento, admiravelmente bem escrito, Loureiro apela ainda a melhorias nos cais do porto, abertura de novas docas na Ilha Verde, implementação de novas pontes-cais, de planos inclinados e de equipamento para reparação de navios. Em jeito de remate e, naturalmente, de defesa das suas propostas, não deixa de expressar uma visão optimista em relação à execução das obras que propõe, mencionando a existência abundante de granito na Ilha da Taipa e a efectiva disponibilidade de mão-de-obra chinesa, a qual reputa de exímia.

O grande óbice do projecto era o seu custo: 2.250.000\$000 (dois milhões, duzentos e cinquenta mil reis), quantia que foi considerada demasiado elevada para as capacidades financeiras do país que era então Portugal. Por outro lado, o cumprimento integral da proposta de Loureiro exigiria uma concertação com a nação chinesa no sentido de serem regularizadas as margens do porto, nomeadamente a margem confinante com a Ilha da Lapa, sendo que tal não se mostrava, à data, muito viável ou facilitado. Em vista de tudo disso, o projecto Loureiro foi considerado excessivamente ambicioso e foi ficando “tacitamente” esquecido e, dessa forma, proteladas, mais uma vez, as necessárias e desejadas obras de desassoreamento e beneficiação do Porto de Macau.

Volvidos onze anos, em 1895, em conferência havida na Sociedade de Geografia de Lisboa,

Adolfo Loureiro abordou de novo, publicamente, o seu denegado projecto de obras. Produziu então controversas declarações, ao expor uma análise política e económica do problema, no decorrer da qual disse que aquando da elaboração do seu trabalho havia tido o cuidado de não projectar para Macau “um d’esses portos modernos, frequentados por navios colossais” não somente pelos desmedidos custos que um tal empreendimento comportaria, mas também porque se tal acontecesse como realidade executada, “isso seria um golpe na prosperidade de Hong Kong, que os ingleses não perdoariam, e de cujos prejuízos saberiam indemnizar-se largamente à nossa custa.”¹⁵ E explica que se fosse possível dotar Macau de um porto de mar bem equipado, abrigado e de águas profundas, mantendo a sua condição de porto franco e gozando do favorecimento do Celeste Império, então seria facto consumado que os navios que demandavam Hong Kong deixariam de o fazer. Por este conjunto de razões, disse, o seu projecto cingiu-se tão somente ao objectivo de tornar o porto “acessível e praticável às maiores embarcações chinesas e aos vapores e navios de transportes (...)”.¹⁶

Do discurso de Loureiro, poder-se-ia concluir, numa primeira análise, que não obstante as preocupações de sobriedade vertidas no seu plano de obras, o custo das mesmas havia-se revelado, ainda assim, incomportável para os recursos financeiros da nação lusa. Mas note-se que as suas palavras revelam sobretudo um cuidado especial – dir-se-ia mesmo subserviente – no sentido de não ofender ou molestar os interesses económicos britânicos na zona, precaução que se enquadra perfeitamente na dependência do Portugal de então em relação ao colosso económico e marítimo que era, ao tempo, a Inglaterra. Acrescentando complexidade a este cenário, já de si suficientemente complexo, havia, como sempre houvera, uma intensa polémica em torno destas obras, afinal a mesma polémica que se fora gerando e instalando, ao longo dos tempos, em torno de todo e qualquer projecto de obras do Porto de Macau. Como o próprio Loureiro

HISTORIOGRAFIA

afirma, havia-se espalhado a “lenda ou a ideia falsa que só das dragagens dependia o melhoramento do porto e que a elas se reduzia tudo quanto havia a fazer”. E, neste passo, o mais grave era o facto de esta tese ser defendida mesmo por aqueles que sabiam, ou tinham obrigação de saber, que não se construíam portos só com dragagens.¹⁷ Juntava-se a tudo isto ainda a opinião oca e não fundamentada dos que falavam do tema sem o conhecer, sendo tal uma inconveniência que se arrastou por muito no tempo. Disso mesmo dá conta um jornal de Macau, *A Pátria*, em artigo publicado no ano de 1924, no qual designadamente se afirma que “as obras do porto têm sido combatidas por indivíduos que nunca lá puseram os pés e, portanto, ignoram quanto se tem trabalhado e o que se tem feito (...)”.¹⁸

Esta opiniosidade intoxicante não deixou, ela própria, de se constituir como elemento fautor de indefinições, de condicionamentos e, enfim, de embaraços, quanto a uma necessária e apropriada linha de tomada de decisões por parte dos poderes instituídos, revelando-se assim como mais um entrave à concretização de soluções apropriadas. Por outro lado, também não deixou de ser pretexto para os governos de Lisboa, sobretudo no período monárquico, se eximirem a custos com a colónia de Macau.

Em 1891 ainda se produziu entre a população macaense um movimento cívico em favor do projecto do Eng^o. Adolfo Loureiro, no contexto do qual foi enviado ao Rei de Portugal uma petição com 951 assinaturas, sendo aí requerido o começo imediato das obras do porto em concordância com o que se preceituava naquele mesmo projecto. No cumprimento das suas obrigações constitucionais, o soberano remeteu o assunto para o seu governo. Note-se, porém, que por esta data, vivia-se em Portugal uma grave crise financeira e económica, com declaração de bancarrota parcial, encerramento de empresas, desemprego, emigração, situação que ficou historicamente conhecida por *Crise de 1890-1892*. Ora se até então, pelas razões apontadas, não houvera remédios para os males do Porto de Macau, agora ainda o haveria

menos, face a uma muitíssimo periclitante conjuntura financeira. Ficou, pois, sem resposta a petição dos macaenses e assim ficou igualmente o estado calamitoso do seu porto de mar. Recorde-se, a propósito, que em 1902, na sequência da chamada *Revolta dos Boxers*, foi decidido o reforço da guarnição militar de Macau, sendo que o navio *África*, carregado com tropas e material bélico, teve que fundear a cerca de 20 milhas de Macau. O incidente, revelando-se de extrema perigosidade para o desembarque de homens e de equipamentos, levantou uma justa indignação na colónia e foi objecto de uma reclamação enérgica feita pelo Leal Senado e dirigida ao governo de Lisboa.

Em 1903, porém, o Governo Regenerador de Hintze Ribeiro deliberou fazer obras no Porto de Macau, considerando para o efeito o projecto Loureiro, mas adaptando-o às circunstâncias e possibilidades, à data, vigentes. Dessa adaptação foi encarregue o Director das Obras Públicas de Macau, Engenheiro Augusto César de Abreu Nunes. Saiu então a lume uma versão bastante reduzida da proposta de Loureiro, que sobretudo apontava para dragagens de pouca profundidade na boca de abrigo da Praia Grande e junto ao cais do Porto Interior. Tratava-se apenas de um pequeno melhoramento, sendo que, no entanto, o plano de obras foi aprovado e por decreto de Setembro de 1904, foi a sua execução autorizada. Tudo indicava que, desta vez, algo, pouco que fosse, se faria, mas, em Outubro caiu o gabinete ministerial, sendo substituído por um outro do partido progressista, chefiado por José Luciano de Castro. Como era hábito nesses tempos portugueses, foi feita «tábua rasa» dos planos e intenções da governação anterior.

Entrado o ano de 1905, constituiu-se uma Comissão Técnica sob a chefia do general e engenheiro José Emílio de Sant’anna da Cunha Castel-Branco¹⁹ com a responsabilidade de em Macau inspeccionar as obras públicas, estudar a situação do porto e gizar um projecto que lograsse a sua reabilitação. Os estudos, mormente investigações geodésicas e pesquisas hidrográficas, foram feitos, mas nesse ínterim o general

HISTORIOGRAPHY

Castel-Branco adoeceu e tudo ficou parado. O projecto Castel-Branco somente viria a ser publicamente conhecido em 1913, com a publicação de um pequeno livro com o título *Projecto de Obras a Executar no Porto de Macau*. O documento, contrariando as propostas de Loureiro, contemplava a edificação de um molhe, ligando a Pedra de Areca ao extremo sul da península (Ponta da Barra), passando o acesso ao porto a ser feito pelo norte da Taipá. Para além da edificação desta estrutura, recomenda intensivos trabalhos de dragagem nas águas do porto, por forma a permitir a navegação de embarcações de grande calado. O projecto foi considerado irrealizável, não só pela sua apresentação algo extemporânea, mas igualmente pela sua envergadura e respectivos custos.

Numa tentativa de fazer face ao contratempo causado pela doença do general Castel-Branco, foi, em 1908, cometida ao coronel e engenheiro Vasconcellos Porto a incumbência de analisar a situação entretanto criada e, com base nos estudos anteriormente feitos,

elaborar e apresentar as propostas que, da sua análise, resultassem como mais convenientes e apropriadas. Para este trabalho, Vasconcellos Porto não se deslocou a Macau, gizando em Lisboa um plano de obras que contemplava dragagens no Porto Interior até 3 metros de profundidade abaixo do zero hidrográfico (ZH); a abertura de uma avenida marginal; a possibilidade de uma via-férrea até ao cais; e investimento em melhor sinalização no canal da Rada. Nas suas considerações, a documentação que produziu continha o parecer de que, tendo em conta as capacidades financeiras do país, dever-se-ia abandonar qualquer projecto de criação de um porto profundo e moderno e bem assim ficar-se por benfeitorias de custos mais reduzidos, mas que, em todo o caso, proporcionassem melhorias sensíveis das condições de navegabilidade. Em poucas palavras, seria, pois, um «remendo» de duvidosa eficácia.

Ao serem conhecidas em Macau, as propostas de Vasconcellos Porto foram as mesmas severamente contestadas pelo Director das Obras Públicas da



Praia Grande em 1900. In Boletim Oficial de Macau. MO/AH/ICON/MTL/MO/002.

HISTORIOGRAFIA

colónia, Engenheiro Miranda Guedes.²⁰ Profundo conhecedor dos problemas da colónia, Miranda Guedes elaborou, ele próprio, um projecto alternativo ao de Vasconcellos Porto, projecto este que, na sua essência, era subsidiário do projecto Castel-Branco, em que, de resto, o autor havia colaborado. Apontava sobretudo para grande esforço de dragagem, para beneficiações de monta nos cais de acostagem e nas docas e, à semelhança do projecto Loureiro, para a construção de um ancoradouro de águas profundas, idêntico anteporto, este porém a sul da Ilha de Coloane. Todavia, à semelhança dos anteriores e decerto por razões similares, também este projecto não iria além do papel.

Com o advento da República em Portugal, foi empossado no cargo de Governador de Macau o Segundo Tenente da Armada Portuguesa, Álvaro de Mello Machado. Logo em 1911, o primeiro governador da era republicana propôs a Lisboa a dragagem do canal norte, junto à Ponta da Barra, com o sentido de este vir a ser a principal via de acesso ao Porto Interior. De Lisboa recebeu autorização para proceder a dragagens, mas fazê-las de conformidade com os estudos anteriores, nomeadamente os de Adolfo Loureiro, ou seja, no canal a sul da Rada e banco Malau-Chau. Contrariando as instruções recebidas, Machado mandou proceder a dragagens no canal norte da Rada, dando os trabalhos de empreitada a uma empresa de Hong-Kong. O canal ficou de novo navegável, mas a desobediência às ordens de Lisboa não deixou de ter consequências, no concreto um inquérito à sua actuação e a sua posterior exoneração do cargo de Governador da Colónia, logo em Julho de 1912. Da parte de Mello Machado ficava o sinal de uma intenção voluntariosa de dar combate a uma inanição anterior. A tal ilação conduzem também as suas próprias palavras:

Até 1911 o porto de Macau esteve esperando pelas projectadas obras, como n'outros tempos se esperava por el-rei D. Sebastião, nada mais conseguindo do que gastar dinheiro com enge-

nheiros, com material velho e quase inútil, ou novo sem aplicação para justificar a presença de pessoal técnico e as elevadas despesas a que conduzia. (...) (grafia actualizada).²¹

Em 1914, foi nomeado Governador de Macau o capitão-tenente José Carlos da Maia, herói da Revolução de 5 de Outubro de 1910 e figura política com algum peso na República Portuguesa. Maia assumiu o cargo a 11 de Junho desse ano de 1914, justo no decorrer de uma situação internacional particularmente difícil: a eminência da eclosão da *Primeira Guerra Mundial* e o período de instabilidade política que a então jovem República Chinesa atravessava. A governação de Carlos da Maia revelou-se controversa: por um lado, medidas de inegável valor e proveito para a colónia, por outro lado, tomadas de decisão de duvidosa eficiência e defesa de empreendimentos que não se revelaram exequíveis. Como, acertadamente, disse Luís Cunha, “ficaria para a História por boas e más razões”.²²

No que respeita às obras do porto, Maia entendeu por bem fazê-las por administração directa e, para o efeito, mandou adquirir em Singapura uma draga já ali usada em trabalhos portuários. Ambas as decisões seriam severamente censuradas pelo deputado por Macau, Velhinho Correia, com a argumentação de, quanto à primeira, todos os estudos anteriores apontarem o regime de empreitada como mais viável e mais económico e, quanto à segunda, de ter sido um erro crasso porque teria sido possível, por preço aproximado, comprar ao Japão uma draga nova, concebida e construída propositadamente para as necessidades e especificidades das obras do Porto de Macau, para o que, aliás, tinha sido aberto concurso público, tendo o mesmo sido ganho justamente por uma empresa japonesa, a *Osaka Iron Works*.

O rol de acusações formulado por Velhinho Correia na Câmara de Deputados da República Portuguesa era bastante extenso, nele sobressaindo a compra, em seu entender abusiva, de demais equipamento - rebocadores, vagões, rails,

HISTORIOGRAPHY

locomotivas, caldeiras, guinchos — tudo com “fartas despesas”, sem que para tanto tivesse sido obtida a necessária autorização do Ministério das Colónias, somando-se a isto o desrespeito, em fase de execução de obras, pelos planos então superiormente aceites e aprovados. Nas suas palavras: “Fazem-se aterros e dragagens para se fazer alguma cousa, para se coonestar a existência do material e do pessoal, mas sem respeito pelo projecto e sem qualquer orientação defensável”.²³

Em defesa de José Carlos da Maia, interveio no Parlamento o Ministro das Colónias, Ernesto de Vilhena, começando por agradecer a longa exposição de Velhinho Correia, mas considerando, em seguimento, que a actuação do Governador de Macau se havia pautado por “zelo e absoluta isenção” e se bem que orientada por critérios discutíveis eram, ainda assim, esses os que teriam de ser usados, tendo em conta as “circunstâncias de momento”.²⁴ Na opinião do Ministro, a governação de Carlos da Maia somente havia pecado, no atinente às obras do porto, pela ausência de envio de relatórios quanto ao curso dos trabalhos. Já na réplica dada pelos deputados Vasconcelos e Sá e Tamagnini Barbosa (este último um filho de Macau) foram as acusações feitas a Carlos da Maia contestadas de forma mais sistemática. Assim:

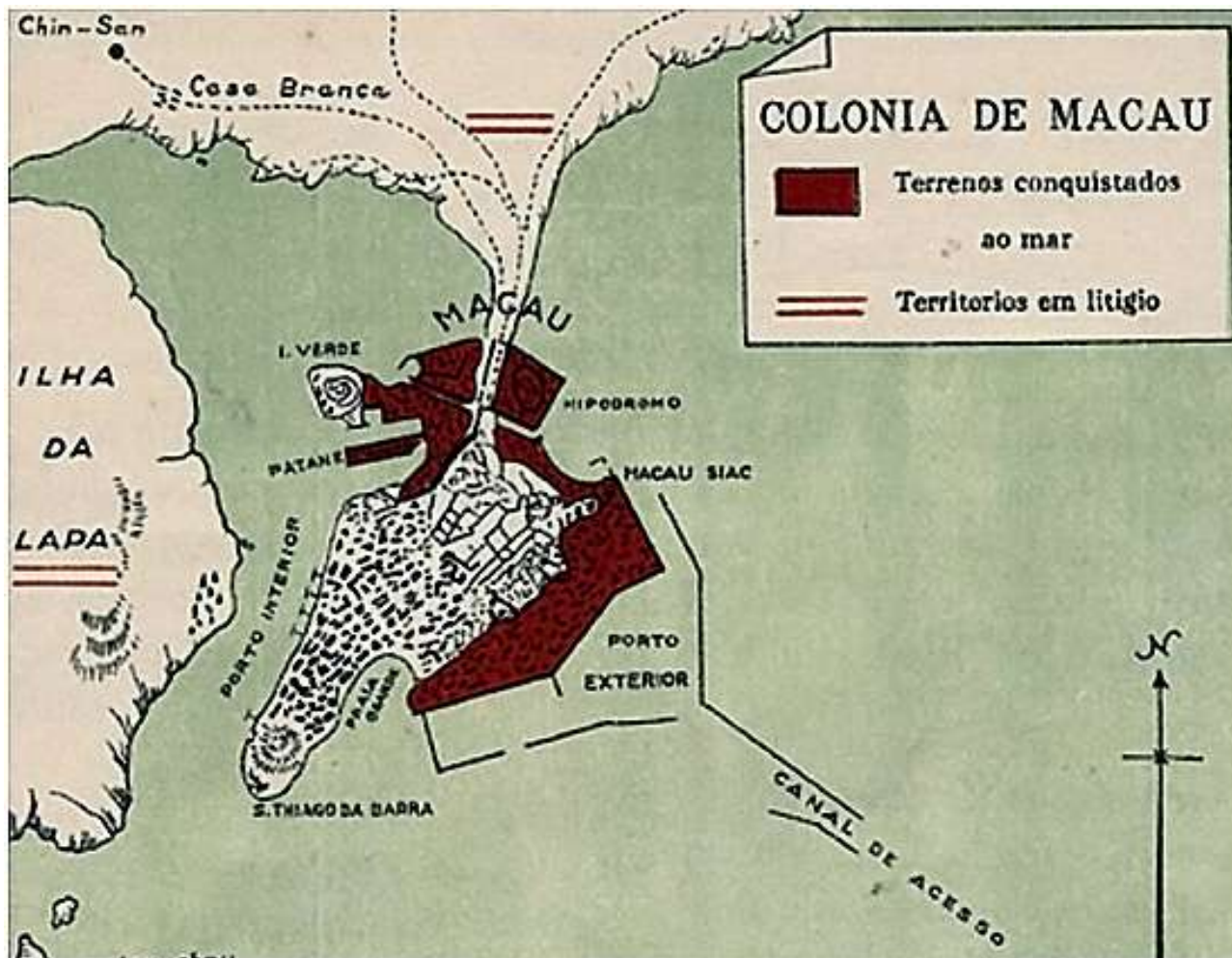
No tocante à empreitada, embora este regime se mostrasse consagrado em projectos anteriores, a verdade é que os tempos haviam mudado e agora, escasseando a mão-de-obra por força de um mundo em guerra, tal regime não se mostrara viável. Com referência à draga de Singapura, foi dito que a compra havia sido discutida no seio do Conselho dos Portos, sendo aí unanimemente aprovada, conforme Acta nº 42. No que respeitava à aquisição de outros materiais e equipamentos, essa aquisição havia sido também objecto de deliberação unânime por parte do mesmo Conselho, isso após o equipamento em questão ter sido examinado e aprovado por pessoal técnico. Por fim, quanto a obras efectuadas, o certo era que, no concreto, as acusações de Velhinho Correia incidiam sobretudo na questão de as

lamas e lodos das dragagens serem depositados na Areia Preta e não no norte da Ilha Verde conforme projecto. Explicaram os deputados intervenientes - Vasconcelos e Sá e Tamagnini Barbosa - que tal aconteceu somente em parte e assim foi porque a este local (Ilha Verde) já somente podiam chegar as pequenas embarcações, ficando os batelões forçados a alijarem as suas cargas na Areia Preta ou no alto mar.²⁵

Independentemente dos bons, dos maus ou dos possíveis actos de administração de José Carlos da Maia, a ideia que sobressai do que imediatamente atrás se deixa escrito é a da forte politização da questão das obras do Porto de Macau. O assunto deu corpo a discussões acesas que se arrastaram por várias sessões no Parlamento da *Primeira República Portuguesa*, sem que daí saísse, afinal, qualquer contributo válido para a resolução da problemática em causa. Em boa verdade, as delongas havidas durante o regime monárquico, continuavam agora, *mutatis mutandis*, na República, em episódios que se inseriam, perfeitamente, num entrecho vasto e antigo de propósitos, ideias, projectos, planos, discussões, inércias governamentais, tudo isso, enfim, aparentemente animado por boas-intenções de solucionar a gravíssima situação do Porto de Macau, mas, não obstante tanta azáfama, os resultados práticos alcançados eram, até então, bem menos que modestos. No caso ora em apreço, pese embora o facto de serem polémicas as decisões e posturas de José Carlos da Maia, haverá que reconhecer a sua coragem e firmeza em afrontar opiniões e imobilismos históricos e, nesse propósito, promover a imediata aquisição de navios, máquinas e equipamento para as obras do porto. Todos esses materiais e máquinas foram usados em dragagens e aterros e outros trabalhos durante e depois do seu consulado, provando-se assim que as suas compras não foram destituídas de utilidade, como em alguns círculos se pretendeu.

Em 1918, por impulso do então Ministro das Colónias, João Tamagnini Barbosa, foi criado um organismo estatal, a *Missão de Melhoramentos dos Portos de Macau*, com a finalidade de, como a denominação

HISTORIOGRAFIA



Mapa de Macau em 1929 – terrenos conquistados ao mar. In Mapas de Macau. Disponível em <https://nenotavaicontra.wordpress.com/category/mapas-de-macau/page/5/>.

indica, estudar e planejar a reabilitação dos portos de Macau. A chefia da novel instituição foi cometida ao vice-almirante e engenheiro hidrógrafo, Hugo Carvalho de Lacerda Castelo Branco, o qual tomou posse do cargo em Dezembro de 1918. Para os fins em vista, foi adoptado o plano Castel Branco com algumas modificações, feitas estas sobretudo com o intuito de evitar discórdias com a China quanto a limites administrativos. As obras reiniciaram-se em Abril de 1919, com dragagens e aterros na baía de Patane e na praia da Areia Preta, mas logo tiveram que ser interrompidas, justamente porque as autoridades chinesas contestaram, de imediato, a execução de

aterros a norte da Ilha Verde. Note-se que os incidentes somente aconteceram porque as partes em conflito nunca conseguiram, ao longo dos tempos, definir fronteiras com precisão. Felizmente, prevaleceu o sentido negociador e o bom senso suficiente para que as divergências nunca fossem além do âmbito diplomático.

Na conjuntura que se gerou, Lacerda pediu dispensa do cargo que havia assumido e regressou à metrópole. Pesaram nesta decisão não só o impasse que se havia criado com os mencionados incidentes fronteiriços, mas também, e sobretudo, a circunstância de ter sido produzida então uma

disposição administrativa nos termos da qual deixava de ser autónoma a Missão de Melhoramentos do Porto, passando a estar conexas com a Repartição das Obras Públicas de Macau. A breve trecho, porém, foi revogada esta disposição e Lacerda convidado a reassumir a direcção das obras do porto, convite que aceitou, dando-se o seu regresso a Macau em Maio de 1920.

O Porto Exterior

O retorno de Hugo de Lacerda marcou uma importante viragem no seio da Missão de Melhoramentos, posto que passou-se a encarar com consistência a hipótese de se construir um porto novo para navios de médio e grande calado na Rada, ou seja, na costa oriental da península. A ideia anunciada de construção de raiz de um porto exterior foi, de uma forma geral, recebida com agrado e até com entusiasmo. Assim a aceitaram as autoridades na matéria, as instâncias do poder e a opinião pública, considerando esta opção como mais vantajosa quando comparada com trabalhos de fundo no Porto Interior, dispendiosos estes e, sobretudo, com resultados de incerta eficácia e durabilidade. Por outro lado, a circunstância de, entretanto, se ter alcançado um acordo com Cantão, tanto quanto às obras do Porto Interior como quanto a obras na Rada, proporcionava a garantia de que tudo isso poderia ter um curso pacífico, garantia essa que, de algum modo, vinha cimentar um pouco mais ainda esse desejo de aquisição de um novo porto. Sob este novo prisma, o Porto Interior seria melhorado, mas ficaria sempre reservado para embarcações de menor porte, de pesca e de navegação de cabotagem.

Viveu-se então em Macau um tempo esperançoso, assente na ideia de que se iria, por fim, recuperar brilhos antigos e entrar numa era de modernização, de prosperidade e de desenvolvimento. Pensava-se que um novo porto de mar onde pudessem atracar as grandes embarcações de longo curso faria de Macau o terminal marítimo mais vantajoso e mais natural para o comércio com a China, dada a contiguidade com a

rede fluvial que atravessa o sul daquele grande país e que facilita o acesso ao seu interior. A completar todo este cenário surgia mais viva a possibilidade, já antes vislumbrada, de se construir uma via férrea, ligando Macau a Cantão.

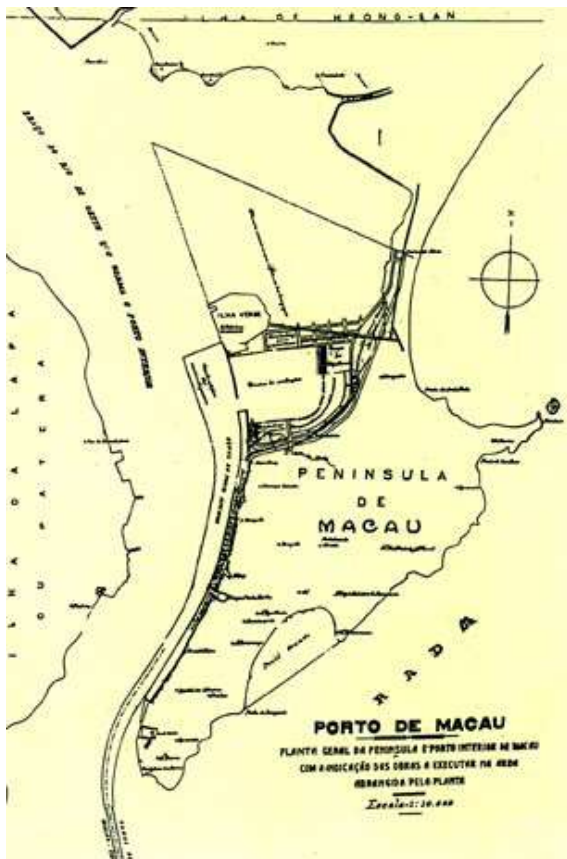
Animou-se a imprensa com as possibilidades que se abriam, mas surgiram também, e mais uma vez, os detractores, os que levantavam a voz contra este projecto, quer pelos custos do mesmo, quer por entenderem e afirmarem que o progresso da colónia não podia provir das «pedras» de um porto exterior. A este respeito, Lacerda fala em “onda de descrédito” e da necessidade de se combater essa “corrente nociva” com a divulgação de informação apropriada e de estudos quanto a réditos futuros de tráfego e de passageiros”.²⁶

Em todo o caso, prosseguiam as diligências e os trabalhos, mas enquanto as dragagens no Patane e os aterros na Areia Preta seguiam com regularidade, as obras do porto artificial na Rada, ainda que rapidamente aprovadas, tanto pelo Governo de Macau como pelo Ministério das Colónias, ficaram esperando a elaboração e aprovação do respectivo projecto, bem assim como a sua colocação a concurso entre cinco companhias construtoras. A adjudicação do empreendimento veio a ser feita a uma companhia holandesa, a *Netherland Harbour Works* (N. H. W.), pelo preço de seis milhões e quatrocentas e cinquenta e sete mil patacas.

Os primeiros trabalhos tiveram início em Maio de 1923 e consistiram em dragagens na zona do canal norte da Rada, com a pretensão de abrir rotas de acesso, sendo as terras retiradas do fundo do mar utilizadas em terraplanagens que iam aumentando para leste a linha de costa da península. Passado, porém, pouco tempo, constatou-se que novos envasamentos haviam, praticamente, recomposto os fundos então dragados.²⁷

A questão, eminentemente problemática, das vasas na Rada²⁸, não tendo sido prevista em toda a sua dimensão, veio a revelar-se um sério contratempo, obrigando a segundas dragagens e mais investimento em estruturas de defesa, nomeadamente em mais dois molhes a juntar aos

HISTORIOGRAFIA



Pormenor de "Porto de Macau - Planta Geral da Península e Porto Interior de Macau" com a Indicação das Obras a Executar na Área Abrangida pela Planta - Escala-1:10 000", segundo os estudos do General Castelo Branco, feitos em 1907. In *Revista de Cultura de Macau* N.ºs 38/39, II Série, Edição em Português-MACAU: UMA EXPERIÊNCIA DE URBANISMO ESTRATÉGICO E HIGIENISTA DOS FINAIS DO SÉC. XIX AOS COMEÇOS DO SÉC. XX, por José da Conceição Afonso.

dois já inscritos no plano inicial. Para maior agravamento da situação, depressa se verificou que os alicerces destas mesmas estruturas iam sendo socavados por correntes e regimes de mar. O facto gerava a inevitabilidade de mais obras adicionais de reforço dos molhes já erigidos ou a erigir e respectivas fundações.²⁹

Todas estas adversidades impuseram ajustes nas condições contratuais com a construtora N. H. W., daí advindo negociações que não se mostraram fáceis, mas que foram conseguidas com naturais cedências. Neste particular, imperando a precaução de evitar que o acréscimo de despesas tornasse o projecto incomportável, houve que aceitar a redução de algumas obras complementares, anteriormente previstas. Face a estas

contingências, foi alterado o plano inicial de obras - *Plano de Execução* -, passando a vigorar sob a forma de um outro plano - *Plano de Remodelação* -, este com maior ênfase na implementação de sistemas de defesa e de manutenção das condições de navegabilidade na zona de acesso ao canal da Rada.³⁰ Tratava-se de uma planificação de obras verdadeiramente diferente da inicial e embora Lacerda fizesse questão de afirmar que se tratava do mesmo plano com remodelações, o documento era, de um modo geral, visto como outro plano. De resto, até mesmo este remodelado plano foi sujeito, posteriormente, a novas remodelações.³¹

Em documento produzido em 1927, Hugo de Lacerda teceu algumas considerações sobre obras já feitas e a fazer. Segundo esse seu escrito, quanto ao Porto Interior encontravam-se já feitos importantes alargamentos no lado norte do cais marginal, estando também previsto o mesmo tipo de intervenção na zona sul do mesmo cais. A baía de Patane encontrava-se então dividida a meio por um través, estruturação esta que, em seu entender, proporcionaria maior segurança em situação de tempestade. Apoiados nesse través encontravam-se edificados um varadouro e uma doca seca para reparações. Na Ilha Verde haviam sido feitos importantes aterros, sendo que entre estes e os do Patane havia ficado desaterrada uma faixa onde se construiria o futuro canal de passagem entre o Porto Exterior e o Porto Interior.

Do lado exterior da península, os aterros feitos na Areia Preta haviam proporcionado um aumento de terrenos até às Portas do Cerco, terrenos esses em parte destinados a armazéns para materiais de dragagens, mas onde, entretanto, tinham sido criadas e inauguradas uma pista e instalações para corridas de cavalos. Nesse espaço conquistado ao mar haveria lugar para a estação de comboios de uma há muito sonhada linha férrea de ligação Macau - Cantão. Tal projecto nunca foi, contudo, além do sonho que idealmente o conformou.

Já em Macau-Seac, as ilhotas ali existentes tinham sido arrasadas com o fim de extrair pedra para construções. No chamado Porto Exterior, entre a

HISTORIOGRAPHY

Praia Grande e Macau-Seac, encontravam-se erguidos, a leste e a sul, dois molhes quebra-mar e de abrigo. As dragagens já feitas permitiriam ao porto albergar até 12 navios de calado médio, ainda assim com limitações posto que teriam de aguardar sempre maré favorável.³² Com o que se encontrava já então realizado, o Porto Exterior de Macau foi oficialmente inaugurado em 26 de Agosto de 1926.

Acerca de obras a efectuar, Lacerda fala de empreendimentos mais grandiosos inseridos num plano mais vasto aprovado pelo Conselho Técnico de Obras Públicas de Macau (CTOP). Nesse plano estariam contempladas várias realizações, avultando entre as mesmas o alargamento do Porto Exterior para a Areia Preta e para a Barra, a implantação de uma ilha artificial (Ilha da Rada) entre a ponta sul da península e a Taipa e ainda criação de um anteporto em águas profundas, entre a Taipa e Coloane.³³

Ressalta das linhas escritas por Lacerda uma visão optimista, insere numa postura de valorização das obras até então feitas e das que, presuntivamente, se seguiriam. Essa sua postura torna-se mais explícita, quando mais à frente, neste seu escrito, considera que com o novo porto se “vão recompor as circunstâncias antigas, há só a esperar, pelo menos, o ressurgimento de passadas prosperidades”.³⁴ Mas, contrariando este seu optimismo, remata a sua exposição com as frases seguintes:

*O porto artificial deve poder começar a ser utilizado em menos de dois anos e o tempo voa...podendo dizer-se, a este respeito, que já se perdeu um ano! A falta de resolução sobre este importante assunto representa sérios obstáculos ao andamento de obras complementares, ao desenvolvimento comercial e industrial de Macau, e ao bom aproveitamento de seus novos terrenos conquistados ao mar.*³⁵

Porquê esta mudança no seu exercício de avaliação das obras do porto? Seguramente porque, estando satisfeito e até orgulhoso com os resultados da primeira fase dos trabalhos, já em relação a obras planeadas para

posteriores intervenções mostrava a sua decepção face a um clima, entretanto instalado, de pouca vontade política de concretização dos seus projectos. Um testemunho deste clima é nos dado ver através de um artigo publicado em a *Seara Nova*, onde, a páginas 251 se pode ler o seguinte:

*[...] o porto de Macau, tal como o estão encaminhando, nada mais será que uma nova administração sem rendimento. (...) sabemos que a solidão do porto era objecto de humor a bordo de um navio de guerra, hóspede singular entre longos paredes. De vez em quando, em horas de boa disposição, um oficial gritava pela escotilha aos companheiros na câmara: «Lá vem um navio a entrar no porto». Todos sabiam já que era graça. Continua, pois, improdutivo o valioso capital aplicado por uma colónia de precárias e decrescentes receitas, e há quem nestas circunstâncias pense em ir por diante nas despesas [...].*³⁶

De algum modo, a realidade justificava estas descrenças, posto que o esperado aumento de movimentos de mercadorias e de passageiros tardavam, com efeito, em aparecer. A Macau aportavam apenas pequenos barcos de pesca e outras embarcações de navegação costeira, sendo que os grandes navios continuavam a utilizar o Porto de Hong-Kong, indício claro de que a grande rede do comércio internacional ignorava o novo Porto de Macau. Não sem razão, posto que, apesar das intenções e dos esforços despendidos, muito dificilmente as condições do novo porto macaense poderiam competir com as do bem apetrechado Porto de Hong-Kong.

A verdade é que todos estes factores adversos contribuíam sobremaneira para que as próprias instâncias políticas e governamentais ficassem, também elas, contaminadas pela dúvida em relação aos projectos de futuras obras do Porto de Macau. E quanto a este aspecto, haverá ainda que ter em conta que, à data, Portugal vivia sob o regime político da *Ditadura*

HISTORIOGRAFIA

Militar instalada após 28 de Maio de 1926. Tempo de autoritarismo, de grande confusão política, de grande inépcia governativa e, notadamente, de grande penúria e desorganização financeira.

Destarte prolongou-se a estagnação do projecto de construção do Porto Exterior, ficando defraudadas as esperanças e expectativas que nele haviam sido depositadas pela colónia. Era, quiçá, mais um episódio do extenso rol de incompreensões, incertezas e delongas que, desde sempre, preencheram a história dos portos de Macau.

Conclusão

Pretendeu-se, ao longo das linhas anteriores, fazer uma exposição sucinta de alguns singulares traços da história dos portos de Macau, no âmbito de uma latitude temporal em que esses mesmos traços mais se fizeram notar e sentir. Desde as preocupações sentidas com o fenómeno constante do assoreamento até ao erguer das primeiras cristalizações indicativas da existência ou começo de existência de um Porto Exterior, passando por implicações e factos de natureza geográfica, geracional, política, social, governativa, financeira, profissional e técnica. Muitas foram as pessoas envolvidas, muitas as controvérsias geradas, muitos os problemas e muito poucas as capacidades para os resolver.

No início, toda a atenção e toda a azáfama se centrou no Porto Interior. Tinha chegado a um estado de assoreamento tal que somente entravam nele embarcações de pequeno porte. As propostas de solução foram aparecendo e muitas foram, mas nenhuma foi integralmente cumprida. As limitações financeiras pesaram decisivamente. A par disto apareceram algumas medidas avulsas, de iniciativa de governos da colónia, porventura esforços louváveis, mas de sucesso muito limitado, posto que não atacavam a origem ou origens do mal, desiderato esse, aliás, bem difícil de alcançar. Em todo o caso, após 1920, o Porto Interior foi sendo dotado de melhores e mais instalações portuárias, ao mesmo tempo que trabalhos de dragagem procuraram facilitar as vias de acesso.

A ideia de construção de um porto exterior quando surgiu pareceu ser a panaceia há muito esperada, mas após a execução da primeira fase do projecto, tudo ficou de novo parado, não havendo vontade política, nem disponibilidades financeiras para encetar as fases seguintes. Nunca, portanto, este porto serviu os propósitos para que foi, inicialmente, pensado e criado, isso apesar de ter vindo a ser objecto de algumas acções de beneficiação, mais acentuadamente após o final da Segunda Guerra Mundial e a partir dos anos 60. Estaria a visão do seu principal mentor, Almirante Lacerda, e dos que nisso o acompanharam, errada? É uma questão de difícil resposta!

O que fica bem patente é a inferioridade de Portugal perante a potência imperial que era então a Inglaterra, inferioridade em meios de actuação e em influência junto dos círculos do comércio internacional. Nesse contexto, seria muito difícil que o novo Porto de Macau pudesse guindar-se à posição de, como se chegou a idealizar, fazer concorrência ao porto britânico de Hong-Kong.

Mas nem tudo foi em vão! É, afinal, nos projectos e realizações de Lacerda que se situa a génese de uma posterior e continuada dinâmica de conquista de terra ao mar (aterros), de crescimento urbanístico, de criação de mais rodovias e de transformação do Porto Exterior em importante Terminal Marítimo de Passageiros. Tais feitos, revelando-se imensamente positivos, conduzem à conclusão de que, embora desvirtuados quanto aos seus fins, não foram de todo inúteis ou despiciendo os esforços pioneiros em busca de uma então muito desejada proficuidade dos portos de Macau.

Sem receio de errar, pode-se tomar esta realidade como mais um exemplo da proverbial adaptação da colónia a circunstâncias impostas, tantas vezes transformando em vantagem o que, à partida, aparecia como dificuldade.

Ad augusta per angusta. **RC**

NOTAS

- 1 Loureiro, Rui - *Em Busca das Origens de Macau*. Macau: Museu Marítimo de Macau, 1997, p. 27.
- 2 Cf. Zhiliang, Wu - "A tradição da cultura chinesa e o seu desenvolvimento em Macau". In *Revista de Administração Pública de Macau* [Em Linha] n.º 70, vol. XVIII, 2005-4.º, p. 1412. [Consult. 12/07/2019]. Disponível em https://www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM_004467
- 3 Vol. 69 da «Monografia Geral de Guangdong», de autoria de Guo Fei e datado do 30.º ano (1602) do Reinado de Wanli, citado por ZILLIANG, WU - "O ENCONTRO LUSO-CHINÊS EM MACAU". In *Revista de Administração Pública de Macau* [Em Linha] n.º 33, vol. IX, 1996-3.º, p. 673 [Consult. 17/07/2019]. Disponível em https://www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM_004075
- 4 Cf. Castelo Branco, Hugo Carvalho de Lacerda - *Memória sobre algumas opiniões referentes à necessidade de obras do porto. Aspectos financeiros e económicos gerais e das questões de navegação, indústria e comércio em Macau*. Macau, Tipografia do Orfanato, 1927, p. 3.
- 5 Demétrio Cinatti (1851-1921) Oficial da Armada Portuguesa, foi capitão do Porto de Macau, cargo que exerceu de 1880 a 1884, sendo então exonerado a seu pedido. Tendo optado pela carreira diplomática, foi cônsul de Portugal em Cantão de 1889 a 1894. O seu nome encontra-se perpetuado numa avenida de Macau.
- 6 Segundo Adolfo Loureiro (adiante identificado), esta exposição terá sido apresentada ao Governo Provincial de Macau em vinte de Julho de 1881.
- 7 Cf. Graça, Jorge - "URBANIZAÇÃO DE MACAU E O MAPA DE DEMÉTRIO CINATTI (1881) - Bem como as consequências adversas que lhe advieram devido à sua excelência". In *Revista de Cultura de Macau* [Em Linha] n.º. 35/36, 2ª. Série, edição em português [Consult. 13/08/2019]. Disponível em <http://www.icm.gov.mo/rc/viewer/30035/2020>
- 8 Cf. Loureiro, Adolfo Ferreira de - *O Porto de Macau / Anteprojecto para o seu Melhoramento*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1884, pp. 131 - 132.
- 9 *O MACAENSE - JORNAL POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO* [Em Linha], n.º. 34 de 7 de Dezembro de 1882, 1ª. Página [Consult. 16/08/2019]. Disponível em <http://purl.pt/32529/2/>
- 10 *Ibidem*, n.º 45 de 22 de Fevereiro de 1883, 2.ª página.
- 11 *Ibidem*, 2.ª página.
- 12 Adolfo Ferreira de Loureiro (1836 – 1911), militar, engenheiro, escritor, poeta e político português. Membro do Partido Progressista, foi eleito deputado pelo Círculo de Macau, em 1890.
- 13 Cf. Loureiro - *Ob. Cit.*, pp. 89-92.
- 14 Idem, *ibidem*, p. 183.
- 15 Cf. Loureiro, Adolfo - *MACAU E O SEU PORTO - Conferência Feita na Sociedade de Geografia Na Sessão de 4 de Novembro de 1895*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1896, pp. 35-36.
- 16 Idem, *Ibidem*, 36.
- 17 Cf. Loureiro, *Ob. Cit.*, p. 37.
- 18 "A Pátria". In *Macau e o seu Porto Artificial- Através a Imprensa Portuguesa*. Macau: Tip. Mercantil N.T. Fernandes e Filhos, 1924, p.20.
- 19 José Emílio Sant' Anna da Cunha Castel-Branco (1849 -1920). Professor da Escola do Exército e engenheiro civil e hidráulico.
- 20 António Pinto de Miranda Guedes (1875-1937). Engenheiro Civil e de Minas. Em 1906 foi provido no lugar de Director das Obras Públicas de Macau, cargo em que permaneceu até 1914, com pequena interrupção em 1910.
- 21 Machado, Álvaro de Melo - "Coisas de Macau". Lisboa: Livraria Ferreira, 1913, p. 54. Citado por GRAÇA, Jorge - *URBANIZAÇÃO DE MACAU E O MAPA DE DEMÉTRIO CINATTI (1881) bem como as consequências adversas que lhe advieram devido à sua excelência* [Em Linha]. Macau: Instituto Cultural de Macau, s.d. [Consult. 22/10/2019]. Disponível em <http://www.icm.gov.mo/rc/viewer/30035/2020>
- 22 Cunha, Luís - "Macau entre Repúblicas: Nem Guerra, Nem Paz (1914-1918) ". In *IDN Cadernos* [Em Linha], p. 97 [Consult. 22/10/2019]. Disponível em https://www.academia.edu/40488917/Macau_entre_Rep%C3%BAblicas_Nem_Guerra_Nem_Paz_1914-1918_1
- 23 Cf. *Diário da Câmara dos Deputados* de 26/03/1917, pp. 34-41.
- 24 Cf. *Diário da Câmara dos Deputados*, Sessão nº 72 de 28, 29 e 30 de Maio de 1917, p. 13.
- 25 Cf. *Diário da Câmara de Deputados*, Sessão nº 72 de 28, 29 e 30 de Maio de 1917, pp. 22.
- 26 Cf. Castelo Branco - *Memória...*, 22.
- 27 Cf. Castelo Branco, Hugo C. de Lacerda - *MACAU E O SEU NOVO PORTO -Extracto do relatório dos principais serviços prestados desde Dezembro de 1918 a Março de 1927*. Separata dos n.ºs. 32 e 33 do Boletim da Agência Geral das Colónias. Lisboa: Agência Geral das Colónias, s.d., p. 47.
- 28 Hugo de Lacerda Castelo Branco fala mesmo de "um muito anormal envasamento" - Ver, deste autor, *Memória...*, p.32
- 29 Cf. Castelo Branco - *Macau e o Seu Novo Porto...*, 49.
- 30 Idem, *Ibidem*, pp. 48-50.
- 31 Cf. Castelo Branco - *Memória...*, pp. 31-32.
- 32 Cf. Castelo Branco - *Macau e o Seu Novo Porto*, p. p. 50-53.
- 33 Idem, *Ibidem*, pp. 56-57.
- 34 Idem, *Ibidem*, p.66.
- 35 Idem, *Ibidem*, p. 68.
- 36 Costa, Sebastião José da - "O Porto de Macau". In: *Seara Nova* [Em Linha], nº208, p. 251 [Consult. 13/12/2019]. Disponível em http://ric.slihi.pt/Seara_Nova/numeros/?id=num_0000002177 Sebastião José da Costa (1883-1966). Oficial da Armada Portuguesa, foi chefe de gabinete do Governador de Macau, Rodrigo Rodrigues (1923-1925) e membro do Conselho Legislativo do Território.

HISTORIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

Fontes:

- Castelo Branco, Hugo Carvalho de Lacerda - "MACAU E O SEU NOVO PORTO - Extracto do relatório dos principais serviços prestados desde Dezembro de 1918 a Março de 1927", Separata dos n.ºs. 32 e 33 do *Boletim da Agência Geral das Colónias*. Lisboa, Agência Geral das Colónias, s.d.
- Castelo Branco, Hugo Carvalho de Lacerda - *MEMÓRIA sobre algumas opiniões referentes à necessidade de obras do porto - Aspectos financeiros e económicos gerais e das questões de navegação, indústria e comércio em Macau*. Macau: Direcção das Obras dos Portos, 1927.
- Castelo Branco, Hugo Carvalho de Lacerda - *Apontamentos Gerais sobre as Obras do Porto de Macau - Acabamentos Indispensáveis e desenvolvimentos a recomendar quanto a obras e dragagens para serem apresentadas ao Conselho de Administração das Obras dos Portos*. Macau: Direcção das Obras dos Portos, 1927.
- Costa, Sebastião José da - "O PORTO DE MACAU". In: *Seara Nova* n.º. 208 de 10/04/1930, pp. 251-252.
- Diário da Câmara dos Deputados da Republica Portuguesa*.
- Loureiro, Adolfo Ferreira de - *O Porto de Macau - Anteprojecto para o seu melhoramento*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1884.
- Loureiro, Adolfo Ferreira de - *MACAU E O SEU PORTO, Conferência Feita Na Sociedade de Geografia, Sessão de 4 de Novembro de 1895*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1896.
- Macau e seu Porto artificial, Através a Imprensa Portuguesa* (Volume I). Macau: Tipografia Mercantil N. T. Fernandes e Filhos, 1924.

Textos Digitais

Afonso, José da Conceição - "MACAU: UMA EXPERIÊNCIA DE URBANISMO ESTRATÉGICO E HIGIENISTA DOS FINAIS DO SÉC. XIX AOS COMEÇOS DO SÉC. XX". In *RC - Revista de Cultura de Macau* [Em Linha], n.º 38/39 (II Série), Edição em Português [Consult. 20/07/2019]. Disponível em <http://www.icm.gov.mo/rc/viewer/30038/2055>.

Branco, David Filipe Loureiro - "PORTUGAL E MACAU CHÃO HÁ" *Dissertação de Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais* [Em Linha]. Lisboa, Faculdades de Ciências e Humanas, Faculdade Nova de Lisboa, 2019. [Consult. 16/08/2019]. Disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/65410/1/PORTUGAL%20E%20MACAU%20QUE%20CH%C3%83O%20H%C3%81.pdf>.

Costa, Sebastião José da - "O Porto de Macau". In: *Seara Nova* [Em Linha], n.º208, p. 251 [Consult. 13/12/2019]. Disponível em http://ric.sli.pt/Seara_Nova/numeros/?id=num_0000002177.

Livros:

- Guedes, A. Pinto de Miranda - *Macau: as obras do porto e a politica chinesa*. Porto: Tip. Empreza Guedes, 1920.
- Loureiro, Rui - *Em Busca das Origens de Macau*. Macau: Museu Marítimo de Macau, 1997.
- Marques, A. H. de Oliveira (Direcção) - *História dos Portugueses no Extremo Oriente - 4.º. Volume, Macau e Timor no Período Republicano*. Lisboa: Fundação Oriente, Lisboa, 2003.
- Matos, Pedro Fragoso de - *Recordações do passado: ano novo China no porto interior de Macau*. Lisboa, Tipografia Minigráfica, 1986.
- Yin, Guangren - *Breve monografia de Macau*; versão anotada Zhao Chunchen; trad. e notas Jin Guo Ping; rev. científica Rui Manuel Loureiro. 1ª ed. Macau : Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, 2009.

Cunha, Luís - "Macau entre Repúblicas: Nem Guerra, Nem Paz (1914-1918)". In *IDN Cadernos* [Em Linha], p. 97 [Consult. 22/10/2019]. Disponível em https://www.academia.edu/40488917/Macau_entre_Rep%C3%BAblicas_Nem_Guerra_Nem_Paz_1914-1918_1.

Goncalves, Arnaldo - "O Debate de 1911-1912 sobre o Modelo Político de Macau". In *Revista de Cultura de Macau* [Em Linha] n.º 40, 2011, pp 55-72. [Consult. 10/08/2019]. Disponível em https://arnaldo-goncalves.com/pdf/portuguese/debate_1911-2.pdf.

Graça, Jorge - "URBANIZAÇÃO DE MACAU E O MAPA DE DEMÉTRIO CINATTI (1881) - Bem como as consequências adversas que lhe advieram devido à sua excelência". In *Revista de Cultura de Macau* [Em Linha] n.º. 35/36, 2ª. Série, edição em português [Consult. 13/08/2019]. Disponível em <http://www.icm.gov.mo/rc/viewer/30035/2020>.

HISTORIOGRAPHY

Haberzettl, PETER; PTAK, Roderich - “Macao and its harbour: projects planned and projects realized (1883-1927)”. In *Bulletin de l'Ecole française d'Extrême-Orient* [Em Linha] Tomo 78, 1991. pp. 297-316. [Consult. 20/07/2019]. Disponível em https://www.persee.fr/doc/befeo_0336-1519_1991_num_78_1_1781.

Hin, Chan Ieng - *O Nanhai 1, as Rotas Marítimas da Seda, e Macau* [Em Linha], 2018. [Consult. 26/08/2019]. Disponível em http://www.macaumuseum.gov.mo/w3PORT/w3MMsource/O_Nanhai_I.pdf.

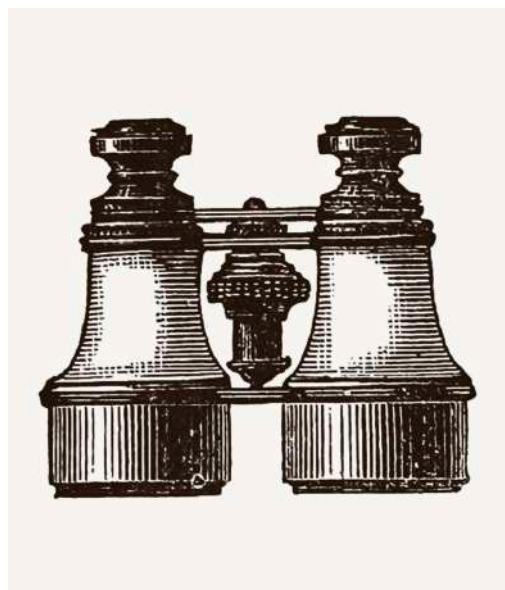
Ian, Lo Cheong; SON, Vong Chau - “A construção do porto de águas profundas em Macau: algumas considerações”. In *Administração* [Em Linha] n.º 12, vol. IV, 1991-2.º, pp. 321-331 [Consult. 12/08/2019]. Disponível em https://www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM_003868.
O MACAENSE - JORNAL POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO [Em Linha] [Consult. 16/08/2019]. Disponível em <http://purl.pt/32529/2/>.

Saldanha, António Vasconcelos de - “A “QUESTÃO DE MACAU” NA CONFERENCIA DE WASHINGTON (1921-22) Para a História da Política Externa Portuguesa do Século XXI”. In *Revista de Cultura de Macau* [Em Linha] nº 22 (II Série), Edição em Português [Consult. 15/07/2019]. Disponível em <http://www.icm.gov.mo/rc/viewer/30022/1776>.

Seabra, Leonor Diaz de; MANSO, Maria de Deus - “Macau e as Filipinas no século XVI-XIX: “A Rota Marítima da Seda”. In *Revista Dos Puntas* [Em Linha] Ano VIII - Nº 13 /2016, pp. 176-199. [Consult. 20/07/2019]. Disponível em https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/19681/1/artigo_revista_pag176_199%20%282%29Macau.Filipinas.pdf.

Zhiliang, Wu - “A tradição da cultura chinesa e o seu desenvolvimento em Macau”. In *Revista de Administração Pública de Macau* [Em Linha] n.º 70, vol. XVIII, 2005-4.º, p. 1412. [Consult. 12/07/2019]. Disponível em https://www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM_004467.

Zilliang, WU - “O ENCONTRO LUSO-CHINÊS EM MACAU”. In *Revista de Administração Pública de Macau* [Em Linha] n.º 33, vol. IX, 1996-3.º, p. 673 [Consult. 17/07/2019]. Disponível em https://www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM_004075.



YANG PINQUA 楊丙觀: MERCHANT OF CANTON AND MACAO 1747–1795

PAUL A. VAN DYKE*

ABSTRACT: Pinqua's example is one of the few we have of an outside merchant working for many years as a successful porcelain dealer and then becoming a Hong merchant. At the time of his appointment in 1782, Pinqua had thirty-five years of experience dealing with foreigners and had earned a good reputation as a dependable and trustworthy merchant. However, despite that past experience, it proved to be insufficient to overcome the challenges he faced as a Hong merchant. Not only did that new position require him to trade in a much wider variety of goods, but Pinqua also had to assume the debts of failed men which meant he needed to trade in much larger volumes in order to generate enough income to service those payments. As a Hong merchant, he was called upon by Chinese officials — including the emperor — to supplement administrative budgets when they failed to meet the needs at hand. Even though Pinqua was said to be 'rich' when he began his appointment, within five years he was having serious cash flow problems. Pinqua's demise is testimony to the negative influences that surrounded the Hong merchants and led to most of their businesses ending in failure.

KEYWORDS: Hong merchant; Canton trade; Macao trade; Hoppo; Porcelain; Tea; Silk; Tin.

Introduction

Pinqua was a well-known porcelain dealer in Canton during the mid-eighteenth century who was appointed a Hong merchant in 1782. His Chinese name was Yang Bingguan 楊丙觀, but he was also known as Yang Cengong 楊岑龔. His origins and beginnings in Canton are a bit ambiguous. The first reference I have found to him is from 1747 when he appears in the Danish Asiatic Company's (DAC) records selling porcelain (Table 1). We know from Chinese sources

that there were many men with the last name Yang 楊 who were active in the trade between Southeast Asia and Fujian Province from the seventeenth to the nineteenth centuries. Some of these Yangs were involved in trade at Canton, as well, but so far, we have no evidence connecting any of these men to Pinqua.¹

From the little evidence that we do have about Pinqua's early years, his business appears to have begun rather slowly. In the late 1740s and early 1750s, his name appears only infrequently in the records. By the late 1750s, in addition to the Danes, he was also selling porcelain to the Swedes and Dutch (Table 1). As far as the records reveal, he did not trade in large quantities, but carried on a steady business earning a good reputation with his foreign customers. By the early 1780s, he had gained the attention of the Hoppo

*Paul A. Van Dyke is professor of History at Sun Yat-sen University in Guangzhou and author of *The Canton Trade: Life and Enterprise on the China Coast 1700–1845* (2005), *Merchants of Canton and Macao*, Vols. 1 and 2 (2011 and 2016), and *Whampoa and the Canton Trade* (2020), all of which were published by Hong Kong University Press.

Professor de História na Universidade Sun Yat-sen em Guangzhou e autor de: The Canton Trade: Life and Enterprise na China Coast 1700-1845 (2005), Merchants of Canton e Macao Vols. 1 e 2 (2011 e 2016), e Whampoa and the Canton Trade (2020) todos publicados pela Hong Kong University Press.

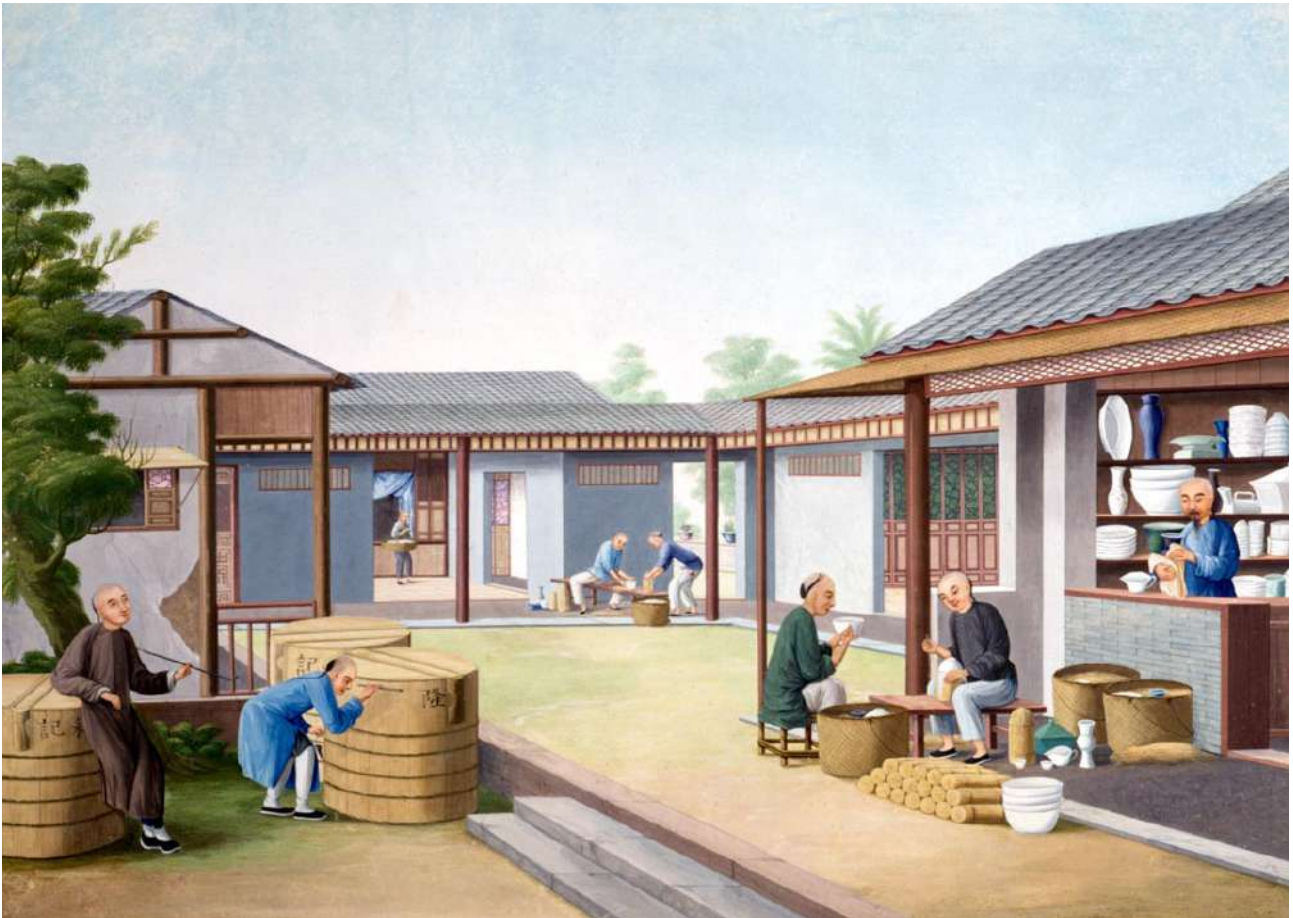


Fig. 1: E81592.19 Packing the Porcelain, c. 1825. Gouache on paper. Courtesy Peabody Essex Museum. Photo Jeffrey R. Dykes.

(customs superintendent, Hubu 戶部 or Jiandu 監督), who appointed him a Hong merchant. The name of his firm before and after that appointment was the Longhe Hang 隆和行 (also called the Longhe Ji 隆和記).

Pinqua did not do well as a Hong merchant. Within a few years, he was experiencing severe shortages in working capital, which gradually led to his bankruptcy in 1792. He died three years later. There is some evidence to suggest that Pinqua may have squandered his money on elaborate gardens and estates, which, if true, would have certainly contributed to his early demise. We know, for example, that he purchased a number of properties shortly after becoming a Hong merchant. As other examples of Chinese merchants have shown, any man rising to prominence in business and flouting

his wealth, was potentially putting himself at risk of becoming a target of government officials.² His acquisition of properties, suggests that mediocrity was perhaps not consistent with Pinqua's personal objectives. However, there is also evidence showing that at least some of the properties he purchased were not his choice but rather the Hoppo's. Thus, it is not clear whether he was actually squandering money or simply following orders. Whatever the case may have been, his business followed the well-worn Hong merchant path to bankruptcy and is another example that testifies to the belief that it was better to avoid that appointment if possible.

Because his business was dramatically different before and after becoming a Hong merchant, I will discuss those two periods separately.

HISTORIOGRAFIA

Pinqua the Porcelain Dealer 1747–1782

Table 1 shows a schedule of Pinqua's trading activities with the Europeans and Americans. The entries show the activities that were recorded in the British, Dutch, Danish, Swedish, French, American, Spanish, and Chinese sources. He undoubtedly had many other transactions for which records have not survived. For example, Table 1 shows him trading with the Danes in 1747 and 1748, but then the next entry is 1754 when he shows up in the Swedish records. Obviously, he was undoubtedly trading in the years from 1749 to 1753 as well, but we have no data.

Table 2 shows that Pinqua's early trade with the DAC was miniscule at best, amounting to a mere 24 to 55 taels. It was not until 1759, that his Danish trade surpassed 200 taels, and not until 1765, that it surpassed 1,200 taels. Although the DAC's ledgers (*kassa-hovedbog*) are missing from 1773 to 1781, we know from other Danish records, that Pinqua's trade continued in those years. In 1777, for example, he supplied the Danes with table service sets, thousands of coffee and tea cups, and other items packed into 27 chests, totaling 720 taels.³ Soychong, Yeckhing, Suchin Tiauquon and Exchin were his main competitors at this time.⁴ Each of those men supplied the Danes with as much porcelain as Pinqua. The Danes also purchased smaller amounts of porcelain in 1777 from Suchinsequa, Xingqua, Echong and Soyqua.⁵ As I have shown in another study, the porcelain trade in Canton was always very competitive.⁶

Most of the records from the Swedish East India Company (SOIC) have not survived, but Pinqua does show up in the logbook of the ship *Prins Carl*. This ship arrived at Whampoa in July 1754. Owing to insufficient merchandise being available in Canton that year, the Swedes were unable to fill the ship so they laidover a season. The *Prins Carl* did not leave China until December 1755. The Swedes received porcelain from Pinqua in both of those years. Other dealers who supplied the SOIC with chinaware were Futqua, Conjack, Quinqu, Quonchon, Soychong,

Lisjoncon, Jouqva, and the Hong merchants Suqua, Avow, Swetia, and Jauqua.⁷ As Table 1 shows, Pinqua continued to supply the Swedes with porcelain in later years, but owing to many of those documents not surviving, we have no figures.

By 1757, Pinqua was supplying porcelain to the Dutch East India Company (VOC) as well. Fortunately, most of the VOC ledgers have survived from 1757 to the mid-1790s so we have a fairly complete and accurate record of Pinqua's trade with that company. There are many VOC records from Canton that have survived from before 1757 and there is no mention of Pinqua so he seems to have entered into trade with them that year. Table 3 shows his trade with the VOC to be very steady. From 1757 to 1758 his business nearly doubled from 457 to 878 taels, and then doubled again in 1760, with sales reaching 1,744 taels. The records for 1759 have not survived so we do not know what he did that year. His Dutch trade after 1760 fluctuated up and down each year from a few hundred taels to upwards of 8,800 taels in the late-1770s.⁸ While we only have figures from the Danish and Dutch companies (Tables 2 and 3), those sources show him with a very steady trade by the early 1760s.

By 1761, Pinqua was supplying porcelain to the English East India Company (EIC) in competition with Quoneach, Sinqua, Suchin, Wingchong, Soychong, and Yinqu.⁹ If we combine all of his patrons together, including the Danes, Swedes, Dutch, British, private traders, and Portuguese in Macao, we can imagine his gross sales exceeding 10,000 taels or more per year in the 1760s. He had clearly gone beyond most of the small operators and was approaching the volume of mid-level porcelain dealers like Conjac and Lisjoncon.¹⁰

In October 1764, Pinqua's porcelain was held up owing to the governor general conscripting his cargo sampans to carry his personal luggage to Canton. The governor general arrived in Canton on 12 November. After the sampans were unloaded, then Pinqua sent them back upriver again to collect the porcelain that

HISTORIOGRAPHY

was waiting for him at the Meiling pass. Because of this delay, the Dutch had to wait several weeks to load their ships owing to Pinqua's shipments being held up.¹¹ While we only have this one reference to Pinqua's sampans being conscripted, it shows that he did indeed own his own vessels.

We know from other entries, that these diversions of transport sampans occurred more often than one might expect. Anytime top officials needed to move from one place to another or transport people and property, they simply conscripted whatever vessels were available at hand. Most of these actions were never recorded so we do not learn of them. The Danes, however, also experienced delays in their trade for the same reason, which provides us with a few more references to these incursions. In November 1773, November 1775, and December 1784, Chinese officials conscripted cargo sampans to carry troops and other items, resulting in products arriving in Canton many weeks later than expected. These entries show that Pinqua's example in 1764 was not an isolated event.¹² Senior officials were often appointed for one to three years and had to visit other locations within their respective jurisdictions which made these conscriptions regular occurrences.

Pinqua does not show up in the surviving French records until 1783 (Table 1). We have no records from the many private French ships that traded at Canton, but it is likely that he would have had some trade with them. From what we can see from the surviving entries in Table 1, by the late 1770s he probably had upwards of 20,000 taels in gross sales each year.

Figures 1 and 2 are paintings showing porcelain being packed in China's interior (probably Jingdezhen). Figure 1 shows a man inscribing the name of Pinqua's shop Longhe 隆和 on a tub. Other paintings that show porcelain tubs being transported to Canton have the names of the owners on them as well.¹³ In order to keep track of the shipments, we would expect the tubs to be marked in some way so that they were not delivered to the wrong person. The items also had to

pay duties and fees at the customs houses on their way to Canton, which presumably would also dictate that the name of the owner be displayed on the packages.¹⁴

Figure 2 also shows porcelain tubs being packed in preparation for shipment to Canton. Longhe appears on several of the tubs, and Guangxin 廣新 and Yi Ji 鷗記 appears on others.¹⁵ These other names were Pinqua's competitors. On the right, we see bowls being wrapped in reeds and then the bundles being placed into tubs. Note that in both Figures 1 and 2 the porcelain is white. If these items were intended for Guangcai 廣彩 ware, then they would be painted in Canton according to the designs supplied by the foreign customers.¹⁶ Figure 2 also shows a man wrapping white porcelain with reeds, and another man putting a bundle of porcelain into a tub. Thus, both of these paintings appear to be depicting porcelain being packed in China's interior in preparation for their shipment to Canton.

While Pinqua had his own firm, as a porcelain dealer, he was required to channel his sales to foreigners through one of the licensed Hong merchants who became guarantors for his trade. All of these smaller operators in Canton who were not licensed merchants, but who were nonetheless businessmen in their own right, were counted among the class of men known as 'outside merchants'. If Pinqua should fail to pay his duties or fees, his guarantor was held responsible, and would have to make good on those arrears. Figures 3 and 4 are receipts from Pinqua confirming payments he received from the VOC for porcelain purchased in January 1759 and December 1760, respectfully. Although the Dutch texts do not mention it, the Chinese text in Figure 3 shows the name of the Hong merchant Consentia Giqua's firm, Guangyuan Hang 廣源行.¹⁷ This was the house that stood security for his transactions. Giqua, however, died in 1765 and then his son Tiaoqua took over management of the firm. Tiaoqua died in 1775, and the Guangyuan Hang was closed.¹⁸ It is uncertain who became Pinqua's guarantor thereafter.

HISTORIOGRAFIA



Fig.2: E81592.22 Packing the Porcelain, c. 1825. Gouache on paper. Courtesy Peabody Essex Museum. Photo Jeffrey R. Dykes.

As we see from these disparate data, by the 1770s, Pinqua was a well-known and well-established porcelain dealer in Canton, with a good reputation. While this was an honorable distinction that any shopkeeper would have been proud of, it was not necessarily a good outcome for Pinqua. Because of his reputation of being a fair and reliable dealer, with substantial capital and experience dealing with foreigners, he became a prime target when the Hoppo went looking for new men to fill the positions of failed Hong merchants.

Pinqua the Hong Merchant 1782–1793

The late 1770s were very difficult years for the Hong merchants, with several of the largest houses falling into debt. Out of ten houses that were in

operation during the Cohong years (1760 to February 1771), three of them had failed by 1780 (Guangyuan Hang 廣源行, Jufeng Hang 聚豐行, and Guangshun Hang 廣順行). In 1781, the Yuanlai Hang 遠來行 followed them, leaving only six houses remaining. Two of those houses, the Yifeng Hang 義豐行 and Taihe Hang 泰和行 would follow suit a few years later.

In order to shore up the Hong merchant ranks, Hoppo Li Zhiying 李質穎 appointed five new men in the summer of 1782, one of whom was Pinqua.¹⁹ The British officers mentioned that ‘We do not find that any [of the five men] offered themselves voluntarily as the situation of a Hong Merchant is by no means eligible in these times of rapacity & oppression’.²⁰ What the British were referring to is the scramble for revenues in these years, when the Hoppo were

HISTORIOGRAPHY

searching everywhere to find enough funds to make up for the decline that had occurred in the trade. Owing to war breaking out between the Europeans, the number of ships arriving in China went from 35 in 1780, 26 in 1781, to only 16 ships in 1782.²¹ This was a fifty percent drop in revenues in two years. In order to make up for the shortfall and give the best report to the emperor as possible, senior officials—especially the Hoppo—did everything they could to tap into whatever wealth they could get their hands on. This is what the British meant by the phrase ‘times of rapacity & oppression’.

It was a very overwhelming experience moving from an outside merchant to a Hong merchant. Pinqua not only had to learn very quickly the ins and outs of the market in tea, silk, tin, lead, woollens, and a variety of other products, but also learn how to deal in much larger quantities. As mentioned above, when moving into this new position, Pinqua had to assume the debts of the man he replaced. This arrangement was non-negotiable. If he was granted part of the former man’s trade, then he had to assume an equivalent proportion of the debts that that man had left behind. This guarantee system was a part of the Canton trade for most of its history, which favoured foreign traders to the detriment of their Chinese counterparts. If the debts were not repaid, some foreign ships would not likely return to China, which would correspondingly reduce the duties collected for the emperor. These fiscal concerns resulted in new and surviving Hong merchants being required to pay the arrears left behind by the failed men.²²

In addition to handling his normal 20,000 taels worth of porcelain each year, Pinqua was now dealing in hundreds of thousands of taels worth of other goods. As we see from the products listed in Tables 1, 2 and 3, he traded in a wide variety of teas, silk, pepper, tin, Nanking cloth and various other items such as woollens, lead, sandalwood, radix china, radix galingale, sago, etc. Of course, like porcelain, each of these products had a range of prices that corresponded

to their quality and saleability. Pinqua had to learn all of these particulars very quickly. One bad transaction could immediately drain him of funds and seriously affect his financial standing.

Figure 5 is a painting of the inside of a factory in Canton showing porcelain being unpacked out of tubs and repacked into rectangular chests for export. At the lower right are some large tubs with Longhe 隆和 inscribed on them. Normally, the name of the hong would be displayed on lanterns that hung at the entrance of the building.²³ While this painting shows two lanterns hanging at the rear of the picture, the characters on them are illegible. It is clear, however, that they are not the characters for Longhe so this was probably not Pinqua’s warehouse. In the lower left and centre, we see three foreign traders inspecting the items before they were sealed into their new chests. This painting was part of a group of six, which have matching colours and styles.²⁴ One of the paintings can be dated to late 1783 so Figure 3 was probably from around that year which, if true, would be after Pinqua became a Hong merchant.²⁵

Tables 2 and 3 show clearly how quickly trade advanced after Pinqua became a Hong merchant. In 1772, he sold a little over 1,100 taels worth of porcelain to the DAC. In 1782, his Danish trade was over 140,000 taels, which is more than 100 times his previous volume. His Dutch trade in 1781 was around 5,000 taels, which jumped to 76,000 taels in 1783, and 178,000 taels in 1784. Table 1 shows that he was now dealing with the Swedes, French and British as well. By the mid-1780s, he was likely handling half a million taels or more in sales each year, which was about twenty-five times what he had done previously as a porcelain dealer. The appointment of Hong merchant immediately transformed him into one of the major players in the trade—for good or for worse.

The number of ship arrivals returned to 37 in 1783 and continued to be strong in the immediate years thereafter so Pinqua just needed to make it through the slow year of 1782, and then he might have

HISTORIOGRAFIA

a chance to advance his business enough to meet all of his liabilities. The decline in the trade from 1780 to 1782 pushed the Yifeng and Taihe hangs over the edge, resulting in their closure in 1784. One of the new 1782 appointees, Seequa, failed as well. The debts these men left behind were transferred to the surviving merchants, which weakened all of them.

In February 1783, after it became clear that the Yifeng Hang was not going to survive, preparations were made for its closure and the payment of the emperor's duties that were owing. The Hoppo ordered Pinqua to purchase the Dutch factory from the Yifeng Hang, which was not something that he could refuse. He paid 16,600 taels for the building, but then he also gained the income from the rent each year.²⁶ Of course,

handling such large volumes of goods also required a large warehouse so in the early 1780s, Pinqua also purchased the building to the east of the Dutch factory, which was known as the Creek factory (because it was next to a creek, see Figure 7). Thus, within just a few months after becoming a Hong merchant, he laid out around 30,000 taels for real estate.

In 1782, the British officers mentioned that 'Pinqua, is a china ware merchant, and said to be rich' so he probably had quite a bit of money set aside to invest in these buildings.²⁷ But with such large outlays of cash, his savings was not going to last long. In addition to purchasing the Dutch factory, Pinqua was also ordered to pay one-fourth of the 41,404 taels that the Yifeng Hang owed to the Dutch. His portion came to 10,351 taels, which was to be paid in four equal installments over four years.²⁸ This is a rather small amount for Hong merchants, but it was just a fraction of the total debt payments that Pinqua was now responsible for each year. He was granted a share of the Dutch trade in order to earn enough revenues to pay this debt.

During the settling of the Yifeng Hang's debts in June 1784, Hoppo Mu Teng'e 穆騰額 ordered Pinqua to pay the import and export duties that that firm owed. The Dutch mentioned that by 2 September Pinqua had paid the arrears in the duties. Hoppo Mu also ordered Pinqua to purchase one half of Tsonqua's hong (factory), which the Dutch estimated to be worth somewhere between 10,000 and 15,000 taels.²⁹ It is unclear which building this was.

Figure 6(a-b) is a promissory note dated 6 October 1787. It shows the four merchants, Chowqua (Tsjoqua), Monqua, Geowqua (Kiouqua) and Pinqua, agreeing to settle the debt they owed to the Dutch by the end of the trading season. It does not specifically mention the Yifeng Hang in this document, but other records show that the debt referred to was from that firm. The four men agreed to stand security for each other, so if one man failed to make the payment the others would step in to complete the transaction. Thus, when we examine Pinqua's trade figures in

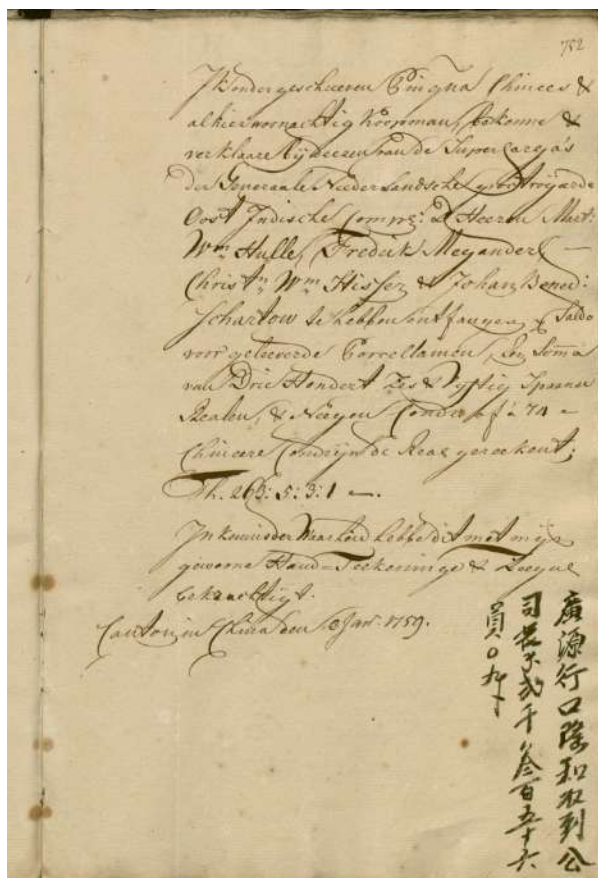


Fig. 3: Receipt (in Dutch) dated 3 January 1759 from Pinqua of the Longhe Hang 隆和行 stating in Dutch that he received 336.09 Spanish reals (263.531 taels) for porcelain he sold to the VOC, under security of the Guangyuan Hang 廣源行. The Chinese text, however, states that he received 2,356.09 Spanish reals (1,743.51 taels). Obviously, one of these statements is in error. Courtesy National Archives, The Hague: VOC 4387.

HISTORIOGRAPHY

Tables 1 to 5, we need to keep in mind that a good part of the profits that were generated from those sales were simply forfeited to pay past debts. One fourth of his Dutch debt, for example, came to 2,588 taels. If he earned five percent profit on his tea sales, then he needed to sell 51,760 taels worth of tea just to break even, not counting his operating costs and depreciation on overhead. We have no way of knowing the total amount of debt payments that Pinqua was responsible for each year. If he had to pay 10,000 taels annually, and if he earned five percent on his tea sales, then he had to sell 200,000 taels worth of tea just to pay his debts. Consequently, the large volumes that we see in Tables 2 and 3 do not necessarily depict large profits.

In late August 1783, Pinqua and Sinqua were both at Macao, apparently to take care of their trade there. We know that Pinqua did not meet with the English supercargos, because they were in Canton at the time, and there is no indication that he visited other Europeans who were in Macao so the evidence seems to suggest that he went there to deal with the Portuguese and/or Spanish.³⁰ A Spanish ship arrived at Macao a few weeks earlier from Acapulco with 700,000 silver dollars aboard so he may have been discussing trade with those men.³¹ Although we have no figures, we know that Pinqua was dealing with the Spaniards from time to time (see entries in Table 1). And we know he had some trade with the Portuguese. In March 1787, for example, the English supercargos mentioned that Pinqua was again in Macao for several weeks.³² Thus, he was very likely trading with both the Portuguese and Spanish each year for which we have no data.

In 1784, Pinqua was appointed security merchant (also called *fiador*) of two EIC ships.³³ The captain of one of those ships brought a large mechanical clock to China, which he showed to Hoppo Mu when that officer came aboard to measure the ship. The Hoppos were instructed by the emperor to be on the lookout for rare items such as this to purchase for the Imperial Court. What usually happened is that the

Hoppo would instruct the security merchant to buy the item for him, and then the Hoppo would present the object to the emperor as a present—not from the Hong merchant who actually purchased it but rather from the Hoppo.³⁴ This is why the experienced Hong merchants would first ask if any such items were aboard a ship, before they agreed to secure it. But Pinqua was new at this job, and did not find out about this clock until later.

In all fairness to Pinqua, even the most experienced men had a hard time avoiding these impositions that often popped up unexpectedly. The EIC actually forbade its officers from bringing clocks and other such things to China, because they put the Hong merchants at such a disadvantage. However, despite the regulation, the Company found it

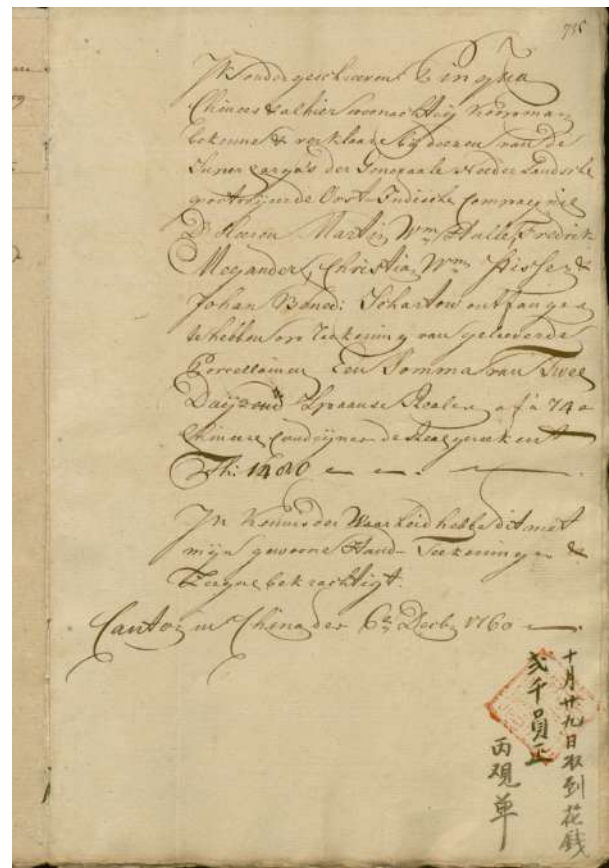


Fig.4: Receipt (in Dutch) dated 6 December 1760 from Pinqua 丙觀 stating that he received 2,000 Spanish reals (1,480 taels) for porcelain he sold to the VOC. Courtesy National Archives, The Hague: VOC 4387.

HISTORIOGRAFIA



Fig.5: 'Unpacking and repacking porcelain for export, in a Canton warehouse', courtesy Martyn Gregory Gallery, London. It is listed in Martyn Gregory. *Treaty Port Scenes. Historical Pictures by Chinese and Western Artists 1750–1950*. Cat. 83. London: Martyn Gregory Gallery, 2007–8, No. 62, p. 68.

impossible to prevent captains and other senior officers from sneaking these items aboard, and sometimes in very large quantities. In January 1781, for example, the EIC directors in London learned that the ship *Locko* had secretly loaded on board 'ten tons of Clock work in 14 cases' bound for China. The directors sent a letter to the supercargos in Canton instructing them to investigate the ship when it arrived at Whampoa in October 1782.³⁵ However, the supercargos in Canton did not receive this letter until 1783. By then the *Locko* had unloaded all of her cargo (probably including the clocks) and left China with a return cargo.³⁶ We do not know what happened to the 'ten tons' of clocks, but a good share of them were probably sold in Canton.

In the 1784 example, the captain wanted 48,000 piastres (34,560 taels) for the clock, which Pinqua considered to be outrageous. He offered 20,000

piastres for it, but the captain refused. By the time the ship was ready to leave, they had still not come to terms on the clock. Normally, Hoppo would not grant ships an exit permit (Grand Chop) if there were items still aboard that they wanted. A situation like this could result in ships being detained in port for many weeks, after they were fully laden.³⁷ In this case, the captain handed the clock over to the EIC supercargo Lane, who managed to sneak it into his apartment in Canton.³⁸ Having the clock in residence satisfied the Hoppo that he would still be able to get it, and then allowed the ship to leave.³⁹ Pinqua now had some time to collect the money that was owed to him for the cargos he had delivered, so he could pay for the clock. He had to purchase it, but it was up to him and the owner to settle on a final price. Unfortunately, there is no further mention of this clock in the records. Much

HISTORIOGRAPHY

of the fortune that Pinqua had earned from decades of porcelain sales had probably vanished by now.

At 9:00 in the evening of 12 February 1785 a fire broke out just north of Pinqua's factory (see Figure 7). There was great fear that the flames would spread to his building and to the Dutch factory next door. With the aid of the Dutch fire engines (water pumps), they kept spraying water on both buildings to prevent them from igniting. In the end, six houses were destroyed including two that belonged to the Chinese compradors who worked for the Dutch. They were lucky to have kept the flames from damaging the two factories, both of which Pinqua owned.⁴⁰

A few weeks later, on the evening of 5 March, another fire occurred near Pinqua's factory at a theatre where Chinese comedies were performed. The theatre was entirely consumed by the fire but the flames were put out before other buildings were damaged.⁴¹ A few months later, on 8 October, a junk that was anchored in front Pinqua's factory caught fire. Eventually, the anchor cable burnt through and broke and then the vessel drifted downriver until it ran aground, where it burned down to the waters edge. At 4:00 in the morning of 2 March 1786 another fire started in a shop near Pinqua's factory, but it was quickly extinguished.⁴² These examples show that fires were a constant threat to all of the Hong merchants.⁴³ Moreover, the merchants who invested in the burnt junk were now losers as well.

On 19 December 1785, the Hoppo summoned all of the Hong merchants to a meeting at his residence. His reporting period was about to end on 26 December, and the Hoppo and governor general wanted to make certain that the amount of the duties collected did not greatly exceed the previous year. There were 37 ships at Whampoa in 1783, 34 in 1784, and 46 in 1785. If they showed the true amount of the duties collected in 1785 then they would be expected to do the same in the next year. Because there was no way of knowing how many ships would arrive each year, the Hoppos regularly transferred figures backwards and forwards in order to level out the amount of the duties received.⁴⁴ The governor was about

to leave for Beijing and he would take figures with him to show the emperor what had transpired that year. The Hong merchants were informed that the trade would be stopped until the start of the next reporting period which was 27 December. The trade that would have been conducted from 20 to 26 December was thus forwarded to the next lunar year.⁴⁵

The Dutch mentioned that many of the merchants' warehouses were now full of goods waiting to be shipped off, which put them at great risk of fire.⁴⁶ In the interim, Pinqua and the other merchants prepared their cargos for shipping as soon as the trade

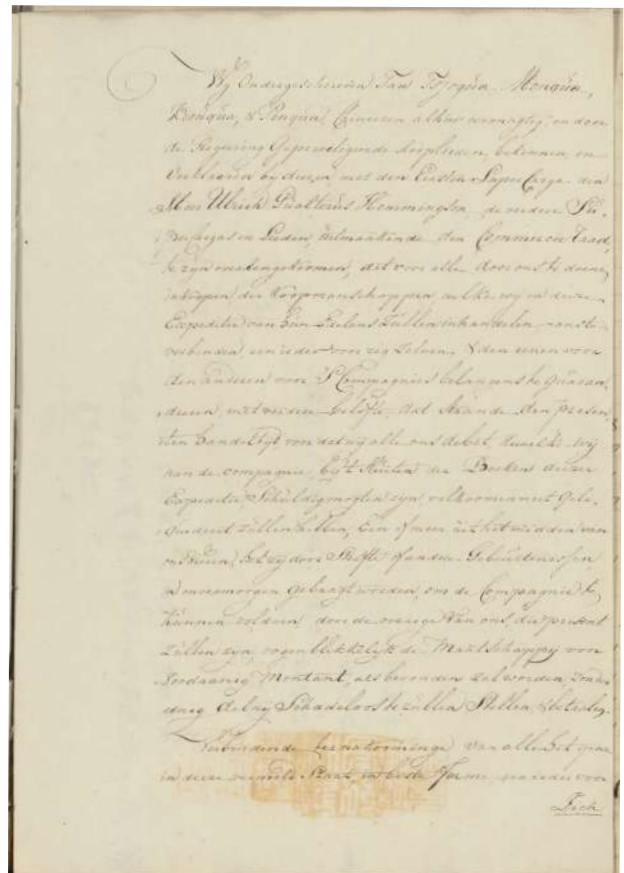


Fig. 6a: Declaration (in Dutch) dated 6 October 1787 signed and chopped by Chowqua (Tan Tsjouqua, Chen Zuguan 陳祖官) of the Yuanquan Hang 源泉行, Monqua (Cai Wenguan 蔡文觀) of the Wanhe Hang 萬和行, Geowqua (Kiouqua, Wu Qiaoguan 伍喬官) of the Yuanshun Hang 源順行 and Pinqua (Yang Bingquan 楊丙觀) of the Longhe Hang 隆和行 stating that they would stand security for each other and settle the debt they owe to the Dutch by the end of the season. Although it does not specify in the document, the debt was from the failed Yifeng Hang 義豐行. Courtesy National Archives, The Hague: VOC 4387.

HISTORIOGRAFIA

was opened again.⁴⁷ The governor left Canton on the morning of 27 December and then the trade resumed in the afternoon.⁴⁸

Table 2 shows Pinqua's trade with the DAC peaking in 1785 at 169,500 taels. His Danish trade remained strong up to and including 1788, and then began a sharp decline. In 1789, the Danes only sent one ship to China when they were previously sending two so a good part of the decline in Pinqua's trade that year was a drop in the total DAC trade. But as we see in Table 5, his share of the EIC trade was also cut in half in 1789, with only 1/16th share when he had previously been granted 2/16th. Pinqua still handled more than nineteen percent

of the DAC trade that year. But then in 1790, his share of the Danish trade dropped to ten percent, and then to six percent in 1792. The Danes did not send a ship to China in 1791, so he had no trade with them that year. By the time the Danes returned in 1792, Pinqua's financial situation had deteriorated considerably so his patrons began to withdraw their support.

When Pinqua was in Macao in March and April 1787, he met with the Dutch. He discussed the great famine that South China was experiencing owing to the scarcity of rice and its high price. Many people in Canton were dying daily from a lack of food.⁴⁹ The Hoppo had met with all of the Hong merchants and ordered them to purchase rice and distribute it to the poor.⁵⁰ Apparently, one of Pinqua's reasons for visiting Macao was to get rice from the Portuguese and Spanish ships, which they were now bringing on a regular basis. In May 1787 a distribution centre was set up in the Imperial Factory (see Figure 7) on the quay to distribute rice to the poor.⁵¹ There were reports of hundreds of people dying daily from disease and famine.⁵² While the Hong merchants are to be credited for their humanitarian efforts in these times of crisis, the fact that they had to finance these extraneous activities, regardless of whether or not they could afford to do so, is another sign of the many unpredictable expenditures that were constantly nibbling away at their profits.

Figure 8 is a contract Pinqua made with the Americans Shaw and Randall aboard the ship *Grand Turk*, dated 26 September 1786. Pinqua agreed to supply Bohea tea to that ship at the same price as what the Danish and Dutch companies paid. The amount he received was 10,039 dollars, and the tea was to be shipped aboard the vessel at Whampoa, free of all duties. It was witnessed by EIC supercargo Lane and the DAC supercargo Vogelsang. As we see from entries in Table 1, Pinqua traded with the Americans in 1784 as well, and he secured and supplied most of the cargo to the American ship *Columbia* in 1789. The *Columbia* brought many furs from the Northwest Coast of America, especially Sea Otter Skins. Pinqua managed to

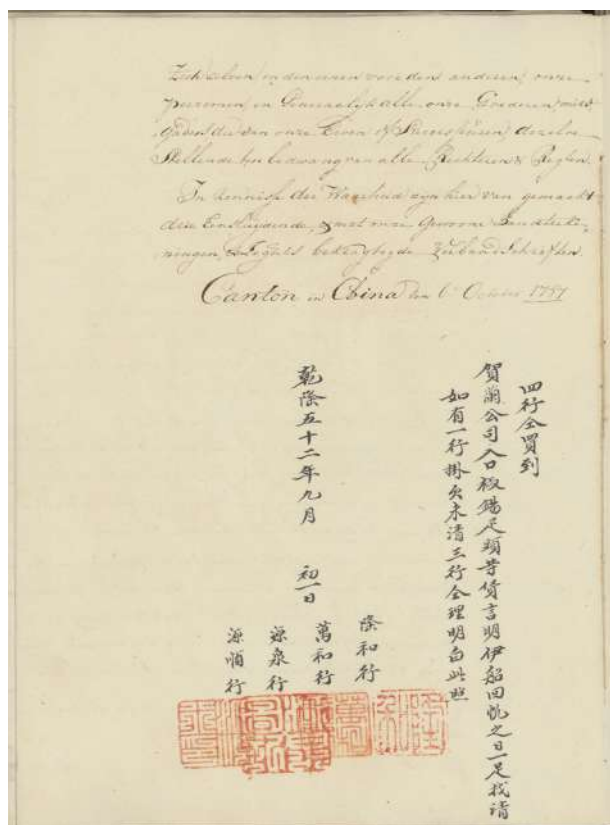


Fig. 6b: Declaration (in Dutch) dated 6 October 1787 signed and chopped by Chowqua (Tan Tsjoqua, Chen Zuguan 陳祖官) of the Yuanquan Hang 源泉行, Monqua (Cai Wenguan 蔡文觀) of the Wanhe Hang 萬和行, Geowqua (Kiouqua, Wu Qiaoguan 伍喬官) of the Yuanshun Hang 源順行 and Pinqua (Yang Bingguan 楊丙觀) of the Longhe Hang 隆和行 stating that they would stand security for each other and settle the debt they owe to the Dutch by the end of the season. Although it does not specify in the document, the debt was from the failed Yifeng Hang. Courtesy National Archives, The Hague: VOC 4387.

HISTORIOGRAPHY

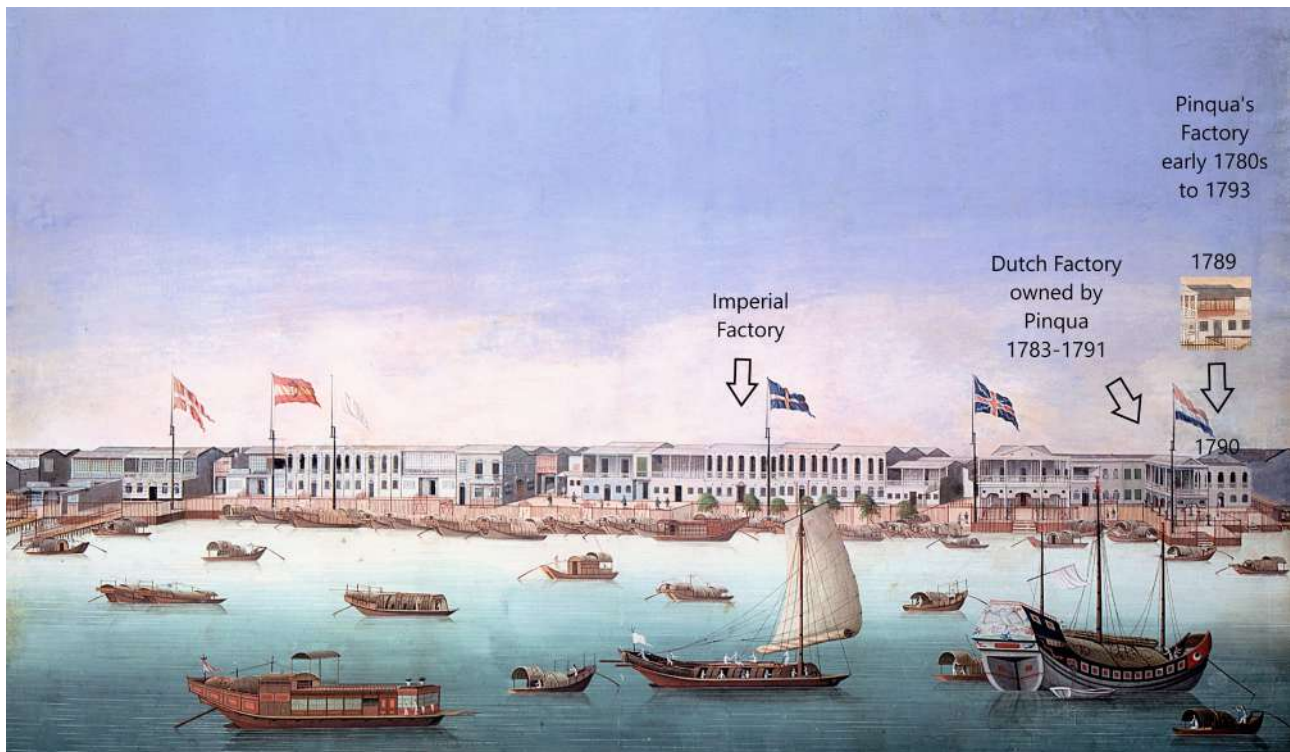


Fig.7: View of the Canton Factories in circa 1790. Courtesy Martyn Gregory Gallery, London.

buy the whole lot of skins from the Americans Randall and Shaw for \$4,000 less than what they were asking for them.⁵³ He undoubtedly had other American trade as well for which we have no references.

Table 3 shows that Pinqua's trade with the VOC reached a peak in 1789 with an amazing 490,000 taels in sales. From what we see from the figures in Tables 2 and 3, his trade seems to have reached a peak around 1787 and 1788. Table 4 shows him trading 178,000 taels worth of goods with the French in 1787, but then dropped to a mere 1,200 taels the next year and did not recover thereafter. Table 5 shows Pinqua having 2/16th share of the EIC trade at this time, which would have translated into a couple hundred thousand taels worth of business.

What all of these figures tell us is that from about 1786 to 1788, Pinqua was probably handling well over one million taels in gross sales each year (keeping in mind that he dealt in imports as well). He had become

one of the major players, but not without consequences. He was now plagued with cash-flow problems. In April 1787, Pinqua met with the EIC supercargos to discuss the upcoming season. He agreed to supply 1,000 piculs of Tunkay tea, and a quantity of Singlo tea. They asked him to engage in more tea, but he respectfully declined stating that 'it was out of his power at present to engage for any Congo & Hyson' owing to a 'a loss for money to send' to the inland suppliers.⁵⁴ In October, he pleaded further that he needed more money in advance to pay for the tea. While the EIC supercargos did not give him the amount he was asking for, they did accommodate him somewhat by handing him 20,000 taels in advance.⁵⁵ The annual debt payments and other extraneous expenses were now clearly absorbing Pinqua's capital reserves. The only way he could fulfill his contracts this year was to either get tea on credit from his inland suppliers or borrow money from foreigners at high interest.

HISTORIOGRAFIA

Table 1: Pinqua's Trade Schedule 1747–1799

Year	Trade Name	Partners	Co.	Products Traded	Source
1747	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 2199
1748	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 1126, 2200–1
1754	Pinqua		SOIC	P	GUB: H22.4A <i>Prins Carl</i> Dagbok
1755	Pinqua		SOIC	P	GUB: H22.4A <i>Prins Carl</i> Dagbok
1757	Pinkqua		DAC	gg, P	NAH: VOC 4381
1757	Pinkqua		VOC	gg, P	NAH: VOC 4381
1758	Pinqua		VOC	gg, P	NAH: Can 24, VOC 4382–3; JFB: B 1758 fNe
1759	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 1139–42, 1144, 2214–5
1760	Pinqua		VOC	P	NAH: VOC 4386, 4387 ^(sb)
1761	Pinqua		EIC	P	BL: IOR R/10/5
1761	Pinqua		SOIC	P	GUB: H22.4A <i>Riksens Stander</i> Dagbok
1762	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 2220–2
1762	Pinqua		VOC	P	NAH: Can 71, VOC 4395
1763	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 2223–6
1763	Pincqua		SOIC	P	NM: F17 p. T1_01711-
1763	Pinqua		VOC	P	NAH: Can 72, VOC 4394
1764	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 2227–8
1764	Pinqua		EIC	P	BL: IOR R/10/5
1764	Pinqua		VOC	P	NAH: Can 27, VOC 4396
1765	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 2229–30
1765	Pinqua		EIC	P	BL: IOR R/10/5
1765	Pinqua		SOIC	P	GUB: H22.4A; NM: F17 p. T1_06313
1765	Pinqua		VOC	P	NAH: VOC 4397
1766	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 2231
1766	Pinqua		SOIC		NM: F17 pp. T1_00852-4, T1_01884, T1_06354
1766	Pinqua	Chequa	SOIC		NM: F17 p. T1_06346
1766	Pinqua		VOC	P	NAH: VOC 4399
1767	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 2232–3
1767	Pinqua		SOIC	SR, P	NM: F17
1768	Pinqua		SOIC	P	NM: F17
1769	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 2235
1769	Pinqua		SOIC	P	NM: F17 p. T1_01964-
1769	Pinqua		VOC	P, B	NAH: Can 78, VOC 4404–5
1770	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 2236–7

HISTORIOGRAPHY

Year	Trade Name	Partners	Co.	Products Traded	Source
1770	Pinqua		VOC	P, B	NAH: VOC 4406
1771	Pinqua		VOC	P, B	NAH: Can 80, VOC 4408
1772	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 2238–9
1772	Pinqua		EIC	P	BL: IOR R/10/9
1772	Pinqua		VOC	P	NAH: Can 81, 234, VOC 4410
1773	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 1170
1773	Pinqua		VOC	P	NAH: Can 82, 235, VOC 4411
1774	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 1172
1774	Pinqua		VOC	P	NAH: Can 37, 83, VOC 4412
1775	Pinqua		DAC	P, sa	RAC: Ask 1173
1775	Pinqua		VOC	P, B	NAH: Can 84, VOC 4413
1776	Pinqua		DAC	P, ld	RAC: Ask 1175
1776	Pinqua		VOC	P, B	NAH: Can 85, VOC 4414
1777	Pinqua	brother	DAC	P	RAC: Ask 234, 1177
1777	Pinqua		SOIC		GUB: H22.15 p. 20
1777	Pinqua		VOC	P	NAH: Can 86, VOC 4415
1778	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 1179
1778	Pinqua		VOC	B, P	NAH: Can 87, VOC 4418
1779	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 1180
1779	Pinqua		VOC	P	NAH: Can 88, VOC 4419
1780	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 235, 1183–4
1780	Pinqua		VOC	P	NAH: Can 43, 89, VOC 4421, 4423
1781	Pinqua		DAC	P	RAC: Ask 1185
1782	Pinqua		DAC	P, tu, K, SR, Sl, C, B, ZZ	RAC: Ask 1190, 2240
1782	Pinqua		EIC		Morse 2; Inglis 13; BL: IOR G/12/19, 76
1782	Pinqua		VOC	P, pp, jc, B	NAH: VOC 4425
1783	Pinqua		DAC	C, Sl, Ty, ZZ, B	RAC: Ask 2241; Constant 226–32
1783	Pinqua		EIC	B, Ty, Sl, tx, H, Sk, Sc	Morse 2; BL: IOR G/12/77–8
1783	Pinkoa		VOC		Constant 226–32
1783	Pinkoa		SOIC		Constant 226–32
1783	Pinqua		VOC	z, zt, C, Sc, Pc, HS, Sl, S, tx, jc, pp, tin, Nl, zr, P	NAH: Can 45, 245, VOC 4425, 4430
1784	Pinkoa, Pinqua		DAC	HS, Rx, Rg, K, H, Ty, J, Pc, Sc, pp, tx, jc, tin, FR, P, Sl, B, P, C	NAH: Can 46, 90, 246, 2242, VOC 4426

HISTORIOGRAFIA

Year	Trade Name	Partners	Co.	Products Traded	Source
1784	Pinqua		EIC	B, Sl, Ty, Sk, tx, ld, C, HS	Morse 2; BL: IOR G/12/79–80
1784	Pinkoa				ANOM: AQ/8/349–351, Letter 1784.11.23
1784	Pinqua		USA		UPL; Smith
1785	Pinqua		DAC	P, B, C, H, HS, Sl, K, Ty	RAC: Ask 2243
1785	Pinqua		EIC	tx, H, Sl, Ty, HS, Sk, Sc	Morse 2; BL: IOR G/12/79, 81–3
1785	Pinkoa				ANOM: C.1.15 p. 99r
1785	Pinqua, Pinkoa		VOC	B, C, Sc, Ty, FR, cv, K, tx, ld, cv, cvo, pp, tin, P, Db, sta, spr	NAH: Can 47, 91, 247, 295, VOC 4431; Jörg 61
1786	Pinqua		DAC	B, P, SR, C, R, Ty, HS, Sl, H	RAC: Ask 1200, 2244
1786	Pinqua		EIC	C, H, Sk, K, Sc	Morse 2; BL: IOR G/12/82, 84–5
1786	Pinkoa		French	P, R, rat, cl, HS, Ty	ANOM: AQ/8/42, 203, 349–51, <i>Grand Livre</i>
1786	Pinqua, Bing-guan 丙觀		USA		PEM: Derby Mss 37 ^(sbc)
1786	Pinqua		VOC	B, tin, tx, ng, cv, pp, ld, sw, R, C, Sc, H, HS, J, S, K, Sl, ms, Db	NAH: Can 48, 92, 248, VOC 4432, 4433 ^(bc)
1787	Pinqua		DAC	B, Ty, C, HS, R, H, K	RAC: Ask 2245
1787	Pinqua		EIC	C, Sk, Pc, H, B, Ty, K, Sc, ld	Morse 2; BL: IOR G/12/84–8
1787	Pinqua, Pinkoa		French	P, K, B, cl, ct, Sl, R, gi, H	ANOM: AQ/8/203, 349–51. Journal
1787	Pinqua		VOC	B, pp, jc, pm, la, si, R, Rl, C, K, H, HS, J, S, Ty, Sc, Pc, Rx, P, Db	NAH: Can 49, 93, 249, 366, VOC 4436
1788	Yang Cengong 楊岑龔		CHD	Pinqua	QGY 2999
1788	Pinqua		DAC	B, HS, R, K, C, Pc	RAC: Ask 2246
1788	Pinqua		EIC	Sl, Ty, CK, B, Sk, H, C	Morse 2; BL: IOR G/12/20, 87–9, 94; Oriental Rep. 2:321
1788	Pinqua, Pinkoa		French	Sl, R	BL: IOR G/12/88; ANOM: AQ/8/42, 203
1788	Pinqua, Pin-qua		VOC	B, tin, pp, R, cvo, C, K, Sc, H, S, z, Rx, Db	NAH: Can 50, 93–4, 250, 366, VOC 4440
1789	Pinqua		DAC	B, sa, C, T, ZZ, H, Ty	RAC: Ask 2247
1789	Pinqua		EIC	Ty, B, CK, Sc, C, ld, H, Pc	Morse 2; BL: IOR G/12/94, 96–7

HISTORIOGRAPHY

Year	Trade Name	Partners	Co.	Products Traded	Source
1789	Pinkoa		French		ANOM: AQ/8/206, 208
1789	Pinqua, Pinkua		RPC		Agote R631
1789	Pinqua		USA	Tea, furs	Scofield 1993, pp. 165–6, 180, 191
1789	Pin-qua, Pinqua		VOC	J, S, B, FR, tin, pp, R, C, H, Sc, Pc, Db, Sl	NAH: Can 51 ^(b) , 94–5, 251, 366, VOC 4444
1790	Pinqua		DAC	sa, B, HS, T, U, Ty, C, H	RAC: Ask 2248
1790	Pinqua		EIC	C, HS, Sc, tx, Pc, CK, H, B, ld	Morse 2; BL: IOR G/12/96–9
1790	Pinqua, Pinkua		RPC		Agote R632
1790	Pinqua		VOC	B, FR, spr, Db, J	NAH: Can 52, 367, VOC 4445
1791	Pinqua		DAC		RAC: Ask 238, 1207
1791	Pinqua		EIC	Sc, CK, Sl, C, B, tx, ld, H, Pc, HS	BL: IOR G/12/98–102
1791	Pinkua		RPC		Agote R633
1791	Pinqua		VOC	K, C, Sc, Sl, Ty	NAH: Can 53, 252, VOC 4446; GHL: Ms 1985
1792	Yang Cengong 楊岑龔		CHD		Xing 58; QGY 3126; QDGZ 66
1792	Pinqua		DAC	C, S	RAC: Ask 1207, 2249
1792	Pinqua		EIC	C	Morse 2; BL: IOR G/12/102–4
1792	Pinkua		RPC		Agote R634
1792	Pinqua		VOC	Sc, Pc, C	NAH: Can 54, 326, VOC 4447
1793	Pinqua		EIC	w, B	BL: IOR G/12/104–5
1793	Pinkua		RPC		Agote R635
1793	Pinqua		VOC	C	NAH: Can 55, VOC 4577
1794	Pinqua		VOC	Db	NAH: Can 256–8, 326, OIC 195
1795	Pinqua		Dutch	Died October 15	NAH: Can 57, 96, 326, Aanw 298
1795	Pinqua		EIC	Db	BL: IOR G/12/109
1795	Pinkua		RPC	Db	Agote R637
1796	Pinqua		Dutch	Db	NAH: Can 58
1796	Pinqua		EIC	Db	BL: IOR G/12/115
1797	Pinqua		Dutch	Db	NAH: Can 304
1798	Pinqua		VOC	Db	NAH: Can 60, 262, 331
1799	Pinqua		EIC	Db	CL: HMN 12

HISTORIOGRAFIA

Table 2: Pinqua's Trade with the DAC 1747–1792

Year	Ship Nos.	Ship Name	Return Cargos	Pinqua's Trade	% of Total	Products
1747	1	<i>Kong af Dan</i>	128,208	55	0.000	P
1748	1	<i>Christiansb. Slott</i>	125,866	45	0.000	P
1759	1	<i>Kong af Dan</i>	139,581	24	0.000	P
1759	1	<i>Cron Pr af Dan</i>	108,114	217	0.002	P
1762	1	<i>Pr Fred af Dan</i>	235,800	162	0.001	P
1763	1	<i>Kong af Dan</i>	158,368	185	0.001	P
1763	1	<i>D Juliana Maria</i>	146,541	236	0.002	P
1764	1	<i>Cron Pr af Dan</i>	140,661	245	0.002	P
1764	1	<i>Pr Fred af Dan</i>	263,800	383	0.001	P
1765	1	<i>D Juliana Maria</i>	157,101	745	0.005	P
1765	1	<i>D. Sophia Magd.</i>	195,377	1,283	0.007	P
1766	1	<i>Fred'borg Slott</i>	203,820	528	0.003	P
1767	1	<i>D Sophia Magd</i>	174,171	74	0.000	P
1767	1	<i>Pr Fred af Dan</i>	240,875	930	0.004	P
1769	1	<i>D Sophia Magd</i>	166,374	1,230	0.007	P
1770	1	<i>Fred'borg Slott</i>	168,627	939	0.006	P
1770	1	<i>Kong af Dan</i>	181,621	795	0.004	P
1772	1	<i>Kong af Dan</i>	166,886	378	0.002	P
1772	1	<i>Fred'borg Slott</i>	153,585	1,118	0.007	P
The <i>Kassa-Hovedboger</i> are missing from 1773 to 1781						
1782	4	<i>M, D, KafD, Ch A</i>	918,095	143,360	0.156	P, tu, K, SR, Sl, C, B, ZZ
1783	2	<i>S Mag & Cron Pr</i>	467,604	114,686	0.245	C, Sl, Ty, ZZ, B
1784	3	<i>Dk & JM & Dis</i>	516,624	49,436	0.096	P, C, HS, H, Sl, K
1785	3	<i>CP & Mars & CA</i>	647,740	169,539	0.262	P, B, C, H, HS, Sl, K, Ty
1786	2	<i>Dk & S Mag</i>	460,474	160,031	0.348	B, P, SR, C, R, Ty, HS, Sl, H
1787	2	<i>D Jul M & Cr P</i>	544,740	159,394	0.293	B, Ty, C, HS, R, H, K
1788	2	<i>P Ch A & Mars</i>	540,269	140,465	0.260	B, HS, R, K, C, Pc
1789	1	<i>Kong af Dan</i>	289,778	56,222	0.194	B, sa, C, T, ZZ, H, Ty
1790	1	<i>Juliana Maria</i>	233,936	23,854	0.102	sa, B, HS, T, U, Ty, C, H
1792	1	<i>Cron Printzen</i>	247,448	14,601	0.059	C, S
1744–1772	19		3,255,376	9,572	0.003	trade as a porcelain dealer
1782–1792	21		4,866,707		0.212	trade as a Hong merchant

Source: *Kassa-Hovedboger* in RAC: Ask 2194, 2199, 2201, 2212–2214, 2220, 2224–2225, 2227–2233, 2235–2249, 2285.

HISTORIOGRAPHY

Table 3: Pinqua's Trade with the VOC 1757–1791

Year	Ship Nos.	Total Receipts	Trade	%	Products
1757	1	208,140	457	0.002	gg, P
1758	3	364,592	878	0.002	gg, P
1760	3	745,969	1,744	0.002	P
1762	3	680,600	1,929	0.003	P
1763	3	971,709	1,953	0.002	P
1764	4	985,019	1,221	0.001	P
1765	4	976,121	323	0.000	P
1766	4	771,913	467	0.001	P
1769	4	756,602	1,600	0.002	P
1770	5	1,079,664	3,717	0.003	P
1771	4	825,947	1,380	0.002	P
1772	4	944,765	691	0.001	P
1773	4	670,531	2,591	0.004	P
1774	4	603,020	1,349	0.002	P
1775	5	693,437	1,466	0.002	P
1776	4	676,401	2,847	0.004	P
1777	4	796,175	2,390	0.003	P
1778	4	765,224	6,905	0.009	P
1779	4	799,117	8,795	0.011	P
1780	4	732,092	5,132	0.007	P
1781	1	197,427	5,057	0.026	P
1783	2	477,324	76,514	0.160	P, z, ln, Hs, C, Sc
1784	4	928,577	178,787	0.193	z, P, B, C, S, H, Sc
1785	4	992,376	187,571	0.189	S, P, B, C
1786	5	1,266,617	222,398	0.176	B, C
1787	5	1,621,824	337,998	0.208	Rx, P, B
1788	4	1,904,661	423,277	0.222	Sc, Rx, z, C, B, H
1789	5	2,201,455	489,973	0.223	S, J, Pc, H, B, C, Sc
1790	3	552,910	71,939	0.130	B
1791	2	623,795	68,044	0.109	Sc, C
1757–1781	76	15,244,466	52,890	0.003	trade as a porcelain dealer
1783–1791	34	10,569,539	2,056,500	0.195	trade as a Hong merchant

Source: *Groot Boeken* in NAH: VOC 4381– 4382, 4386, 4394, 4396 – 4397, 4399, 4405 – 4406, 4408, 4410 – 4415, 4418 – 4419, 4421, 4423, 4426, 4430 – 4432, 4436, 4440, 4444 – 4446.

HISTORIOGRAFIA

Table 4: Pinqua's Trade with the CFI 1786–1789

Year	Total CFI Trade	Pinqua's Trade	Products	%
1786	137,798	14,072	P, R, HS, Ty	0.102
1787	733,942	178,259	P, K, B, Ty, Nk, H, R, Hs, Pc	0.243
1788	371,679	1,241	R	0.003
1789	298,819	20,184		0.068

Sources: Grand Livre in ANOM: AQ.8.204, 207, 208.

Table 5: Pinqua's Shares of Trade with the EIC, 1783–1791

Year	Shares	Sources
1783	1/8 (2/16)	BL: IOR G/12/77, p. 76
1784	2/16	Morse 2: 97
1785	1/16	BL: IOR G/12/79, 1785/08/23, p. 40
1786	2/15	BL: IOR G/12/82, 1786/09/06, p. 9, 1786/09/07, p. 12
1787	2/16	BL: IOR G/12/86, 1787/09/20, pp. 106–8
1788	2/16	BL: IOR G/12/88, 1788/04/03–04, pp. 193–6; G/12/89, 1788.04.08, pp. 12–3
1789	1/16	BL: IOR G/12/94, 1789.03.24, pp. 125–6, 1789.12.12, p. 106
1790	1/16	BL: IOR G/12/98, 1790.09.01, p. 35, 1791.02.24, p. 158
1791	Part of 1/16	BL: IOR G/12/98, 1791.02.24, p. 158, G/12/101, 1791.11.06, p. 65, G/12/103, p. 234

Abbreviations

Aanw	AW 1.11.01.01. Aanwinsten: generaal rapport, missiven, bylagen en diverse stukken betreffende de China handel 1758–1779. In NAH.
Agote	Spain, Untzi Museoa-Museo Naval, Fondo Manuel de Agote, Diary R622–41, 1779–1797. http://untzimuseoa.eus/es/colecciones/fondo-manuel-de-agote [accessed 2016.01.21]
ANOM	France, Aix en Provence, Archives Nationales d'Outre-mer.
BL: IOR	British Library: India Office Records.
Can	Canton Archive in the National Archives, The Hague. 1.04.20.
CHD	These references appear in Chinese Documents.

HISTORIOGRAPHY

- CL The Caird Library (CL), National Maritime Museum, Greenwich.
- Constant Dermigny, Louis, ed. *Les Mémoires de Charles de Constant sur le Commerce a la Chine*, par Charles de Constant. Paris: S.E.V.P.E.N., 1964.
- DAC Danish Asiatic Company.
- EIC English East India Company.
- GHL Universiteits Bibliotheek (University Library), Ghent. Ms 1985 is a copy of the VOC *dagregister* from 1791.
- GUB Gothenburg Universitetsbibliotek (University Library).
- Inglis Inglis, Robert. *The Chinese Security Merchants in Canton, and Their Debts*. London: J. M. Richardson, 1838.
- JFB James Ford Bell Library, University of Minnesota. The B 1758 fNe collection contains Dutch records from Canton in 1758. Irvine refers to the Charles Irvine papers.
- Jörg Jörg, Christiaan J.A. *Porcelain and the Dutch China Trade*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1982.
- Morse Morse, Hosea Ballou, *The Chronicles of the East India Company Trading to China, 1635–1834*, 5 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1926. Reprint, Taipei: Ch'eng-wen Publishing Co., 1966 (Numbers listed as Morse 2, refers to vol. 2, idem).
- NAH National Archives, The Hague.
- NM Nordic Museum Archive, Stockholm. Godegårdsarkivet Archive F17.
- OIC 2.01.27.01, Comité Oost-Indische Handel en Bezettingen (OIC). National Archives, The Hague.
- PEM Salem Massachusetts, Peabody Essex Museum. Phillips Library.
- QDGZ Li Guorong 李國榮 and Lin Weisen 林偉森, eds. *Qing Dai Guangzhou Shisan Hang Jilue* 清代廣州十三行紀略 (Chronicle of the Hong Merchants in Canton during the Qing Dynasty). Guangzhou: Guangdong Renmin Chubanshe 廣東人民出版社, 2006.
- QGY *Qing Gong Yue Gang Ao Shang Mao Dang'an Quanji* 清宮粵港澳商貿檔案全集, Zhongguo Diyi Lishi Dang'an Guan 中國第一歷史檔案館, Zhongguo Guji Zhengli Yanjiuhui bian 中國古籍整理研究匯編. 10 vols. Beijing: Zhongguo Shudian 中國書店, 2002.
- RAC Rigsarkivet (National Archives), Copenhagen.
- RPC Royal Philippine Company.
- UPL University of Pennsylvania Library, Philadelphia. Ms Coll. 499 Molineux's Reciets.
- SOIC Swedish East India Company.
- VOC Dutch East India Company and archive of the same in the National Archives, The Hague. 1.04.02.

HISTORIOGRAFIA

Abbreviations for Products

A	Amber 琥珀 (hu po), fossilized tree resin, thought to have medicinal qualities, used as an ingredient in perfumes, and to make jewelry, also known as barnsteen.
B	Bohea tea 武彝 (夷) 茶 (wu yi cha)
C	Congo tea 工夫茶 (gong fu cha)
cl	caneel (cinnamon) 玉桂 (yu gui), 安桂 (an gui), 桂皮 (gui pi) or 肉桂 (rou gui).
cv	cloves 丁香 (ding xiang)
cvo	clove oil 丁香油 (ding xiang you)
Db	Debt
FR	Factory Rent 商館租金 (shang guan zu jin)
gg	gumi gutti/gomme gutta 藤黃 (teng huang)
H	Heysen/Hyson tea 早春茶 (zao chun cha), 熙皮 (xi pi), 熙春 (xi chun) or 熙珠茶 (xi zhu cha).
HS	Hyson/Heysen Skin tea 皮茶 (pi cha)
J	Joosjes (Gunpowder) tea 珠茶 (zhu cha)
jc	Japan copper 日本銅 (Riben tong)
K	Kampoy tea 揀焙茶 (jian bei cha)
ld	lead, has various forms, including 紅丹 (hong dan), 鉛丹 (qian dan), 黃丹 (huang dan), 鉛粉 (qian fen), 黑鉛 (hei qian), 鉛塊 (qian kuai, pig lead), 鉛片 (qian pian, sheet lead).
ln	linen 麻布 (ma bu) or 竹布 (zhu bu)
ms	muscus (musk) 麝香 (she xiang)
ng	nutmeg 肉豆蔻 (rou dou kou)
Nl	Nanking linen 南京麻布 (Nanjing ma bu)
P	Porcelain 瓷器 (ci qi)
Pc	Peco tea 白毫茶 (bai hao cha)
pp	pepper 胡椒 (hu jiao)
R	Rhubarb 大黃 (da huang)
rat	Rottinger (rattan or cane) 沙藤 (sha teng) or 藤子 (teng zi)
Rg	Radix galingale 高良薑根塊 (gao liang jiang gen kuai)

HISTORIOGRAPHY

Rx	Radix china 土茯苓 (tu fu ling) or 冷飯頭 (ling fan tou). Used as a medicine, sometimes also called china root.
S	Soulong tea
sa	sago 西米 (xi mi) or 西穀米 (xi gu mi)
Sc	Souchon tea 小種茶 (xiao zhong cha)
Sk	Skins tea 皮茶 (pi cha)
Sl	Songlo/Singlo/Zonglo tea 松羅茶 (song luo cha) or 松製茶 (song zhi cha)
spr	spelter (zinc) 白鉛 (bai qian), sometimes referred to as pewter or tutenague as well. It is generally softer than tutenague.
SR	Snor Rottinger (rattan cord) 藤片 or 藤條 (teng pian or teng tiao). Used for binding and packing goods in the hulls of ships. Same as binding rattan.
sta	Star Anise 大茴 (da hui) or 八角 (ba jiao)
sw	sandalwood 檀香木 (tan xiang mu)
tin	tin 錫 (xi), 洋錫 (yang xi) or 番錫 (fan xi).
tu	tutenague 白銅 (bai tong). It is sometimes called spelter, but is generally of a harder alloy than that metal.
tx	textiles 紡織品 (fang zhi pin)
Ty	Tunkay tea 屯溪茶 (tun xi cha)
U	Utzien tea
w	woollens 毛紡織品 (mao fang zhi pin)
z	silk 絲綢 (si chou)
zr	silk-raw (unprocessed) 生絲 (sheng si) or 湖絲 (hu si)
zt	silk textiles 絲綢紡織品 (si chou fang zhi pin) or 緞子 (duan zi)
ZZ	Ziou Zioun tea 雀舌茶 (que she cha)

Note: I have marked all sources that contain a signature, the name of the business, and/or a chop in Chinese. These sources are noted with a bracketed superscript ^(s) such as VOC 4387^(sb), which indicates a signature and a business name in Chinese. A source that is followed by all three ^(sbc) indicates a signature, business name and chop in Chinese.

HISTORIOGRAFIA

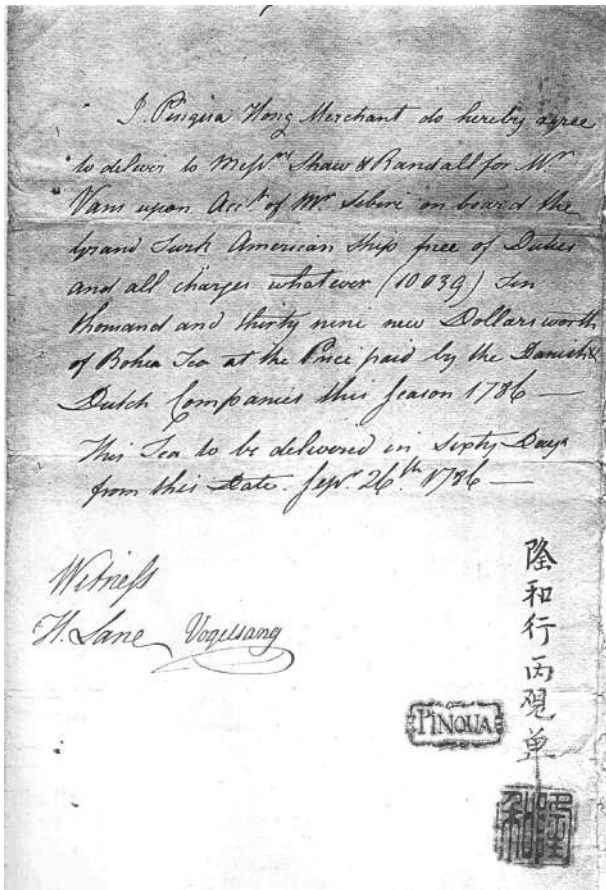


Fig.8: Receipt (in English) dated 26 September 1786 from Pinqua 丙觀 of the Longhe Hang 隆和行 stating that he received 10,039 new dollars from the Americans Shaw and Randall for Bohea tea that he was to deliver at the same price as what the Danish and Dutch companies paid. Mss 37 Derby Papers, box 3, folder 3, Phillips Library. Courtesy Peabody Essex Museum.

At some point in early 1790, Pinqua's Creek factory was rebuilt. It is unclear why this was done, or who paid for it. Pinqua was renting part of the building out to foreigners so they may have contributed to the cost of rebuilding. Figure 7 shows the factory before and after the changes were made. The new façade took on a French appearance which made it look like many of the other factories. We know that the adoption of European styles on the buildings was often paid for by the tenants, who wanted those changes.⁵⁶ While it is unclear who actually bore this expense, it is clear that Pinqua was in no position to be financing such unnecessary improvements.

In 1790, Eequa (Wu Zhaoping 吳昭平) was declared bankrupt and his Fengtai Hang 豐泰行 was closed. Eequa was banished to Yili as punishment for his indebtedness. He was one of the five men appointed in 1782. Eequa owed private Parsee traders in Canton upwards of 400,000 dollars. While the emperor ordered his debts be paid out of the provincial treasury, the province was, in turn, to be repaid by installments from the Hong merchants.⁵⁷ On 5 January 1791, the Hong merchants met with the magistrate of the Guangzhoufu 廣州府 and six Mandarins in the Consoo Hall (Gongsuo 公所) at the head of China Street (Jingyuan Jie 靖遠街) to discuss the settling of Eequa's debts. A plan was put forth whereby the debt was to be paid in seven installments of \$60,000 each. The first two installments were to be made in the upcoming lunar year, on the second and eighth month (ca. March and September 1791). The remaining five installments were to be made each year over the next five years.⁵⁸ Thus, each man would need to pay about \$8,571 in each installment, which means Pinqua had to hand over \$17,142 in 1791. This additional debt burden marked the end of both Pinqua and the Hong merchant Chetai (Li Zibiao 李自標).⁵⁹

In January 1791, the Dutch mentioned that Pinqua was now constantly short of capital and in a poor financial state.⁶⁰ The Dutch and British supercargos mentioned that Pinqua was much indebted to inland suppliers.⁶¹ In March, at the behest of the inland agents, the Mandarins questioned Pinqua about his outstanding debts. Monqua wrote to the Dutch in Macao asking for a summary of the debts that Hong merchants owed to them. They responded by saying that Pinqua still owed them 30,550 taels.⁶² On 1 April the Dutch received news from their comprador, who had arrived from Canton, that Pinqua was going to sell the Dutch factory to Locqua in order to raise money.⁶³ Locqua's business, however, was also in decline, but he nonetheless had to follow through with the Hoppo's orders.⁶⁴

HISTORIOGRAPHY

On 9 August 1791, Pinqua's sampans arrived at Macao to transport the Dutch supercargos back to Canton. A few days later, Pinqua himself arrived in an attempt to persuade the Dutch to engage him in more trade. He had many complaints about the officials in Canton who he felt had abused him.⁶⁵ The Dutch were now convinced that they needed to replace Pinqua, with someone else.⁶⁶ As the figures in Table 3 show, the VOC had some trade with him in 1791, but mostly just to give him a chance to reduce the debt he owed. By October, the Dutch said his debt with them was now about 33,000 taels.⁶⁷

When the English supercargos returned to Canton in mid-September 1791, they came to the following decision about Pinqua's future trade.

*1791, Sep 16: Finding on our arrival that the situation of Pinqua's affairs was in the same embarrassed state as when we left Canton we did not think it advisable to appoint him security for any of the ships but we have at his earnest request, in order to preserve some credit with his own countrymen, agreed to retain for the present the sixteenth share of the woollens which we had reserved for him and to deliver it to him so soon as he shall have furnished us with teas to that amount.*⁶⁸

The last time that Pinqua stood security for an EIC ship was 1790. While he was still granted a 1/16th share of the EIC woollens at the start of the 1791 season, by November it became clear that he would not be able to supply enough tea to match his woollen allotment. The EIC supercargos then decided to change his quota to '100 Bales of Long Ells & 19 Bales of Broad Cloth, instead of a Sixteenth of the whole Quantity'.⁶⁹ As is mentioned above, the Danes and Dutch had already reduced Pinqua's shares by 1790 so 1789 seems to have been his last good year.

At some point in 1792, Pinqua was declared bankrupt. Throughout the year negotiations were

ongoing between Chinese officials, inland agents, Hong merchants, and foreigners as to the exact amount of Pinqua's debts and how to repay them. These discussions continued into 1793. I have found no figures showing the total amount of his debt, but it was probably in the hundreds of thousands of taels.

On 30 January 1793, Hoppo Sheng Zhu 盛住 sent word to the Dutch that he wanted them to accept Pinqua as the security merchant for the Dutch ship *Zuiderburg* which had arrived at Whampoa the day before. As Table 2 shows, the Dutch had not done any trade with Pinqua since 1791 owing to his questionable financial situation and the large debts that he owed to the inland tea merchants.⁷⁰ Consequently, the Dutch adamantly refused to engage Pinqua again. The Hoppo then suggested that they allow Pinqua's son to be security for the ship. This was an apparent attempt by Sheng to give Pinqua the opportunity to earn enough money to pay some of his debts. The English, however, heard a rumour that the Hoppo was supporting Pinqua because the latter had given him 'a handsome present'.⁷¹

The Dutch had already appointed Ponqua (Ni Bingfa 倪秉發) as their security merchant for the ship, and were not about to allow Pinqua or his son engage in any more of their business. Sheng was determined to make this happen in order to pressure the Dutch into compliance, he refused to measure the ship (to determine the port fees) or to allow any cargo to be offloaded or onloaded until Pinqua was appointed *fiador*. Over the next few weeks, the Dutch launched many protests arguing that they had traded in China for many years and had never before been forced to trade with a merchant with whom they did not approve. They also tried to overstep the Hoppo by appealing to the governor general for help, but without success. In early March, Sheng finally succumbed and allowed Ponqua to secure the *Zuiderburg*. By this time, however, Sheng was quite annoyed with the Dutch for refusing to accommodate him so he made sure that they enjoyed the fruits of the labour with many delays and difficulties in their trade.⁷²

HISTORIOGRAFIA

In April 1793, Pinqua was arrested and his properties confiscated.⁷³ The Dutch mentioned that his partner (probably Gnewqua) was asked to purchase Pinqua's estate for 15,000 taels.⁷⁴ It is unclear whether this is a reference to the Creek factory, or whether Pinqua actually had another estate. As is noted above, Pinqua purchased this building in the early 1780s. Other Hong merchants purchased whatever was left of Pinqua's trade goods, which they then offered to foreigners for sale.⁷⁵ As Table 1 shows, references to Pinqua's debt appear in the Dutch, English and Spanish records up to 1799.

On 20 August 1793, the English recorded that 'Gniewqua, who last year was Partner with Pinqua sent a Clerk to Macao to inform us that the Hoppo had made him a hong merchant in the Room of Pinqua, who is obliged to retire altogether'.⁷⁶ Gnewqua (Zheng Shangqian 鄭尚乾), however, traded out of his own firm, Huilong Hang 會隆行, so as Ch'en has pointed out, he was not a continuation of the Longhe Hang.⁷⁷

The Danes mentioned in December 1794 that Pinqua was still in arrest.⁷⁸ On 15 October 1795, Tetqua, a writer for the Hong merchant Pan Zhixiang 潘致祥, reported to the Dutch supercargos that Pinqua had died while in custody at a Mandarin's house in the city.⁷⁹ Bankrupt merchants were sometimes beaten to get them to confess to any wealth that they had hidden away, which could result in their death. In Pinqua's case, however, the cause of his death is unclear.

Summary

Pinqua is one of the few examples we have of a successful porcelain dealer becoming a Hong merchant, and then failing miserably within a few years. He had many years of experience dealing with foreigners, and was said to be 'rich' at the time of his appointment, but those qualities were no match for the intense demands of a Hong merchant. It is unclear whether he was in favor of becoming a Hong merchant, but regardless of whose idea it was, it did not turn out well for him.

Because Pinqua entered the position with a considerable amount of money, his wealth immediately

became a target. He was asked to purchase the Dutch and Tsonqua's factories shortly after his appointment, and he was stuck with having to pay for a very expensive clock that the Hoppo wanted. Of course, these expenses were over and above the debt payments that he had to make each year.

While Pinqua's trade grew exponentially from a mere 20,000 taels per year as a porcelain dealer to half a million taels as a Hong merchant, the increase in gross revenues did not translate into an increase in profits. On the contrary, the debt load and the extraneous expenses that he had to pay very quickly absorbed everything he had. The years from 1786 to 1789 saw his trade blossom to well over one million taels per year, but his liabilities were growing even at a faster pace. By 1787, he was experiencing serious cash-flow problems to finance the huge volume of trade. He had to depend on credits from inland suppliers and loans from foreigners to keep the business moving forward. Finally, everything came to a head in 1791, when he was handed a portion of Eequa's debt, which put him on a downward spiral towards bankruptcy.

By 1792, Pinqua's business was finished, and all that was left to do was to figure out how to settle his debts. In early 1793, the Qing government confiscated and sold his properties. His former partner Gnewqua was asked to buy his estate. Pinqua was kept in arrest in Canton until his death in October 1795. There is evidence to suggest that Pinqua squandered some of his money on elaborate gardens and estates as was typical with some Hong merchants. If this was true, then he must certainly bear some of the blame for his quick demise. But it is also clear that the Hong merchant system must bear a good deal of the blame as well, which disadvantaged the Chinese merchants and sucked them dry of their working capital. Government exactions such as buying expensive gifts and funding public relief projects were random and largely unpredictable expenditures that consumed working capital.

HISTORIOGRAPHY

Unfortunately, we have no way of knowing whether Pinqua would have preferred to stay a small porcelain dealer who, for the most part, operated out of the perview of Qing officials. He certainly did have a much more elaborate and important life as a Hong merchant, dealing in huge quantities each year, handling a vast array of merchandise, and nurturing very extensive connections with some of the most prominent people in China. As a Hong merchant, he was at the centre of the trading activities, and had interactions with the governor, governor general and Hoppo, all of which put him in the upper echelons

of society. Those are all connections that he would never have cultivated as a lowly porcelain dealer. But whether he would have considered those experiences a fair exchange for the tranquility of a small operator with a successful business, is difficult to say. In the end, he probably longed for his earlier days, which would certainly have turned out differently had he not been appointed a Hong merchant. But we also need to keep in mind that being successful is also what made him a logical candidate for Hong merchant, so to some extent, we could rightfully say that he was the architect of his outcome. **RC**

NOTES

- 1 Yang Changgui 楊昌圭 and Yang Qiu 楊球 were involved in the Southeast Asian junk trade in Fujian in 1734 and Yang Dacheng 楊大成 appeared in 1754. Zhongguo Diyi Lishi Dang'an Guan 中國第一歷史檔案館, *Qing Gong Yue Gang Ao Shangmao Dang'an Quanji* 清宮粵港澳商貿檔案全集 10 vols. (Beijing: Zhongguo Shudian 中國書店, 2002), doc. no. 131, pp. 553, 556; Li Guorong 李國榮 and Lin Weisen 林偉森, eds. *Qing Dai Guangzhou Shisan Hang Jilue* 清代廣州十三行紀略 (Chronicle of the Hong Merchants in Canton during the Qing Dynasty). (Guangzhou: Guangdong Renmin Chubanshe 廣東人民出版社, 2006), 38; and Sarasin Viraphol, *Tribute and Profit: Sino-Siamese Trade, 1652–1853*. (Cambridge: Harvard University Press, 1977), 163. Yang Kui 楊奎 was active in the junk trade between Canton and Siam in the 1670s. Viraphol, *Tribute and Profit*, 38. Other Yangs involved in the junk trade to Southeast Asia in the eighteenth and early nineteenth centuries, include Yang Wenli 楊文哩 (1764), Yang Licai 楊利彩 (1768), Yang Adian 楊阿典 (1773, 1784), and Yang You 楊由 (1807, 1809). *Ming Qing Shiliao Geng Bian* 明清史料庚編. 2 vols. (Taipei 台北: Zhonghua Shuju Yingyin Chubanshe 中華書局影印出版, 1987), 1:92–3, 6:562, 6:566, 8:737–8; Yang Jibo 楊繼波, Wu Zhiliang 吳志良, and Deng Kaisong 鄧開頌, eds. *Ming-Qing Shiqi Aomen Wenti Dang'an Wenxian Huibian* 明清時期澳門問題檔案文獻匯編 (Collection of Ming-Qing documents concerning Macau affairs). 6 vols. (Beijing: Renmin Chubanshe 人民出版社, 1999), vol. 1, doc. No. 239, pp. 374–5. There was a linguist 通事 named Yang Chao 楊超 in Canton in the early nineteenth century and a comprador 買辦 named Yang Guang 楊光

- in the 1820s. Lau Fong 劉芳 and Zhang Wenqin 章文欽, eds. *Qingdai Aomen Zhongwen Dang'an Huibian* 清代澳門中文檔案匯編 (A Collection of Qing Chinese Documents Concerning Macau). 2 vols. (Macau: Aomen Jijin Hui 澳門基金會, 1999), doc. Nos. 435–37, pp. 238–9, doc. No. 1123, pp. 573–4; and National Archive, London (NAL): FO 1048/9/9. While we have no way of knowing whether these other Yangs were related to Pinqua, they at least suggest that there may have been extensive family connections to the trade which future research will hopefully be able to clarify.
- 2 For other examples of Hong merchant failures, see Paul A. Van Dyke, *Merchants of Canton and Macao: Politics and Strategies in Eighteenth-Century Chinese Trade*. Vol. 1 (Hong Kong: Hong Kong University Press, 2011) (hereafter MCM 1); and Paul A. Van Dyke, *Merchants of Canton and Macao: Success and Failure in Eighteenth-Century Chinese Trade*, Vol. 2 (Hong Kong: Hong Kong University Press, 2016) (hereafter MCM 2).
- 3 Rigsarkivet, Copenhagen (RAC): Ask 1177.
- 4 For Soychong and Yekkhing's stories, see MCM 2: Chapter 7.
- 5 RAC: Ask 1177.
- 6 See MCM 2: Chapters 6, 7 and 8.
- 7 Universitetsbibliotek Göteborg (GUB): H22.4A *Prins Carl* Dagbok.
- 8 MCM 2: Appendixes 7D, 7P and 8C.
- 9 MCM 2: Appendixes 7E and 8A.
- 10 MCM 2: 168.
- 11 Cynthia Viallé and Paul A. Van Dyke. *The Canton–Macao Dagregisters*. 1764 (Macao: Macau Cultural Institute, 2009) (hereafter CMD 1764), 215, 251; MCM 1: 15.

HISTORIOGRAFIA

- 12 RAC: Ask 1171, 1773.11.16, p. 119r, Ask 1174, 1775.11.12, p. 91v, Ask 1196, 1784.10.10, p. 157v.
- 13 See Figure 5, which shows the names on the tubs, and also MCM 2: Plates 07.05 and 08.10.
- 14 MCM 1: 15.
- 15 The Yi Ji 鷓記 may be a reference to Exchin, whose name was Yisheng 鷓昇. He was a porcelain dealer at the same time that Pinqua was in business. MCM 2: 135–44.
- 16 MCM 2: 142.
- 17 For Giqua's story, see MCM 1: Chapter 11.
- 18 MCM 1: Chapter 11.
- 19 British Library (BL): India Office Records (IOR) G/12/76, 1782.06.24, p. 33; MCM 2: 51.
- 20 BL: IOR G/12/76, 1782.12.29, p. 194.
- 21 Paul A. Van Dyke, *Whampoa and the Canton Trade: Life and Death in a Chinese Port, 1700–1842* (Hong Kong: Hong Kong University Press, 2020), Appendix 1.11.
- 22 For a discussion of the guarantee system, see Frederic D. Grant, Jr., *The Chinese Cornerstone of Modern Banking: The Canton Guaranty System and the Origins of Bank Deposit Insurance 1780–1933* (Leiden: Brill Nijhoff, 2014).
- 23 Paul A. Van Dyke, 'The Hume Scroll of 1772 and the Faces behind the Canton Factories'. *Review of Culture*, International Edition No. 54 (2017): 64–102; MCM 1: Plates 10.09 and 10.11.
- 24 Martyn Gregory, *Treaty Port Scenes. Historical Pictures by Chinese and Western Artists 1750–1950*. Cat. 83 (London: Martyn Gregory Gallery, 2007–2008), Nos. 61–62, pp. 66–8.
- 25 MCM 1: Plate 10.10 and 10.11.
- 26 BL: IOR G/12/77, 1783.02.21, pp. 19–20; MCM 1: 466n49.
- 27 BL: IOR G/12/76, 1782.09.03, p. 78, 1782.12.29, p. 194.
- 28 National Archives, The Hague (NAH): 4428, Resolution dated 1785.09.28; MCM 1: 134, and Plates 07.07 and 10.12.
- 29 NAH: VOC 4426, *dagregister* (abbreviated as DR), 1784.07.24, p. 23, 1784.09.02, pp. 28–9.
- 30 BL: IOR G/12/77, 1783.08.27, pp. 60–1.
- 31 The British mentioned that the ship from Acapulco arrived on 18 July, but the Dutch recorded it arriving on 14 August. BL: IOR G/12/77, 1783.07.18, p. 55; NAH: VOC 4425 DR, 1783.08.14, p. 20.
- 32 BL: IOR G/12/84, 1787.04.03, p. 192, G/12/86, 1787.04.08, p. 5.
- 33 Van Dyke, *Whampoa and the Canton Trade*, Appendix 1.02.
- 34 Chao Huang and Paul A. Van Dyke, 'Hoppon Tang Ying 唐英 1750–1751 and the Development of the Guangdong Maritime Customs', *Journal of Asian History* 51: 2 (2017), 223–56.
- 35 BL: IOR G/12/77, letter dated 1781.02.22, pp. 52–3.
- 36 BL: IOR G/12/77, 1783.12.06, p. 161.
- 37 For an example of a Dutch ship being detained owing to there being mirrors aboard the ship that the Hoppon wanted, see Paul A. Van Dyke, 'The Canton Linguists in the 1730s: Managers of the Margins of Trade', *The Journal of the Royal Asiatic Society Hong Kong* 57 (September 2017), 1–29.
- 38 RAC: Ask 1197, 1785.01.24, pp. 57–8, Ask 1198, 1785.01.24, p. 45r.
- 39 There is no mention in the records of the Hoppon issuing the Grand Chops to the ships, but we know that they left several weeks before Pinqua settled this matter on 24 January 1785 so circumstantial evidence suggests that is what happened. For the departures of the two EIC ships that Pinqua secured in 1784, see Van Dyke, *Whampoa and the Canton Trade*, Appendix 1.02.
- 40 NAH: VOC 4431 DR, 1785.02.12, p. 4.
- 41 NAH: VOC 4431 DR, 1785.03.05, p. 13.
- 42 NAH: VOC 4432 DR, 1786.03.02, p. 13.
- 43 NAH: Canton 91, 1785.10.08, pp. 49–50.
- 44 For a discussion of how and why the Hoppos manipulated the figures each year, see Van Dyke, *Whampoa and the Canton Trade*, Chapter 1.
- 45 NAH: VOC 4431 DR, 1785.12.19–21, pp. 137–43.
- 46 NAH: VOC 4431 DR, 1785.12.19, pp. 137–8.
- 47 NAH: VOC 4431 DR, 1785.12.21–25, pp. 141–51.
- 48 NAH: VOC 4431 DR, 1785.12.26–27, pp. 151–2; BL: IOR G/12/82, 1785.12.23, p. 34.
- 49 Paul A. Van Dyke and Maria Kar-wing Mok, *Images of the Canton Factories 1760–1822: Reading History in Art* (Hong Kong: Hong Kong University Press, 2015), 38 and n. 58.
- 50 NAH: Canton 93, 1787.04.26, p. 5.
- 51 Van Dyke and Mok, *Images of the Canton Factories*, 38 and n. 58.
- 52 BL: IOR G/12/86, 1787.05.08, p. 10.
- 53 John Scofield, *Hail, Columbia. Robert Gray, John Kendrick and the Pacific Fur Trade*. (Portland: Oregon Historical Society, 1993), 165–6, 180, 191.
- 54 BL: IOR G/12/86, 1787.04.08, p. 5.
- 55 BL: IOR G/12/86, 1787.10.31, pp. 188–9.
- 56 For a discussion of the factory owners and the rebuildings, see Van Dyke, 'The Hume Scroll of 1772'; and Van Dyke and Mok, *Images of the Canton Factories*.
- 57 Universiteits Bibliotheek, Ghent (GHL): Ms 1985, 1791.09.03, p. 67; Ch'en Kuo-tung Anthony 陳國棟, *The Insolvency of the Chinese Hong Merchants, 1760–1843*. 2 vols. Taipei: Academia Sinica, 1990, 290–1.
- 58 GHL: Ms 1985, 1791.01.06, p. 15.
- 59 I thank Prof. Yeung Man Shun at the University of Hong Kong for Chetai's Chinese name.
- 60 GHL: Ms 1985, 1791.01.17, pp. 24–5.
- 61 BL: IOR G/12/98, 1791.02.24, p. 158; GHL: Ms 1985, 1791.03.29, p. 41.
- 62 GHL: Ms 1985, 1791.03.29, p. 41.
- 63 GHL: Ms 1985, 1791.04.01, pp. 41–2.
- 64 As I have argued in MCM 2, the Qing government only considered Hong merchants to be insolvent when they could no longer keep their creditors at bay. MCM 2: see Introduction and Conclusion. For Locqua's story, see MCM 1: 177–8.
- 65 GHL: Ms 1985, 1791.08.09, pp. 52–3.
- 66 GHL: Ms 1985, 1791.08.25, pp. 59–60.
- 67 GHL: Ms 1985, 1791.10.05, pp. 86–7.
- 68 BL: IOR G/12/101, 1791.09.16, p. 35.
- 69 BL: IOR G/12/101, 1791.11.06, p. 65.
- 70 NAH: VOC 4446 DR, 1791.10.09, p. 88.
- 71 BL: IOR G/12/103, 1793.02.18, p. 244.
- 72 NAH: VOC 4447 1793.01.30–02.28, VOC 4577 DR,

HISTORIOGRAPHY

1793.03.01–28; André Everard van Braam Houckgeest, *Voyage de L'Ambassade de la Compagnie des Indes Orientales Hollandaises, vers L'Empereur de la Chie, dans les Années 1794 & 1795*. 2 vols. (Paris: chez Garnery; à Strasbourg: chez Levrault, an 6 de la République, 1798), 2: 332–3, 419–20.

73 NAH: VOC 4577 DR, 1793.04.10, p. 6.

74 NAH: VOC 4577 DR, 1793.09.11, p.28, BL: IOR G/12/105, 1793.10.04, p. 55.

75 RAC: Ask 1208, 1794.12.08; NAH: Canton 96, 1795.10.29, p. 39.

76 BL: IOR G/12/105, 1793.09.20, p. 21.

77 Ch'en, *Insolvency*, 297.

78 RAC: Ask 1208, 1794.12.08.

79 NAH: Canton 96, 1795.10.15, pp. 32–3.



Understanding the Character *Yi* in Pre-Opium War Canton: A Study of the Merchant Newspaper *The Canton Register*

CHEN BIN*

ABSTRACT: This paper examines the discussion on the meaning of the Chinese character *yi* among Western merchants in pre-Opium War Canton, China. In the pre-Opium War period, Western merchants in Canton understood the complexity of the meaning of *yi*, and they had different interpretations of the meaning of *yi*. However, with the development of the Sino-Western trade in Canton, Western merchants became increasingly unsatisfied with the Canton trade system established by the Qing Empire. They wanted to change the situation that they had to accept all of the rules set by the Qing government before they could do business in China. Under these circumstances, *yi* was attacked as a symbol of that situation. The literal meaning of *yi* became irrelevant even for many Western merchants.

KEYWORDS: *Yi*; *The Canton Register*; The Canton trade system; Western merchants; Canton.

The character *yi* 夷 was a common Chinese epithet referring to foreigners in imperial China. As Lydia Liu points out, never has a single word made so much history as the Chinese character *yi*.¹ In the Tianjin Treaty of 1858, the Qing government was prohibited from using *yi* to address the British because the British believed that *yi* was derogatory and meant “barbarian”. Liu argues that the prohibition of the character *yi* epitomized the clash of two empires: the Qing and Britain. The British exercised their sovereign rights in China by forcing China to give up the derogatory *yi*.²

However, past scholarship on the issue of *yi* has not paid enough attention to the following question: whether the British or Westerners understood the complicated meaning of *yi* in the Chinese context before the Opium War. Westerners in China were not ignorant of the different interpretations of *yi*. They knew that many Chinese would claim that *yi* was not a derogatory term. For instance, during the encounter of British merchant Hugh Hamilton Lindsay and Qing official Wu Qitai in 1832, Wu denied that *yi* was an offensive term. Lindsay refused to accept Wu’s interpretation and insisted that *yi* was derogatory.³ Thus, in one of the earliest Chinese–English, English–Chinese dictionaries, *yi* was translated as “foreigner”.⁴ Westerners were aware that there were other interpretations of *yi*. Moreover, those different interpretations caused intense debate among the Western merchants in Canton before the Opium War. A study focusing on the debate has been lacking. As a result, we have not fully appreciated Western

*Earned his Ph.D. at the Pennsylvania State University, M.A. at the University of Macau, and B.A. at the Xiamen University. His research focuses on the history of modern China. He is currently a lecturer at the Chinese University of Hong Kong, Shenzhen.

Ph.D.pela Universidade Estadual da Pensilvânia, MA na Universidade de Macau e BA na Universidade de Xiamen. Centra a sua pesquisa na história da China moderna. Atualmente, é professor na Universidade Chinesa de Hong Kong, Shenzhen.



The Thirteen Factories in Guangzhou, circa 1805. Author: unknown Chinese artist.

merchants' nuanced understanding of the character's meaning.⁵ This paper uses English newspaper *The Canton Register* published in Canton and Macao to help fill the scholarly gap.

***The Canton Register* and Western Merchants**

Before the Opium War, the majority of Westerners in China were merchants.⁶ Therefore, merchants' opinions on the character *yi* represented the general understanding of the meaning of *yi* among foreigners at the time. *The Canton Register* was crucial for the study of popular opinions among Western merchants in China. *The Canton Register* was the first English-language newspaper published in China. It was also a merchant newspaper. Its publisher was James Matheson, a Scottish merchant. Before the Opium War, four other merchants worked successively for *The Canton Register* as its editors: William W. Wood, James Matheson, Arthur S. Keating, and John Slade.

Although publishers and editors of *The Canton Register* were all merchants, their purpose in publishing *The Canton Register* was to provide commercial as well as cultural, historical, and geographic information on China to foreigners. The newspaper's first editorial article claimed that "the want of a printed register of the commercial and other information of China, has long been felt, and its utility and convenience, fully appreciated. With a view to remedy this deficiency, we have been induced to commence our present undertaking."⁷ Meanwhile, *The Canton Register* constantly published letters from readers. In this way, *The Canton Register* acted as a forum for the foreign community in China, which in turn made the newspaper vital for studying the popular opinions of the community of Western merchants at the time.

In *The Canton Register*, the issue of the character *yi* was one of the most popular non-commercial topics. Articles of all kinds, such as editorials,

HISTORIOGRAFIA

letters from readers, and essays, contributed to the discussion about the meaning of *yi*, which implied an enormous interest among Western merchants in this topic. Both foreigners who were sophisticated in the Chinese language and those who only knew little about Chinese joined this discussion, which creates a fantastic opportunity to learn how well the foreign community understood China in general and the issue of the character *yi*.

The Beginning of the Discussion about the Issue of *Yi*

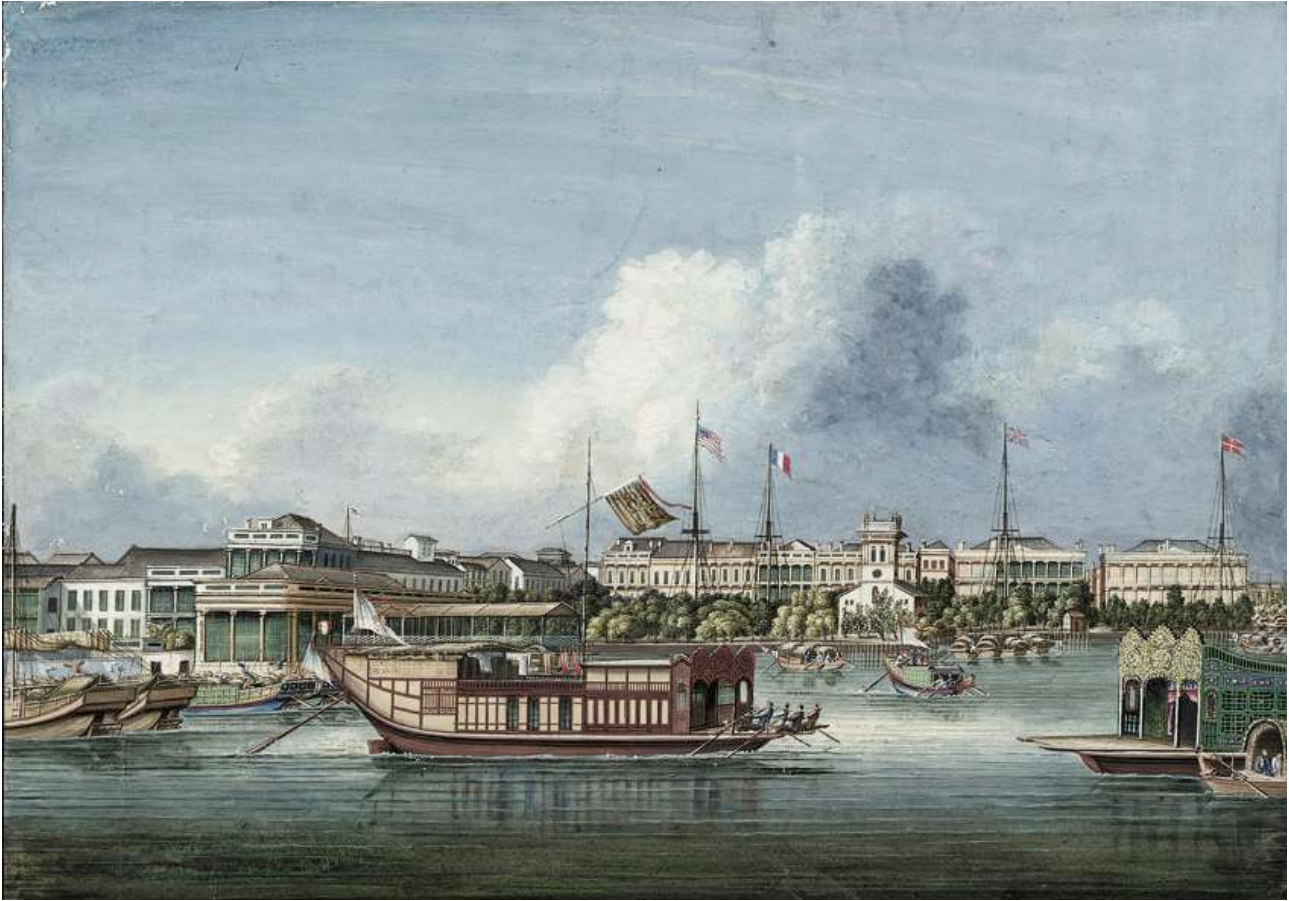
The discussion about the meaning of *yi* first appeared in *The Canton Register* a few years after it was established. William Wood, an American merchant in Canton, published “Epithets Applied to Foreigners,” the first essay discussing the meaning of *yi*. Wood argued that “barbarian” was not a correct translation of the character *yi*. Wood was the first editor of *The Canton Register*, but when the article was published, he had already resigned from his editorial position. Therefore, Wood’s essay was published as a reader’s letter to the newspaper.⁸

A translation in *The Canton Register* stimulated Wood to write the essay. On April 26, 1828, the *Register* published a translation of a petition from the inhabitants of the Wangxia or Mongha village to the Kwanmanfoo [the title of the Qing officer who superintended the coast].⁹ This petition was against the construction of a new road planned by foreigners in Macao. In the translation, the Chinese term *yi*, used as a word to designate foreigners, was translated as “barbarian”. Wood disagreed with this translation (though he did not know Chinese) and claimed: “It seems harsh to call us, Christians from Europe and America, barbarians.”¹⁰ He argued that the Greeks, Romans, and modern Christians, excluding themselves, called all the rest of mankind “barbarians”. However, for them, the word “barbarian” only meant “uncivilized” and was not derogatory. Wood claimed that the Chinese term *yi* could be understood through comparison with Greeks and Romans, as they were all proud of their civilizations. Therefore, the Chinese term *yi* should be understood as “uncivilized” as well. Wood did not accuse the Chinese of calling foreigners



European Factories at Canton. Sketched and painted before the 1841 fire. Engraved and published in 1842. Auguste Borget (1842). Sketches of China and the Chinese; from Drawings by Auguste Borget. London: Tilt and Bogue. Plate 23.

HISTORIOGRAPHY



Canton around 1850. Anonymous author.

“uncivilized”. After all, Greeks, Romans, and modern Christian countries did the same thing: “The pagan Greeks and Romans, excluding themselves, called all the rest of mankind barbarians.”¹¹ Wood’s position on the issue of *yi* suggested that when he was the editor of *The Canton Register*, he would have the newspaper translated *yi* as “foreign”.

Before long, a lengthy essay on the issue of the character *yi*, also titled “Epithets Applied to Foreigners”, was published on May 24, 1828. Contrary to Wood, the anonymous author argued that barbarian was a correct translation of *yi*, and *yi* was a highly offensive epithet. However, the author also believed it was a common habit of mankind, including Christians of Europe, to use disrespectful terms to call other people.¹² The author first pointed out that

“Chinese think very highly of themselves, and very meanly of others”, hence foreigners could not expect that the Chinese would use terms that were respectful to address foreigners.¹³ Based on this assumption, the author argued, every term that the Chinese used to refer to the foreigners could be considered to be contemptuous.

Besides *yi*, the author claimed, there are three other terms that Chinese classics used to call foreigners, which were *di* 狄 (*Teih*, foreigners on the north), *rong* 戎 (*Jung*, foreigners on the west), and *man* 蠻 (*Man*, foreigners on the south). The author pointed out that the forms of these words were quite offensive. *Yi* was a large bow; *rong* was a man with a spear; *di* was a dog and fire; and *man* was a chattering insect. The author further pointed out that, among these words, *man* in

HISTORIOGRAFIA

China was used “in the sense of rude, cruel, savage.” *Yi* was sometimes used together with *man* as *man-yi*. *Man-yi* was believed to mean “savage barbarian”. The author claimed he had heard that the term *man-yi* had been applied to “European Gentlemen”. Thus, the Chinese were inclined to use offensive terms to address Westerners. The author also used Chinese classics to support his arguments. He pointed out that in *Analects*, Confucius talked about “expelling bad men from the middle and flowery Chinese nation, to four *Ee*, *I*, *e*, the ‘barbarous nations’ all around.” The author was aware that in Chinese classics, some sages were occasionally called *yi*. For example, in *Book of Mencius*, King Shun 舜 was called an eastern *yi* and King Wen 文王 was called a western *yi*. However, the author pointed out that the commentator of *Book of Mencius* took pains to explain why *yi* should not be used to address King Shun and King Wen. In the end, the author did not doubt that the Chinese *yi* meant “barbarian”.¹⁴

However, despite arguing that *yi* was a derogatory term, the anonymous author of “Epithets Applied to Foreigners” claimed that using contemptuous appellations for outsiders was a common habit of mankind. Greeks and Romans also used the word “barbarian” to call foreign people, and “[they] not only gave the degrading appellation of barbarians to every

other people but, in consequence, asserted a right of dominion over them as the soul has over the body and men have over irrational animals.” The Christians of Europe considered Africans and Indians as an inferior species as well. Therefore, the author suggested that mankind should work together to solve the problem of using derogatory terms to address foreign people. China was not singled out to blame by the author.¹⁵

The second article was a rebuttal to the essay of William Wood in many ways. The author was clearly someone who knew Chinese quite well. He made an argument that *yi* was equivalent to the word “barbarian” by engaging the Chinese classic. However, the author was aware that the Europeans also regarded non-Europeans as inferior species. Therefore, like Wood, he was hesitant to blame the Chinese for using *yi*. The first two articles on the issue of *yi* in *The Canton Register* offered Western merchants in Canton two different interpretations of the meaning of *yi*. They disagreed with each other on the issue of whether *yi* meant barbarian, but whatever the meaning of *yi*, they did not regard using offensive terms to call outsiders as the problem of only the Chinese. In other words, there was room for two different interpretations of *yi* to co-exist among Western merchants.

The Issue of *Yi* in the Mid-1830s

During the mid-1830s, the interpretation that *yi* meant barbarian suddenly became the dominant interpretation among merchants’ discussions in *The Canton Register*, and the Chinese and the Qing government were singled out for blame for calling foreigners by a derogatory term. On August 5, 1833, a long essay titled “Oi Barbaroi” restarted the discussion about the issue of *yi* in *The Canton Register*. This essay claimed that the word barbarian was the literally correct translation of *yi*. However, unlike the former essays, it argued that China alone should be blamed for calling other people barbarians because the Chinese civilization was no longer the best in the world. And the West had become more civilized.¹⁶



Oil on canvas of the port of Canton, circa 1830. Author: unknown.

HISTORIOGRAPHY



The facade of St. Paul's Church, titled 'Jesuit Convent, Macao'. 1854. Author: Wilhelm Heine (1827–1885).

The author of “*Oi Barbaroi*” also used the example of ancient Greek and Rome. He pointed out that the ancient Greeks and Romans utilized contemptuous terms to call other people, but that was only in the past: “it is very doubtful, whether the Grecians and Romans would have continued to apply this hateful term to any nation as far advanced in civilization as the modern Europeans are at this moment.” According to the author, Chinese civilization was also no longer the best in the world at the time. Based on the same reason, the author called for the Chinese to change their attitude toward the West. To achieve this goal, the West had to show how civilized they were: “Let us hope for better days, when the Chinese will be able to appreciate duly our arts and sciences, and look up to

instead of looking down upon foreigners.”¹⁷ This essay called on China to stop using “barbarian” to call the West, but it implied that “uncivilized” people deserved the label of “barbarian”.

On September 29, 1835, another long essay, “The Dispute with China”, was published. This essay argued that the word barbarian was a correct translation of the term *yi*, as well. Still, the author made a new contribution to the discussion of *yi* by pointing out that it was the Qing government that made the term derogatory. The author argued that “the character *E [yi]*, as used in the present day, does not convey the full force and meaning it once covered... but it is used by the Chinese officers as a taunting, insulting, and disrespectful epithet, when it is

HISTORIOGRAFIA

addressed to the foreigners now in Canton.”¹⁸ In other words, the author claimed that the character *yi* was not a derogatory term, but the Qing Empire indeed used it contemptuously as a name for foreigners. Therefore, the Qing government needed to make changes to deal with the issue of *yi*.

Why, during the mid-1830s, was the discussion about *yi* in *The Canton Register* full of anger? Why was China, especially the Qing government, singled out for blame? I argue it was related to a new change to foreign trade in China, which was the development of the strength of foreign private merchants. Private merchants had long dominated the Sino-British trade, and the Sino-British trade, in turn, dominated the foreign trade in Canton. However, it was not

until 1833 that the British East India Company's monopoly right over the Sino-British trade was abolished.¹⁹ I argue the abolishment encouraged private merchants to pursue their rights in China in a more aggressive way. They then wished to change the old Canton trade system.

According to the Canton trade system, foreign merchants should accept the restrictions set by the Qing government. For instance, they were only allowed to do business with a group of selected Hong merchants in Canton.²⁰ The Qing government refused to make any changes to the Canton trade system. It even refused to meet and receive letters from the first Chief Superintendent of British Trade in China, Lord William Napier. Lord Napier was called *yi mu* 夷目 by the Qing government. In *The Canton Register*, *yi mu* was translated as the “barbarian eye”. Foreign merchants in Canton were outraged by this title and the Qing government’s attitude toward this matter and its treatment of Lord Napier. Merchants claimed that, according to China’s own treatise of ceremonials, which consisted of 36 volumes, there was not a mention of *yi mu* or “barbarian eye”. They denounced the Qing government for inventing a derogatory term for a British representative.²¹ It was under these circumstances that discussion on the issue of *yi* began to change. Even so, as mentioned above, some foreign merchants still argued that *yi* was not necessarily derogatory, but the Qing government used it in a derogatory way.

Challenging the Canton Trade System

Since the Qing government even refused to accept letters with Lord Napier, the official representative of the British government, the discussion about *yi* became more and more aggressive in *The Canton Register*. However, the meaning of *yi* became increasingly irrelevant. The debate started to identify the Canton trade system as the main problem behind the issue of *yi* because the Canton trade system forced foreign merchants to accept unfair rules. *Yi* became a symbol

[illegible]

HISTORIOGRAPHY

of this trading system. The author of “On the Meaning and Use of the Character E (Yi)” (published on August 1, 1837) argued that the meaning of the character *yi* was complicated. He claimed earlier discussions in *The Canton Register* on this issue had failed to understand the complexity of *yi* and had failed to determine a correct translation of *yi*. The term *yi* should not be understood to be “the most honorable one that might have been employed to denote foreigners” by the Chinese, but it was also wrong “to give it a directly vituperative sense”.²²

In order to reveal the complexity of the character *yi*, the author of “On the Meaning and Use of the Character E (Yi)” referred to a Chinese classic, *Mencius* 《孟子》. The author understood the significance of the Chinese classics: “Classical authority in the Chinese language is limited to those books which may emphatically and not irreverently be called their *Scriptures*, for on those books, and those books only, their political science and their moral code are based.”²³ The paper quoted a paragraph from *Li Lou II, Mencius*.²⁴ In this paragraph, two prominent Chinese sages, Shun and Wenwang, were called *yi*. In this case, *yi* seemed to be a neutral term. The author then cited another example from *Mencius*, suggesting that Mencius used the term *E Jin* [yi ren] 夷人 to define “barbarous”. Besides, the paper quoted words directly from a native Chinese language teacher to further reveal the complexity of the meaning of *yi*, as the teacher claimed that “the use of the word *E (yi)* is neither insulting nor derogatory in any degree.” Therefore, the paper argued that there was not a single and literally correct translation of *yi*.²⁵

However, the author claimed that *yi* contained a sense of Chinese superiority when the Chinese used it for Western foreigners. That being said, the author argued that the sense of Chinese superiority was nurtured by foreign merchants because foreign merchants accepted every rule of the Canton trade system for the sake of business, prompting the Chinese to look down upon them. The author claimed the

foreigners “called these insulting epithets down on themselves by their mean and base submission to the arrogant pretensions of the Chinese government and people for the sake of lucre only”.²⁶ In other words, the author argued that *yi* was not a derogatory term in and of itself; however, the way the Qing government used it concerning foreigners and the way the foreigners accepted the term were the problems.

On August 15, 1837, another noteworthy essay regarding the issue of *yi* was published, written by a merchant named “Sloth.” Sloth acknowledged the complexity of the character *yi*, pointing out that the word *yi* had two senses: “first as barbarians in the east, and secondly as foreigners generally”. He believed that *yi*’s original meaning was barbarians from the east but, when *yi* applied to all foreigners in a general way, it did not mean barbarians. The author’s argument was based on two Chinese phrases: *hua yi xiang he* 華夷相合 and *tang fan xiang he* 唐番相合. These two phrases, according to the author, have the same meaning, which is “May the Chinese and foreigners dwell together in amity.”²⁷ As these two phrases were often found in Chinese stores, the author argued that general usage of *yi* did not convey vituperative meanings.



Character *yi*.

HISTORIOGRAFIA

However, like the author of “On the Meaning and Use of the Character E (Yi),” Sloth argued that, while the character *yi* might not be offensive in a general sense, it did contain a sense of Chinese superiority: “The Chinese looks upon his country as the first in the world; he considers it his glory to have been born in the central flowery land. So, in like measure, does he consider all foreign nations inferior; and that those who are born there are peculiarly unfortunate. It is in this sense that the *Hwa* [Chinese] is very superior to the *E* [foreigner].” Sloth pointed out the sense of Chinese superiority needed to be “cured” because it hindered the Chinese from interacting with other countries and justified the existence of the Canton trade system.²⁸

Sloth was among the first to articulate the connections between the issue of *yi* and the Canton trade system in *The Canton Register*. *Yi* represented the sense of Chinese superiority, which in turn legitimized the Canton trade system. Sloth suggested that the Chinese people’s attitude toward foreigners could be changed through aggressive approaches. Sloth spoke with high regard about how the Manchus changed the way they were called in Chinese. Manchus used to be called *Di* 狄 by the Chinese, which was an offensive term. According to Sloth, the Chinese no longer called the Manchus this way, because the Manchus had become rulers of China. Sloth then claimed that “whenever the English or any other foreign nation[s] apply the argumentum ad hominem to the Chinese so effectually as the Manchoux Tartars did, the Chinese will give them ‘handsome names’ to their heart’s content.”²⁹ Sloth was hinting that violence was a solution to the issue of *yi*.

A few weeks later, on August 29, 1837, the then-editor of *The Canton Register*, John Slade joined the discussion when he published an editorial on *yi*, in which he summarized the previous discussion and proposed a clear solution to solve the issue of *yi*. Slade could speak and write Chinese.³⁰ He was quite confident about his Chinese and his familiarity with China, as he claimed, “natives and teachers of the

language give such different meanings to the character *E* (*yi*), that is difficult to learn from them what is meant by its use.” By denying the authority of native Chinese on the meaning of *yi*, Slade made the character *yi* a simple strawman for foreign merchants. He agreed that the character *yi* had two senses: in the narrow sense it meant barbarians and in the general sense it meant foreigners. He also agreed that *yi* contained a sense of Chinese superiority.³¹

Slade articulated that the key issue in the discussion of *yi* was not about the true meaning of the character; no matter what the character *yi* meant and no matter how foreigners felt about it, there was nothing that the foreigners could do about it under the present circumstances. As Slade claimed, “Whatever the Chinese officers may mean by the use of the word, and however we may feel offended by its use, we confess that under present circumstances we cannot see any means by which we can fairly prevent its use.” The Qing government could call foreigners whatever they wanted, and the foreigners could only accept it. Therefore, for Slade, the key was to change the “present circumstances” and let the Chinese, especially the Qing government, understand that they could not do whatever they wanted to foreigners. The “present circumstances” were epitomized by the Canton trade system. Under this system, foreigners in China, including the Chief Superintendent of British Trade in China, could only do business according to the rules set by the Qing government.³²

Slade asked his fellow merchants: “What opinion, then, are those [Chinese] officers to form of all foreigners, when they see them and their national authorities tamely and silently submit to every insult heaped upon them: to the infamous placards publicly pasted up at the Consou house; to the interdiction of walking but a few paces beyond their factories.” Slade implied if foreigners accepted every rule and term set by the Chinese, the Chinese would naturally look down upon them. To earn respect, Slade argued the foreigners had

HISTORIOGRAPHY

to challenge the rules of the Canton trade system set by the Chinese, as he claimed that “the foreign trade to China must be conducted and protected by a far different policy before we can hope to meet respect from the natives.”³³ Thus, in Slade’s argument, the issue of *yi* had become a symbol of the situation that the Chinese could do whatever they wanted to foreigners, and the true meaning of *yi* was irrelevant.

Conclusion

Before the Opium War, Western merchants in Canton were aware that the meaning of the character *yi* was complicated. They frequently discussed the implications and subtext of the character *yi*. These discussions were heavily influenced by the

trading relationships between China and Western countries, especially Britain. *Yi* was the term that the Qing government used to refer to Westerners in the context of Canton trade. Western merchants in China understood that *yi* was not necessarily a derogatory term. However, with the development of foreign trade in China in the pre-Opium War period, Western merchants became increasingly dissatisfied with the Canton trade system. Under this system, the Qing government set all of the rules, including how foreigners should be addressed, and foreigners had to obey. As a term that the government of Qing China usually used to call Westerners prior to the Opium War, Western merchants consciously attacked *yi* as a symbol of the old trading system. They did not attack *yi* simply for its meaning. **RC**

NOTES

- 1 Lydia He Liu, *The Clash of Empires: The Invention of China in Modern World Making* (Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2004), 31.
- 2 Ibid., 35, 91.
- 3 Ibid., 42–3.
- 4 Robert Morrison, *A Dictionary of the Chinese Language* (Shanghai: London Mission Press, 1865), 188.
- 5 Chen Xulu’s *Bian yi yang* (*Differentiating between Yi and Yang*) is one of the earliest studies on the issue of the character *yi*. Chen Xulu argues that the literal meanings of characters differ from their historical meanings. Characters like *yi* and *yang* originally carry no negative or positive connotations. However, in the particular historical context in modern China, *yi* became the symbol of Chinese arrogance and *yang* stood for the Western elegance. Lydia H. Liu’s *The Clash of Empires: The Invention of China in Modern World Making* is the most comprehensive study on the issue of the character *yi* so far. Liu demonstrates that the dispute over the character *yi* is in fact the clashes of two great empires: Qing and Britain. The British believed that *yi* equals barbarian. By coercing the Chinese into British interpretation of *yi*, the British could exercise their sovereign rights in China, force China to accept their sovereign thinking, and even bring China under their imperial system. Some scholars claim that *yi* is always a derogatory term. For instance, Fang Weigui’s “Yi, Yang, Xi, Wai and Other Terms: The Transition from ‘Barbarian’ to ‘Foreigner’ in Nineteenth-century China” argues that a character contains certain concrete meanings, and *yi* has meant barbarian from its earliest usage.
- 6 For instance, in 1826, there were 76 non-Portuguese, European or American, adult males living in Canton and Macao. The majority of them worked as merchants to make a living; see H. B. Morse, *The Chronicles of the East India Company Trading to China, 1635–1834*, vol. 4 (Oxford: The Clarendon Press, 1926, n.d.), 128–9.
- 7 “To Subscribers”, *The Canton Register*, November 8, 1827, 1.
- 8 Frank H. H. King & Prescott Clarke, *A Research Guide to China-Coast Newspapers, 1822–1911* (Cambridge, Massachusetts: East Asian Research center, Harvard University, 1965), 43.
- 9 “Improvements at Macao”, *The Asiatic Journal and Monthly Miscellany* 27 (1829): 234.
- 10 “Barbarians”, *The Canton Register*, May 17, 1828, 78.
- 11 Ibid., 73.
- 12 “Epithets Applied to Foreigners”, *The Canton Register*, May 24, 1828, 82.
- 13 Ibid., 81.
- 14 Ibid., 82.
- 15 Ibid.
- 16 “Oi Barbaroi”, *The Canton Register*, August 5, 1833, 71.
- 17 Ibid.
- 18 “The Dispute with China”, *The Canton Register*, September 29, 1835, 154.

HISTORIOGRAFIA

- 19 Michael Greenberg, *British Trade and the Opening of China 1800–42* (New York and London: Monthly Review Press, 1951), 175–95.
- 20 H. B. Morse, *The International Relations of the Chinese Empire* (New York: Paragon Book Gallery, 1900), 66.
- 21 “Mr. Editor”, *The Canton Register*, November 4, 1834, 174.
- 22 “On the Meaning and Use of the Character E”, *The Canton Register*, August 1, 1837, 128–9.
- 23 Ibid., 128.
- 24 The paragraph that the author quoted was 孟子曰: “舜生於諸馮, 遷於負夏, 卒於鳴條, 東夷之人也。文王生於岐周, 卒於畢郢, 西夷之人也。地之相去也, 千有餘里; 世之相後也, 千有餘歲。得志行乎中國, 若合符節。先聖後聖, 其揆一也。” see, *ibid.* The translation of this paragraph—“Mencius said, ‘Shun was born in Zhufeng, moved to Fuxia, and died in Mingtiao—a man of the Eastern Yi. King Wen was born a Mount Qi, in Zhou, and died at Biying—a man of the Western Yi. In terms of place, they were separated from one another by more than a thousand Li, and in terms of time, by more than a thousand years. But when they realized their intentions and implemented them in the Middle Kingdom, it was like uniting the two halves of a tally: the sage who came earlier and the sage who came later were one in their dispositions.’” *Mencius*, Mencius, trans. Irene Bloom (New York: Columbia University Press, 2009), 86.
- 25 “On the Meaning and Use of the Character E”, 128–9.
- 26 Ibid., 129.
- 27 “To the Editor of the *Canton Register*”, *The Canton Register*, August 15, 1837, 137.
- 28 Ibid.
- 29 Ibid.
- 30 “The Obituary of John Slade”, *The Hongkong Late Canton Register*, July 18, 1843, 131.
- 31 *The Canton Register*, August 29, 1837, 144.
- 32 Ibid., 144–5.
- 33 Ibid., 145.

BIBLIOGRAPHY

-
- “Barbarians”. *The Canton Register*, May 17, 1828.
- Chen, Xulu 陳旭麓, “Bian yi yang” 辨“夷”、“洋” (Differentiating between Yi and Yang). In *Jindaishi sibanlu* 近代史思辨錄 (The Meditations of Modern History of China). Chen Xulu. Guangzhou: People’s Publishing House, 1984. 22–30.
- Clarke, Frank H. H. King & Prescott. *A Research Guide to China-Coast Newspapers, 1822–1911*. Cambridge, Massachusetts: East Asian Research center, Harvard University, 1965.
- “Epithets Applied to Foreigners”. *The Canton Register*, May 24, 1828.
- Fang, Weigui. “Yi, Yang, Xi, Wai and Other Terms: The Transition from ‘Barbarian’ to ‘Foreigner’ in Nineteenth-century China”. In *New Terms for New Ideas: Western Knowledge and Lexical Change in Late Imperial China*. Edited by Michael Lackner, Iwo Amelung, and Joachim Kurtz. Leiden, Boston, & Koln: Brill, 2001. 95–123.
- Greenberg, Michael. *British Trade and the Opening of China 1800–42*. New York and London: Monthly Review Press, 1951.
- “Improvements at Macao”. *The Asiatic Journal and Monthly Miscellany* 27 (1829).
- Liu, Lydia He. *The Clash of Empires: The Invention of China in Modern World Making*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2004.
- Morrison, Robert. *A Dictionary of the Chinese Language*. Shanghai: London Mission Press, 1865.
- Morse, H. B. *The Chronicles of the East India Company Trading to China, 1635–1834*. Vol. 4. Oxford: The Clarendon Press, 1926.
- . *The International Relations of the Chinese Empire*. New York: Paragon Book Gallery, 1900.
- “Mr. Editor”. *The Canton Register*, November 4, 1834.
- “Oi Barbaroi”. *The Canton Register*, August 5, 1833.
- “On the Meaning and Use of the Character E”. *The Canton Register*, August 1, 1837.
- “The Dispute with China”. *The Canton Register*, September 29, 1835.
- “The Obituary of John Slade”. *The Hongkong Late Canton Register*, July 18, 1843.
- “To Subscribers”. *The Canton Register*, November 8, 1827.
- “To the Editor of the *Canton Register*”. *The Canton Register*, August 15, 1837. *The Canton Register*, August 29, 1837.

As Origens Chinesas do Karate-Dō Japonês

RUI ROCHA*

RESUMO: As artes marciais chinesas tiveram uma grande influência no surgimento das artes marciais nas nações culturalmente tributárias da China como a Coreia, o Vietname e muito particularmente o Japão. Deste legado chinês no Japão, o Karaté 空手, ou Karate-dō 空手道 será porventura o mais expressivo, tanto pelas origens directas das artes marciais chinesas naquela arte marcial japonesa, como pela visibilidade mundial que o karaté conquistou no mundo inteiro sendo hoje a arte de combate desportiva mais popular do mundo. O autor traça o percurso das origens chinesas do karaté japonês através das relações históricas triangulares entre a Ilha de Okinawa, a China e o Japão.

PALAVRAS-CHAVE: Artes marciais chinesas; Tō-te; Okinawa-te; Dinastia Ming; Shogunato de Tokugawa; Funakoshi Gichin; Karate-dō; Estilos de karate-dō.

Aquele que atingiu a suprema mestria da Arte não utiliza o sabre e o adversário mata-se a si próprio.

Yagyū (Munenori) Tajima-No-Kami (1571-1646)

Todas as culturas têm ou tiveram artes marciais e as técnicas de combate altamente desenvolvidas não são exclusivas da Ásia Oriental como refere Lorge (2012). Na verdade, todas as grandes civilizações imperiais como a civilização chinesa expandiram-se e cresceram em tamanho territorial e, conseqüentemente, em complexidade na cultura e na arte da guerra, cujos actores militares desenvolveram uma especialização cada vez maior dos meios tecnológicos de combate mas igualmente de combate corpo a corpo.¹

*Com formação académica nas áreas da sociologia, antropologia e educação e interculturalidade. Tem trabalhos publicados nas áreas da sociologia da linguagem, das relações interculturais e da história e cultura da China e do Japão.

With academic background in sociology, anthropology and intercultural education. He has published works in the areas of sociology of language, intercultural relations and the history and culture of China and Japan.

As artes marciais chinesas, tal como as conhecemos hoje com as suas técnicas e as suas diferentes práticas, são originárias de diferentes métodos de combate e foram cunhadas no mundo ocidental com diferentes designações: inicialmente “Kung-fu” ou “Kungfu” que corresponde à romanização no sistema Wade-Giles dos caracteres 功夫 (Gōngfū); a partir de 1962, Bruce Lee num texto não publicado utiliza a romanização em *pinyin* dos mesmos caracteres (Lorge, op. cit.), passando ambas as romanizações a serem adotadas na literatura ocidental sobre as artes marciais chinesas; e, finalmente, “Wǔshù” (武術), literalmente “artes marciais” ou “técnicas marciais”, um expressão consensual entre os especialistas de artes marciais quando se referem às artes marciais chinesas como um todo. O termo “Wǔshù” apareceu pela primeira vez no início do século VI em *Wénxuǎn* 文選.²

As artes marciais chinesas têm, assim, uma longa história escrita desde a dinastia Shang 商朝 (ca. 1600 a.C.—1045 a.C.) até à contemporaneidade. Na China, as artes marciais integram muitas atividades

ARTES MARCIAIS



Detalhe do mural no Mosteiro de Shaolin, Qing Dynasty (1644-1911).

performativas, tanto de combate, como religiosas ou promotoras de saúde, não tendo algumas delas mais nenhum tipo de aplicação direta em combate, sendo, embora, claramente originadas nas artes guerreiras.

As artes marciais chinesas tiveram uma grande influência no surgimento das artes marciais nas nações culturalmente tributárias da China como a Coreia, o Vietname e muito particularmente o Japão. Relativamente a esta última, um dos aspetos mais interessantes da civilização japonesa é precisamente a capacidade de integrar na sua cultura o que de melhor recebe de cada cultura exterior às suas fronteiras físicas. Janeira (1970:179) afirmou que o Japão integrou, “sobretudo da China, através da Coreia – a escrita sínica, a religião budista, a arte, as formas de cortesia e de convívio”.

Acrescentaríamos ainda a este legado chinês as artes marciais chinesas. Deste último legado, o **Karaté** 空手, ou **Karate-dō** 空手道, será porventura o mais expressivo, tanto pelas origens directas das artes marciais chinesas naquela arte marcial japonesa, como pela visibilidade mundial que o karaté conquistou no mundo inteiro sendo hoje a arte de combate desportiva mais popular do mundo com 130 milhões de praticantes, segundo o Web Japan.³

O **Karaté** 空手 é, como se sabe, uma arte marcial japonesa de mãos nuas como, de resto, etimologicamente, está expresso nos caracteres chineses utilizados para designar esta arte marcial: 空 **Kara** (vazio) 手 **te** (mão).

Curiosamente o sentido do carácter **Kara** 空 é o mesmo de que é composta a palavra **karaoke**, カラオケ, sendo カラ (escrita no silabário japonês *katakana*) e igual a 空/から (vazio de/sem, em *kanji* ou no silabário japonês *hiragana*) e **oke** オケ (abreviatura de *ōkesutora* オーケストラ, orquestra), ou seja, vazio de/sem orquestra. A palavra japonesa **karaoke** é escrita apenas em *katakana*, não aparecendo o carácter 空, mas apenas os grafemas *katakana* das sílabas *katakana* correspondentes a **ka-ra** カラ, dado que não é uma palavra totalmente japonesa mas uma combinação da palavra *kara* 空(から) (vazio) e do encurtamento da palavra *ōkesutora* (オーケストラ) que é um empréstimo do palavra inglesa “orchestra”. Então, uma vez que, pelo menos, parte da palavra precisava de ser escrita em *katakana*,⁴ por tratar-se de uma palavra importada do inglês, a palavra inteira foi escrita com o silabário *katakana*.

Contudo, a utilização do carácter 空 **kara** para exprimir o conceito de vazio na palavra *karate* é relativamente recente, pois remonta, apenas, aos inícios do séc. XX e deve-se ao mestre do estilo *Shuri-te* de Okinawa (Clark, vol. 1: 1992), Hanashiro Chomo (1869-1945), e posteriormente adoptado por Gichin Funakoshi (1868-1957), o fundador do karaté moderno e do estilo *shotokan* (Habersetzer, 1969; Clark, 1992; Tokitsu, 1993; Götzelmann, 2001), que a partir de 1922 fixa residência em Tóquio por sugestão do fundador do Judo, Jigoro Kano.

Na verdade, *karate* escrevia-se, antes, de forma diferente: **Tō-te** 唐手 em que 唐 podia pronunciar-se também **kara** e que significava indistintamente China e Tang (dinastia) e **te** (mão), carácter este que se manteve. **Karaté** significava, portanto, “**mão da China**” ou “**mão dos Tang**”, neste caso referindo-se à gloriosa dinastia Tang (618-907), a dinastia donde proveio grande parte da tradição cultural japonesa.

A substituição do carácter 唐 por 空 **kara**, na palavra **karaté**, deveu-se a duas ordens de razões convergentes: a primeira, pela necessidade de integrar esta arte marcial na tradição espiritual das artes marciais

MARTIAL ARTS

japonesas, claramente influenciadas pelo Budismo Zen e em que o conceito de vazio (*sunyata*), tão caro ao Budismo Mahayama, em geral, e ao Zen, em particular, e tão magnificamente aprofundado no mais belo sutra budista, recitado diariamente nos templos do Extremo Oriente, o *Prajna Paramita Hidraya Sutra*, se ajustava perfeitamente ao sentido de vazio do carácter 空 **kara**; a segunda, porque a expressão “**mão da China**” coadunava-se mal com o sentimento profundamente nacionalista da nação japonesa, sobretudo após a guerra Sino-Japonesa de 1895, embora culturalmente tributária da China.

Comparativamente com as outras artes marciais japonesas, igualmente conhecidas e praticadas em todo o mundo, tais como o *Judō* (柔道), o *Aikidō* (合気道), o *Kendō* (剣道) e o *Kyūdō* (弓道), o *Karatedō* (空手道) ou simplesmente “karaté” é historicamente a mais recente no Japão.

Esta fase ainda jovem do karaté poderá eventualmente explicar a extraordinária capacidade de adaptação à sociedade contemporânea e que foi, de certa forma, facilitadora da sua notável expansão mundial, designadamente face às outras artes marciais

japonesas. Outra importante razão, de entre outras que adiante se enunciarão, terá sido o facto de o fundador do karaté moderno, Gichin Funakoshi, e do estilo Shotokan de karaté ter iniciado em 1922 o ensino desta arte marcial no seio de várias universidades japonesas (Keio, Takushoku, Waseda, e outras).

O karaté nasceu e desenvolveu-se num ambiente muito particular da sociedade tradicional da pequena ilha de Okinawa, etimologicamente a “corda do mar”, dada a configuração do arquipélago, cujo nome e ilha principal, Okinawa, é o mesmo e que, actualmente, é parte integrante do Japão.

A situação geográfica da ilha de Okinawa, entre a China e o Japão, reflecte as características culturais próprias do povo dessa ilha e de que o karaté é um exemplo bem marcante.

Até ao séc. IX as relações de Okinawa com o exterior eram praticamente inexistentes. Contudo alguns nomes foram surgindo nas crónicas japonesas referenciando a ilha de Okinawa: Amami e Tokara em 699; Shingaki e Kume em 714 e, finalmente, em 753 os anais japoneses mencionam Okinawa como o local onde um navio se tinha afundado com uma



Detalhe do Mural no Mosteiro de Shaolin.

ARTES MARCIAIS

missão enviada à China proveniente do reino de Nara da Imperatriz Koken (孝謙天皇 Kōken-tennō, 713 – 770) (Kerr, 2000).

Por esse facto, e contrariamente ao reino vizinho, o Japão, a influência da cultura chinesa não se fez sentir na ilha até então, nem por via directa, através de contactos com o Império do Meio, nem por via indirecta, através dos contactos com o Japão, uma vez que este se estruturava segundo o modelo chinês do Estado, tendo adoptado, também, a escrita, a religião, as artes, as instituições e as ideias da China.

Porém, a partir do séc. IX a ilha de Okinawa vai dar um salto desenvolvimentista significativo, resultante dos primeiros contactos com o Japão e como consequência da importação do ferro.

A utilização do ferro na fabricação dos instrumentos agrícolas vai provocar uma verdadeira revolução agrícola. Mas com o ferro veio também a religião budista, a escrita chinesa e outros saberes da China.

Em termos políticos, consolidam-se poderes territoriais em torno de chefes locais (*aji* 按司) e

entra-se num período de conflitos e alianças entre esses chefes locais até à emergência, em 1316, de três reinos ou federações de comunidades tribais designados de Chuzan (中山, Montanha do Meio), Nanzan (南山, Montanha do Sul) e Hokuzan (北山, Montanha do Norte). É o período conhecido por Sanzan Jidai (三山時代), ou o período das Três Montanhas (Kerr, 2000).

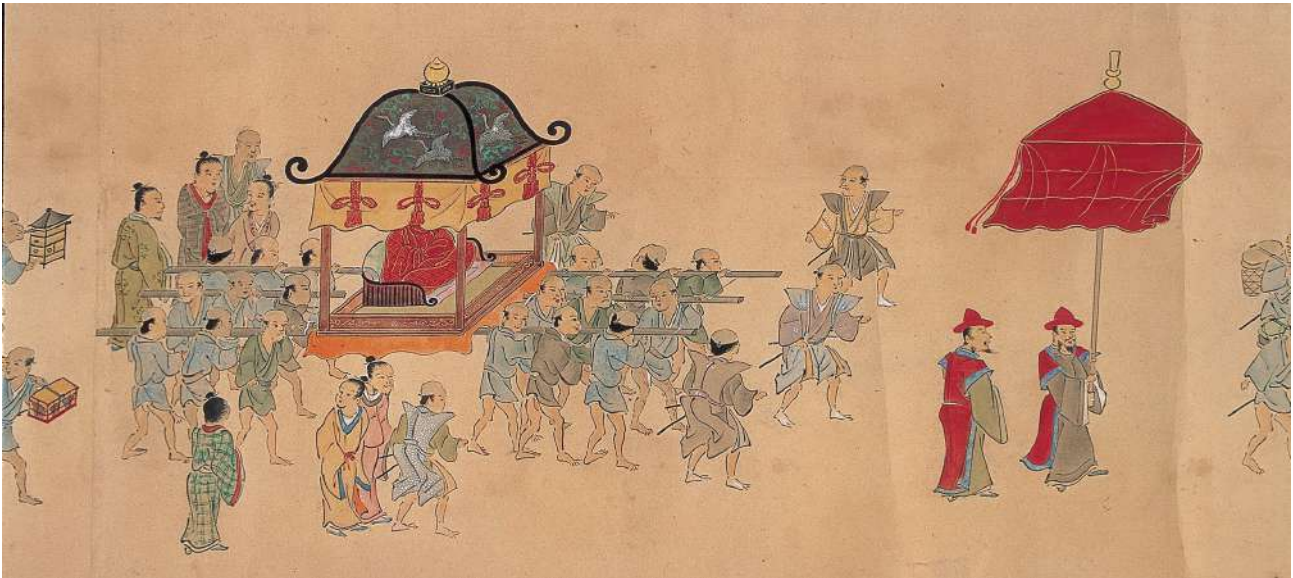
Estes três reinos encetam, individualmente, os primeiros contactos com a dinastia Ming da China (明朝 1363-1644), por forma a estabelecerem relações comerciais regulares. No entanto, o rei Satto, do reino de Chuzan, vai mais longe e presta, em 1372, vassalagem ao imperador Ming e torna-se um reino tributário da corte da China, e a partir desta data vai importar os modelos políticos, económicos e culturais que se prolongarão ininterruptamente por 500 anos.

Será porventura neste momento que começa a importação de elementos das artes marciais chinesas que irão constituir a base para a formação de uma arte marcial própria de Okinawa.

Em 1383 os três reinos passam a pagar tributos à China, situação que perdurará até 1883. É também



Oito vistas de Ryūkyū por Hokusai, c.1832.



A primeira missão de Ryūkyū a Edo, 1609-1611.

a partir desta data, ou seja, cinco séculos depois, que Okinawa recupera o seu nome original, pois até então era designada pelo nome chinês de **Liuqiu** que, pronunciado em japonês, é **Ryūkyū**.

Retomando um pouco o período do séc. XIV da história de Okinawa, em 1372, o imperador da China confere oficialmente os títulos de reis aos três reis de Ryūkyū (Kerr, op. cit.). E é a partir deste evento que, por ocasião das cerimónias de sucessão dinástica destes três reinos, se iniciam as deslocações a Okinawa de embaixadas imperiais chinesas. E desde 1372 até 1866 este acontecimento repetiu-se 23 vezes (Tokitsu, 1993).

Tais delegações que integravam funcionários civis e militares e chegavam a atingir um total de 500 pessoas, tiveram um papel decisivo na divulgação das artes marciais chinesas.

Outro aspecto que contribuiu também para o aparecimento e aprofundamento da arte de mãos nuas, bem como para a consolidação da cultura chinesa e o reforço das relações de dependência da ilha com a China, terá sido a fixação, na aldeia Kume, do reino de Chuzan (actual região de Naha), das designadas “36 Famílias”, um grupo de chineses mercadores

proveniente da província de Fujian na China. A fixação destas famílias no reino de Chuzan correspondeu a um pedido nesse sentido formulado pelo rei Satto de Chuzan ao imperador Ming, Hóngwǔdì 洪武帝 (1328-1398), da China em 1392. (Clark, 2012; McCarthy, 1995).

Estas 36 famílias funcionavam como uma espécie de funcionários oficiais do protectorado chinês, pois tinham, de entre outras missões, a da redacção da escrita oficial da ilha. Viviam fechadas sobre si próprias e praticavam uma arte de combate que simultaneamente era uma manifestação de poder disuasor e de manutenção da sua capacidade de defesa.

Porém, o início do período florescente de Okinawa começa em 1429 quando um dos três reis, Shō Hashi (尚巴志, 1371-1439) de Chuzan, vence os outros dois e estabelece o primeiro reino unificado da ilha. O imperador Ming Xuāndédi 宣德帝 (1424-1538) confirma-o como o rei de Ryūkyū. Foi nesta primeira dinastia Shō que a arquitectura, a cozinha, o vestuário e a música chinesas tiveram uma grande penetração e um grande desenvolvimento. As melhores famílias de Okinawa começam também a enviar regularmente os seus filhos para estudar na China.

ARTES MARCIAIS



A Missão de Ryūkyū em 1832.

A segunda dinastia Shō inicia-se em 1470 e é nesta dinastia que o filho do rei Shō En (尚圓, 1415–1476), Shō Shin (尚真, 1465–1526), proíbe em 1477 os chefes locais (*aji* 按司) de usarem armas e incentiva-os a viverem como nobres na cidade de Shuri, capital do reino, proibição que é reforçada em 1580. É no seio desta classe que se exercitam as artes marciais de mãos nuas.

A partir de 1523 Okinawa vai viver a época mais próspera da sua história. A dinastia Ming e o shogunato de Ashikaga cessam as suas relações comerciais directas, passando Okinawa a ser o grande entreposto comercial dos dois reinos. Foi durante este período, em 1554, que o imperador Ming resolve reconhecer a importância da Ilha e agraciá-la, oferecendo-se uma placa comemorativa em que proclamava Okinawa *nação de cortesia* (*shurei no kuni* 守禮之邦) (Walker, 2014). Tal placa encontra-se na Shurei no Mon (守礼の門), uma porta especialmente construída para o efeito que, ainda hoje, é um símbolo turístico de Okinawa.

Dados os contactos comerciais cada vez mais regulares com o Japão e, naturalmente, em virtude da sua maior proximidade, os filhos das famílias nobres da ilha começam, por volta de 1572, a preferir os templos budistas de Quioto como local de estudo em vez de Pequim.

A prosperidade de Okinawa impele o shogunato de Tokugawa Ieyasu a exigir ao rei da ilha vassalagem, pela voz de Shimazu Iehisa de Satsuma (1547- 1587)⁵, chefe de clan fiel àquele *shogun*. O rei da ilha recusa vassalagem e a ilha é invadida em 1609 por um exército de 3000 homens armados com espingardas, tecnologia militar introduzida no sul do Japão pelos portugueses em 1543. (Clark, 2012; McCarthy, 1995).

Okinawa vive até finais do séc. XIX sob a dupla dominação da China e do Japão, pois a província japonesa de Satsuma mantém a relação de vassalagem de Ryūkyū com a China, por forma a não perder a rota do comércio de Okinawa com a China e, consequentemente, os benefícios daí resultantes.

Verificamos, pois, que a arte chinesa de combate com mãos entra em Okinawa por três vias: pelas delegações imperiais e de comerciantes vindos da China frequentemente; pela fixação das “36 Famílias” chinesas na ilha que foram transmitindo conhecimentos; e, finalmente, pelos habitantes da ilha que viajavam pela China, alguns dos quais permanecendo por períodos longos, designadamente para estudar as artes e ciências chinesas.

Com a ocupação da ilha pelo clã Shimazu é determinada, mais uma vez, a proibição do uso de armas pela população de Okinawa, o que a leva a refinar as



técnicas de combate de mãos nuas já herdadas. No artigo “Notes on Loochoo” (em chinês, Liuqiu, e japonês Ryūkyū), do *Transactions of the Asiatic Society of Japan* (1872-1873), Ernest Satow é o primeiro europeu a relatar, com espanto, os feitos dos lutadores de Okinawa que “smash a large earthen water jar or kill a man with a single blow of his fist”. (Satow, 1874: 6).

Não subsistem grandes dúvidas quanto às raízes chinesas na formação do karatê na ilha de Okinawa. Mas poder-se-á perguntar em que momento o **To-te** se transformou em **Okinawa-te**.

Existem relatos dispersos da chegada de mestres chineses enviados do Império do Meio que, conjuntamente a famílias de emigrantes chineses da província de Fujian, com a missão de desenvolver determinados laços comerciais, trouxeram, também, ainda nos séc. XVII e XVIII as técnicas de combate chinesas. Em 1683, Wāng Jí (汪楫) ou Wānxiù/Wānshū (王子),⁶ um examinador da Academia Imperial de Hanli,⁷ chega numa embaixada chinesa a Ryūkyū na qualidade de representante-adjunto da missão de investidura de Shō Tei, o 11.º rei do reino Ryūkyū. Wang Ji ensina na aldeia de Tomari as técnicas de combate do sul da China. O seu nome terá ficado ligado ao *kata*⁸ *Wanshu* dos estilos de Karatê **Shito-ryu**, **Wado-ryu** e **Shotokan** mas que neste último estilo se designa pelo nome de *Enpi*.

Outro mestre chinês de que há registo é **Kong Shang Kung/Kung Siang Chün/ Gōng xiāng jūn** (公相君), mais conhecido dos habitantes de Okinawa por Kūsankū (クーサンクー) ou Kūshankū (クーシャンクー). Em 1756, Kūsankū foi enviado a Ryūkyū como embaixador da dinastia Qing 清 (1636–1912), sendo também um mestre de *Shàolínquán fǎ* (少林拳法), arte marcial praticada nos mosteiros Shaolin de Fujian (Götzelmann, 2001). Terá sido o primeiro mestre que sistematizou a arte de combate de mãos nuas em Okinawa e deixou também dois legados na história do karatê de Okinawa: um, o discípulo famoso Sakugawa Kanga “Tode” (1733-1815), considerado o pai do karatê de Okinawa e precursor dos estilos Shorin-ryu (Clarke, 2012); e um *kata* com o seu nome, a *Kushanku* que o mestre Funakoshi alterará para *Kankudai*.

Porém, verdadeiramente natural da Ilha era Sakugawa Kanga “Tode”, um dos mestres de Okinawa mais antigos. Era um notável da terra e fora incumbido por três vezes, pelo Governo, de se deslocar à China para recolher elementos da cultura e ciência chinesas. Aí aprendeu e dominou a arte do **To-té**. A sua importância na formação do **Okinawa-té** foi decisiva, uma vez que introduziu elementos das artes marciais chinesas da Escola do Norte, resultante das

ARTES MARCIAIS



Mestre de karaté de Okinawa, Kanga "Tode" Sakugawa (1733 – 1815).

suas estadias em Pequim, porquanto antes dele os elementos dominantes das artes marciais chinesas existentes na ilha provinham da Escola do Sul, designadamente de Fujian.

É, contudo, com **Sokon Matsumura** (1809–1899), proveniente de uma família nobre de Okinawa, que o karaté começa a modelar-se no sentido da arte de combate que conhecemos hoje como Karaté.

Matsumura estudou as técnicas de combate de Okinawa como guarda do Príncipe no Palácio de Shuri. Mais tarde obtém autorização das autoridades senhoriais japonesas da ilha para ir estudar a arte do sabre da Escola Jigen-ryu, durante dois anos, em Satsuma, no Japão. De volta a Okinawa parte para Pequim, por um período de 15 meses, com um grupo que leva o tributo enviado pelo rei de Ryūkyū ao imperador da China. Aí aprende a arte de combate com os melhores mestres de Fuzhou, Ason e Iwah, nomes na versão da língua Okinawa (Clark, 2012).

Regressado a Okinawa, cria uma escola a que mais tarde dará o nome de **Shuri-te** (首里手), nome da localidade onde vive. Uma variante desta escola, a **Tomari-te** (泊手), desenvolve-se na aldeia vizinha de Tomari. A escola dos chineses da aldeia de Kume passou a designar-se de **Naha-te** (那覇手), a fim de a demarcar das outras duas escolas, consideradas como produtos da cultura de Okinawa.

Matsumura introduz a prática do endurecimento das mãos no *makiwara*,⁹ inovação desconhecida na China e provavelmente trazida do Japão das escolas de sabre.

Matsumura formou um grupo extraordinário de mestres de **Okinawa-te** que vão contribuir para o evolução do karaté. E de entre eles surge a figura de **Itosu Yasustune "Ankoh"** (1831–1915) que imprime profundas reformas no **Okinawa-te** clássico, designadamente na formalização das técnicas-base e na modificação dos *kata* tradicionais, e cria as bases do karaté moderno que mais tarde irá ser aperfeiçoado, e difundido no Japão, por Gichin Funakoshi.

Outro grande mérito de Itosu é o de ter conseguido fazer adoptar, em 1901, o karaté como disciplina obrigatória nas escolas primárias do distrito de Shuri da cidade de Naha.

O outro grande salto em frente do karaté é dado por Gichin Funakoshi, considerado o fundador do karaté moderno, mais tarde seguido por dois outros grandes mestres: Chojun Miyagi e Kenwa Mabuni.

Com a divulgação e a fixação, nos anos 30 do século XX, de escolas de karaté no Japão, orientadas por estes três mestres, Funakoshi em Tóquio, Miyagi e Mabuni no Japão Central, começa a operar-se uma separação clara entre o karaté de Okinawa, repartido por duas grandes correntes tradicionais: de um lado, o karaté de Okinawa com os dois estilos **Shorin ryu** e **Shorei ryu**, e o karaté praticado no Japão.

O nome das escolas **Shorin** e **Shorei** de Okinawa, de acordo com Kenji Tokitsu (1993, op. cit.), parece provir do estilo **Shaolin quan** que em japonês se pronuncia **Shorin**. Porém as letras <r> e <l> no dialecto de Okinawa, segundo o mesmo autor, não se distinguem. Além disso o estilo **Shaolin quan** praticado no centro da China particularmente no célebre Templo Shaolin no distrito de Dengfeng, na província de Henan, que data do séc. V, e o estilo **Shaolin quan** praticado no sul da China, designadamente na cidade de Quanzhou, na província de Fujian, apresentam diferenças tão significativas que não é de admirar as grandes diferenças encontradas nos dois estilos de Okinawa.

MARTIAL ARTS

A existência física do Templo Shaolin do Sul, também designado por Templo Shaolin de Fujian, tem sido rodeada de alguma controvérsia, havendo autores como Green (2010) que a colocam em causa. Contudo tanto a *China Buddhism Encyclopedia*¹⁰ como o *China Daily*¹¹ afirmam que:

The Southern Shaolin Monastery also known as the Fujian Shaolin Monastery refers to a Buddhist Monastery located in Fujian province, China; by tradition it is considered the source of all southern Chinese martial arts (China Buddhist Encyclopedia, §1).

Located in the east of the Qingyuan Mountain of Quanzhou, the Quanzhou Shaolin Temple, also called the South Shaolin Temple, is the birthplace of the South Shaolin martial art, which has spread to Taiwan, Hong Kong and Macao and even East Asia since Ming (1368-1644) and Qing (1644-1911) dynasties (China Daily, 2015-05-18).

E aqui é indispensável e obrigatório fazer uma referência aos monges guerreiros do Templo Shaolin e, sobretudo, ao primeiro patriarca Zen, Bodhidharma (Daruma, em japonês), que segundo a tradição corrente é dito estar na origem da introdução na China, senão

das técnicas de combate de mãos nuas, pelo menos de uma escola de artes marciais da Índia que influenciou definitivamente todas as artes marciais chinesas.

Na verdade, no ano de 527 da nossa era, durante o período do imperador Xiaoming do reino Wei do Norte (北魏孝明帝, 510 – 528), um monge indiano, de nome Bodhidharma (Da Mo 達摩, em chinês; Daruma 達磨/だるま, em japonês), chega à China.

Fixando-se no Mosteiro de Shaolin inicia um período de meditação numa cave durante nove anos. Passados esses anos, Bodhidharma, ao verificar a fraca condição física dos monges do mosteiro, na sequência do excessivo tempo de meditação e de recitação de sutras, introduz um conjunto de exercícios físicos designados por 18 Mãos de Arhat¹² (十八羅漢手 *shíbāluóhàn shǒu*), a fim de aliviar a sua fadiga espiritual e física. Este conjunto de exercícios que veio a designar-se também de “18 Rotinas do Wushu de Shaolin” foi desenvolvido e enriquecido por vários monges ao longo dos séculos, tendo dado origem a mais de uma centena de estilos da arte marcial Shaolin. Após ter deixado o mosteiro de Shaolin, Bodhidharma, é dito pela tradição do



Mestre de karatê de Okinawa, Ankō Irosu (1909).

ARTES MARCIAIS

mosteiro que foram encontrados dois manuscritos da sua autoria: o *Tratado da Transformação dos Músculos e Tendões* (*Yījīnjīng* 易筋經); e o *Tratado de Limpeza da Medula Óssea* (*Xǐsuǐjīng* 洗髓經), tendo-se perdido este último tratado.

Bodhidharma foi o 28.º patriarca do Budismo, depois de Buda Sakyamuni, e o 1.º patriarca do Budismo Chan 禪 (Zen, em japonês), um budismo chinês que resultou da fusão entre a Escola Dhyana do Budismo Indiano, que coloca a ênfase no Despertar Súbito, ideia contida no sutra favorito de Bodhidharma — o Lankavatara Sutra, e o Taoísmo Chinês.

Esta escola budista, que atingiu o seu apogeu na dinastia Song do Sul 南宋 (1127–1279) e em que os seus mosteiros eram verdadeiros centros de erudição chinesa, foi levada para o Japão, pelo monge Eisai, o mesmo que reintroduziu a planta do chá no Japão e cujos arbustos ainda se podem observar no templo Zen mais antigo do Japão, Shōfukuji (聖福寺), em Higashiku, Fukuoka, e por ele fundado em 1195. Esta escola Zen tem exercido até aos nossos dias uma profunda influência na cultura ideológica, comportamental e material do povo japonês, em que as artes marciais naturalmente se incluem.

Henning (2013) contesta a origem das artes marciais chinesas no mosteiro de Shaolin, dizendo tratar-se de um mito que perdura até aos nossos dias e que em termos turísticos tem sido consideravelmente benéfico para a região (Dengfeng, Henan) onde o mosteiro se situa.



Treino de alunos de karatê num terraço de um prédio no Japão (1934).

Segundo Henning (2013), desde o início da dinastia Wei do Norte 北魏 (386-535) há relatos que indicam a existência de armazéns de armas em mosteiros budistas e práticas de artes marciais apenas com o propósito de defesa das propriedades monasteriais. O templo de Shaolin, criado em 495, não aparece em tais relatos nem ligado às artes marciais. Em 617 o mosteiro é sitiado e parcialmente destruído pelas guerras que antecederam a fundação da dinastia Tang (618-907). Apenas em 621 Li Shimin, o príncipe Qin, mais tarde, o famoso imperador dos Tang, denominado-se Taizong (太宗, 626-649), pede ajuda aos monges de Shaolin para capturarem o líder anti-Tang, Wang Shichong. O envolvimento de Shaolin nas artes marciais é muito mais tardio, datando do fim da dinastia Yuan 元朝 (1271-1338) quando o mosteiro foi assaltado sucessivas vezes. Com a dinastia Ming 明朝 (1368-1644) o mosteiro foi oficialmente autorizado a criar uma milícia própria para sua defesa.

Ainda segundo o mesmo autor, o mito Shaolin e a introdução das artes marciais por Bodhidharma propagam-se durante o séc. XIX e são popularizados no livro *As viagens de Lao Can* (老殘遊記, *Lǎocán yóují*) de Liu E (劉鶚, 1857-1909), escrito em 1903-04 e publicado em 1907. Diz ainda que, por exemplo, o *Tratado da Transformação dos Músculos e Tendões* é um livro do séc. XVI, citando o primeiro historiador de artes marciais, Tang Hao (唐豪, 1897–1959), autor do livro *Shaolin Wudang Research* (少林武當考, *Shàolín wūdāng kǎo*) editado em 1930. Aquele livro foi logo seguido por um outro livro intitulado *Segredos dos Métodos do Boxe de Shaolin* 少林拳法秘訣 *Shàolín quánfǎ mìjué* (Green, 2010) que apareceu como uma série num jornal de Xangai em 1910. Este livro, de origem desconhecida, mas escrito em jeito de sociedade secreta anti-Manchu, expandiu a história de Bodhidharma e, em 1915, foi alterada e publicada sob o pseudónimo “mestre de um exame de auto-respeito”, provavelmente uma alusão aos sentimentos anti-manchus e anti-imperialistas da época (Gianni, 2016; Tsin, 2000; Henning 1994). Contudo, tanto Tang Hao

como Xu Jedong, os dois mais importantes historiadores da história das artes marciais chinesas, afirmam que o mito de Bodhidharma como criador das artes marciais chinesas carece de historicidade (Green & Svinth, 2010; Bowman, 2008; Henning, 1981).

Agora o que é inquestionável é a forte presença das escolas e estilos de artes marciais chinesas na criação do karaté de Okinawa e, conseqüentemente, no karaté japonês, tal como o conhecemos hoje.

Voltando à formação do karaté moderno e ao impulso dado pelos três grandes mestres de Okinawa antes citados, com a fixação de escolas de karaté no Japão, vão emergir, e perdurar até aos nossos dias, os três grandes estilos de karaté japonês, a que mais tarde se veio juntar um quarto estilo criado por outro grande mestre, mas natural do Japão, Hironori Ohtsuka, em 1938: Shotokan, Shito-ryu, Wado-ryu e Goju-ryu. Os três primeiros estilos têm as suas origens nos estilos Shuri-te e Shorin-Ryu, Okinawa, enquanto que o estilo Goju-ryu tem a sua origem na estilo Naha-te (Clark, 2012).

O Mestre Gichin Funakoshi e o Estilo Shotokan (松濤館 *Shōtōkan*)

A história do estilo Shotokan e do karaté moderno começou em 1917 quando o mestre Funakoshi demonstrou, pela primeira vez, no Japão, no Butokuden, em Kyoto, a arte do karaté.

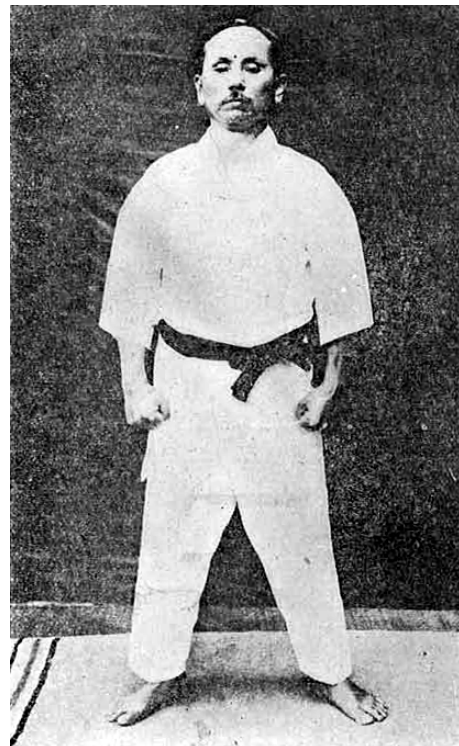
Apesar do sucesso da demonstração, a projecção do karaté no Japão, e provavelmente no mundo, teria ficado por aqui se um auspicioso acontecimento não se tivesse dado.

Na verdade, em 6 de Maio de 1921, o Príncipe Imperial Hirohito, do Japão, passando por Okinawa, em viagem para a Europa, é presenteado, pelo Departamento de Educação de Okinawa, com uma exibição de karaté, com vista a dar a conhecer ao Príncipe a riqueza cultural da Ilha. Funakoshi é encarregado de fazer a referida demonstração de karaté com alunos das suas escolas, no Grande Átrio do Castelo de Shuri.

Como referem John Corcoran e Emil Farcas (2012), o fascínio do Príncipe foi tal que falou entusiástica e frequentemente durante o resto da sua viagem sobre a demonstração que viu.

Em 1922, o Ministério da Educação do Japão convida formalmente as autoridades de Okinawa para o karaté de Okinawa estar presente no 1.º Festival Nacional de Actividades Desportivas, em Kyoto. O Mestre Funakoshi foi naturalmente o escolhido para fazer a demonstração.

Jigoro Kano, o fundador do Judo, presente nesse encontro e tendo ficado impressionado com as demonstrações de karaté exibidas, convida Funakoshi a fazer uma demonstração no seu *dojo* (sala de treino), em Tóquio. Tal demonstração teve lugar a 17 de Maio de 1922. Nesse mesmo ano escreve um livro intitulado “*Ryūkyū Kenpo Karate*” (O karaté, boxe de Okinawa) e em 1924 um outro intitulado “*Rentan Goshin Karate Jutsu*” (Reforço Energético e de Autodefesa Através das Técnicas do Karaté).



Gichin Funakoshi (1868–1957).

ARTES MARCIAIS

Em ambos os livros os caracteres para escrever a palavra karaté ainda significavam “mão da China”. É a partir de 1930 que substitui o carácter *kara* 唐 (China, Tang) por 空 *kara* (vazio). Após esta transformação junta o sufixo 道 *do* (via) a karaté, passando a designar-se de karaté-do, no que é seguido pelas restantes escolas de karaté japonês.

Em 1935 publica a sua obra principal “*Karate-dō Kyohan*” (Texto de Ensino do Karate-dō). E embora possuindo já muitos alunos e muitas classes nas principais universidades de Tóquio, só em 1938 é que tem o seu primeiro *dojo* a que dá o nome de **Shotokan, Shoto** (松濤 sussurrar dos pinheiros) **kan** (館 casa, local de treino).

Shoto foi o pseudónimo por ele adoptado como calígrafo. Assinava os seus poemas com esse nome em memória e homenagem à sua terra natal que era coberta por florestas de pinheiros. “E ao escolher Shoto como

nome para o seu *dojo* de karaté, ele quer transportar ainda essa imagem do sussurrar dos pinheiros à via que segue no karaté” (Tokitsu, 1993). Escrevia Funakoshi, citado por Tokitsu, “*Gostaria de prosseguir a via do karaté, assim como a vida, na graça da verdade inerente à calma do sussurrar dos pinheiros*”.

O karaté Shotokan, desde a demonstração de Funakoshi, não parou mais. As principais universidades de Tóquio aderiram ao karaté de Funakoshi, tais como Keio, que foi a primeira, Takushoku, Chuo, Shodai, Gakushu-in, Hosei, Nihon, Meiji e outras, bem como outras escolas superiores que hoje se contam em mais de 200. Mas também penetrou em várias empresas célebres como a Tóquio Department Store, a Tokyo Railroad, a Matsuzakaya Department Store e muitas outras.

Em 1948 é criada a celeberrima associação de karaté, a JKA (Japan Karate Association; 日本空手協会; Nihon Karate Kyokai) o “kodokan” do karaté Shotokan, e uma das mais influente organizações de karaté do mundo. Nesse mesmo ano, Gichin Funakoshi é agraciado, na JKA, com o título de Presidente Emérito.

Indubitavelmente que o estilo Shotokan foi e continua a ser o estilo de maior projecção mundial e que maior influência exerceu nos estilos que paralelamente se foram projectando também. Existem algumas razões para tal facto:

Em primeiro lugar, o ter continuado a evoluir, não apenas sob o ponto de vista da técnica do karaté, mas designadamente também sob o ponto de vista científico. Na realidade, desde 1960 que a JKA desenvolve programas para instrutores integrando disciplinas obrigatórias como biomecânica, fisiologia do exercício de karaté, anatomofisiologia, física do exercício em karaté, teoria e organização do treino, psicologia do karaté, traumatologia e outras aplicadas à prática do karaté.

Em segundo lugar, o ter prestado uma atenção prioritária à formação de instrutores e à investigação das metodologias e técnicas do ensino do karaté, a que não é alheia a sua inserção originária no meio universitário,



No karaté não há um primeiro ataque. Mural em Okinawa de homenagem à célebre frase do mestre Funakochi. Cortesia do autor.

donde igualmente provêm grande parte dos seus instrutores japoneses com formação académica universitária.

Finalmente, o ter sabido difundir o seu “produto”, enviando os seus mais qualificados instrutores (Nishiyama, Kanazawa, Kase, Enoeda, Miyazaki, Tanaka, Shirai, Ochi, Okazaki e tantos outros) para outros países da Ásia a partir de 1954, e para a América, Europa e Médio Oriente, a partir de 1958. (Hassell, 2007)

O estilo Shotokan, como de resto praticamente todos os estilos, sofreu dissidências internas, o que originou a criação de diferentes associações dentro do estilo. As duas mais importantes são a Japan Karate Association (JKA) e a Shotokan Karate International (SKI) do Mestre Hirokasu Kanazawa, uma das estrelas da JKA, considerado um dos melhores estilistas Shotokan de sempre e há quem diga “muito próximo de uma técnica perfeita” (Corcoran. J; Farcas, E, op.cit.). Actualmente existem cerca de 16 organizações internacionais de karaté Shotokan independentes.

O Mestre Chojûn Miyagi e o Estilo Goju Ryu (剛柔流 Gōjū-ryū)

Chojun Miyagi foi outro dos grandes mestres do karaté moderno. Aluno de Kanryo Higa(shi)onna (1853-1915), aprende com ele o estilo **Liuqia quan**, uma das cinco grandes escolas de **Shaolin quan** do sul da China, que o seu mestre tinha treinado durante os 15 anos que vivera na China. As suas excepcionais qualidades levam Higaonna a considerá-lo o seu sucessor, o que aconteceu, de facto, após a sua morte em 1915.

A partir desse momento Miyagi empreende várias viagens à China para o aperfeiçoamento da sua arte de combate, como também ao centro do Japão, no sentido de aí criar escolas do seu estilo, que na altura ainda se designava de **Naha-té**. E ao contrário de Funakoshi que se transferiu para Tóquio e, portanto, deixou de ter classes e alunos de karaté em Okinawa, Miyagi repartia metade do seu tempo a

viajar e a outra metade em Okinawa. A qualidade do ensino do seu estilo no Japão ficou, por razões óbvias, claramente prejudicada. O mesmo não aconteceu em Okinawa onde formou instrutores que asseguravam o ensino durante as suas ausências.

E uma vez mais Jigoro Kano, fundador do Judo, tem um papel importante na difusão do karaté. Nas duas primeiras viagens que faz a Okinawa, em 1922 e 1926, Jigoro Kano demonstra toda a sua grandeza como pessoa e como homem das artes marciais. Sendo embora um alto dignatário do Japão e possuindo a elevada condecoração japonesa da Ordem de Mérito, apresentou-se perante os mestres de Karaté de Okinawa como um igual disposto a ajudar a difusão do karaté tal como fez com Funakoshi.

Em 1928 Miyagi viaja pela primeira vez ao centro do Japão para assistir ao Bodokusai (Festival da Virtude do Budo), em Quioto. Realiza várias demonstrações em algumas universidades da região de Quioto mas sem grande sucesso. Em 1929 Miyagi é escolhido como instrutor da Escola da Polícia do município de Naha.



Mestre de karaté de Okinawa Chojun Miyagi (1888-1953).

ARTES MARCIAIS

Em 1931, de regresso de uma viagem ao Havai, passa por Tóquio e solicita ajuda a Jigoro Kano. Visita também o seu amigo Funakoshi e realiza uma demonstração para os alunos daquele.

Em 1933, pela primeira vez, faz uma demonstração no Budokuden (Palácio de Budo), em Quioto, perante mestres e alunos de outras artes marciais. Miyagi publica nesse ano o seu primeiro livro intitulado *Karaté Jutsu Gaisetsu* (Explicação Geral Sobre a Arte do Karaté).

Em 1935 regressa a Okinawa e promove a criação da Associação para o Desenvolvimento do Karate-Dō de Okinawa, congregando em torno de si as mais destacadas figuras do karaté.

Entende, também, atribuir o nome de **Goju** ao seu estilo, ao qual junta **ryu** que significa escola mas também corrente de rio e, em sentido figurado, a transmissão do conhecimento através dos tempos. A expressão **goju** foi inspirada no 3.º dos “Oito preceitos da arte de combate”

contidos no livro tradicional da Escola **Naha-té**, chamado *Bubishi*, que diz: “*Essenciais são a inspiração e a expiração em força* (go 剛) *e em souplesse* (ju 柔)” (Tokitsu). A ideia contida em **ju** é a mesma de **Judo** (A Via da Souplesse).

A implantação do estilo Goju-ryu no Japão confinou-se principalmente ao centro do país, na região de Kansai (Quioto, Osaka, Hyogo e outras cidades).

No Japão o sucessor de Miyagi foi o mestre Gogen Yamaguchi, conhecido pela alcunha de “Gato”, mas célebre também pelos seus longos cabelos, pelos seus retiros na montanha para meditação e, sobretudo, por ter introduzido no karaté, em 1936, o *jiyu kumite*, combate livre, que não era prática do karaté de Okinawa. Yamaguchi cria em 1964 o All Japan Goju Kai Karaté-do Association que integra mais de 500 mil praticantes em todo o mundo. Em 1966 publica o livro “*Karate Goju pelo Gato*”.



Mestres de karaté em Tóquio (1930s). Toyama Kanken, Ohtsuka Hironori, Shimoda Takeshi, Funakoshi Gichin, Motobu Choki, Mabuni Kenwa, Nakasone Genwa and Taira Shinken. In: Funakoshi Gichin, *Karate-do One Road*.



Gogen Yamaguchi (esquerda) e o seu filho Goshi Yamaguchi (direita). 1949.

Em Okinawa o sucessor de Miyagi foi Meitoku Yagi, falecido a 7 de Fevereiro de 2003, onde foi Presidente da Associação Meibukan de Karaté Goju ryu, na cidade de Naha. E pela sua dedicação ao mestre Miyagi, a família deste ofereceu-lhe, em 1963, o *gi* (quimono de karaté) e o cinto do Mestre Miyagi.

Dentro do estilo **Goju-ryu** que se pratica em Okinawa existem duas correntes divergentes quanto à herança do estilo do Mestre Miyagi: uma, a do Mestre Yagi, a quem Miyagi confiou a sucessão; a outra, a do Mestre Eichi Miyazato, que sucedeu a Miyagi na Escola da Polícia e mestre de um outro grande mestre, porventura mais conhecido do que ele no mundo inteiro, Morio Higaonna. Actualmente existem cerca de 18 organizações internacionais de karaté Goju-ryu independentes.

O Mestre Kenwa Mabuni e o Estilo Shito-Ryu (糸東流 **Shitō-ryū**)

O Mestre Mabuni, natural de Shuri, começa, em 1902, a praticar karaté com o Mestre Itosu, do estilo **Shuri-té**, que ensina nessa mesma cidade e que foi igualmente professor de Funakoshi. Miyagi, seu amigo pessoal, leva-o ao *dojo* de Higaonna onde toma contacto com o estilo **Naha-té**. Em 1912 entra para a polícia aos 23 anos, onde permanecerá até aos 38 anos. As suas funções permitem-lhe contactar com todos os mestres de karaté da Ilha e efectuar uma recolha exaustiva dos diferentes *katas* praticados pelos diferentes mestres. Daí a razão pela qual o estilo, de que ele vai ser o fundador, o Shito-ryu, apresenta o maior número de *katas* jamais praticado por qualquer outro estilo, proveniente de duas linhagens de mestres, de Itosu-ke e Higaonna-ke, cerca de 61 *katas* (Tokitsu, op.cit.; Shito Ryu Kata Syllabus).

ARTES MARCIAIS



Treino de karaté com o mestre Shinpan Gusukuma no Castelo de Shuri, Okinawa (1938).

Como anteriormente se referiu, em 1926 Jigoro Kano visita Okinawa. Mabuni explica o Karaté da Escola **Shuri-té** e Miyagi explica o da Escola **Naha-té**.

Este encontro com Kano fá-lo decidir-se por partir para o Japão em 1928 e visitar Jigoro Kano, em Tóquio, bem como Gichin Funakoshi que lhe serve de guia. Um ano depois resolve levar a família e fixar-se em Osaka e designar o seu estilo por **Mabuni-ryu**. Contudo, quando em 1935 Miyagi cria o estilo **Goju-ryu**, Mabuni liga-se a Miyagi e adere ao mesmo estilo.

Porém, a herança, em termos de karaté, de cada um deles é bem diferente. Miyagi é um ortodoxo do estilo **Naha-té** ensinado por Higaonna, e Mabuni recebeu formação deste e de Itosu do estilo **Shuri-té**. Por isso decide criar o seu próprio estilo, o **Shito-ryu**, estilo

que divulga através do seu primeiro livro intitulado **Karate-dō Nyumon** (Iniciação ao Karaté). A palavra **Shito** é uma homenagem aos seus dois mestres de karaté: **Shi** é retirado do primeiro carácter de Itosu (Ito 糸) que também se pode ler Shi; **to** é retirado do primeiro carácter de Higaonna (Higa 東) que também se pode ler **to**.

O Mestre Mabuni possuía um saber teórico e prático bastante vasto sobre as artes marciais em geral e sobre o karaté em particular. Funakoshi e Otsuka, o fundador do estilo **Wado-ryu**, aconselhavam-se frequentemente junto de Mabuni para se aperceberem dos detalhes de determinadas *kata*. Este estilo integra nos seus treinos o *kobu-jutsu* (manuseamento de armas tradicionais). O estilo **Shito-ryu** possui a *Japan Karate*

Federation que integra todos os praticantes do estilo e, tal como o **Goju-ryu**, está essencialmente sediado no Japão central.

A Federação Mundial de Karate-do Shito-ryu é liderada por Mabuni Kenyu, o filho mais velho de Mabuni. Actualmente existem cerca de cinco organizações internacionais de karaté Shito-ryu independentes.



Motobu Choki, 1870 – 1944. In Motobu Choki, *My Karate Art*. 1932.

O Mestre Hironori Ohtsuka e o Estilo Wado-Ryu (和道流 Wadō-ryū)

O Mestre Ohtsuka, o único dos quatro mestres que não é natural de Okinawa mas do Japão, começou por ser mestre de Jujutsu, uma arte marcial que remonta ao período Heian (séc. VIII da nossa era), ou mesmo anterior, e que esteve na origem do Judo e do Aikido. O seu interesse na procura de contributos que lhe permitissem aperfeiçoar a sua arte marcial levou-o a Funakoshi pela mão de um dos alunos de Jigoro Kano.

Após ter assistido a uma demonstração de Funakoshi, Ohtsuka integra o seu *dojo*. Ohtsuka torna-se rapidamente o braço direito de Funakoshi mas também rapidamente se revelam as divergências quanto à forma de encarar o karaté. Ohtsuka pretende

um karaté mais próximo do combate real, adicionando elementos do jujutsu nas kata que praticam, o que Funakoshi considera um desvirtuamento do karaté. Determinados alunos de Funakoshi preferem a linha de Otsuka.

Otsuka encontra, entretanto, um outro mestre, simultaneamente de karaté e de kendo, que pretende seguir a mesma via, Yasuhiro Konishi, e que em 1939 criará **Shindo Jinen Ryu** (Ryubukan), um estilo eclético com elementos de kendo. Konishi apresenta o Mestre Mabuni a Ohtsuka, em 1934, e este solicita-lhe explicações relativamente a alguns *katas* no sentido da sua compreensão e aperfeiçoamento.

Em 1938 cria o seu próprio estilo, o **Wado-ryu**. Wa (和) dô (道) que significa caminho da harmonia. Em 1939 cria a All Japan Karate-dô Federation, Wado-Kai. O seu segundo filho, Jiro Ohtsuka, é o actual instrutor-chefe. Actualmente existem cerca de três organizações internacionais de karaté Wado-ryu independentes.

Embora a Federação Japonesa de Karate-dô apenas reconheça os quatro estilos mencionados, a verdade é que existe um número de estilos bastante considerável, a que não podem ser alheias as marcas das diferentes escolas chinesas que estiveram na sua origem, mas resultantes também, grande parte deles, de divergências de concepção dentro dos estilos originais.



シーサー, Shisā, leão chinês protector das residências de Okinawa contra demónios. Cortesia do autor.

ARTES MARCIAIS

De todos os estilos de karate-dō, o estilo Shotokan é o mais praticado do mundo, embora não existam dados estatísticos que apresentem a percentagem de praticantes por estilos. No entanto, na Federação de Karaté de França, por exemplo, 80% dos praticantes inscritos são do estilo Shotokan.

A despeito das organizações independentes de cada estilo e das suas competições próprias, foi criada em 10 de Outubro de 1970 a *World Union of Karatedo Organizations* (WUKO) reorganizada desde 20 de Dezembro de 1992 como *World Karate-dō Federation* (WKF), com 188 países-membros em torno de cinco federações continentais de karaté, (AUKO,

EKU, OUKO, PUKO e UFAK), sendo a única organização mundial de karaté-do reconhecida pelo Comité Olímpico Internacional desde 18 de Março de 1999. A WKF apenas reconhece os estilos de karaté Shōtōkan, Gōjū-ryū, Shitō-ryū, e Wadō-ryū.¹³

Como nota final: o karaté irá ser integrado, pela primeira vez, como modalidade olímpica nos Jogos Olímpicos de Tóquio adiados para 2021 e participará em duas categorias específicas: Kata (ver nota 9) e Kumite (combate livre, por três categorias de peso, nos sectores masculino e feminino). De referir que o karaté entrou já como modalidade olímpica nos Jogos Olímpicos Juvenis de 2018, em Buenos Aires, a 17 de Outubro. **RC**

NOTAS

- 1 A primeira evidência concreta de métodos de luta corpo-a-corpo aparece no túmulo do faraó Menes, o rei guerreiro que unificou o Egito e morreu por volta de 3.000 a.C. As imagens mostram uma técnica de combate de mãos nuas que qualquer praticante de karate (karateka) reconheceria como jodan-uke em shiko-dachi (um bloqueio de um murro à cara em posição de cavaleiro). Também o imperador chinês Shi-Huang-Di (221-206 a.C) foi enterrado com um exército de cerca de 7.000 figuras em tamanho real de cavalos e soldados para guardá-lo na vida após a morte. De particular interesse são as figuras dos oficiais, todos desarmados e em posturas mostrando que eles usaram um método de luta notavelmente similar ao karaté. In: *History of Shotokan Karate*. Disponível em: <http://www.yorkelite.com/york-karate-information/york-karate-history-of-shotokan-karate.html>.
- 2 A *Wen Xuan*, ou Antologia da Literatura, foi compilado por Xiao Tong (501-531), o príncipe herdeiro da dinastia Liang e tornada leitura básica da literatura chinesa desde a dinastia Sui até ao final da dinastia Qing. (ver Lorge, p. 10).
- 3 *Japan Fact Sheet: Martial Arts*. Disponível em: https://web-japan.org/factsheet/en/pdf/e16_martial_art.pdf (consultado em 18.8.2018).
- 4 A escrita katakana é, essencialmente, utilizada para escrever as palavras estrangeiras que foram introduzidas na língua japonesa. (Rocha, 2012).
- 5 (島津氏 Shimazu-shi, proveniente da província de Satsuma (薩摩藩 Satsuma-han), e atualmente situada na parte oeste da prefeitura de Kagoshima Prefecture da ilha de Kyūshū. Disponível em: Japan Encyclopedia (2005: 829)
- 6 Wanshū, Wansu, and Wang Ji. In: *Ryūkyū Bugei* 琉球武芸. 13th September 2015. Disponível em: <http://ryukyu-bugei.com/?p=4675>.
- 7 A Academia Imperial Hanlin foi uma instituição académica e administrativa fundada no século VIII na China dos Tang pelo Imperador Xuanzong em Chang'an, primeira capital da dinastia Tang, onde se fixavam a interpretação dos textos clássicos.
- 8 Um *kata* é um conjunto de exercícios formais com movimentos defensivos e ofensivos, executados por uma ordem fixa de sucessão, contra vários oponentes imaginários
- 9 Peça de madeira vertical cravada no chão, mas flexível, forrada na extremidade superior por um entrançado de folhas secas de arroz.
- 10 *China Buddhism Encyclopedia* Disponível em: http://www.chinabuddhismencyclopedia.com/en/index.php?title=Southern_Shaolin_Monastery
- 11 *China Daily*, 18th May 2015. Disponível em: http://www.chinadaily.com.cn/m/fujian/2015-05/18/content_20750893.htm.
- 12 Arhat é todo praticante do budismo, e particularmente da corrente budista Theravada ou do Pequeno Veículo (Hinayana), considerado uma pessoa perfeita, pois atingiu o conhecimento da verdadeira natureza da existência, ou seja, o nirvana (iluminação espiritual), libertando-se, portanto, do ciclo de smasara (sucessão de renascimentos e de sofrimento). Os 18 Arhats é uma alusão aos 18 discípulos de Buda que atingiram a iluminação espiritual (nirvana).
- 13 *World Karate Federation, Kata Rules. Article 5: Criteria or Evaluation*. Disponível em: http://judge-wkf.com/doc/doc4-KATA_RULES/el616-ARTICLE_5%3A_CRITERIA_FOR_EVALUATION.

BIBLIOGRAFIA

- Bowman, Paul (2008). *Deconstructing Popular Culture*. Basingstoke, UK: Palgrave.
- Clark, Christopher, M. (2012). *Okinawan Karate: A History of Styles and Masters, Volume 1: Shuri-te and Shorin-ryu*. Huntington: Clark's Canyon Press.
- Clark, Christopher, M. (2012). *Okinawan Karate: A History of Styles and Masters, Volume 2: Fujin Antecedents, Naha-te, Goju-ryu, and Other Styles*. Huntington: Clark's Canyon Press.
- Corcoran, John; Farkas, Emil (2012). *The Martial Arts Encyclopedia*. West Hollywood: CreateSpace Independent Publishing Platform.
- Gianni, Tommazo (2016). Tang Hao and the quest for the origins of traditions. In: *Institute of Martial Arts & Sciences Quarterly* Volume 5 Issue 1, Winter 2016/20Q70. 15-32.
- Götzelmann, Michael (2001). *The Shôtôkan-Karate Dictionary*. Lauda, Germany: Schlatt.
- Green, Thomas A.; Svinth, Joseph R, editors (2010). *Martial Arts of the World [2 volumes]: An Encyclopedia of History and Innovation*. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO.
- Habersetzer, Roland (1969). *Le Guide Marabout du Karaté*. Verviers, Belgique: Editions Gérard & C°.
- Hassell, Randall G. (2007). *Shotokan Karate: its history & evolution*. Los Angeles: Empire Books.
- Henning, Stanley, E. (2013). Chineses Martial Arts. In: *Demytifying China. New Understanding of Chine History*, Naomi Standen editor. Plymouth, UK: Rowan& Littlefield Publisher, Inc., 89-98.
- Henning, Stanley. Ignorance, Legend and Taijiquan. In: *Journal of the Chen Style Taijiquan Research Association Of Hawaii*, Vol. 2, No. 3, Autumn/Winter 1994, 1-7.
- Janeira, Armando Martins (1970). *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*. Lisboa: Dom Quixote.
- Kerr, George, H. (2000). *Okinawa, The History of an Island People*. Tokyo: Tuttle Publishing.
- Lorge, Peter (2012). *Chinese martial arts : from antiquity to the twenty-first century*. Cambridge: Cambridge University Press.
- McCarthy, Patrik (1995). *The Bible of Karate. Bubishi*. Tokyo: Tuttle Publishing.
- Satow, Ernest Mason (1936). Notes on Loochoo. In: *Transactions of the Asiatic Society of Japan*, Volume 1, 1872-1874, published 1874 (1-9) Notes on Loochoo— 1936.
- Shito Ryu Kata Syllabus*. Disponível em: <http://seitoshitoryukarate.org/Katalist.htm>.
- Stanley E. Henning (1981). The Chinese Martial Arts in Historical Perspective. In: *Military Affairs*, Vol. 45, No. 4 (Dec., 1981), pp. 173-179.
- Tokitsu, Kenji (1993). *Histoire du Karate-Dô*. Paris: Editions SEM.
- Tsin, Michael T.W. (2000). *Nation, Governance, and Modernity in China: Canton, 1900-1927*. Palo Alto, CA: Stanford University Press.
- Walker, Robert (2014). *Okinawa and the Ryukyu Islands: The First Comprehensive Guide to the Entire Ryukyu Island Chain*. Tokyo: Tuttle Publishing.
- Yagyû Mumenori (2004). *The Sword and the Mind: The Classic Japanese Treatise on Swordsmanship and Tactics*. New York: Barnes & Noble.



Do Cancioneiro ao Herbário:

Notas sobre a Flora do *Clássico das Odes*

FERNANDA DIAS*

RESUMO: Símbolo de fecundidade, de renovação e da perenidade da natureza, reconhecidas por muitas culturas como avatares dos deuses, as plantas estão na base de mitos e lendas com que os grupos humanos primordiais explicaram o retorno da vida. Atribuíram-lhes simbolismos que perduram até hoje; contudo, quando se trata do *Shi Jing*, a interpretação desses símbolos varia conforme os leitores e os fins a que se destina a leitura deste *Clássico*. Antologia de poesia, registos históricos ou manual de moral e costumes, todos esses subtítulos farão justiça ao 詩經 *Clássico da Poesia* ou *Clássico das Odes*. Ao longo dos séculos os comentadores não deixaram de sublinhar os valores que intentavam realçar. A ciência de hoje vem em socorro desses estudos, iluminando as espécies da flora consagradas na literatura à luz da botânica e de novas abordagens da etnobotânica.

Em 2015 foi atribuído o prémio Nobel da medicina à cientista chinesa Tu Youyou, pela descoberta de novas terapias no tratamento da malária. A farmacologista descobriu *Artemisinina*, o componente activo da planta artemísia. Do encontro da milenar medicina chinesa com a moderna bioquímica a ciência produziu um novo medicamento. Confirma-se que, no herbário do *Shi Jing*, nem uma só espécie é insignificante.

PALAVRAS-CHAVE: *Clássico das Odes*; Flora simbólica; Cultos agrários; Cânticos nupciais; Versões comparadas de poemas do *Shi Jing*.

A flora poética: Uma leitura do *Clássico das Odes*

Através dos signos, obedecendo completamente a um ritmo primordial, uma palavra explodiu e extravasou para todos os lados o seu acto de significância.

François Cheng ¹

*Residente de Macau desde 1986. Publicou poesia, ficção, e tradução em co-autoria com a investigadora Doutora Lee Shuk Yee. Manteve paralelamente actividade como artista plástica. Em 2017 defendeu tese de Mestrado em Comunicação, Cultura e Artes, Especialização em Estudos Culturais, na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Portugal. O mais recente livro, *O mapa esquivo – Poemas*, editado pela Livros do Oriente em 2016, tal como obras anteriores, inspira-se na cidade de Macau.

Macao resident since 1986, Fernanda Dias has published poetry, fiction, and translation in co-authorship with researcher Dr. Lee Shuk Yee; in addition, she continued her works in visual arts. In 2017 she defended her Master's thesis in Communication, Culture and Arts, Specialization in Cultural Studies, at the Faculty of Human and Social Sciences, Algarve University, Portugal. The most recent book, O mapa esquivo-Poemas, published by Livros do Oriente in 2016, as well as previous writings, are inspired by the city of Macao.

Antes dos geomantes terem sacralizado a geografia; antes dos poetas peregrinos terem calcorreado íngremes socalcos e dos bonzos terem construído alcantilados templos e pagodes; muito antes dos engenheiros do Império terem traçado canais e domado as águas; e de gerações de artífices terem dominado o fogo para atingirem a perfeição da sublime porcelana, e domesticado vermes para chegarem ao inexprimível esplendor da seda; antes de terem tirado da casca rugosa o suave papel que dá suporte à triple arte da caligrafia, poesia e pintura; antes dos letrados estetas se terem apropriado dos cânticos rurais... ao longo dos atalhos sinuosos e dos íngremes socalcos das cinco montanhas

sagradas, pelas várzeas férteis dos vales, nas margens dos rios e lagos, povos antigos observaram e cantaram o mundo e o fluir das estações. Cresceram em saber e arte e cresceu também o imenso amor pela Natureza. Leram nas ervas e nas estrelas; entenderam os ritmos do crescimento e intuíram os mistérios da vida.

O que chegou até nós dos seus cantares mostramos uma longa tapeçaria que exalta a actividade ancestral das colheitas, onde cada planta representada é palavra senha para um domínio da vida rural. Vemos a apanha de plantas comestíveis, medicinais, aromáticas, fornecedoras de madeira, lenha, carvão; de fibras têxteis para o vestuário e de polpas para o papel; das tintureiras, da forragem para o gado. As que dão colmo para cobrir as casas e vimes para cestaria; árvores que dão cabos de enxada, dobadeiras e teares, berços e ataúdes, caixas de ressonância para a música. Canas que dão hastes de flechas para a caça e artefactos para a pesca. Entendemos subjacente o vibrante hino à biodiversidade, nas espécies que davam abrigo e alimento aos vermes, aos pássaros, aos lepidópteros polinizadores e aos himenópteros melíferos; aos cervos da montanha e aos javalis dos vales, insondável riqueza que interessa as todas disciplinas científicas. Universo que iria alimentar a arte prolífica da pintura, da escultura, da marcenaria, da arte têxtil, e o caudal das figuras arquetípicas, paralelo ao sublime impulso civilizador do pensamento alegórico e do sentimento poético, onde enraizam as mais belas criações da dinastia T'ang:

*Spring and summer the fragrant plants grow,
In clusters of green they flourish.
In the solitude of the deserted wood,
Flowers sprout from the purple stems.
Slowly the white sun reaches journey's end,
Softly the autumn wind begins to blow.
The glory of the year wilts and falls,
Your fragrant inclination-what has come of it?*

Ch'en Tzu-Ang ²



Trichosanthes kirilowii – Guache sobre papel Johannot, segundo gravura de herbários do século XVI (D. P.), por Fernanda Dias.

O *Shih-Ching*, um dos clássicos da China, conhecido como *Livro dos Cantares* (*Clássico das Odes* ou *Livro dos Poemas*) é uma recolha de composições poéticas que inaugura a literatura chinesa, incluindo peças que datam do primeiro milénio a.C. Os diversos elementos deste Cancioneiro, composto entre 1766 e 256 a.C. por autores anónimos e transmitidos de geração em geração, teriam sido inicialmente recolhidos pelos soberanos nas digressões pelos seus domínios, ou anotados nos registos dos funcionários, os *T'sai Shih Kuan*. O intuito seria examinar e comparar os costumes das diversas regiões do Império. Contudo, essas recolhas só viriam a constituir uma obra definida quando Confúcio, a partir de cerca de três mil canções populares e cânticos rituais, constituiu a compilação de trezentos e cinco poemas, conhecida como *Shih-Ching*. Segundo alguns comentadores, as escolhas de Confúcio obedeceram mais a critérios morais do que a valores literários, argumento hoje contestado por alguns estudos.³

As odes do *Shih-Ching* aparecem agrupadas em três partes: *Feng*, ou “cantigas de costumes”; *Ya*, ou “cantares de corte” e *Sung*, “cânticos rituais”. Considerados como sendo os mais belos, os poemas *Feng*, supostamente reformulados mas de origem nitidamente popular, assemelham-se a antigas baladas medievais. A simplicidade dos temas e do estilo colocam-nos ao lado dos cânticos rurais de numerosas culturas. Estudos deste clássico têm

ETNOBOTÂNICA

abordado a interpretação simbolista; o valor pedagógico e moralizante; a recolha de tradições antigas assim como o valor documental para a análise das fontes históricas e repositório do saber natural.



Capsella bursa-pastoris – Aguarela sobre papel Arches, segundo gravura de herbários do século XVI (D. P.), por Fernanda Dias.

À semelhança do “Cântico dos Cânticos” da *Bíblia*, os cantares de amor do *Shih-Ching*, seguindo a interpretação alegórica, tornaram-se num clássico para uso escolar destinado ao ensino das virtudes sociais e até da moral política. Cruzar os poemas mais arcaicos do *Shih-Ching* com os livros fundadores das culturas da bacia do Mediterrâneo ou com as literaturas da Mesopotâmia, é um exercício que surge espontaneamente e as correspondências não raro emergem com fulgor imediato. Quando, por exemplo, constatamos como o uso medicinal e culinário das ervas silvestres contribuiu para a construção e consolidação de variados aspectos culturais na vida das sociedades. Disso nos dão testemunho manuscritos como o *tratado de Voynich*, os *Capitulares de Villis* de Carlos Magno, Livros de Horas e herbários medievais, registos do conhecimento acumulado nos mosteiros, aliado ao uso empírico do povo. A transmissão oral ia alicerçando ao mesmo tempo uma cultura identitária, entretida de adágios de calendário, mitos e lendas, cantares e simbolismos.

Inúmeras histórias chegaram até nós sobre as virtudes das plantas. No século XVII a Europa foi atingida por uma peste que vitimava as populações. Para sinalizar as casas infectadas, os sobreviventes marcavam as paredes com cruces vermelhas. Contudo, apareciam saqueadores que ignoravam as cruces e pareciam imunes ao contágio. Conta-se que se protegiam com uma infusão de plantas em vinagre de vinho. Dessa receita de ervanário constavam arruda, sálvia, artemísia absinto, menta, alecrim, alfavaca, cânfora, alho, noz-moscada, cravo e canela. Mais antigo é um texto chinês de 732 d.C. sobre as virtudes do ailanto-da-China (*Ailanthus altissima*) que anota uma receita para tratar doenças da mente: emulsão decantada e filtrada de raiz de ailanto, urina de menino e pasta de feijão de soja preta fermentada.

Nos poemas do *Shih-Ching* as plantas aparecem puras, isentas de adendas de superstição; subsidiárias dos ritmos da natureza. Os seus usos, intrinsecamente ligados à labuta humana são, antes de ser alegóricos,

suportes de vida. Para haver simbolismo, os códigos hão-se ser antes longamente partilhados, e assim globalmente entendidos e transmitidos. Enumerando as espécies vegetais que os poemas referem, partilhamos desses momentos de codificação ancestral. Os poemas do primeiro capítulo partilham com outros textos fundadores de antigas culturas o sentido obscuro que os torna território ideal para traçar mil atalhos de intertextualidade. Podemos encontrar, por exemplo, na versão do Pe. Guerra,⁴ soluções que, pelo teor e pelo ritmo, nos remetem para o *Cântico dos Cânticos*, já referido, esse outro enigmático testemunho do carácter hierogâmico e ritual dos enlaces nupciais. Vejamos esta estância onde três espécies vegetais emblemáticas das culturas mediterrânicas – a nogueira, a vinha, a romãzeira – estabelecem simbolismos para os milénios vindouros:

*Desci ao jardim das nogueiras,
Para ver os rebentos novos do vale,
Para ver se as vinhas reverdejam,
Se as romãzeiras florescem.
Num impulso... a vontade me lançou
Sobre os carros do meu povo, como príncipe!*⁵

E porque nas sociedades agrárias, os esposais se preparam e celebram em datas determinadas, de acordo com os ciclos da natureza, as referências aos diversos aspectos da flora nos textos fundadores devem ser entendidas não só como metáforas da fertilidade, mas também como adágios de calendário, na medida em que tornam inteligível a época do ano propícia e adequada para os encontros matrimoniais. Essa leitura dos cânticos nascidos da improvisação oral, paralelos aos ritos das cerimónias sazonais, cânticos de trabalho, e eventos familiares e sociais, permite a recuperação do sentido natural dos temas. Ainda que o restaurar desse sentido primordial passe pelo levantar de alguns véus: do simbolismo moralizante, de supostas alegorias, da visão particular de cada comentador.⁶

Porém, nem os mais impenitentes defensores da vertente moralista conseguiram expurgar dos poemas os testemunhos de uma cultura agrária organizada e eficiente, dos seus saberes sobre a fauna e a flora, patentes na manifestação de uma sensibilidade poética intensa e esclarecida. Assim o *Clássico das Odes* atravessa os séculos cumprindo o seu destino de Livro de Conhecimento.



Plantago major – Aguarela sobre papel Ingres D'Arches, segundo gravura de herbários do século XVI (D. P.), por Fernanda Dias.

ETNOBOTÂNICA

As festas rurais e o ritmo das estações

Il y a grand' chance que les poèmes qui, à première vue paraissaient de vieilles chansons populaires, aient eu, jadis, une valeur rituelle. De plus, la morale qu'on en tire par symbole s'inspire de cette idée, que les hommes doivent, comme la Nature, faire les choses en leur temps : il y a donc chance de retrouver dans les chansons les traces de règlements saisonniers.

*Marcel Granet*⁷

Segundo Marcel Granet, existe uma forte probabilidade de que muitos dos poemas do *Shih-Ching*,⁸ considerados como cânticos rurais, tenham tido outrora valor e função ritual. A interpretação moral que se pode retirar do valor simbólico decorre da tradição que as considera como obras eruditas. Assim sendo, a moral que se transmite pelo símbolo inspira-se na crença de que os homens devem agendar a vida social e os trabalhos rurais respeitando e copiando os ritmos da Natureza. Esse regular da existência ao ritmos das estações conduz a identificar alguns poemas com adágios de calendário. Marcel Granet defende a tese de que o carácter simbólico dos poemas se explica pela origem ritual, intenta demonstrar o inegável valor documental dos processos de invenção popular que decorrem da criação oral colectiva e de improvisações sobre temas recorrentes, patentes nos cânticos e danças rituais próprias de antigas festas agrárias. Considera que as canções de amor do *Kouo fong*, primeira parte do *Shih-Ching*, dão a conhecer costumes e cerimónias anteriores à moral clássica. Documentos privilegiados para o estudo das crenças que estão na base dos antigos ritos sazonais confirmam que a improvisação primordial está intrinsecamente ligada a celebrações de antigas festas agrárias, às reuniões periódicas, decorrentes do ritmo das estações. M. Granet considera que um livro tão antigo, e tão intrinsecamente impregnado da história da China, tinha que inevitavelmente inspirar aos eruditos ocidentais diversos caminhos

e incontáveis teses. A sua proposta intenta ir além da explicação literária, recorrendo não apenas aos métodos do historiador e aos textos dos comentadores, mas também à perspectiva dos etnólogos, que descrevem os factos segundo as recolhas junto dos informadores autóctones.⁹

O *Shih-Ching* está escrito numa língua antiga e complexa e a sua abordagem, no que diz respeito às canções da primeira parte, comporta numerosos desafios para os sinólogos. Recorrendo aos comentários e às edições eruditas, muitos estudos abordam a interpretação simbólica, quicá preterindo o valor estético da obra poética primordial. A inspiração que deu impulso a estas manifestações de uma língua venerável é difícil de discernir. É o que propõe Marcel Granet: «Je veux montrer qu'on peut aller plus loin que la simple explication littéraire et, par delà de l'interprétation symbolique, retrouver le sens original des chansons. Je le montrerai par un exemple, qu'est décisif.»¹⁰ E prossegue a sua demonstração escolhendo como exemplo decisivo um cântico nupcial, cuja tradução considera não oferecer dificuldades:

*Le pêcher, comme il pousse bien !
Qu'elles sont nombreuses, ses fleurs !
La fille va se marier :
Il faut qu'on soit femme et mari !*

*Le pêcher, comme il pousse bien !
Qu'ils ont d'abondance, ses fruits !
La fille va se marier :
Il faut qu'on soit mari et femme!*

*Le pêcher, comme il pousse bien !
Son feuillage, quelle richesse !
La fille va se marier :
Il faut qu'on soit un ménage !*

Le beau pêcher. M. Granet, p. 19.

*Pessegueiro vigoroso
Alardeia as suas flores.
Esta moça vai casar,
Vai governar o seu lar.*

*Pessegueiro vigoroso
Carregado está de fruta.
Esta moça vai casar
O seu lar vai governar.*

*Pessegueiro vigoroso
Tem rama de cor marinha.
Esta moça vai casar,
Ter criados a mandar*

Pessegueiro em flor. Pe. Guerra, pp. 148-149.

Nas versões aqui citadas o poema mantém um eixo comum, o elemento que identifica o padrão em todas as glosas: o pessegueiro, ora no esplendor da floração, ora na plenitude da maturação dos frutos. Simbolismo que se manteve legível, imagem da vitalidade da natureza, paralelo que a ode estabelece com os ciclos da existência humana. Mesmo quando o sentido dos versos muda, o cerne da metáfora vegetal confere coesão às interpretações, como na tradução do Padre Guerra. M. Granet explica: «J'ai suivi les explications des commentateurs, mais je me suis bien gardé d'introduire leurs glosas dans mon texte : si on les regarde de près, on sent combien, même pour une chanson aussi simple, l'interprétation symbolique entraîne de difficultés». ¹¹ Conclui constatando que no cântico nupcial a ideia da união conjugal está ligada ao esplendor da vegetação primaveril, patenteada no pessegueiro em flor. É a identidade vegetal em toda a sua significância que as glosas não podem adulterar, sobe pena de deslocarmos temporalmente e geograficamente a origem do poema. Se substituirmos o pessegueiro por outra árvore mítica, a laranjeira em flor, símbolo do ca-

samento no mundo ocidental, continuaria evidente a vocação nupcial do cântico. Porém, e apesar da laranjeira ser nativa da China, a paisagem cultural e mítica seria outra.

Neste contexto, o trabalho de Pan Fujun 潘富俊¹² sobre a flora do *Shi Jing* contribui incontornavelmente para leituras realistas do significado patente nas espécies vegetais citadas nos poemas. Dados preciosos sobre a actividade dos povos que criaram os poemas em áreas tão diversas como manufacturas, nutrição, aromaterapia, fitoterapia, biodiversidade, celebrações, costumes e sóbrios relatos dos mais humanos e íntimos sentimentos, como a solidão, a saudade do país natal, o anseio por um encontro furtivo. A confrontação entre traduções é um exercício que pode ser infinitamente prosseguido; nesta breve leitura não cabem senão exemplos. Vejamos um poema em que o tema se aglutina em função da imagem fulcral que lhe define o sentido, a colheita de plantas aquáticas:

*Com interesse olha o pato
Em volta do ilhéu do rio
A donzela retirada
Será a noiva do Príncipe.*

*Os tufos dos agriões
Rebentam aqui e além
A donzela retirada
Ele a busca ao acordar*

*E buscando-a sem a haver
Velando e a dormir suspira
Virando a um lado e outro*

*Os tufos dos agriões
A um lado e outro os colhem.
A donzela retirada
Faz a harmonia do lar.
Os agriões em raminhos*

ETNOBOTÂNICA

*Aqui e além vão à mesa.
A donzela retirada
Festejam sinos e adufes.*

Pe. Guerra, pp. 138-139.

*« Kuan, kuan » deux pluviiers se répondent
Sur les îlots de la rivière.
La jeune fille ignorée et sage
Est la bonne épouse du Seigneur.*

*Les villarsies ¹³ longues ou courtes
Flottent à gauche et à droite.
La jeune fille ignorée et sage
Fut recherché nuit et jour.*

*Tant qu'elle ne fut point trouvée,
Nuit et jour le Seigneur y pensa.
Longues, longues étaient les heures
Quand il se retournait dans sa couche.*

*Les villarsies longues ou courtes
Furent cueillies à gauche et à droite.
La jeune fille ignorée et sage
Fut reçue au son des luths et des cithares.*

*Les villarsies longues ou courtes
Se préparent à gauche et à droite.
La jeune fille ignorée et sage
Est divertie par des clochettes et tambours.*

P. Guillermaz, p. 42.¹⁴

*Au bord de l'eau
Crient deux oiseaux;
L'homme a envie
De belle amie.
Le cresson roule
Dans l'eau qui coule;*

*On fait la cour
De nuit et jour.*

*L'amie refuse:
L'homme s'accuse,
Il tourne au lit
De là, de-ci.*

*Que l'amant cueille
Les longues feuilles!
Qu'il joue la lyre!
L'amie l'admire.*

*Qu'on mange longs
Ou courts cressons!
La cloche sonne;
L'amie se donne.*

Xu Yuan Zhong.¹⁵

Na concisa e elegante versão do Professor Xu Yuan Zhong,¹⁶ a planta aquática comestível é nomeada como “cresson”, o familiar agrião. O mesmo entendeu o Pe. Guerra, que, contudo, justifica a sua escolha em nota de fim de texto, p. 996: “planta aquática comestível. Chamo-lhe agriões à falta de designação mais exacta”. Inequivocamente patente é a atmosfera da colheita de plantas aquáticas, neste caso, *Nymphoides peltatum* (Gmel.) O. Kuntze e os encontros junto das zonas de água. Latente será o simbolismo aceite pelos historicistas: o casal de aves aquáticas representa o imperador Wen da dinastia Chou e a esposa. Traduzir por “agriões” a erva “Hsing”, o lírio-de-água ou vilarsia, cujas longas hastes de flores amarelas flutuam na água “à esquerda e à direita” simbolizando supostamente a busca de esposa adequada para o Imperador, oblitera uma imagem que a obra de Fujun Pan 潘富俊 nos permite recuperar.

O poema que o Pe. Guerra intitula “Rapariga pacata” é um dos mais traduzidos e comentados

pelos investigadores. Nas diversas versões o tema parece gravitar em torno do enigmático sexto verso, que visualmente é como uma pincelada rubra num recanto de muralha como pano de fundo. Este sexto verso comporta diversas interpretações, muito diferentes, conforme os comentadores seguem a tese realista, simbolista, ou outras. Comparemos a tradução de Patrícia Guillermaz (Hu Pinqing), que anota a probabilidade de ser o caule vermelho em questão uma gramínea, a Themeda trianda, com as propostas de Marcel Granet, Padre Guerra e Ezra Pound:

*La jeune fille belle et sage
Devait m'attendre au coin des remparts
Mais je l'aime et ne la vois pas,
Et j'erre tout plain d'embaras.*

*La jeune fille belle et sereine
M'a donné une tige rouge
La tige rouge a de l'éclat,
Et sa beauté me ravit.*

*Des prés elle m'a rapporté cette jeune plante
Vraiment superbe et rare.
Mais ô plante, si tu parais ainsi,
C'est que tu viens de ma belle.*

P. Guillermaz, p.43.

*La vierge sage, que de grâce!
Elle m'attend au coin des murs,
Je l'aime, et si je ne la vois,
Je me gratte la tête, éperdu...
La vierge sage, que de charme!
Elle me donne un tube rouge !
Le tube rouge a de l'éclat :
La beauté de la fille enchante !
Plante que viens des pâturages,
Vraiment belle en ta rareté,*

*Non, ce n'est pas toi qui es belle
Tu es le don d'une beauté !*

M. Granet, pp. 71.

*A moça pacata e bela
Esperava-me à esquina.
Eu, que a amava, não a
vendo,
Dei em coçar a cabeça*

*A moça pacata e esbelta
Vermelha flauta me deu
Mais do que do brilho da
flauta,
Do apreço da moca eu gosto.*

*Pastora, trouxe-me um ramo,
Raminho formoso e raro.
Não é tanto em si que é belo,
É o ser oferta amiga.*

Pe. Guerra, pp. 226-227.

*Lady of azure thought supple and tall
I wait by nook, by angle in the wall
Love and see naught; shift foot and
scratch my poll.*

*Lady of silken word, in clarity
Gavest a reed whereon red flower
flamed less
then thy delightfulness.
In mead she plucked the molu grass
Fair as streamlet did she pass.
"Reed, art to prize in thy beauty,
But more that frail, who gave me
thee me."*

Ezra Pound, p. 20.

ETNOBOTÂNICA

A versão de M. Granet propõe “tubo vermelho” (*tube rouge*); tradução literal que pode sugerir o colmo oco da gramínea como sendo um objecto manufacturado. Segundo este comentador, o poema insere-se no tema dos encontros na aldeia, da flor como penhor de amor em uso nos eventos comunitários da primavera. A versão do Pe. Guerra segue a opção do “tubo vermelho”, e nada mais natural do que imaginá-lo perfurado como uma flauta; e se o tubo vermelho é uma flauta, é legítimo intuir que a moça pacata é pastora. Mas não podia faltar o “raminho formoso e raro”, e assim o poema comporta não um, mas dois penhores de amor. Hervey de Saint-Denys,¹⁷ para quem este poema “respira um perfume de delicadeza”, deixa em suspenso a forma e função da dádiva; só a cor vermelha se mantém no cerne do poema: “Ela me encheu de alegria fazendo-me uma oferta de cor vermelha”.

*L'aimable jeune fille (ma fiancée), qu'elle est jolie!
Elle m'a dit qu'elle viendrait me trouver au pied
remparts de la ville; Je l'attends plein d'une ardeur
impatiente, mais je ne la vois pas apparaître.
En vain je tourne et je penche la tête de tous côtés. L'aimable jeune fille (ma fiancée) qu'elle est
charmante!
Elle m'a comblé de joie en me faisant un présent
de couleur rouge. Ce présent de couleur rouge
brille assurément d'un éclat bien vif; Mais com-
bien est plus séduisant encore l'éclat de celle qui
me l'a donné!
Elle-même, pour me l'offrir, a cherché la plante
dans la campagne;
c'est une fleur très belle et plus rare que la
fleur de la plante Y; Sa beauté ni sa rareté ne
sont pourtant pas ce qui la rend à mes yeux si
précieuse.
Tout son prix vient pour moi de celle qui me l'a
donnée.*

H. de Saint-Denys, pp. 32-33.

*O sweet maiden, so fair and retiring,
At the corner I'm waiting for you;
And I'm scratching my head, and inquiring
What on earth it were best I should do.*

*Oh! the maiden, so handsome and coy,
For a pledge gave a slim rosy reed.
Than the reed is she brighter, my joy;
On her loveliness how my thoughts feed!*

*In the pastures a t'i blade she sought,
And she gave it, so elegant, rare.
Oh! the grass does not dwell in my thought,
But the donor, more elegant, fair.*

James Legge, Ode 68.

*J'attends près de la ville
Ma belle amie tranquille.
Mais en vain je la quête;
Je me gratte la tête.*

*Mon amie qui ne bouge
Me donne un roseau rouge.
J'aime sa couleur belle,
Qui me fait rêver d'elle.*

*Du pré qui nous sépare,
Elle envoie un brin d'herbe rare.
J'aime non qu'il soit beau,
Mais qu'il est son cadeau.*

Xu Yuan Zhong, pp. 8-9.

Xu Yuan Zhong escolheu a concisão rimada; versão ritmada que logo se reconhece apropriada para cantar, como na remota origem. A planta é devolvida à sua natureza ancestral, a gramínea vermelha das pastagens, no apogeu da floração, época da celebração das colheitas e dos encontros ritualizados.



ETHNOBOTANY



Campsis grandiflora – Caneta e aguarela sobre papel Whatman, por Fernanda Dias.

James Legge:¹⁸ muitas vezes contestado nas notas de Pe. Guerra, opta pela versão do junco vermelho: «For a pledge gave a slim rosy reed». Também desta vez Pe. Guerra discorda, categórico: “Não me resigno a semelhante versão: «it is not you, O grass that are elegant». [...] As escolas dividem-se na interpretação desta canção. Em vez de admirarem a fineza psicológica do amor, perdem-se noutras considerações.”¹⁹

Nas margens do rio

Nem só as gramíneas vermelhas cumprem a função de mensageiras do amor. Após a fusão da neve os rios enchem, a natureza desperta. É tempo de passar o rio para os encontros de Primavera. Tal como

num velho refrão do Cante Alentejano “Ao passar da ribeirinha/ pus o pé molhei a meia/não casei na minha terra/fui casar em terra alheia!”, que também celebra o costume da exogamia nos meios rurais. Nas margens do rio T’chen e Wei, a meio da primavera é o tempo da colheita das orquídeas. Nas datas consagradas pelo calendário rural acontecem as grandes festas do renovar da natureza. Rapazes e raparigas solteiros cantam em conjunto e trocam entre si flores odorantes:

*La Tchenn avec la Wei
Viennent à déborder ;
Les gars avec les filles
Viennent aux orchidées.
Les filles les invitent :
— “Là-bas si nous allions?”
Et les gars de répondre
— « Déjà nous en venons!”
— « Voir donc mais encore
Là-bas si nous allions?
Car, la Wei traversée,
S’étend un beau gazon!”
Lors les gars et les filles
Ensemble font leurs jeux.
Et puis elles reçoivent
Le gage d’une fleur.*

*La Tchenn avec la Wei
D’eaux claires sont gonflées
Les gars avec les filles
Nombreux sont assemblés. [...]*

M. Granet, pp.105-106.

*O rio Tseôn mais o Vei
Vão cheios de lés a lés.
Encontram-se moços e moças,
Ostentando a flor do Caen.
“Passeaste?” inquire a moça.
“Pois não!” responde o rapaz.*

ETNOBOTÂNICA

*"Mas vamos dar outra volta;
Para lá do rio Vei,
Há prados vastos e amenos!"
Rapazes e raparigas
Trocaram graças entes si
E brindam-se os seus guizados.*

*O rio Tseôn mais o Vei
Cheios vão e transparentes
Raparigas e rapazes
Sua pujança bem mostram
"Passeaste?" inquire a moça.
"Pois não!" responde o rapaz.
"Mas vamos dar outra volta;
Para lá do rio Vei [...]"*

Pe. Guerra, pp.334-335.

*Chen and Wei
Flow thereby
touching together
Man and girl, girl and man
to pluck valerian:
"The play?" says she.
"Seen it." says he.
"If so, let's go '
Over Wei
Pleasantly."
Playing there, girls and men
Prescribe this mutual medicine.*

*Chen and Wei in alacrity
As pampas blades a-gleam
By bank and stream
Como girls and a throng of officers
She says: "Have you seen...?"
he says: "I been."
"Let's again." Over Wei
Pleasantly [...]"*

Ezra Pound, pp.44-45.

Num resumo não isento de poesia, sequenciado em imagens vivas, eis a leitura que faz Marcel Granet do meio em que surgem e cumprem a sua função os cantares do *Shi Jing*:

No segundo mês da primavera, quando o regresso do Yang traz de volta as andorinhas e o calor, assim que o orvalho substitui a geada branca sobre a erva dos prados, o degelo começa e se dá a primeira enchente dos rios, quando as flores precoces crescem nos recantos húmidos, os pássaros cantam e procuram acasalar – as pessoas saem de casa, as raparigas param de fiar e tecer e os rapazes, de aldeia em aldeia, vão negociar os panos tecidos. Na exaltação da Primavera, rapazes e moças vão em bandos a leste ou a sul das muralhas, dançar sobre uma colina bem exposta, à sombra das árvores. Depois, ao longo das margens das ribeiras cheias, nas planícies, vão colher a flor odorífera, o incenso capaz de afastar os poderes maléficos, que levam numa bolsa presa na cintura. Donzelas e rapazes cantam, desafiam-se, escolhem. De vestes arregaçadas, passam a ribeira; os casais isolam-se, e, como dizem os comentários, fazem acto de marido e mulher. Então as pretendidas recebem dos rapazes a flor da separação, como penhor de encontro futuro. Estão feitas as promessas. Creio contudo que devam passar o Verão separados, cada um na sua aldeia. No Outono os pais enviam um intermediário; ao nascer do sol o ganso selvagem é ofertado, seguido da dupla pele de cervo; no dia favorável determinado pela tartaruga ou pelos paus da aquileia, a mãe ata à cintura da filha o pano ritual. Ao cair da noite, a noiva monta no carro nupcial e vai beber com o esposo nas duas metades da cabaça. Assim os casamentos se concretizam quando o frio força os homens a deixar os campos e a retirar-se para o interior das habitações, onde calafetam as fendas e fazem entrar o fogo.²⁰



ETNOBOTÂNICA

As versões do Pe. Guerra não se afastam muito deste ambiente festivo e campestre; destacam-se pela proximidade tonal com certos cantares das danças populares portuguesas. A opção dessa toada terá acontecido espontaneamente ou por imposição dos temas rurais, por vezes tão misteriosamente equivalentes, pelo pulsar da inspiração enraizada num estilo de vida igualmente ligada aos ritmos da terra, como neste exemplo:

*Fui ao cabeça do sul,
A colher a ervilha brava.
Meu senhor inda o não vi,
Donde mais a dor se agrava.
Ai! que se ele aparecia,
Se eu o vinha a descobrir
Toda a mágoa se acalmava.*

Vicia sepium Linn, in *Fujun Pan*;
詩經, pp. 38-39. Pe. Guerra, p. 164-165.

*Cisirão, cisirão,
Cisirão meu lindo bem,
Foi-se o meu amor embora,
Deixá-lo que logo vem.*

*Deixá-lo que logo vem
Na manhã de primavera,
Por causa do cisirão,
Foi-se o meu amor embora.*

Lathyrus sylvestris L.
Cante alentejano, Alentejo, Portugal.

A ervilha brava, *Vicia sepium* Linn, a *Lathyrus cicera* L., e a *Lathyrus sylvestris* L., (o cisirão de um antigo refrão de Cante Alentejano que aqui reproduzimos) são leguminosas silvestres que têm em comum a qualidade da semente ser alimento de emergência, em tempos de penúria. Os dois cantares

partilham o mesmo mote: o amado está longe, em guerra ou corveia. O sentimento que assalta o leitor ocidental do *Shih-Ching*, familiarizado com os cantos rurais europeus, não é o de estranheza, mas sim o de comprovado reconhecimento. Os rio *Ge* e *Wey* (*Tchenn* e *Wei* em Granet) têm os seus correspondentes no Minho e no Alentejo; nos campos d'Auvergne, e onde quer que as culturas rurais entoaram os seus cânticos:

*Fina cana de bambu,
Com que se pesca no Ge;
Julgas que não penso em ti?
Só por longe eu não vou lá.
A cana esguia é bem verde
O orvalho congelou
Esta pessoa que eu digo
Está algures no rio!*

Pe. Guerra, p. 269; p.407.

*Slim poles to fish in the K'i
But no bamboo long
enough to reach you
Save is a song;*

*To left is Yüan Spring,
To right, the k'i;
A girl flows out
Leaving her family.*

Ezra Pound, pp. 29-30.

*Ó minha caninha verde,
verde cana de encanar:
Pela boca perde o peixe,
Quem te manda a ti falar?*

Ó minha caninha verde,

*Verde cana de encanar,
Aqui estou à tua beira:
Quem 'stá bem deixa-se estar.*²¹

Letra e música tradicional, Minho, Portugal.

Também o refrão “cana verde”, música e dança tradicional portuguesa, hoje circunscrita ao Minho e Trás-os-Montes, outrora disseminada por todo o país no canto ao desafio, não é muito diferente dos “temas do bambu” da poesia do *Shih-Ching*. A origem dos temas da cana verde, consta que se situa no *passacalle*, rondas de rapazes tocando e cantando pelas ruas, segundo um rito antigo do povo ibérico. O mesmo paralelismo temático aparece quanto aos rituais propiciatórios do namoro e do casamento, e ao simbolismo exógeno do “passar do rio” nos cantos populares das comunidades rurais e pastoris. Escolhemos três exemplos da tradição musical portuguesa, francesa e do Livro dos Cantares que partilham o mesmo testemunho do significado da travessia dos cursos de água nos encontros de primavera:

*Plantas altas, há no sul
Que não dão p'ra descansar
No Xawn se banham donzelas
Que não se deixam tentar
A largura do [rio] Xawn
Não se pode a vau passar.*

*Nas margens do rio Juh,
Apanhava uns ramos secos;
Nisto vi o meu senhor
Não me deixou muito tempo!*

Pe. Guerra, p.155; p.157.

*Pastor, para lá do rio,
Belos tempos, tens gozado?
Eu não, e tu diz-me lá?
Pastor, o prado está em flor,
Vem para cá guardar o rebanho*

*É mais fina aqui a erva do prado.
Pastor, entre nós corre o rio,
Eu não posso atravessar!
Então eu te irei buscar!
Onde iremos pastorear?*

Canto de pastores, Auvergne, França: ²²

*Ao passar da ribeirinha
Pus o pé molhei a meia
Namorei na minha terra
Fui casar na terra alheia.
Fui casar em terra alheia,
Por não querer casar na minha
Pus o pé molhei a meia
Ao passar da ribeirinha*

*Cante alentejano, património cultural imaterial
da Humanidade, Portugal.*

O eterno palimpsesto

*Une variante minimale du traduttore traditore accorde
à la poésie et conteste à la prose le glorieux privilège de
l'intraduisibilité.*²³

Gérard Genette

Parafraseando Gérard Genette, diremos que não é questão de enumerar aqui os eternos problemas teóricos da tradução. Esses incontestáveis problemas, sintetizados no célebre provérbio italiano, fazem e farão correr rios de tinta. É pois sabido que “nenhuma tradução pode ser absolutamente fiel, e todo o acto de traduzir fere o sentido do texto traduzido”. A versão em português do *Livro dos Cantares* do Padre Joaquim A. Guerra, publicada pelos Jesuítas Portugueses, em 1979, na colecção “Clássicos Chineses”, patrocinada pelo Governo de Macau, apresenta a tradução portuguesa do texto poético, introdução e notas críticas, a par do texto-fonte em caracteres chineses, e da transcrição

ETNOBOTÂNICA

fonética que o autor propõe. No prefácio, após situar as origens do Cancioneiro que intenta dar a conhecer aos leitores de língua portuguesa, o Pe. Guerra insere a frase que define a sua postura face à obra que apresenta:

*Mais que obras de arte, as Canções são instantâneos da vida individual, familiar, religiosa, social e política dos Chineses, apanhados ao natural, formando, no conjunto, uma imagem impressionante de humanismo e civilização, capaz de inspirar e animar a qualquer povo irmão e a qualquer pessoa responsável.*²⁴

Ainda no prefácio, refere os trabalhos do missionário escocês James Legge e do Pe. Couvreur, e os dicionários de *Xhãoxe*, *Aubazac*, e de Williams. Na nota de reconhecimento, o autor destaca os sete volumes da autoria James Legge, *The Chinese Classics* (Oxford University Press, Londres), “cuja tradução em inglês foram aproveitadas a cada passo para fins de confronto e de crítica exegetica. o sinólogo Marcel Granet na sua obra *Fêtes et chansons anciennes de la Chine*, dedicada à memória dos sinólogos Émile Durkheim e Édouard Chavannes, introduz o seu texto afirmando: “je veux montrer qu’il n’est pas impossible de connaître quelque chose des antiquités religieuses de la Chine.” Reconhecendo que “les documents authentiques qui nous parlent du passé chinois sont rares ; encore leur rédaction date-elle d’une époque assez basse : on sait que l’ Empire, quand il détruisit la Féodalité, en voulut détruire les titres, et brûla les Livres ; une fois établi, il désira produire ses propres titres, et les livres furent reconstitués ; ils le furent pieusement [...]”²⁵ Após esta advertência, M. Granet remete para o estudo de Chavannes sobre *Le Dieu du sol*, e para a introdução da sua tradução do historiador Sima Qian, (c. 145-c. 86 a.C.) assim como para os *Prolégomènes* de Legge. Granet documenta a sua tese, registando as principais obras de referência em Chinês que estão na base da sua pesquisa, incontornáveis alicerces de toda a abordagem dos Clássicos.

Tentar penetrar o universo de uma obra, mesmo superficialmente sem conhecimento da língua de origem, é uma ousadia sem limites, e contudo os homens fazem isso desde há milénios. Umberto Eco, a esse propósito, refere o conceito de palimpsesto utilizado por Gérard Genette – o pergaminho do qual se rasura a primeira escrita para servir de suporte a outra, ainda que fragmentos do texto inicial possam ser lidos sob o texto posterior. Diz-nos Eco na introdução da obra *Dizer quase a mesma coisa. Sobre a tradução*:

*Considero no entanto que, para fazer observações teóricas sobre a tradução, não é inútil ter tido experiência activa ou passiva. Por outro lado, quando ainda não existia uma teoria da tradução, desde São Jerónimo até ao nosso século, as únicas observações interessantes sobre o assunto foram feitas precisamente por quem traduzia e conhecem-se os embaraços de Santo Agostinho, que tinha intenções de falar de traduções correctas, mas com limitadíssimos conhecimentos de línguas estrangeiras (não conhecia o hebraico e sabia pouco de grego).*²⁶

Acto de coragem, trabalho de visionários, a proliferação de traduções dos clássicos dá testemunho do eterno enigma da transtextualidade. Replicando o sistema textual; tentando compreender o sistema interno da língua, trabalhando incessantemente o texto-fonte no plano semântico, buscando uma árdua fidelidade ao plano estilístico, métrico, fonossimbólico. E, sobretudo, encarando a maior de todas as dificuldades: a de reconstruir uma época histórica determinada, juntando testemunhos fragmentados, indícios, convicções pessoais, tudo amassado no cimento da intuição quando se trata de poesia. Umberto Eco, no seu livro *Dizer quase a mesma coisa. Sobre a tradução*, conta como um dos seus tradutores de O Nome da Rosa se depara com a dificuldade de encontrar tradução adequada em inglês para nomes de plantas como violeta, citiso, serpillá, lírio, ligustro, narciso, colocasia, acanto, maloba-

tro, mirra, opobálsamo. O tradutor saiu de embaraços encontrando substituições que o próprio Eco autorizou. Contudo, lamenta que o tradutor tenha escolhido um termo comum, *mallow*, para traduzir *malobrato*, “um termo que evoca salmos bíblicos”. Já a tradução do Pe. Guerra, amiúde recorre a referências bíblicas. Por exemplo, na ode “O Leste” 1,15,3 (156), p. 469: os versos “Pendiam as colocíntidas / dos galhos dos castanheiros”, remete para os versículos 1 Reis 6:18 “O cedro da casa era lavrado de colocíntidas e flores abertas [...]” e 1 *Rois* 7:24 “No rebordo havia colocíntidas, dez por côvado; dispostas em duas fileiras [...]”.

O tema em estudo, a identidade da flora citada no Clássico das Odes, restitui-nos visões de um universo em perigo. A Flora do planeta perde espécies em cada dia que passa.

Não raras vezes o “jardim de ervanário” subjacente em cada versão apropria-se de nomes vernáculos tendo em conta afinidades de uso, na impossibilidade da rigorosa identificação. Vimos isso no caso dos “agriões”, por exemplo, e neste “rosmaninho dos montes”, ausente do original:

*Há rosmaninho nos montes,
Na planície flor de lótus
Em não vendo a tua casa
Fora me sinto de mim.*

Pe. Guerra 1, 7, 10 (84) pp. 316-317.

*On mouth doth noble ilex grow
and marsh weed in the lowland low
'Tis not Tsy-tu doth now appear
No man, but a boy perks here.*

Ezra Pound, 1,7, X, p. 41

Que rosmaninho? O português alecrim doirado, que nasce no campo sem ser semeado? O rosmaninho que veste de roxo os campos do sul da Ibéria no tempo da Páscoa? O *noble ilex* que preferiu Ezra Pound? Ou

“rosemary and sauge” dos cantos góticos revivalistas? Vejamos a lenda que dá credibilidade à tradução de Marcel Granet “le fou-sou”, para 扶蘇:

*Le fou-sou est sur les monts, / les nénuphars aux vallons!
Je n'aperçois pas Tseu T'ou / et je ne vois que des fous!*

Segundo a lenda, Fu Su, 扶蘇, (? - 210 a. C) príncipe herdeiro de Qin Shi Huang, era filho de uma dama do estado de Zheng que costumava cantar uma balada da sua terra intitulada “Na montanha há boas árvores” - Fu Su significando “boas árvores” no seu dialecto. O Imperador deu esse nome ao filho, em quem depositava grandes esperanças. Entendemos a subtileza do poema na ligação com a antiga balada e a veneração dos antigos pelas magníficas árvores das montanhas primordiais. Camilo Pessanha insere na publicação de *Oito Elegias Chinesas*, a propósito da sua versão do poema *Queixumes das Esposas do “Hsiang”* (“lhéus do Norte do Hsiang onde as orquídeas se ceifam! / Plainos do sul do *Lai* onde se talham as essências de preço!) uma nota que esclarece o timbre melancólico da imagem das árvores preciosas sacrificadas pelos construtores do império:

As riquezas florestais do baixo e médio Yang-tse-kiang acham-se completamente esgotadas. Nas montanhas de O. ainda são relativamente abundantes algumas espécies preciosas, entre as quais diversas variedades de tuias (柏), de abetos (杉), a cânfora, (樟树) a楠木 persea nan-mu [...] Essas madeiras têm na estética chinesa representação incomparavelmente mais honrosa do que quaisquer suas análogas europeias. O luxo arquitectónico dos templos e dos palácios chineses reside quase exclusivamente nos majestosos pilares de maciço e intrincado travejamento [...]. ²⁷

Introduzindo a enumeração de espécies que o Clássico das Odes consagra, ocorre-nos uma página de Pascal Quignard, cuja enigmática poesia se ajusta à leitura do Shih-Ching:

ETNOBOTÂNICA

*As flores não têm passado: não têm sequer época.
A sua seiva é a seiva. Vão buscá-la ao Outrora
em acto.
A seiva que sobe, que cresce, que pulsa nas plan-
tas e nos homens é o tempo que diz respeito ao
tempo.*²⁸

Tendo em conta que nenhuma enumeração é suficientemente longa, falar das espécies de árvores frutíferas, das que dão madeira, sebes ou sombra, das que delimitam e identificam os povoados, dos arbustos que dão bagas, das sarmentosas vides, dos cereais que são o alimento de cada dia, das rastejantes de grandes frutos como meloeiros e aboboreiras, das leguminosas que dão feijões e ervilhas, das verduras das hortas e das que se apanham na beira dos caminhos; das que condimentam, das oleaginosas, das aromáticas,

das têxteis, das que dão o papel, das tintureiras, das resineiras, das gramíneas das forragens, das nocivas que fornecem imagens para as fraquezas humanas, das que curam e das que atormentam, das que tratam e das que matam, das ornamentais e das simbólicas, das que dão corpo aos mitos símbolo de pureza e contemplação, é já falar das florestas, dos bosques, dos sub-bosques, dos prados, dos vergéis, searas e pomares, das vertentes das montanhas, das fendas dos rochedos, dos pântanos, das margens dos rios, das savanas, das charnecas, das estepes, dos arrabaldes e da praça comunitária dos povoados. Citar a época da floração, das colheitas, das reservas, dos usos e das técnicas, dos ritos e dos ofertórios, é já medir o diapasão da biodiversidade, caracterizar um povo, uma região, um clima, uma rota de dispersão, uma condição de sobrevivência. **RC**

NOTAS

- 1 François Cheng, in "A escrita poética chinesa" *Revista de Cultura*, Macau, 1995, p. 5.
- 2 Richard M. W. Ho, *Ch'en Tzu-Ang, Innovator in T'ang Poetry*, Chinese University Press, Hong Kong, 1993, pp. 89-90.
- 3 cf. Marcel Granet, *Fêtes et chansons anciennes de la Chine*, Albin Michel, Paris, 1982, pp. 11-18.
- 4 Joaquim A. Guerra, *Livro dos Cantares – She Keng*, Jesuítas Portugueses, Macau, 1979.
- 5 "Au jardin des noyers je suis descendu/Pour voir les jeunes pousses da la vallée/Pour voir si la vigne bourgeoine/Si les grenadiers fleurissent. /Je ne sais...mais mon désir m'a jeté/ Sur les chars de mon peuple, en prince!" Traduzi de "Cantiques des cantiques", *La Sainte Bible*, École Biblique de Jérusalem, Les Editions du Cerf, Paris, 1956, V poème, v.11, 12, p. 865.
- 6 François Cheng, tal como Marcel Granet entende que o início da poesia chinesa está intimamente ligado à dança sagrada e ao trabalho do campo regulado pelo ritmo das estações, embora tendo conhecido posteriormente numerosas metamorfoses. cf. François Cheng, *L'écriture poétique chinoise; suivi d'une anthologie des poèmes des Tang*, Seuil, 1977, p. 5.
- 7 Marcel Granet, *Fêtes et Chansons anciennes de la Chine*, (1919) Albin Michel, Paris, 1982, p. 7.
- 8 Marcel Granet, *idem*, p. 6-8.
- 9 Marcel Granet, *Idem*, pp. 2-3.
- 10 Marcel Granet, *idem*, pp. 6-8.
- 11 Granet, *idem*, pp. 19-22.
- 12 Pan Fujun 潘富俊, *詩經植物圖鑑 = Shi jing zhi wu tu jian, Plant illustrated handbook of 詩經 Book of Songs* (The book of odes and hymns / Book of Poetry) Photographer: Shengyou Lu 呂勝由. Ed. Mao Tou Ying: Taipei, 2001.
- 13 Villarsie: trata-se da erva Hsing, *Nymphoides peltatum*; lírio-de-água ou golfo-menor em português.
- 14 P. Guillerma, aliás Hu Pinqing, jornalista, poeta e tradutora, nasceu em 1921, em Zhejiang, China. Patricia Guillerma, *La poésie chinoise des origines à la révolution*, Marabout Université, Paris, 1966.
- 15 Xu Yuan Zhong, 300 poèmes chinois classiques, Editions de l'Université de Pékin, 1999, pp. 2-5.
- 16 Xu Yuan Zhong, 300 poèmes chinois classiques, Editions de l'Université de Pékin, 1999, pp. 2-5.
- 17 M. J.-Léon Hervey de Saint-Denys, *Poésies de l'époque des T'ang. Étude sur l'art poétique en Chine*. Ed. Amyot. Paris, 1862.
- 18 James Legge, *The Book of Poetry* [1876]. Consulta Março 2019: sacred-texts.com.

- 19 Cf. Pe. Guerra, *idem*, nota p.1022.
- 20 Marcel GRANET (1884-1940), *Costumes matrimoniales de la Chine antique*, T'oung-pao, vol. XIII, p. 517-558, Leyde, 1912. Édition en format texte par Pierre Palpant, Juillet 2011, p. 32. Consulta em Março 2019 in: www.chineancienne.fr.
- 21 Letra e música tradicional, Minho, Portugal. Consulta: Fev. 2019 in: <https://www.meloteca.com/portfolio-item/cancioneiro-do-minho/>; <http://terramater.pt/cana-verde/>.
- 22 Cantos d'Auvergne, recolhidos e musicados por Joseph Canteloube de Malaret, (1879- 1957) Baladas ou cantos ao desafio de pastores dos vales e rios de Auvergne, França.
- 23 Gérard Genette, *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Ed. du Seuil, Paris, 1982, p. 294.
- 24 Pe. Joaquim A. Guerra, *Livro dos Cantares* Ed. Jesuítas Portugueses, colecção "Clássicos Chineses", Macau, 1979. pp. 293-294.
- 25 Marcel Granet, *Fête et Chansons anciennes de la Chine*. Ed. Albin Michel, Paris, 1982. Introduction, p. 1.
- 26 Umberto Eco, *Dizer quase a mesma coisa. Sobre a tradução*, ed. Difel, Lisboa, 2005, pp. 11-12.
- 27 Camillo Pessanha, *Oito Elegias Chinesas*, RC Revista de Cultura nº 25, II série, Macau 1985, pp.219-229, nota 37, p. 227.
- 28 Pascal Quignard, *As sombras errantes*, Capítulo LI, "Sobre o rio que desagua nas flores", Ed. Gótica, Lisboa, 2003.

BIBLIOGRAFIA

- Chmelik, Stefan. *Chinese herbal secrets*. The Ivy Press, Hong Kong, 1999.
- Chevallier, Andrew. *Plantas medicinais*. Dorling Kindersley, Civilização, Porto, 2007.
- Drouet, Henri. *Flore des Iles Açores*. J. B. Baillière & Fils, Paris, 1866.
- Eco, Umberto. *Dizer quase a mesma coisa. Sobre a tradução*. Ed. Difel, Lisboa, 2005.
- Estácio, António Júlio. *Parque de Seac Pai Van*. Edição C. M. das Ilhas, Macau, 1995.
- Eliade, Mircea. *Forgerons et alchimistes*. Flammarion, coll. "Champs", Paris, 1956.
- Genette, Gérard. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Ed. du Seuil, Paris, 1982.
- Gomes, Carlos José Pinto. *A serra de Ficalho, flora e vegetação*. Universidade de Évora, 1995.
- Granet, Marcel. *Fêtes et chansons anciennes de la Chine, (1919)* Albin Michel. Paris, 1982.
- Granet, Marcel. *Danses et légendes de la Chine ancienne, (1926)*. Paris PUF, 1994.
- Guerra, Pe. Joaquim A. *Livro dos Cantares - She Keng, Jesuítas Portugueses*. Macau, 1979.
- Guillermaz, Patricia. *La poésie chinoise des origines a la révolution*. Marabout U., Paris, 1966.
- Hatton, Richard G. *Handbook of plant and floral ornament from early herbals*. Dover pub., N. Y. 1960.
- Ho, Richard M. W. *Ch'en Tzu-Ang, Innovator in T'ang Poetry*. SOAS University, London; Chinese University Press, Hong Kong, 1993.
- Hunter, Dard. *Papermaking. History and technique of an ancient craft*. Ed. Dover, New York, 1978.
- Mathieu, Rémi. *Anthologie des mythes et légendes de la Chine ancienne*. Gallimard, Paris, 1989.
- Meybeck, Jean. *Les colorants*. Presses Universitaires de France, Paris, 1963.
- Pan, Fujun 潘富俊. *詩經植物圖鑑 = Shi jing zhi wu tu jian, Plant illustrated handbook of 詩經 Book of Songs*. Photographer: Shengyou Lu 呂勝由. Ed. Mao Tou Ying: Taipei, 2001.
- Pessoa, F. Santos; Pinto, José R.; Alexandre, J. Rocha. *Plantas do Algarve com interesse ornamental*, Edições Afrontamento, Porto, 2004.
- Pound, Ezra. Shih-Ching. *The Classic Anthology Defined by Confucius*. Harvard University Press, Cambridge, (1954) 1976.
- Rogers, Julia Ellen. *Trees*. Ed. Nelson Doubleday, New York, 1934.
- Romano, Anabela; Gonçalves, Sandra. *Plantas silvestres comestíveis do Algarve*. UAlg, Faro, 2015.
- Salgueiro, José. *Ervas, usos e saberes*. Universidade de Évora. Edições Colibri, Lisboa, 2005.
- Saint-Denys, d'Hervey. *Poesies de l'Epoque des Thangs*. Traduites du chinois et présentés par le marquis d' d'Hervey Saint-Denys. editions Champ Livre, Paris, 1977.
- Salomon. *Le "Cantique des Cantiques". La Sainte Bible*, Les éditions du Cerf, Paris, 1956.
- Xu Yuanzhong. *Cent poèmes lyriques des Tang et des Song*. Ed. en langues étrangères, Beijing, 1987.
- Xu Yuanzhong. *300 Poèmes chinois classiques*. Edition. L'Université de Pékin, 1999.
- Wang Zhu Hao. *Árvores de Macau*. Edição Câmara Municipal das Ilhas, Macau, 1997.

ETNOBOTÂNICA

Revistas :

RC Revista de Cultura, Macau, 1995. Cheng, François. *A escrita poética chinesa*, pp. 5-66.

RC Revista de Cultura, Macau, 1995. Pessanha, Camillo. *Oito elegias chinesas*, pp. 219-229; p.227.

Edições online:

Granet, Marcel. *Costumes matrimoniales de la Chine antique*, T'oung-pao, vol. XIII, p. 517-558, Leyde, 1912. Édition en format texte par Pierre Palpant, Juillet 2011. in www.chineancienne.fr/www.

Hervey-Saint-Denys, Marquis, « Poésies Pré-Thang », Chinking, Ode 17, (I, chap. III), in *Poésies de l'Époque des Thang traduites du chinois et présentées par le Marquis d'Hervey-Saint-Denys*. <http://www.afpc.asso.fr/wengul/Tang/Preso>.

Flora of China: Chinese Plant Names @ efloras.org Flora of China @ efloras.org. <https://www.ltl-shanghai.com/plants-in-chinese>.

Biodiversidade: Macau. <http://www.macaubiodiversity.org>.

Villis de Charlemagne: <http://www.encyclopedie-universelle.net/abbaye-capitulaire-de-villis.html>.

Karine Chemla. *L'histoire des sciences dans la sinologie des débuts du XIX e siècle : Les Biots père et fils*.

Colloque Histoire de la sinologie. 08/06/2014. p. 6, HAL, archives-ouvertes.fr. <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01509318>. Submitted on 16 Apr. 2017.

Georges Métaillé et André-Georges Haudricourt *De L'illustration botanique en Chine* <https://docplayer.fr/14932019-De-l-illustration-botanique-en-chine.html>.

Outros:

Plantas usadas em Macau na medicina tradicional Chinesa. Coleção de postais. Câmara Municipal das Ilhas, Macau, 1994.

Nouveau Dictionnaire Français-Chinois, Joint Publishing CO., Hong Kong, 1984.

Fontes das imagens:

Handbook of plant and floral ornament from early herbals, by Richard G. Hutton, Dover Publications, Inc. N. Y., 1960.

Plants and flowers, by Alan E. Bessette and William K. Chapman, Dover Publications, Inc., New York, 1992.



TABELA

A FLORA DO *CLÁSSICO DAS ODES*

Nome científico	Nomes comuns Usos. Nutrição. Etnomedicina.	Versões literárias
<i>Nymphoides peltatum</i> (Gmel.) O. Kuntze. 荇菜	Vilarsia; lírio-de-água; golfo-menor Nutrição: medula dos caules, folhas, flores, cozidas. Sementes moídas. Etnomedicina: decoção de folhas. Cataplasma de folhas frescas. Infusão em óleo da planta seca.	Guerra p.139: “Os tufos dos agriões /rebentam aqui e ali”. Guillermaz , p.42: “Les villarsies longues ou courtes”. Granet p.111: “Haute ou basse la canillée /à gauche, à droite cherchons-la!” Pound p.2: “High reed caught in ts'ai grass/só deep her secrecy”. Tema: lamento pela ausência.
<i>Pueraria lobata</i> (wild.) Ohwi 葛	Videira-kudzu; dolicos Fibra têxtil: vestuário, cestos, cordas, papel. Nutrição: amido da raiz. Etnomedicina: chá de raiz, folhas e flores neutraliza venenos.	Guerra p.141: “Como o linho se estendeu”. Granet p.46: “Il cueille le dolic! ” Pound p.2: “Shade o’ the vine /deep o’the vale: “ Guillermaz , p.47: “ puéraires recouvrent les ronces”. Tema das colheitas e da ausência.
<i>Xanthium strumarium</i> L. 蒼耳	Bardana-menor; xântio; lampurda Repele gorgulhos do trigo nos celeiros. Pó da semente encorpa tinta azul. Tóxica para o gado. Etnomedicina: uso cauteloso da infusão de folhas e raízes.	Guerra p.143: “Por mais lampurda que colha/não consigo encher o cesto”. Granet , p.115: “Je cueille la bardane /je n’en emplis pas un panier.” Pound p.3: “ Curl-grass , curl- grass / never a basket load”. Tema das colheitas e da ausência.
<i>Vitis flexuosa</i> Thumb. 葛藟	Videira-liana; vinha japonesa Nutrição: fruto cru ou seco; seiva doce adicionada a bebidas. Folhas envolvem alimentos para assar. Etnomedicina: fruto tônico. As folhas dão corantes.	Guerra p.145: “Há no sul plantas vergadas/ que as trepadeiras atraem.” Guillermaz p.47: “La vigne vierge emplis la campagne.” Tema do louvor aos príncipes. Pound p.3: In the South be drooping trees / long the bough, thick the vine ”.
<i>Prunus persica</i> (Linn.) Batsch. 桃	Pessegueiro Nutrição: fruto rico em açúcar, refrescante. Etnomedicina: Infusão de folhas e flores calmante, vermífuga, anti-inflamatória. Espécie nativa da China e não da Pérsia.	Guerra , p.149: “ Pessegueiro vigoroso/alardeia as suas flores”. Granet , p.19: “Le pêcher [...]qu’elles sont nombreuses ses fleurs!”. Pound p.4: “O peach-tree thou art fair/as leaf amid new boughs/going to bride”. Tema nupcial da floração.
<i>Plantago asiatica</i> L. 車前	Tanchagem Nutrição: Folhas novas cozinhadas. Etnomedicina: Infusão anti-inflamatória, tónica. Facilita gravidez e alivia dor do parto.	Guerra p.153: “fui à apanha da tanchagem /de avental arregaçado” Granet p.46: “Cueillons le plantain! ” Pound p.5: “Oh pick, pluck the thick plantain /here be seeds for sturdy men”. Tema da colheita de ervas medicinais.

ETNOBOTÂNICA

<i>Artemisia selengensis</i> Turcz. ex Bess. 萵	Artemisia; abrotano Nutrição: Folhas e caules como condimento aromático. Etnomedicina: óleo essencial insecticida. Queima de ramos secos para fumigação ritual, aromática, propiciatória.	Guerra p.155: “As franças dos espinheiros/eu bem cortava p’ra lenha”. Granet p.98: “au sommet de la broussaille / j’en voudrais cueillir les armoises”. Pound p.5: “I have piled high the kindling wood /and cut down sandal trees. Tema da recolha de feixes de lenha para o fogo ritual.
<i>Vitex negundo</i> L. 黄荊	Pimenteiro-silvestre; árvore-casta Verbenácea aromática, fonte de lenha. Afasta insectos e gorgulhos dos celeiros. Nutrição: condimento; flor melífera. Etnomedicina: decoção para banhos. Chá trata ansiedade e insónia.	Guerra p.329: “Quando a corrente se espraia/nem umas silvas carrega”. Granet p.65: “Le faible courant du ruisseau /n’entraîne pas fagot d’épines!” Pound p.43: “Dashing waters untie not/the knot that binds a thorn fagot. Temas da colheita de lenha no outono. Tema das promessas de amor e fidelidade.
<i>Catalpa fargesii</i> Bureau. 灰楸	Catalpa Árvore de sombra, ornamental, simbólica. Madeira tonal para instrumentos de cordas. Alimento da larva da <i>Ceratonia catalpae</i>, que serve de isco para a pesca.	Guerra p.243: “mandou plantar e catalpas/mais sumagres para flautas”. Pound p.23: Planted abundantly/chestnuts and hazel tree/tung tree and varnish roots/whence wood to make ours lutes.” Tema da plantação; da construção após consulta dos astros.
<i>Artemisia sieversiana</i> Ehrhart ex Wild. 大籽蒿	Artemisia Nutrição: condimento. Etnomedicina: tisana tónica, estimulante do apetite. Óleo essencial anti-inflamatório. Molhos secos para o fogo ritual.	Guerra p.163: “vão à colheita do aipo/pelos lagos e ilhéus.” Granet p.144: “Je m’en vais cueillir l’armoise /sur l’étang et sur l’ecueil!” Pound p.7: Pluck the quince/to serve a Prince /by isle, and pool.” Tema das colheitas de primavera para uso ritual.
<i>Pteridium aquilinum</i> (L) Kuhn. var. <i>latiusculum</i>(Desv.) Underw 蕨	Feto-água Nutrição: rebentos crus ou cozidos. Secos ou em conserva para alimento de inverno. Etnomedicina: anti-fúngico; repelente de insectos. Cinza fertilizante.	Guerra p.165: “Fui ao cabeço do sul cortar fetos”. Granet p.117: “Je gravis le mont du midi/et vais y cueillir la fougère!” Pound p.8: “I climb South Hill to pick the turtle-fern”. Tema da colheita nos montes; tema da inquietação amorosa.
<i>Vicia sepium</i> Linn. 野豌豆	Ervilha-brava; ervilhaca-do-lameiro Nutrição: Rebentos crus ou cozidos a vapor. Semente seca cozida. Forragem de alto valor nutricional. Melífera, atrai polinizadores.	Guerra p.165: “Fui ao cabeço do sul a colher ervilha-brava”. Pound p.8: “To climb South Hill to picking the jagged-fern/ and see no man, who shall not pin and yern?”. Tema das colheitas na ausência do amado.
<i>Marsilea quadrifolia</i> L. 蘋	Trevo-de-água; trevo de quatro-folhas Nutrição: saladas e sucos. Etnomedicina: infusão de rizoma e folhas anti-inflamatória. Antídoto para veneno de serpente.	Guerra p.167: “Nas margens do rio Cayn foi colher lentilhas de água”. Pound p.8: Some reeds be found by river’s brink/and some by catchit pool”. Tema das colheitas de plantas aquáticas para o ofertório ritual.

<i>Hippuris vulgaris</i> L. 藻	Cavalinha; rabos-de-égua Epiderme silicosa usada como lixa em marcenaria. Etnomedicina: compressas quentes da infusão tratam inflamação dos olhos. Estimula o metabolismo da pele.	Guerra p.167: “Nas margens do rio Cayn foi colher lentilhas d’água /e nas bordas dos paús fez apanha de agriões” Pound p.8: “Some reeds be found by river’s brink/and some by catchit pool”. Tema das colheitas para ofertório ritual.
<i>Pyrus betulaefolia</i> Bunge 杜梨	Sorveira Produz látex, gomas e vernizes. Madeira: uso em gravura, marcenaria, armas. Nutrição: flores secas moidas, assadas em bolos. Folhas cozidas em eras de carência.	Guerra p.169: “Dá boa sombra a sorveira/ não se corte nem se esgalhe!” Pound p.8: “Don’t chop that pear tree, don’t spoil that shade”. Granet p.60: “Il est un sorbier solitaire/qui pousse à gauche do chemin!” Tema dos encontros sob as árvores.
<i>Prunus mume</i> Sieb. et Zucc. 梅	Damasqueiro-da-China; umezeiro Floresce no fim do inverno, símbolo de resiliência. Nutrição: fruto aromatiza licores, geleias, molhos. Etnomedicina: “ameixa” seca e curtida em salmoura.	Guerra p.177: “As ameixas vão caindo/já só ficam sete em dez”. Granet p.49: “Voici que tombent les prunes”. Pound p.10: “O soldier, or captain/ Seven plums on the high bough”. Tema do cair da fruta; indica o fim da época convencional das bodas.
<i>Imperata cylindrica</i> (Linn.) Beauv. 白茅	Caníço-branco; imperato Rizomatosa têxtil, produz colmo, esteiras, sacos, abrigos, capas e chapéus de uso rural. Sustém a erosão. Nutrição: inflorescências e novas rebentos em época de crise alimentar	Guerra p.183: “Jaz no campo morto o gamo/de colmo a moça coberta”. Granet p.123: “Dans la plaine la biche est morte/d’herbe blanche enveloppez-la!” Pound p.10: Lies a dead deer on younder plain/whom white grass covers”. Tema da caça; tema do convite e recusa.
<i>Quercus dentata</i> Thunb. 柞櫟	Carvalho Madeira para escultura. Lenha e carvão. Nutrição: bolotas torradas e moidas. Ração para gado. Etnomedicina: Infusão de casca antídoto para bagas e cogumelos venenosos	Guerra p.753: “Das frondosas azinheiras/p’ra fogo se tira lenha.” Granet p. 120: “Je suis monté sur la haute colline/ et j’y ai coupé des fagots de chêne!” Pound p.152: “Thik’ck oak, scrub oak men pile/for fagots.” Tema do corte de lenha; da consulta aos áugures; tema dos desbravadores.
<i>Amelanchier sinica</i> (Schneid.) Chun. 唐棣	Nespereira-brava; pereira-brava. Abre e fecha a estação vegetal. Nutrição: fruto cru, seco, em compotas. Ornamental: flores, folhagem outonal. Madeirada cabos de alfaia e canas de pesca.	Guerra p.185: “Que árvore tão florida! / são as flores do cerejo”. Granet p.34: “N’est-ce pas une belle fleur/ la fleur du cerisier sauvage”. Pound p.11: “Plum flowers so splendid be/rolling, onrolling quietly”. Tema nupcial e da floração.
<i>Prunus salicina</i> Lindl. 李	Ameixieira Valor simbólico e estético da floração. Ícone do fim do inverno. Nutrição: Fruto fresco, seco, cristalizado ou em conservas. Etnomedicina: fruto digestivo, depurativo.	Guerra p.185: “que árvores tão floridas/são flores de ameixa [...]” Pound, p.11: “Flowers of plum abundantly /Heiress of P’ing, heir of Ts’i/ to their wedding right royally”. Granet, p.61: “Sur le tertre sont des pruniers!” Tema nupcial e da floração.
<i>Erigeron acer</i> L. 蓬	Aster-dos-velhos; margarida-dos-muros Ramos suspensos desinfestam habitações e celeiros. Folhas secas para fazer fogo por fricção. Fumigações de exorcismo e cura.	Guerra p.187: “por entre a selva a crescer/atira a cinco leitões”. Pound p.11: “Of five boneen he shot but one/ Green grow the rushes, oh! / White-Tiger is a true forester’s son”. Tema da caça e do ofertório ritual.

ETNOBOTÂNICA

<i>Phragmites communis</i> (L.) Tr. 蘆葦	Junco-branco; caniço-de-água Precioso abrigo para a biodiversidade. Plumas prateadas presentes na pintura e na poesia. Etnomedicina: rizoma em decocção.	Guerra p.187: “No canavial a crescer/atira a cinco javardos”. Pound p.11: “Of five wild pig he shoots but one/Green grow the rushes, Oh! White-Tiger is a true forester’s son.” Tema dos ofertórios rituais. Tema da caça.
<i>Thuja orientalis</i> L. 柏	Tuia; árvore-da-vida-chinesa. Conífera de madeira aromática repelente de traças; resiste ao apodrecimento. Uso em instrumentos musicais, barcos, remos. Etnomedicina: tintura, óleo, unguentos.	Guerra p.189: “Voga a barca de cipreste/flutuando na corrente.” Xu Yuanzhong p.11: “Un bateau de cypres flotte au milieu/d’une rivière.” Granet p.97: “rames de cèdre!...barques en pin!” Tema da barca; madeira preciosa; dos encontros no rio.
<i>Ziziphus jujuba</i> Mill. 棗	Jujubeira; macieira-anáfega Nutrição: Fruto fresco ou seco, em chá, xarope, licor ou condimento. Etnomedicina: Propriedades imuno-estimulantes, tónicas.	Guerra p.203: “O bom vento lá do sul/dá nos brotos da jujuba”. Pound p.15: Soft wind from South to find/ what is in the thorn-tree’s mind”. Tema do ressurgir da vegetação.
<i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standly 葫蘆	Cabaça; calabça Uso em instrumentos musicais e utensílios. Nutrição: estufados ou sopa de folhas amargas. Cabaças vazias: uso como bóias. Taças para libações do rito nupcial.	Guerra p.207: “Tem folha amarga a cabaça/e vauz fundos tem o Tsei”. Pound p.16: “Bitter the gourd leaf, passed the high-water mark”. Granet pp.101-102: “La courge a des feuilles amères/le gué a de profondes eaux!”. Tema das cheias de primavera e das promessas nupciais.
<i>Raphanus sativus</i> L. 蘿蔔	Rabanete Nutrição: Raiz crua ou cozinhada. Espécie branca e suave, desenvolvida na China, conservada em lugar fresco faz parte das reservas vegetais para alimento de Inverno.	Guerra p.209: “Ao colher as mostardeiras/não se apanham pl’a raiz.” Pound p.16: “Gather feng gather fei/man can eat and live thereby”. Tema da chuva primavera; das colheitas para as reservas de Inverno; dos encontros nas margens.
<i>Brassica rapa</i> L. 蔓菁	Rábano; nabo Nutrição: muitas subespécies comestíveis: rábano, nabo, nabiça, mostarda, etc. Conservada em lugar fresco faz parte das reservas vegetais para alimento de inverno.	Guerra p.209: “Ao colher as mostardeiras”. Granet p.95: “Où cueille-t-on le navet? / c’est du côté Est de Mei!” Pound p.16: “Gather feng gather fei/man can eat and live thereby”. Tema dos encontros nas margens; das colheitas; tema da bela dama.
<i>Sonchus oleraceus</i> L. 苦	Serralha Nutrição: Chicorácia, erva amarga de uso ritual. Etnomedicina: Infusão sedativa, anti-inflamatória tónica do sistema nervoso. Forragem.	Guerra p.211: “Será que amarga a serralha? /sabe à bolsa-do-pastor!” Pound p.16: “Who saith now the thistle scratches? /Soft as a shepherd’s-purse that matches.” Tema da cheia dos rios; das colheitas; dos encontros nas margens.

<i>Capsella bursa-pastoris</i> (L.) Medic. 芥	Bolsa-de-pastor; capsela Nutrição: folhas novas cozidas ou em salada. Semente é alimento de recurso. Etnomedicina: antiga panaceia. Infusão da planta fresca ou seca é tônico primaveril.	Guerra p.211: “Será que amarga a serralha? /s abe à bolsa-do-pastor!” Pound p.16: “Soft as a shepherd’s-purse that matches/your new leman feasts with you/in full joy as brothers do.” Tema da enchente dos rios; das colheitas; dos encontros nas margens.
<i>Glycyrrhiza uralensis</i> Fisher. 甘草	Alcaçuz; regaliz Etnomedicina: uma das ervas fundamentais da medicina chinesa. A raiz trata a tosse; com gengiana alivia o calor dos intestinos.	Guerra p.219: “No monte dão-se aveléiras/nas várzeas o alcaçuz”. Pound p.18: “Hazel on hill, mallow in mead/West country men for prettiness, who guessed?” Tema das danças comunitárias nos campos férteis.
<i>Corylus heterophylla</i> Fisch. 榛	Aveleira-siberiana Nutrição: noz crua ou cozida; óleo. Noz alimenta esquilos. Etnomedicina: noz digestiva, estimulante do apetite.	Guerra p.219: “No monte dão-se aveleiras/nas várzeas o alcaçuz”. Pound p.18: “Hazel on hill, mallow in mead”. Tema da consulta dos astros, da construção e apropriação da terra fértil.
<i>Tribulus terrestris</i> L. 蒺藜	Abrolhos Etnomedicina: incrementa vitalidade, libido, fertilidade. Trata exaustão, males do fígado, cardiovasculares. Uso cauteloso. Uso na Grécia Antiga como estimulante sexual.	Guerra p.235: “Crescem cardos na parede/que ninguém pode tirar/o que é dito nas alcovas/não é fácil relatar”. Pound p.21: “there is no shame in the things they say in the harem/So pull not the vine away.” Tema das relações interditas.
<i>Cuscuta chinensis</i> Lam. 菟絲子	Cuscuta Liana parasita. Etnomedicina: panaceia citada no <i>Shen Nong Ben Cao Jing</i>. Chá estimulante, analgésico anti-inflamatório, afrodisíaco, tonificante.	Guerra p.239: “Ao apanhar a cuscuta/nos arrabaldes de Moey”. Granet p.95: “Où cueille-t-on la cuscute? /c’est dans le pays de Mei! ” Pound p.22: “to gather the ‘gold thread’ south of Mei”. Tema das colheitas; dos encontros nas margens.
<i>Morus alba</i> L. 桑	Amoreira-branca. Folhas: alimento do bicho-da-seda. Elo da actividade social, artística e produtiva da cultura da China. Nutrição: fruto fresco. Etnomedicina: tisana anti-oxidante.	Guerra p.239: “esperou-me às amoreiras convidou-me a sua casa”. Granet p.48: “les filles [...] vont prendre aux mûriers la feuille tendre.” Pound p.22: “Mid the mulberry tree of Sang Chung”. Tema da ausência, da fidelidade e do vigor da flora.
<i>Triticum aestivum</i> Linn. 麥	Trigo-comum Nutrição: Cereal alimentar conhecido na Ásia desde a pré-história. Cultivado na China desde há 4 000 anos. Simboliza fertilidade, prosperidade, labor comunitário.	Guerra p.239: “Enquanto eu apanho espigas/à banda norte de Moey”. Granet p.95: “Où cueille-t-on le froment? /c’est du côté nord de Mei! ” Pound p.22: “To take in wheat crop, north of Mei”. Tema da colheita dos cereais e da prosperidade.

ETNOBOTÂNICA

<i>Castanea mollissima</i> Bl. 栗	Castanheiro-chinês Nutrição: castanhas doces de alto valor alimentar. Produção de madeira e lenha. Etnomedicina: decoção de cápsulas trata diarreia, desidratação, vômitos.	Guerra p.325: “No souto da Porta-Leste/Há uma fileira de casas”. Granet p.58: “Aux chatâgniers porte de l’Est/voilà ou sont les maisons basses! ” Pound p.23: “planted abundantly/ chestnut”. Tema dos encontros fora de portas; da separação.
<i>Catalpa bungei</i> C. A. Mey. 楸	Catalpa-da-manchúria Ornamental, belas flores em cacho. Madeira para blocos de impressão, jogos, escultura, tabuleiros, recipientes. Etnomedicina: cataplasma de casca e folhas trata feridas.	Guerra p.243: “Aveleiras, Castanheiros, /mandou plantar, e catalpas”. Pound, p.23: “planted abundantly/chestnut and hazel tree/tung tree and varnish roots”. (Cf. Pessanha, <i>Oito elegias chinesas</i>, nota 37, RC, 1995, p.227). Tema da consulta dos astros, da construção e apropriação da terra.
<i>Paulownia fortunei</i> (Seem.) Hemsl. 桐	Árvore-da-fénix Madeira boa para instrumentos de música, <i>guqin</i>, <i>guzheng</i>, <i>pipa</i>, <i>gayageum</i>. Néctar de flores atrai polinizadores. Casca dá corante.	Guerra p.243: “Aveleiras, castanheiros /mandou plantar, e catalpas”. Pound p.23: “planted abundantly/chestnut and hazel tree “. Tema da consulta dos astros, da construção e apropriação da terra fértil.
<i>Catalpa ovata</i> G. Don. 梓	Catalpa-chinesa Ornamental, simbólica. Etnomedicina: tisana laxativa, sedativa leve. Cataplasma de casca e folhas trata malária, infecções, picadas de serpente.	Guerra p.243: “Aveleiras, Castanheiros /mandou plantar, e catalpas/mais sumagres para flautas”. Pound p. 23: “Tung tree and varnish roots/whence wood to make our lutes”. Tema da consulta dos astros, da construção; do cultivo da terra fértil.
<i>Rhus verniciflua</i> Stokes 漆	Árvore-da-laca; sumagre Arte da laca; recipientes, caixas. Verniz para instrumentos de música. Etnomedicina: tisana desparasitante de folhas. cataplasma cicatrizante de sementes e resina.	Guerra p.243: “Aveleiras, Castanheiros, /mandou plantar, e catalpas/mais sumagres para flautas”. Pound p.23: “tung tree and varnish roots/whence wood to make our lutes”. Tema da consulta dos astros; da construção; apropriação da terra fértil.
<i>Fritillaria cirrhosa</i> D. Don 川貝母	Fritilária-dos-Himalaia Etnomedicina: bolbo comestível; seco trata tosse, asma brônquica, pneumonia, febre. Em vias de extinção pela incessante procura.	Guerra, p.251: “Por essas belas montanhas/colheria a fritilária”. Pound p.26: “ I climb the cornered hill seeking the heart’s ease”: Tema da viagem em carruagem; da inspeção das terras.
<i>Polygonum aviculare</i> L. 竹	Sempre-verde; corioli-bastarda Contém taninos. Etnomedicina: trata problemas de vesícula, icterícia, bronquite, pedras nos rins.	Guerra p.255: “ Aquelas curvas do Ge/e seus bambus verdejantes”. Pound p.26: “Dry in the sun by coner of K’i/ green bamboo, bole over bole”. Tema do elogio do Príncipe.

<i>Arthraxon hispidus</i> (Thunb.) Makino. 藎草	Relva hirsuta Gramínea invasiva, aparece por vezes associada à cultura do arroz e do chá. Pastagem de fraca qualidade, indica pouca fertilidade dos solos	Guerra p.717: “às vagens toda a manhã/não enchi as duas mãos”. Pound p.40: “The morning’s over and I have picked less/than a hand ful of green lu grass. My hair is tangle, I’d better go wash.” Tema dos deveres da esposa ausência do esposo.
<i>Triarrhena sacchariflora</i> (Maxim.) Nakai. 荻	Erva-prata-da-china; pluma de prata Ornamental, simbólica. Colmo para tectos, sacaria. Adubo orgânico após queimadas. Etnomedicina: suco de caules novos dispersa venenos.	Guerra p.261: “Espraia-se o vasto rio/a corrente rumo ao norte [...] / Crescem viçosas as canas “. Pound p.28: “Kiang dames’s high hair-dos flashing bright /above the cortège’s armèd might.” Tema da bela dama compando com as perfeições da natureza.
<i>Juniperus chinensis</i> L. 圓柏	Zimbri; genebreiro-chinês Madeira preciosa, simbólica. Etnomedicina: bagas eliminam parasitas da pele. Resina em cataplasmas trata reumatismo.	Guerra p.269: “Barcos de pinho no Ge/remos de cedro a remar”. Pound p.30: “Oars (and are they of juniper?) lift and fall in the K’i”. Tema da separação e da travessia do rio.
<i>Phyllostachys bambusoides</i> Sieb. et Zucc. 竹	Bambu Construção, artefactos, barcos, mobiliário, utensílios, flautas, cabos de pincel, papel para queima ritual... Elemento essencial na paisagem, literatura e pintura. Nutrição: rebentos novos.	Guerra p.269: “Fina cana de bambu/ com que se pesca no Ge/julgas que eu não penso em ti?”. Granet p.97: “Les tiges de bambu si fines/c’est pour pecher dedans la K’i! “ Pound p.28: “slim poles to fishin the K’i/but no bamboo long/enough to reach you”. Temas do passeio na beira-rio ou de barco.
<i>Pinus tabulaeformis</i> Carr. 松	Pinheiro-vermelho-chinês Produz madeira para construção, barcos, pilares, traves. Produz resina, corante e terebintina. Etnomedicina: uso do óleo essencial como insecticida.	Guerra p.269: “ Barcos de pinho no Ge/ramos de cedro a remar”. Granet p.97: “Rames de cèdre! barques en pin”. Pound p.30: “In my mind’s eyes the pine boat swerves/as I drive in the park”. Tema do barco, da pesca e das ligações exógamias.
<i>Metaplexis japonica</i> (Thunb.) Makino 蘿摩	Batata-rugosa Da semente pendem longos fios sedosos. Nutrição: folhas novas, raiz, frutos, cozidos e em conserva. Etnomedicina: pericarpo seco trata tosse e tonturas. Caule e raiz tratam mordedura de serpente.	Guerra p.271: “Quais hastes de trepadeira/é donzel de estilo à cinta/ traz as fitas a caírem-lhe”. Pound p.30: “Feeble as a twig stalk/ with a spike so big/in is belt, but know us he does not/ Should we melt/at the flap of is sash ends?” Tema do simbolismo da indumentária.
<i>Hemerocallis fulva</i> (L.) L. 萱草	Lírio-de-um-dia Nutrição: tubérculos cozidos. Flores, folhas e rebentos cozinhados ou crus. Botões florais consumidos secos, em conserva ou sopas.	Guerra p.275: “Flor do olvido, onde a haverá? /p’ra plantar ás escondidas.” Granet p.48” OÙ trouver la plante d’oublie? /j’en planterai derrière la maison.” Pound p.31: “How shall I find forgetting-grass/to plant when the moon is dark”. Tema da separação.

ETNOBOTÂNICA

<i>Chaenomeles sinensis</i> (Thouin) Koehne. 木瓜	Marmeleiro-chinês Nutrição: Fruto aromático consumido cozido ou em compota. Suco bebido com gengibre, em xarope ou em licor. Madeira dura, de cor vermelho-escuro.	Guerra p.277: “Jogou-me uma papaia/tornei-lhe um jade”. Granet p.61: Celui qui me donne des coings/je le paierai de mes breloques.” Pound p.32: “Gave me a quince a beryl my cover/not as a swap, but to last forever.” Tema do penhor de amor.
<i>Chaenomeles cathayensis</i> (Hemsl.) Schneid 毛葉木瓜	Marmeleiro-do-oeste Floração branca ou rosa, ornamental. Uso em sebes espinhosas. Nutrição: fruto duro, adstringente, consumido em marmelada licores, conservas.	Guerra p.277: “atirou-me com um pêssego/eu tornei-lhe um jade verde/ Não foi paga [...] mas pe- nhor de eterno amor”. Granet p.61: “qui me donne des pêches”. Pound p.32: “For a peach trown me, let green gem prove”. Tema do penhor de amor.
<i>Cydonia oblonga</i> Mill. 榲桲	Marmeleiro-comum Nutrição: Fruto cru, compotas ou geleias. Etnomedicina: previne ou trata diabetes, úlceras, infecções respiratórias.	Guerra p.277: “Atirou-me com uma ameixa”. Granet p.62: “Celui qui me donne des prunes/je le paierai de diamants”. Pound p.32: “For a plum trown me”. Tema do penhor de amor.
<i>Panicum miliaceum</i> L. 稷	Milho painço Nutrição: grão cozido ou em farinha, com outros cereais, em pão ou papas. Frito e junto ao chá com leite forma o <i>Süütei tsai</i>. Alimenta aves de capoeira.	Guerra p.279: “Olha as regras do painço” (x3) Guillermaz pp.45-46: “Là le millet Shu se courbe/ Là le millet Tsi en poussees vertes”. Pound p.32: “Black millet heeds not shaggy sprout”. Tema do cultivo dos campos e da prosperidade.
<i>Typha latifolia</i> L. 蒲	Atabua; tábua-larga Nutrição: rebentos, medula dos talos, raíz amídosa, espigão floral, e polén consumidos em épocas de fome. Fibra: abrigos, capas e chapéus para o trabalho rural.	Guerra p.287: Quando se espriam as águas/nem juncos elas carreiam”. Pound p.34: “Freshets float no osier here/nor can she guard Shen frontier.” Tema da interrupção do correio aquático. (Pound refere a lenda de Tristão e Isolda)
<i>Leonurus sibiricus</i> L. 益母草	Agripalma-siberiana; rubim Nutrição: flores melíferas. Etnomedicina: infusão de folhas e flores trata tosse, febre, bronquite. Interdita a grávidas.	Guerra p.289: “Olha a agripalma nos vales /resse-quida até mais não!” Pound p.35: “Dry grass in vale: ‘alas!/I met a man. ‘Scorched, alas, ere it could grow/A lonely girl pours out her woe.” Tema da separação; da dama solitária.
<i>Artemisia argyi</i> Levl. et Van. 艾	Artemisia-chinesa. Faz parte das ofertas rituais. Etnomedicina: estimulante digestivo, anti-fúngico, anti-inflamatório. Trata eczema, inflamações.	Guerra p.295: “ Ando na apanha do absinto/cada dia que não o vejo/dir-se-iam tres longos anos.” Granet p.46: “Il cueille l’ absinthe/un jour sans le voir/me semble trois ans.” Pound p.36: “Reaping the tall grass hear my song”. Tema da ausência.

<i>Artemisia subdigitata</i> Mattf. 牛 尾蒿	Artemisia Etnomedicina: aplicação tópica de óleo essencial trata picadas de insecto. O aroma age como insecticida. Fumigações rituais.	Guerra p.525: “Na frondosa e alta artemisia /caíram gotas de orvalho”. Granet p.46: “Il cueille l’ armoise !” Pound p. 36: “Stripping the southernwoods , hear my song:/a day without him is three autumns long.” Tema do fim do inverno, das colheitas e da ausência.
<i>Cannabis sativa</i> L. 麻	Cânhamo Cultivo e tecelagem desde as comunidades do Neolítico. Uso do tecido cru no traje de luto. Óleo de semente: uso em lamparinas, lacas, tintas. Etnomedicina: tisana de efeito sedativo suave.	Guerra p.299: “Cresce o linho no cabeço/convidei o Leo Tsehtsae/a vir cá espaiarecer.” Granet p.61: “Sur le tertre il y a du chanvre /et c’ est là que reste Tseu Tsie!” Pound p.37: “ Hemp on hill/tell me, pray:/ what keps young Tsy Tsie away?” Tema do passeio no bosque; da celebração no fim das colheitas.
<i>Salix matsudana</i> Koidz. 旱柳	Salgueiro-de-Pequim Boa madeira. Uso em cestaria das astes flexíveis. Nutrição: rebentos cozidos; medula seca e moída junta a cereais em época de fome. Etnomedicina: analgésico, antipirético, antireumático.	Guerra p.303: “ Não passe p’la minha porta/nem vergue os meus salgueiros ”; Granet p.73: “ô seigneur Tchong/ne saute pas dans mon village/ne casse pas mes plants de saule !” Pound p.37: “Hep-Cat Chung, ‘ware my town/don’t break my willows down.” Tema da exogamia; dos encontros secretos.

a) A coluna “Nome científico” tem como fonte binómios latinos na obra do botânico Fujun Pan, 詩經植物圖鑑 *Shi jing zhi wu tu jian*, Mao Tou Ying, Taipei, 2001. Nomes em caracteres, *idem*, e em Flora of China @ efloras.org.

b) Na coluna “Nomes comuns”, os usos indicados em etnomedicina não pretendem ter eficácia terapêutica comprovada, sendo anotados como exemplos de antigos hábitos fitoterapêuticos.

c) Na coluna “Versões literárias” as espécies vegetais citadas têm como fontes as seguintes versões:

Pe. Joaquim A. Guerra, *Livro dos Cantares. She Keng*, Jesuítas Portugueses, Macau, 1979;

Marcel Granet, *Fêtes et chansons anciennes de la Chine*, Albin Michel, Paris, 1982;

Ezra Pound, *Shih-Ching, The Classic Antology defined by Confucious*, Harvard Paperback, Cambridge, 1976.

Incidentalmente, versões de Patricia Guillermaiz e de Xu Yuanzhong.

Nota:

Desta tabela, onde constam 135 espécies vegetais, são publicadas as quatro primeiras páginas, que correspondem a 59 plantas, por impossibilidade de publicação na íntegra devido à sua extensão.

RESUMOS

Ritual e Memória: Construção Identitária das Grandes Reuniões Macaenses

Enquanto grupo étnico especial em Macau, resultante das comunicações culturais entre oriente e ocidente, e dos contactos interétnicos, os macaenses são de grande valor investigativo para a sociologia, a etnologia e os estudos culturais. Este artigo analisa a situação de três categorias de reuniões macaenses, isto é, rituais religiosos, celebrações tradicionais e celebrações temáticas. Quatro pontos são mantidos neste artigo: a) as actividades religiosas como “rituais” são interacções deus-homem e homem-homem; b) com a aplicação das redes sociais, as celebrações tradicionais enquanto “cerimónias” são “a invenção das tradições”, antigas e novas; c) a homenagem aos “modelos” e às glórias históricas têm um importante significado nas reuniões temáticas enquanto “celebrações”; d) a identidade cultural dos macaenses é uma premissa importante para definir a sua etnia.

[Autores: Tang Io Weng, Zhou Yanshan pp. 6–16]

Gastronomia Macaense: Cozinha de Fusão ou Evolução?

A cozinha Macaense está ancorada na história, eventos sociais, percepções culturais e influências étnicas provenientes de populações de diferentes regiões do Oriente e outras partes do mundo.

É importante distinguir pratos de fusão das receitas originadas nas regiões e no tempo, permitindo uma janela para a história dos povos. A cozinha de evolução é moldada pelos produtos agrícolas e da pesca disponíveis nas cidades e regiões.

Os pratos icónicos Macaenses são conhecidos pela sua designação em Patoá, atestando a sua natureza genuína e evolução no local de origem.

Devemos sentir orgulho em salvar e promover esta herança. As tradições culinárias Macaenses são uma herança viva e devem ser partilhadas através das gerações como identidade única.

[Autor: Manuel Fernandes Rodrigues, pp. 17–25]

Gastronomia Macaense como Veículo Social em *Os Dores* de Henrique de Senna Fernandes

Desde cedo a gastronomia tem marcado presença nas obras literárias, tornando-se uma marca identitária das sociedades e contribuindo para retratar a história de cada grupo humano. Os escritores têm-se assumido como guardiões das memórias sociais, o que nos permite aprofundar os conhecimentos sobre hábitos e costumes, bem como sobre as condições de vida dos diferentes aglomerados humanos.

Mas este registo dos escritores carece sempre de ser estudado, valorizado, aprofundado e categoriza-

do para dele se extraírem todas as potencialidades que em si mesmo encerra.

Partindo deste pressuposto, o presente artigo tem o objectivo de fazer uma análise da obra *Os Dores* para aí identificar alguns dos hábitos culinários de Macau na primeira metade do século XX, e a partir daí descortinar o valor social simbólico que os mesmos representam.

Em *Os Dores* o autor tece um conjunto de situações em que a gastronomia assume particular relevância social. Macau era um pequeno burgo em que a “mesa” e as “ementas” eram afirmação social e também caminho para a ascensão na hierarquia social, quebrando barreiras e marcando o ritmo da convivência quotidiana.

Torna-se evidente que urge e é imperativo estudar a obra dos escritores de Macau para preservar e divulgar a cultura macaense que, no contexto actual, corre o risco de se esbater ou mesmo de perder muitas das suas especificidades singulares.

[Autores: Jorge Bruxo, Lurdes N. Escalera, pp. 26–43]

Subsídios para a História dos Portos de Mar de Macau: Séculos XIX e XX – Dos anos 80 aos anos 20

O Porto Interior de Macau, situado no estuário do Rio das Pérolas, a jusante dos seus muitos afluentes, de outras linhas de água, de campos de orizicultura e de

dejectos de aglomerados humanos, foi sentindo, ao longo do período da presença portuguesa, um persistente assoreamento que ameaçava transformar as suas águas num banco de areia e lodo. Durante grande parte desse tempo, as autoridades com domínio sobre o assunto assistiram, impassíveis, à decorrência do fenómeno, tomando, por vezes, apenas túbias medidas para o remediar, as quais, de todo, resultavam vãs face à verdadeira dimensão do referido fenómeno. Enquanto isso, Macau assistia à degradação contínua das condições de acesso e de utilização do seu porto de mar, não sem que o governo da metrópole fosse de tal avisado. Por fim, o dramatismo da situação obrigou a que as instâncias do poder se consciencializassem de que algo tinha mesmo que ser feito no sentido de travar os efeitos tremendamente nefastos do assoreamento. Confrontadas com propostas várias de resolução do problema, as governações, encurraladas entre os custos das mesmas e os recursos de que dispunham, iam protelando, como sempre o haviam feito, decisões de fundo, limitando-se à aplicação de pequenas e avulsas soluções.

O início da segunda década do século XX trouxe, todavia, algumas mudanças e novas realidades. Novas realidades que correram o risco de inutilidade, mas que Macau soube inteligentemente aproveitar e dar-lhes um destino digno, proveitoso e civilizacional.

Autor: Fernando Mendonça Fava, pp. 44–61]

Yang Pinqua 楊丙觀: Comerciante de Cantão e Macau 1747–1795

O exemplo de Pinqua é um dos poucos que temos de um comerciante externo que trabalha muitos anos como negociante bem-sucedido de porcelanas para depois se tornar um comerciante Hong. À época da sua nomeação em 1782, Pinqua tinha 35 anos de experiência em lidar com estrangeiros e granjeara uma boa reputação como comerciante sério e confiável. No entanto, apesar dessa experiência passada, tal revelou-se insuficiente para superar os desafios que enfrentou como comerciante Hong. Não apenas essa nova posição exigia que ele negociasse uma variedade muito maior de bens, mas Pinqua tinha também de assumir as dívidas de homens falidos, o que significava ter de negociar volumes muito maiores para gerar rendimentos suficientes a fim de responder a esses pagamentos. Como comerciante Hong, ele foi chamado pelas autoridades chinesas – incluindo o imperador – a complementar os orçamentos administrativos quando estes não conseguiam cobrir as necessidades em causa. Embora Pinqua fosse supostamente "rico" aquando da sua nomeação, cinco anos depois teve sérios problemas de fluidez. A morte de Pinqua é um testemunho das influências negativas que cercaram os comerciantes Hong e levaram a maioria dos seus negócios ao fracasso.

[Autor: Paul A. Van Dyke, pp. 62–89]

Compreender o Carácter *Yi* na Cantão Pré-guerra do Ópio: Um Estudo do Jornal Mercante *The Canton Register*

Este artigo examina a discussão sobre o significado do carácter chinês *yi* entre os comerciantes ocidentais na Cantão Pré-Guerra do Ópio, na China. No período anterior à guerra, os comerciantes ocidentais de Cantão compreendiam a complexidade do significado de *yi*, e tinham interpretações diferentes desse significado. No entanto, com o desenvolvimento do comércio sino-ocidental em Cantão, os comerciantes ocidentais foram ficando cada vez mais insatisfeitos com o sistema de comércio estabelecido pelo Império Qing. Eles queriam mudar a situação em que tinham de aceitar todas as regras estabelecidas pelo governo Qing antes de poderem fazer negócios na China. Sob estas circunstâncias, *yi* foi atacado como um símbolo dessa situação. O significado literal de *yi* tornou-se irrelevante mesmo para muitos comerciantes ocidentais.

[Autor: Chen Bin, pp. 90–100]

As Origens Chinesas do Karate-Dō Japonês

As artes marciais chinesas tiveram uma grande influência no surgimento das artes marciais nas nações culturalmente tributárias da China como a Coreia, o Vietname e muito particularmente o Japão. Deste legado

RESUMOS

chinês no Japão, o Karaté 空手, ou Karate-dô 空手道, será porventura o mais expressivo, tanto pelas origens directas das artes marciais chinesas naquela arte marcial japonesa, como pela visibilidade mundial que o karaté conquistou no mundo inteiro sendo hoje a arte de combate desportiva mais popular do mundo. O autor traça o percurso das origens chinesas do karaté japonês através das relações históricas triangulares entre a Ilha de Okinawa, a China e o Japão.

[Autor: Rui Rocha, pp. 101–119]

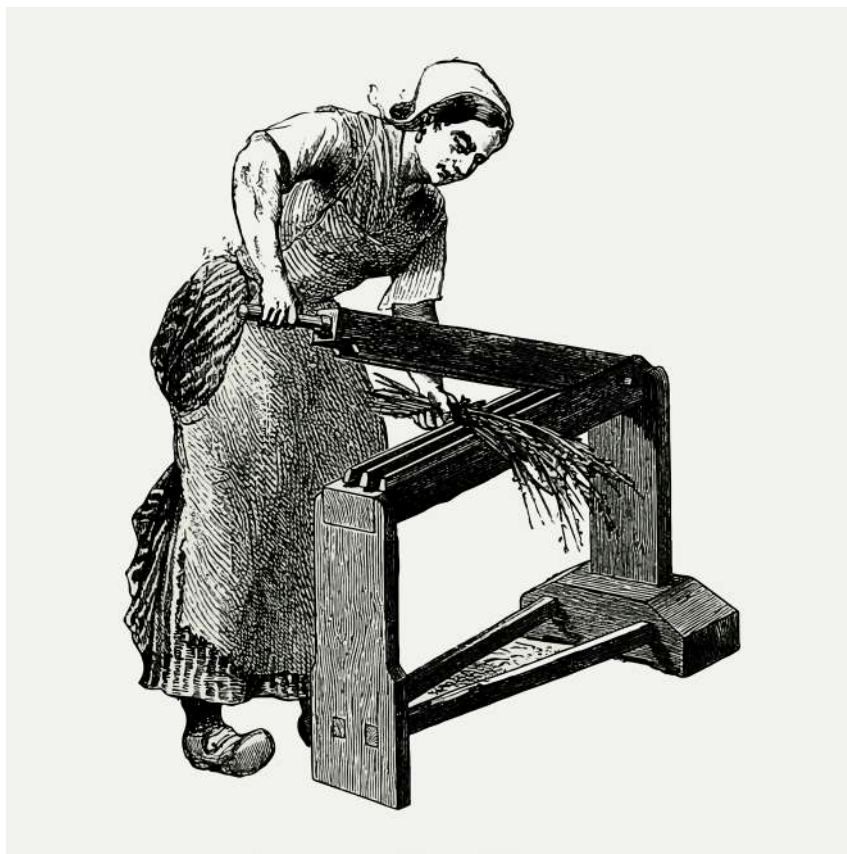
à luz da botânica e de novas abordagens da etnobotânica.

Em 2015 a cientista chinesa Tu Youyou ganhou o prémio Nobel da medicina pela descoberta de novas terapias no tratamento da malária. A farmacologista descobriu Artemisinina, o componente activo da planta artemísia. Do encontro da milenar medicina chinesa com a moderna bioquímica a ciência produziu um novo medicamento. Confirma-se que, no herbário do *Shi Jing*, nem uma só espécie é insignificante.

[Autora: Fernanda Dias, pp. 120–147]

Do Cancioneiro ao Herbário: Notas sobre a flora do *Clássico das Odes*

Símbolo de fecundidade, de renovação e da perenidade da natureza, reconhecidas por muitas culturas como avatares dos deuses, as plantas estão na base de mitos e lendas com que os grupos humanos primordiais explicaram o retorno da vida. Atribuíram-lhes simbolismos que perduram até hoje; contudo, quando se trata do *Shi Jing*, a interpretação desses símbolos, varia conforme os leitores e os fins a que se destina a leitura deste Clássico. Antologia de poesia, registos históricos ou manual de moral e costumes, todos esses subtítulos farão justiça ao 詩經 *Clássico da Poesia* ou *Clássico das Odes*; ao longo dos séculos os comentadores não deixaram de sublinhar os valores que intentavam realçar. A ciência de hoje vem em socorro desses estudos, iluminando as espécies da flora consagradas na literatura



ABSTRACTS

Ritual and Memory: Identity Construction of Massive Macanese Reunions

As a special ethnic group in Macao and an outcome of Oriental-Western cultural communications and inter-ethnic contacts, Macanese people are of great research value in sociology, ethnology and cultural studies. This article analyses the situations of three categories of the Macanese reunions, i.e. religious rituals, traditional celebrations and thematic celebrations. Four points are maintained in this article: a. religious activities as “rituals” are god–man and man–man interactions; b. with application of social media, traditional celebrations as “ceremonies” are “the invention of tradition”, old and new; c. homage to “model” and historic glories carry significant meaning to thematic reunions as “celebration”; d. cultural identity of Macanese people is an important premise for defining their ethnicity.

[Authors: Tang Io Weng, Zhou Yanshan, pp. 6–16]

Macanese Cuisine: Fusion or Evolution?

Macanese cuisine is based on history, social events, cultural perceptions and ethnic influences of people from different regions in the orient and beyond. It is essential to distinguish fusion food from recipes of dishes born of a place and time

which provide a window into peoples' history. An evolving cuisine is shaped by agricultural and fishery products particular to cities and regions. Macanese iconic dishes are known by their designation in Patois attesting to their genuine nature and evolution in their place of origin. We should take pride in, safeguard and promote this heritage. Macanese culinary traditions that have been kept alive and shared through generations strengthen, and are part of a unique identity.

[Author: Manuel Fernandes Rodrigues, pp. 17–25]

Macanese Gastronomy as a Vehicle for Social Commentary in the Novel *Os Dores* by Henrique de Senna Fernandes

Historically speaking, gastronomy has sometimes been used in various literary works as a vehicle for collective commentary upon a community's identity together with a portrayal of the traits of that community's social groups. Writers have taken it upon themselves to be the guardians of social memories, enabling their readers to deepen their knowledge about the living conditions of different peoples, including their habits and costumes. Nevertheless, such accounts often lack the in-depth study, analysis, classification and appreciation necessary to draw out all the unexplored potential contained in such writings. With these considerations in mind,

the present article aims to provide an analysis of *Os Dores* and thereby identify the culinary customs of Macao in the first half of the twentieth century. Even further, this analysis will unveil and understand some of Macao's symbolic communal values in the aforementioned time frame. In *Os Dores*, the author narrates various circumstances in which gastronomy assumes social relevance. In the early twentieth century, Macao was a small town where the “dining table” and associated “menus” were also social statements used in such a way to raise a person's and a group's social status, overcome barriers, and establish and maintain the rhythms of daily coexistence. The importance of studying the works of various authors who resided in Macao has become a valid method to preserve and spread the knowledge and understanding of Macanese culture that is currently under the risk of dilution and, in some cases, loss of its unique social characteristics.

[Authors: Jorge Bruxo, Lurdes N. Escalera, pp. 26–43]

Contributions to the History of the Sea Ports of Macao: From 1880s to 1920s

Macao Inner Harbour is located in the estuary of the Pearl River, downstream from its many tributaries and other water sources, rice paddies and human effluents. Throughout the Portuguese presence, it underwent regular silting,

which threatened to transform its waters into a pile of mud and sandbanks. Throughout that period, the overseeing authorities allowed the process to unfold, taking only tentative remedial measures, amounting to null efforts in face of the real scale of the phenomenon.

Meanwhile, Macao saw a continuous decline of its conditions of access and usage of its seaport, with the Lisbon Government being of such situation. The problem became such that, at last, authorities realized something had to be done in order to stop the severely detrimental effects of silting. In face of different proposals to address this matter, authorities struggled between both costs and the available resources, thereby delaying — as always before — long-term solutions, undertaking only small and sporadic interventions.

The beginning of the 20th century's second decade brought, however, some changes and new realities. This new realities risked being of no consequence, but Macao knew how to use them wisely and to their full extent, attaining worthy, profitable and progressive outcomes.

[Author: Fernando Fava, pp. 44–61]

Yang Pinqua 楊丙觀: Merchant of Canton and Macao 1747–1795

Pinqua's example is one of the few we have of an outside merchant working for many years as a successful porcelain dealer and then becoming a Hong merchant. At the time

of his appointment in 1782, Pinqua had thirty-five years of experience dealing with foreigners and had earned himself a good reputation as a dependable and trustworthy merchant. However, despite that past experience, it proved to be insufficient to overcome the challenges he faced as a Hong merchant. Not only did that new position require him to trade in a much wider variety of goods, but Pinqua also had to assume the debts of failed men which meant he needed to trade in much larger volumes in order to generate enough income to service those payments. As a Hong merchant, he was called upon by Chinese officials—including the emperor—to supplement administrative budgets when they failed to meet the needs at hand. Even though Pinqua was said to be "rich" when he began his appointment, within five years he was having serious cash flow problems. Pinqua's demise is testimony to the negative influences that surrounded the Hong merchants and led to most of their businesses ending in failure.

[Author: Paul A. Van Dyke, pp. 62–89]

Understanding the Character Yi in Pre-Opium War Canton: A Study of the Merchant Newspaper *The Canton Register*

This paper examines the discussion on the meaning of the Chinese character *yi* among Western merchants in pre-Opium War Canton, China. In the pre-Opium War period, Western

merchants in Canton understood the complexity of the meaning of *yi*, and they had different interpretations of the meaning of *yi*. However, with the development of the Sino-Western trade in Canton, Western merchants became increasingly unsatisfied with the Canton trade system established by the Qing Empire. They wanted to change the situation that they had to accept all of the rules set by the Qing government before they could do business in China. Under these circumstances, *yi* was attacked as a symbol of that situation. The literal meaning of *yi* became irrelevant even for many Western merchants.

[Author: Chen Bin, pp. 90–100]

The Chinese Origins of the Japanese Karate-Dō

Chinese martial arts have had a major influence on the emergence of martial arts in the culturally tributary nations of China such as Korea, Vietnam, and particularly Japan. From this Chinese legacy in Japan, Karate 空手, or Karate-dō 空手道, is perhaps more expressive, both by the direct origins of Chinese martial arts in that Japanese martial arts, and by the worldwide visibility that karate has conquered throughout the world, being today the most popular sporting art in the world. The author traces the trajectory of the Chinese origins of Japanese karate through the triangular historical relationships between Okinawa Island, China and Japan.

[Author: Rui Rocha, pp. 101–119]

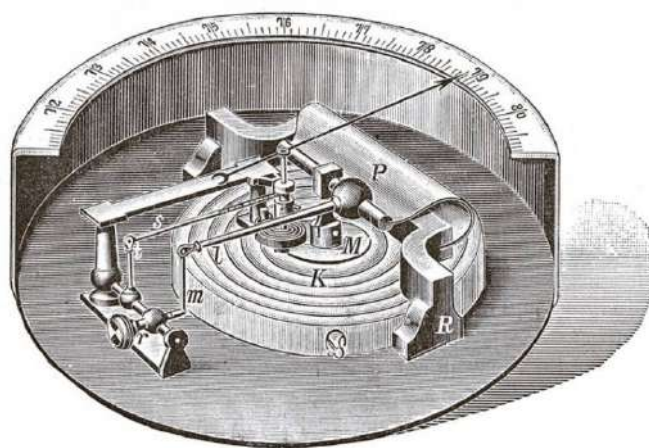
From Songbook to Herbarium: The Flora of *Classic of Odes*

Symbol of fecundity, renewal and perennial nature, recognized by many cultures as avatars of the gods, plants are the basis of myths and legends with which primordial human groups explained the return of life. They attributed to them symbolisms that endure to this day; however, when it comes to *Shi Jing*, the interpretation of these symbols varies according to the readers and purposes for which this classical is intended. Anthology of poetry, historical records or manual of morals and customs, all these subtitles will do jus-

tice to *Classical Poetry* or *Classical Odes* 《詩經》; over the centuries commentators have not failed to underline the values they were trying to emphasize. Today's science comes to the aid of these studies, illuminating the flora species consecrated in the literature in the light of botany and new approaches to ethnobotany. In 2015 Chinese scientist Tu Youyou won the Nobel Prize for medicine for the discovery of new therapies in the treatment of malaria. The pharmacologist discovered Artemisinin, the active component of the *Artemisia* plant (common name mugwort). From

the encounter of ancient Chinese medicine with modern biochemistry science has produced a new medicine. It is confirmed that, in the *Shi Jing* herbarium, not a single species is insignificant.

[Author: Fernanda Dias, pp. 120–147]



少

林

武

木

夕

洋

天





Parede exterior do Templo de Shaolin. Fotografia: Mica Costa-grande.



月爐、功夫、藥、無、胎、開、息、孩。

笑汝安名偃月爐。
金丹只此莫他圖。
愛河風靜那邊看。
方見摩尼一顆珠。

汝何形象號懸胎。
却把聲名遍九垓。
豈但生人生萬物。
做仙做佛要他來。



力調和後
內上銀平
產生

形象號懸胎
金花正關
金好消是
結嬰孩

淨利影象號懸胎
却把聲名遍九坊
賣相生人土萬物
做何做佛要他來



ISSN 1682-1106



9 771682 110004